

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Entrevistadores: Thaís Veloso Cougo Pimentel
Walkíria Da Costa Campos

Data: 12/04/91

FITA Nº 1 - LADO A

- Dados pessoais/origem
- Profissão do pai
- Construção da capital
- Doação de terrenos
- Barreiro
- Restaurantes e mercado - venda de verduras e legumes
- Fazenda Alípio de Melo/Jardim Montanhês
- Nome do pai e da mãe - origens da família
- Imigração de italianos/final do século XX
- 1º motorneiro de BH
- Ponte de ferro de Sabarabuçu
- Colônia Agrícola (Barreiro)
- Casamento dos pais (em BH)
- Os pais se conheceram através do comércio das verduras que o pai produzia no Barreiro e vendia aos restaurantes e ao mercado de BH.
- Vinha do Barreiro à BH a cavalo.
- 1º trabalho do pai no Brasil: São Paulo.
- Corria o boato que em BH era fácil encontrar ouro.

- Motivos que faziam os italianos virem para o Brasil.
- Sobre a família da mãe, também ela imigrante.
- O avô trabalhou como carpinteiro no Palácio do Governador.
- A mãe casou nova (dezesseis anos) e o pai com 35 anos.
- Sobre os irmãos
- Um irmão morreu ainda criança, de tifo.
- Um irmão viveu na Itália.
- Intercâmbio cultural Brasil e Itália, que promoveu pintores brasileiros na Itália.
- Contatos com um sobrinho, diretor do Museu do Risorgimento (Itália).
- Infância. Ajudava a cuidar da horta.
- Pastinho/fazenda Alípio de Melo.
- O avô morava na rua Peçanha.
- Estudava no centro, ficava na casa do avô. Aos sábados, ia a pé até o Pastinho, passando pelo Carlos Prates e Padre Eustáquio*

* O nome "Padre Eustáquio" surge após a metade da década de 1940.

- Frequentava a Escola Ítalo-Brasileira (Casa de Itália, na rua Tamoios).
- Chamava-se Escola Dante Alighiere do Brasil.
- Seu pai construiu a primeira casa "na planta", no Barro Preto (casa com planta). As outras casas do bairro eram cafuas, favelas.
- Foi transferido para o Grupo Silviano Brandão.
- Entrou para a escola com 7 anos de idade.
- O pai era alfabetizado; tinha interesse em matricular os filhos na escola.
- Na escola Ítalo-brasileira aprendia-se o português e o italiano.
- Aprendeu a ler e a escrever na escola italiana, depois foi para o grupo do Barro Preto, onde estudou até a 4ª série.
- Na escola Ítalo-brasileira o ensino era gratuito.
- Lá só estudavam italianos e filhos de italianos.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- A escola funcionava em turnos de 4 horas diárias. Lorenzato estudou pela manhã.
- Ia a pé e sozinho, da rua Peçanha à rua Tamoios, com seis/sete anos de idade.
- Brincadeiras na rua: pião, pipa, gude, pelada.
- Origem do avô materno e do pai.
- A família da mãe, quando veio para o Brasil, passou primeiramente por Leopoldina, trabalhando numa fazenda de café.
- Vieram para a "cidade nova", onde havia trabalho e pagavam bem. Havia a história de um homem que encontrou ouro quando cavava os buracos para construir um prédio.
- Havia trabalho e bons salários.
- Os italianos encontravam melhores condições de vida aqui no Brasil.
- Seu pai se deu bem aqui em BH, construiu duas casas no Barro Preto.
- Sua mãe adoeceu durante a gripe espanhola.
- O médico aconselhou o retorno à Itália, para sarar da gripe.
- Seu pai vendeu as duas casas por "doze contos".
- As duas casas foram construídas entre 1910 e 1915.
- A Secretaria da Agricultura cedeu ao pai do Sr. Lorenzato o terreno do Barreiro, sementes, ferramentas e material para construir uma cafua, para serem reembolsados parceladamente.
- Os lotes no Barro Preto (Paraopeba/Augusto de Lima com Ouro Preto) tinham baixo valor.
- O pai era quem tomava as resoluções em casa.
- O pai emprestou dinheiro ao governo durante a 1ª Guerra Mundial. Apólice.
- Quando foi ao Rio, em 1920, para receber a apólice, comprou as passagens num navio que vinha de Buenos Aires e seguia para a Itália.
- Em quinze dias vendeu as casas e o que possuía em BH e partiu para a Itália com a família. A viagem até Gênova durou 12 dias.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Mudança do Barreiro para o Barro Preto - gostou da mudança, porque no Barro Preto morava muita gente. Moleques, brincadeiras de rua.
- "Ali era colônia italiana".
- Pedreiros, pintores, carpinteiros, ferreiros, todos italianos.
- "Casa na planta" - planejada por um arquiteto, "conforme o regulamento do tempo".
- A segunda casa, grande, foi alugada para um armazém e um bar. Depois outra casa (2 quartos, cozinha, banheiro), onde tinha um açougue.
- Uma das casas ainda existia, quando Lorenzato regressou da Europa.
- Venda das casas, quando a família regressou à Itália.
- No Barro Preto foi mais fácil frequentar a escola.
- Do Barro Preto ao Carlos Prates (casa do avô) era só subir em zig-zag (Morro do Zig-Zag).
- Os avós nunca os visitaram no Barreiro.
- Do Barreiro ao Carlos Prates vinha-se a pé ou a cavalo.
- O pai do Sr. Lorenzato alugava o cavalo no qual vinha todas as segundas-feiras trazer verduras para os restaurantes e o mercado.
- O Sr. Lorenzato vinha com o pai, para ir para a escola. Ficava na casa do avô materno.
- Do Barreiro, a família foi para a região onde hoje é o bairro Alípio de Melo, ali ficando por 4 anos.
- No Barreiro moraram por 6 anos.
- Na fazenda do Alípio de Melo, moraram num lugar chamado "Pastinho".
- No Barro Preto falava-se italiano. Só os adultos, as crianças falavam português.
- Os adultos se reuniam no boteco, nos fins de semana. Jogavam cartas, falavam italiano.
- Na escola as crianças falavam italiano.
- Festas de aniversário - Broa de fubá, vizinhos, água e café, café com leite.
- Hábito de tomar café.
- 7 de setembro, parada militar na avenida Afonso Pena.

FIM DO LADO A

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

FITA 1 - LADO B

- Família de formação católica. A mãe freqüentava a igreja, e educou os filhos na religião católica.
- Primeira comunhão.
- A igreja ficava longe, por isso não iam à missa todos os domingos.
- Igreja São José.
- Não havia igreja no Barro Preto.
- Dificuldade da mãe em cuidar da casa e ir à igreja.
- A mãe cuidava da casa sozinha.
- Casa do Barro Preto - botequim - bilhar (muito freqüentado).
- A renda do botequim sustentava a família.
- No Barro Preto, mantiveram uma horta para consumo doméstico.
- Armazém de secos e molhados.
- Pertencia a um italiano.
- Mudança para a escola do Barro Preto. Era mais próxima.
- A escola era no "alto do Cruzeiro", no alto, esquina da rua Ouro Preto.
- Grupo Silviano Brandão.
- Havia uma lagoa.
- Os moleques do bairro ajudaram a aterrar a lagoa.
- Na lagoa surgiu um campo de pelada.
- Foi fundado um clube, denominado Ieri(?).
- Terminaram de aterrar a lagoa, cercaram e fizeram um campo de futebol.
- Vida escolar - primário.
- Gostava da escola, gostava de estudar. Disciplinas.
- Era um aluno obediente.
- Turmas mistas.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Educação das crianças. Papéis do pai e da mãe.
- Iniciação no ofício de pintor. Começou em casa, como ajudante.
- Terminada a obra em casa, continuou no ofício.
- Camilo Caminhas, português, único empreiteiro de pintura em BH.
- Crise na construção civil.
- Trabalha numa empresa atacadista de fazendas, do Coronel Sebastião Augusto de Lima.
- Aos 16 anos.
- A loja era na praça do mercado, na Avenida do Comércio, esquina de Curitiba.
- O mercado citado situava-se onde hoje é a Rodoviária, onde existia a Feira de Amostras.
- Relações de trabalho. Não havia contrato, nem carteira, nem férias.
- Salário, custo de vida.
- O salário era baixo.
- Ia ao cinema uma vez por semana.
- Cinema do Comércio, Caetés com São Paulo.
- Segunda classe, 500 réis.
- Ia com os amigos.
- Nomes de astros, tipos de filmes.
- Cinema mudo com pianista.
- Tentou jogar futebol.
- No bar do pai, jogava bilhar quando não havia parceiros para fazerem duplas com os fregueses.
- Controlava os jogos no bar.
- Educação no lar. O pai era rigoroso, mas não batia.
- A mãe batia.
- Narra uma travessura de infância, por causa da qual levou uma surra do pai.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Passeios pela cidade - carnaval.
- Rua da Bahia, rua dos Caetés, Av. Afonso Pena.
- Praça de Liberdade, Parque Municipal.
- Foi preso no parque, derrubando coquinhos.
- Igreja da Boa Viagem.
- Igreja de São José.
- Caminhava a pé, não usava os bondes.
- Passeios fora da cidade. Não faziam.
- Viagem a uma fazenda em Santa Bárbara. A fazenda era de um tio. Foram para colher uvas e fabricar vinho.
- Metade do vinho ficou para o pai, que o vendeu em BH.
- Hábitos alimentares da família. Macarrão.
- O macarrão era feito pela mãe, uma vez por semana, e armazenado.
- Fazia-se pão também. Panhoca.
- Arroz, feijão, carne, verdura e frango "de vez em quando".
- Não se encontrava vinho em BH.
- Depois havia vinho português e italiano.
- O vinho foi substituído pela cachaça.
- Comunicação entre o pai e os parentes que ficaram na Itália.
- Morte da avó - 1ª Guerra Mundial.
- Compara à guerra do Golfo Pérsico.
- Fala do avô e dos tios na Itália.
- O pai tinha 7 irmãos, veio com mais 2 para o Brasil, 4 foram para os EUA. 1 ficou na Itália.
- Em 1910 seu pai foi à Itália.
- O pai só soube da morte da mãe em 1920.
- Não havia contatos entre os irmãos.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- A correspondência era difícil, demorado, as cartas cruzavam em navios.
- A comunidade italiana em BH fazia as vezes de família.
- O botequim reunia muita gente.
- Cita nomes de famílias e profissões.
- Sobre o pão caseiro. Não se comprava pão em padaria.
- Havia uma padaria no Barro Preto.
- Nomes.
- Sobre o tempo em que trabalhou na casa de tecidos.
- Sobre a dificuldade de viajar naquele período (1900/1920) - falta de condução.
- Sobre o aumento da colônia italiana em BH.
- A família não freqüentava as atividades da Casa de Itália.
- Falta de tempo e falta de cultura. A mãe era analfabeta.
- Em 1920, a escola Dante Alighieri era freqüentada "por gente graúda".
- Sempre gostou de ler.

FIM DA FITA

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Entrevistadoras: Thaís Veloso Cougo Pimentel

Walkíria da Costa Campos

FITA Nº 2 - LADO A

- Colônia Agrícola do Barreiro.
- Guerino Lorenzato, tio de Amadeo, 1º motorneiro de Belo Horizonte.
- Pastinho - só havia duas casas, a do pai e a de um compadre, Luigi Farini.
- Campo de aviação.
- Fazenda do Alípio de Melo.
- Plantação de cana, muito gado.
- Jardim Montanhês - mata virgem.
- Onças e macacos.
- Barro Preto - favela - cafuas.
- Todos eram italianos.
- Casas do Barreiro e Pastinho: água de cisterna, privada do lado de fora, chão batido.
- Casa do Barro Preto: "na planta".
- Casa do avô, na rua Peçanha: água, esgoto...
- O Carlos Prates era "mais ou menos civilizado".
- No Barreiro não tinha nada, só uma vendinha de secos e molhados, as compras eram feitas "na cidade".
- Azeite de oliva, toicinho, banha, açúcar, café, petróleo/querosene para lamparina, tudo era comprado em BH, a cavalo.
- Barro Preto: já havia botequim, seu pai montou a 1ª mercearia.

- Bar com bilhar.
- Padaria no Barro Preto: Bruschi.
- No Barreiro, onde viveu até os seis anos, não havia outras crianças, e seu Amadeo falava italiano, com os pais. Na casa do avô, na rua Peçanha, é que começou a falar português.
- Conheceu outros garotos.
- Sobre a venda da produção do Barreiro em Belo Horizonte: trazia as verduras, a cavalo, às segundas-feiras, vendia aos hotéis (3) e aos restaurantes (2 ou 3). O restante era vendido na calçada, em frente ao mercado.
- Os italianos compravam o excedente.
- Só o pai de Amadeo e um compadre plantavam no Barreiro.
- Havia plantação de café no Barreiro.
- Os italianos do Barro Preto eram operários, em sua maioria.
- Operários da construção - pedreiros, carpinteiros, pintores.
- Os imigrantes iam para o Barro Preto por orientação das autoridades.
- Descrição do bairro. Fora da cidade, que ia até a Imprensa Oficial.
- Acredita que os terrenos fossem comprados.
- Greve operária pelas 8 horas de jornada de trabalho.
- Antiguidade da Casa de Itália: início da cidade.
- Mantenedores da Casa de Itália: Maletta, Felício Rocho, Falci, Donatti.
- Os filhos de imigrantes não pagavam escola.
- Só o Sr. Amadeo estudou na Casa de Itália, seus irmãos estudaram no Barro Preto.
- Quando mudou de escola, não sentiu falta do italiano.
- Falava italiano com os pais, em casa. Na rua, todos os seus amigos falavam português.
- Acompanhamento da 1ª Guerra pelos italianos de Belo Horizonte.
- As notícias vinham através dos jornais.
- Sobre a viagem à Itália, em 1920.

- Conhecer o mar e o trem.
- Rio de Janeiro, mar, navios.
- Lia sobre o mar nas aulas de Geografia.
- Espírito de aventura.
- Não pensava em ir à Itália.
- Sobre as lembranças que o pai tinha da Itália.
- Sobre a dispersão da família do pai: quatro irmãos vieram para o Brasil, três foram para os EUA.
- Um irmão ficou na Itália, trabalhava nos correios.
- O pai foi à Itália, em 1910.
- Durante a estadia do pai na Itália, a família ficou na casa do avô materno.
- Quando retornou, o pai comprou a casa do Barro Preto.
- O pai falava pouco, tomava suas decisões com a esposa.
- A mãe trabalhou numa fábrica de seda, na Itália.
- A situação dos pais melhorou com a sua vinda para o Brasil.
- Logo que chegou a Belo Horizonte, o pai trabalhou como carpinteiro, na montagem dos andaimes do Palácio da Liberdade.
- Depois trabalhou com a horta, no Barreiro e Pastinho, e no Barro Preto com o bar e depois a mercearia.
- O bar era "alinhado", onde os italianos se reuniam aos domingos.
- Em 1920, com a "Espanhola", o médico aconselhou levar a mãe para a Itália.
- A espanhola foi em 1918/19.
- A epidemia foi forte, muita gente morreu.
- Não havia mais vagas nos hospitais, sua mãe ficou em casa.
- Do período da espanhola, só se lembra da Santa Casa.
- Não houve um tratamento da doença, só repouso.
- Brincadeiras de carnaval no Barro Preto.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Carnaval na Itália.
- Não frequentava clubes.
- Cine Comércio.
- Parque Municipal.
- Sobre o crescimento da cidade.
- Onde fica a rua Tamoios com Contorno havia uma colina.
- Na Carijós, onde é a Mesbla, havia uma lagoa, onde se pescava.
- O "progresso" da cidade dava trabalho para a população.
- Crise na construção civil, em 1920 aproximadamente.
- Relações entre os moradores do Barro Preto e os moradores do Funcionários.
- Passatempo: trabalhar durante o dia, e à tarde, jogar futebol ou pelada.
- Não namorava.
- Lembranças de Belo Horizonte, quando foi para a Itália em 1920: as caçadas na mata do Fonseca (no Padre Eustáquio), com um amigo, filho de uma escrava.
- Caçava também em Contagem.

FIM DO LADO A

FITA 2 - LADO B

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Lembrava-se das caçadas e da pelada.
- Pescarias e banhos no Arrudas.
- Traíras, bagres.
- Só os homens pescavam.
- As mulheres faziam o footing, pela avenida.
- Vinham rapazes "da cidade" namorar as moças do Barro Preto.
- A viagem para a Itália.
- 12 dias de duração. Boa viagem.
- Era fácil sair do Brasil, não havia muita burocracia.
- Seus pais não se naturalizaram brasileiros.
- Hoje, o Sr. Amadeo tem dupla cidadania.
- O navio que os levou à Itália, "Princesa Mafalda", estava lotado.
- Era um grande navio a carvão, era do Loyd italiano.
- A rota foi Rio, Gibraltar, Gênova.
- As condições do navio eram péssimas.
- Sobre as acomodações do navio.
- Sobre a alimentação no navio.
- Havia aproximadamente 300 pessoas no navio; brasileiros, argentinos e outros sul-americanos.
- A viagem se deu entre agosto e setembro de 1920.
- Chegada a Gênova: viu as plantas diferentes.
- Gênova -> Montecarlo -> Vicenza.
- Na Itália, foram para Ischio, uma cidade industrial, onde havia uma fábrica de casimira.
- Sobre a instalação da família em Hacıero.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- A cidade fora bombardeada na 1ª Guerra, e havia muito trabalho, devido à reconstrução.
- Trabalhou como pintor de paredes, durante 1 ano.
- Voltou para Vicenza e trabalhou 2 anos.
- Em 1926 foi para Roma.
- Em Roma conheceu um holandês e programaram uma grande viagem de bicicleta.
- Conta como fez amizade com o holandês, os preparativos para uma grande viagem de bicicleta por vários países da Europa.
- Como conheceu a sua esposa.
- A morte do pai, em 1931. Estava em Paris, e teve que voltar para a casa da mãe, na Itália.
- Retorna à história da viagem com o holandês.
- Relata detalhes dos preparativos da viagem, dos trabalhos que faziam para conseguir dinheiro.
- Comunicação com os estrangeiros.
- Aventuras e fatos interessantes.
- Tinham a intenção de ir até Constantinopla, depois ao Iraque, ao Irã e até a Índia, mas o Sr. Amadeo teve problemas com seu passaporte italiano, e foi barrado na fronteira da Rússia e da Turquia.
- A viagem se realizou entre 1928 e 1929.

FIM DA FITA

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Entrevistadoras: Thaís Veloso Cougo Pimentel

Walkíria da Costa Campos

Data: 29/04/91

FITA Nº 3 - LADO A

- Sobre a viagem de bicicleta pela Europa. Florença, Veneza, Trieste, Áustria, Budapeste, Bucareste, Praga, Sofia, Constantinopla.
- Lembranças (poucas, ficavam por pouco tempo nas cidades).
- Correspondências com um amigo de Belo Horizonte.
- Passagem de mil réis ao cruzeiro.
- Mudanças no clube de futebol Iere(?), Ipiranga, Palestra e Cruzeiro.
- No dia da entrevista (29/04/91) passou pela Av. Augusto de Lima, viu o Fórum e se lembrou da infância, do campo de pelada.
- Na viagem, encontrou estrangeiros que tinham estado no Brasil.
- Em Bucareste, encontrou um frade franciscano que viveu aqui.
- O amigo com o qual se correspondia foi companheiro de caçadas e banhos no Arrudas.
- Depois da viagem, trabalhou como pintor em Bruxelas e em Paris.
- Exposição Colonial Internacional de Paris; emprego para operários.
- O pai faleceu em janeiro de 1931.
- Morte por erro médico.
- Relações de trabalho na Europa
 - . o material de trabalho era semelhante ao usado no Brasil;
 - . o trabalho era mais organizado: sindicatos, horários, pagamento de horas extras.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Sobre a greve operária de BH, em 1918/19.
- Envolveu-se no movimento.
- Em Paris, não se envolvia no movimento operário.
- Sobre sua vida como operário, em Paris.
- Sobre a época da viagem de bicicleta pela Europa.
- Mussolini.
- Contatos por carta com a família.
- Acha que a ditadura de Mussolini "melhorou" a Itália - fim das greves - ordem.
- Trens populares aos domingos - gratuitos.
- Os inimigos de Mussolini eram "eliminados".
- Ópera gratuita em Verona - Teatro popular às segundas-feiras.
- Apoio popular a Mussolini.
- Situação dos opositores a Mussolini - explica o termo "eliminados".
- Jornais italianos - eram todos fascistas.
- Não havia oposição.
- Guerra da Abissínia.
- Hitler.
- 2ª Guerra Mundial - trabalho durante a guerra.
- Trabalhou na Alemanha - indústria de combustível (na Itália).
- Acha que a guerra foi uma grande besteira.
- Sobre as nações derrotadas, hoje.
- Na Alemanha, durante a guerra, trabalhou num depósito de munições da Marinha.
- Na Alemanha, os trabalhadores italianos, romanos e búlgaros tinham acampamentos separados.
- Não viu nenhuma batalha da guerra.
- Na Itália, em Florença, houve bombardeios contra as bases alemãs.

FIM DO LADO A

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

FITA Nº 3 - LADO B

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Racionamento de alimentos na Itália, durante a guerra.
- Compara a vida dos trabalhadores no Brasil e na Itália.
- Resumo de sua vida na Europa, até conhecer a sua futura esposa, que era garçonete num restaurante de sua tia, do qual tomou conta.
- Sobre o casamento.
- Sobre o primeiro filho - gravidez rápida - parto com parteira, a criança quase morreu.
- Sobre o filho, que nasceu em 1936.
- Contatos com a família, durante a guerra, quando trabalhou na Alemanha.
- Os trabalhadores italianos voltaram para a Itália antes do fim do contrato, devido à derrota alemã.
- Guerra civil na Itália, após a guerra, entre fascistas e comunistas.
- Faltou trabalho, vivia de biscates.
- Teve notícias de que o governo brasileiro dava passagens de graça para voltar ao Brasil.
- Com medo de uma nova guerra, resolve voltar ao Brasil.
- Sua mãe, na Itália, contava histórias do Brasil - macacos, papagaios, aves.
- O Sr. Amadeo retornou ao Brasil em 1948, aos 48 anos de idade.
- Não tinha o objetivo de voltar para BH, foi para Petrópolis com um garçom de hotel, que já tinha emprego garantido no hotel Quitandinha.
- O Sr. Amadeo ficou trabalhando como pintor no Quitandinha.
- O gerente do hotel também era italiano.
- Exposição Indústria e Comércio.
- Trabalhou um ano em Petrópolis.
- Ajuntou dinheiro para mandar para a sua mulher, na Itália.
- Sobre trabalhadores brasileiros que voltavam da Itália, ganhando a passagem.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Cantina do Ângelo.
- Sobre o navio no qual fez a viagem de volta.
- Sobre a viagem - 40 dias.
- Sentiu vontade de vir para Belo Horizonte, pois a vida no Rio era difícil. Tinha tios aqui, que ofereceram ajuda.
- Durante o período que ficou em Petrópolis, veio passear em BH.
- Sobre o governo de Getúlio Vargas.
- Veio a votar na eleição de 1955 - Votou em J.K.
- Na eleição seguinte, votou no General Lot.
- Depois foi roubado e perdeu o título. Ao procurar a segunda via, o funcionário do TRE lhe disse que, como ele já tinha 65 anos, não precisava mais votar.
- Não se arrependeu por não votar mais.
- Nunca teve uma grande participação na política.
- Quando foi para a Itália, naturalizou-se italiano.
- Tem dupla cidadania.
- Sobre a viagem de bicicleta pela Europa. O objetivo era ir até o Oriente, mas foi barrado na Rússia e na Turquia, por ter passaporte italiano.

FIM DA FITA 3

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Entrevistadoras: Thaís Veloso Cougo Pimentel

Walkíria da Costa Campos

Data: 10/05/91

FITA Nº 4 - LADO A

- Quando voltou da Alemanha, após a 2ª Guerra, trabalhou na fábrica de combustíveis Castelnovo de Saviono, na província de Arezzo.
- Sobre o tratamento dado aos opositores de Mussolini: deportação, asilo, "eliminação".
- "Eliminar" -> afastar da vida política.
- Houve fuga de políticos - conta sobre a fuga de um padre.
- Mussolini restabeleceu a religião na Itália; os comunistas tinham tirado os crucifixos das escolas.
- Por isso Mussolini era bem querido pelos padres.
- Ordem - Salvador da Pátria.
- Mussolini afastou os chefes dos partidos; o povo ficou desarticulado.
- O movimento operário, nessa época, estava sob o comando dos comunistas.
- Sobre o movimento comunista em BH, na década de 1910.
- Sobre o comunismo na Rússia.
- Nunca gostou de se envolver com política.
- Sobre as reclamações dos operários europeus.
- Crítica ao capitalismo.
- Sentia pertencer a uma classe mais elevada, na Itália, pois seu pai era proprietário de uma granja.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- A granja foi comprada com dinheiro conseguido no Brasil.
- Motivos que levaram seu pai e os irmãos a deixarem a Itália: falta de trabalho, pouca terra para cultivar.
- 4 irmãos vieram para o Brasil e 4 foram para os EUA.
- Todos os imigrantes italianos se deram bem no Brasil.
- Cita nomes: Lunardi, Falci, Boschi, Maltini.
- Antes da 2ª Guerra, no final da década de 1930, já pensava em voltar para o Brasil.
- Tinha dificuldades em pagar a passagem.
- A guerra contribuiu para a sua vinda.
- Sobre a situação na Itália após a chegada dos aliados. Democracia Cristã.
- A situação ficou "atrapalhada".
- Lutas entre os comunistas e os partizanos e os fascistas.
- Normalização da administração da Itália, sob a supervisão dos aliados.
- Sobre a Democracia Cristã Italiana.
- Sobre a necessidade de se "manter a ordem".
- Auxílio aos desempregados / subvenção estatal.
- Auxílio americano à Itália / normalização da vida.
- Loucos, mendigos e marginais em BH, até 1920.
- Sobre o seu retorno a Belo Horizonte em 1949.
- Preferiu BH ao Rio de Janeiro - moraria mais próximo do centro - teria emprego - os parentes estavam "bem de vida".
- Trabalhou até sofrer um acidente - quebrou a perna - a partir daí, dedicou-se à pintura.
- Quando voltou para BH, foi morar no Carlos Prates (Teófilo Otoni com Pedro II).
- Não vê muitas mudanças no Carlos Prates.
- Sobre o êxodo da comunidade italiana, do Barro Preto para outros bairros (Calafate, Prado, Padre Eustáquio e Carlos Prates), devido à valorização imobiliária do Bairro.
- Sobre as diferenças entre a BH de 1920 e a de 1949.

- Ed. da Casa do Cartacho / Edifício Acaiaca.
- Mercado Central / Campo do América, Palácio das Convenções, Campo do Atlético, Córrego do Leitão.
- D. Ema começou a fazer capeletes para a padaria Boschi; compraram os equipamentos necessários e começaram a produzir em casa.
- D. Ema passou a ter muitas encomendas, ganhou dinheiro suficiente para ajudar o marido a construir a casa.
- No Carlos Prates, "era tudo italiano".
- Parentes vizinhos.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

FIM DO LADO A

FITA Nº 4 - LADO B

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Moraram no Carlos Prates por 12 anos.
- D. Ema fazia os capeletes em casa, numa barraquinha no fundo da casa.
- Senhor Amadeo ajudava-a à noite, fazendo a massa.
- Senhor Amadeo faz capeletes até hoje.
- Sobre quando resolveram parar de viajar e se casar.
- Sobre as impressões de dona Ema e Lourenço, a respeito de BH.
- D. Ema tinha muitos parentes aqui.
- Através de um primo do senhor Amadeo, que conhecia René Gianetti, Lourenço conseguiu uma vaga no Senai, onde aprendeu o ofício de torneiro.
- Lourenço jogou basquete no Quinze Veranistas.
- Lourenço é mais brasileiro que italiano.
- Compara BH de 1920 com a de 1950 (matas, macacos, aves etc...)
- Senhor Amadeo acha que as condições de trabalho em BH eram melhores que na Itália, quando regressou.
- As questões legais do trabalho já estavam resolvidas.
- Sobre quando se acidentou, ficou hospitalizado no Felício Rocho e se aposentou.
- Recebimento de aposentadoria.
- Sobre os empregos de D. Ema: trabalhou no Jardim Zoológico e na Sociedade Brasileira de Eletrificação - SBE.
- Sobre um acidente que D. Ema sofreu na SBE, que a obrigou a aposentar-se.
- Sobre a entrada de D. Ema para o Jardim Zoológico - Martine, da fábrica de macarrão.
- Havia transporte para D. Ema, do Carlos Prates ao Zoológico.
- Na SBE também havia transporte próprio.
- Lourenço também trabalhou na SBE, até a aposentadoria por tempo de serviço.
- Aprendizado da língua portuguesa, para Lourenço e D. Ema.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Sobre a educação de Lourenço.
- Sobre o cotidiano de Lourenço: passava os dias numa oficina de um tio, próximo à Feira de Amostras, na Lagoinha, onde se fabricava carroças.
- Sobre o abastecimento (gêneros de primeira necessidade) em BH, em 1950. Tinha de tudo.
- Mercearia Nacional na Feira de Amostras.
- Na Avenida Pedro II, tinha de tudo.
- D. Ema ia à Feira de Amostras à pé.
- Comprava-se arroz, feijão e macarrão em pequenas quantidades, a cada 2 ou 3 dias.
- Os salários eram pagos semanalmente.
- Sobre a sua produção artística quando não passava de um passatempo. Pintava desde quando chegou ao Brasil.
- Seus primeiros trabalhos foram paisagens de Lagoa Santa, onde esteve em 1949. Deu-os a uma prima, no Rio de Janeiro.
- Em BH, ia ao Engenho Nogueira buscar inspiração.
- Logo que chegou em BH, levou D. Ema para passear no parque.
- Lourenço não gostava de passear com o pai.
- Viagem com a mulher e o filho, a São Paulo, em 1952/53.
- A viagem foi feita de trem. De BH até Entre Rios, de Vera Cruz. Depois pegaram outro trem para São Paulo.
- Gostou de São Paulo, pois lá tudo era como no sistema italiano, tudo era italiano.
- Ed. Martinelli, Randazzo, Matarazzo.
- A diferença que vê entre o Brasil e a Itália diz respeito ao clima.
- Não se sente estrangeiro nem no Brasil, nem na Itália.
- Quando chegou à Itália, em 1920, teve que assumir a cidadania italiana, para ter direito à distribuição de alimentos, que estavam racionados.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Teve problemas para tirar passaporte italiano, aos 26 anos, por não ter servido ao Exército.
- No Brasil, com D. Ema, viajou para o Rio, São Paulo, Sabará e Barbacena.
- Feira das Rosas, em Barbacena.
- Nunca foi à Itália com D. Ema.
- Não sentiu saudades da Itália, só queria rever os parentes.
- O irmão morreu, na Itália, e ele não ficou sabendo; não recebeu a correspondência.
- Sobre a morte da irmã e da mãe.
- Sobre a sua participação em eleições, no Brasil, após 1950.
- Sobre a perda do título, em 1962, depois nunca mais votou.
- Sobre o golpe de 1964.
- Sobre suas escolhas para presidente: Juscelino, Lot.
- Conheceu JK, pelo seu trabalho anterior.
- Sobre o suicídio de Getúlio Vargas.
- Gostava de Vargas, por ter feito "alguma coisa" pelos operários.
- Sobre a Pampulha. Na época gostou muito. Hoje acha que está abandonada.
- Gostou da igreja e da obra de Portinari.
- Sobre o conjunto JK. Não tomou conhecimento da campanha para a venda de apartamentos.
- Na época já estava construindo a casa onde mora.
- A história da aquisição do terreno onde mora.

FIM DA FITA

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Endtrevistadoras: Thaís Veloso Cougo Pimentel

Walkíria da Costa Campos

Data: 17/05/91

FITA Nº 5

- Logo que veio para Belo Horizonte, morou dois dias na casa de um primo.
- Sobre a compra de alguns lotes em BH. Um primo do Rio ganhara um prêmio na Corrida de Cavalos.
- Olharam lotes no Barreiro, mas o primo não gostou.
- Compraram lotes em Santa Teresa.
- As filhas do primo, do Rio, não quiseram morar em BH, e este então vendeu os lotes para o Sr. Amadeo.
- D. Ema, mulher do Sr. Amadeo, trabalhava na Companhia de Eletrificação.
- Fala algo a respeito do Carlos Prates (parece que morou lá).
- Em 1962 mudaram-se para a atual casa.
- Comprou o lote em 1952.
- Em 1962, quando se mudou, seu filho já estava casado.
- Amazonas (diz algo a respeito da avenida, parece que morou lá).
- Quando vieram da Itália, seu filho não teve dificuldades em se adaptar em BH. Trabalho, namoro, casamento.
- O filho casou na Igreja de São Francisco, no Carlos Prates.
- Conheceu a noiva do filho no dia do casamento.
- Ela era funcionária do INPS, era química.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- O filho trabalhava na ICEBER(?); ganhava bem.
- Sobre sua relação com o filho, antes do casamento.
- O filho nunca teve dificuldades em arrumar trabalho.
- O filho estudou no SENAI.
- Começou a trabalhar em 1941, sempre foi independente.
- Sobre o fato de só terem tido um filho, acredita que houve um "golpe" tramado por D. Ema e a parteira.
- Narra o episódio do nascimento do filho.
- Ficou satisfeito com apenas um filho.
- Não tem netos. Sua mulher fica mais triste com isso.
- Passeava de bicicleta com o filho, quando menino.
- Depois o filho arranhou amigos, grupo católico, jogava basquete, trabalhava.
- Aposentou-se entre 1962/1964.
- D. Ema continuou trabalhando.
- Ajudava D. Ema no trabalho.
- Ajudava a servir café para os operários, na hora do almoço.
- Ajudava os pedreiros que construía a sua casa.
- D. Ema, depois que começou a trabalhar, fazia capeletes só para o consumo da família.
- Depois de aposentado dedicou-se mais à pintura.
- Saía para as favelas, pintando.
- Acha as favelas interessantes.
- Compara as favelas brasileiras com o que há de parecido na Itália.
- Na Itália "todos têm casa".
- Favelas de BH, na década de 1920: Barroca, Barro Preto.
- Sobre o tipo de construção das favelas.
- Cabana do Pai Tomás.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Sobre a construção da favela: era uma mata de eucaliptos que a prefeitura autorizou derrubar para ser loteada.
- Acompanhou todo o processo.
- Foi durante o mandato do prefeito Jorge Carone.
- Achou "interessante" a ação -> "a mata não rendia nada".
- Acha a favela da Cabana uma "favelinha bem alinhada".
- Associação dos Moradores.
- Casas boas.
- Crê que os favelados vieram de outros bairros da cidade.
- A proximidade entre a favela e sua casa não o constrange. "Tem mais de um quilômetro".
- Julga os moradores "pessoas direitas", nunca houve problemas.
- Oferece uma cerveja.

FIM DA FITA 5

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Entrevistadoras: Thaís Veloso Cougo Pimentel

Walkíria da Costa Campos

Data: 28/05/91

FITA Nº 6 - LADO A

- Sobre a sua nora, uma "moça trabalhadora".
- Trabalhava no INPS e em casa.
- Acha necessário a mulher trabalhar fora de casa.
- No meio em que viveu, em BH, era comum as mulheres trabalharem fora, para ajudar no orçamento familiar.
- D. Ema também trabalhou fora na Itália.
- Permaneceu casado por 49 anos e 8 meses.
- O acidente sofrido por dona Ema, na SBE, afetou-lhe a saúde (perda de memória, enxergava pouco), ficou internada no Galba Veloso e na Pampulha, São Judas Tadeu, Santa Clara, São Luís.
- Os internamentos eram decididos pelo médico, com o consentimento da família.
- Para o senhor Amadeo, foi uma "tragédia".
- Quando voltava para casa, dona Ema piorava.
- D. Ema tinha consciência de seu estado.
- Sobre o fim de dona Ema. Ela se tornou totalmente dependente.
- Recebeu muito apoio da nora e do filho.
- A morte foi um alívio.
- Durante a doença de dona Ema, não deixou de pintar; visitava os vizinhos.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Antes da doença, dona Ema apoiava o trabalho do senhor Amadeo; iam à exposições.
- Sobre a sua mudança para a Cabana.
- Passaram-se dez anos entre a compra do lote e a mudança (1952 a 1962), por motivos financeiros.
- Eram poucas prestações (52), não muito caras.
- A construção foi lenta, o senhor Amadeo fez as lajes; a pintura também.
- Em 1968 dona Ema foi à Itália. O senhor Amadeo queria ir, mas foi difícil conseguir uma passagem.
- Foi para ver os parentes.
- O diretor da SBE "facilitou" a viagem de dona Ema.
- Sobre as dificuldades de pagar o aluguel, pagar o lote e construir.
- Sua casa foi a segunda construção do bairro. A rua era "um vale". Acima de sua casa era um capinzal; tinha até cobra.
- Conjunto habitacional, dos bancários.
- Quando se mudou para a Cabana, já havia ônibus.
- D. Ema ia até a av. Amazonas, onde passava o especial para a SBE.
- Depois de aposentado, o senhor Amadeo só ia ao centro da cidade quando era necessário.
- Não havia bancos no bairro.
- De vez em quando iam ao cinema.
- A televisão substituiu o cinema.
- Às vezes, saíam para dançar: restaurante Tonholo (Toniolo?) e Cantina do Ângelo, na Cidade Industrial.
- O restaurante Tonholo ficava no centro, na rua Rio de Janeiro.
- Foi à Casa di Itália com dona Ema, diversas vezes. Música, orquestra, declamações, bebidas e salgadinhos.

- Seu tio era chefe na Casa di Itália. Era alfaiate.
- Falava-se em italiano, na Casa di Itália.
- Seus pais não falavam bem o português.
- Seu tio gostava de ver dona Ema falar Toscano.
- O toscano é a língua mais musical da Itália. Dante Alighiere.
- Sobre música, ópera.
- Aqui não havia óperas ou operetas.
- Só foi ao teatro uma vez em BH.
- Sobre as facilidades de se ir ao teatro e à ópera na Itália.
- Na Itália, durante o período de Mussolini, o teatro e a ópera foram "democratizados".
- Na guerra as coisas se modificaram: "era uma bagunça danada."
- Luta entre os aliados contra os fascistas e os comunistas; mataram mais de 300 mil.
- O Brasil oferecia passagem grátis, a mulher o aconselhou a vir.
- Diz que "acertou", voltando ao Brasil.
- Acha que o seu retorno ao Brasil lhe trouxe melhores oportunidades.
- As pessoas que ficaram na Itália, após a guerra, tiveram dificuldades em conseguir emprego.
- Economia de após-guerra na Itália, até 1950.
- Sobre as oportunidades no Brasil, hoje. Política. Sempre há o necessário.
- Seu avô veio para o Brasil com oito filhos, a mais velha com 16 anos.
- Todos os filhos se deram bem.
- A oportunidade que o Brasil deu aos estrangeiros foi o trabalho.
- O Brasil era uma oportunidade melhor que os países da Europa.
- Acha que, quanto à construção civil, ainda há oportunidade para todos.
- Sobre a avenida Amazonas, em 1962.
- Favela da Cabana do Pai Tomás: porque esse nome - restaurante.
- O terreno da favela era do Antônio Luciano.

- O terreno foi invadido.
- Aproveitamento de terrenos baldios.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

FIM DO LADO A

FITA Nº 6 - LADO B

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Sobre o surgimento de favelas em BH.
- Sobre a região da Cabana: surgimento da favela, fazendas, no Cercadinho; lagos, piqueniques.
- Moinho de trigo, onde é o bairro Cabana. Moíam fubá com pedra de mó, com água.
- Moinho do Coelho.
- O moinho mudou-se para a Cidade Industrial.
- Sobre a Cidade Industrial: um benefício: movimento, trabalho, comércio, lojas, hotéis, restaurantes, farmácia.
- Não é preciso ir ao centro de BH.
- Mercearias, açougues, padarias.
- A Cidade Industrial beneficiou toda a região.
- Os operários moram na região.
- Sobre a poluição na região; ia mais para os lados de Contagem e Betim.
- Fábrica de cimento poluidora - protestos contra a poluição.
- A poluição não atinge o bairro.
- "De vez em quando a Mannesman manda uma nuvem preta".
- Nunca se preocupou com a política, com o desempenho dos prefeitos.
- Até 1920, a cidade era pequena, não tinha problemas, poucos automóveis.
- Identifica os poucos donos das "baratinhas" da cidade.
- Carroças e carruagens.
- Podia-se dormir no meio da rua.
- Sobre um homem que foi assassinado e enterrado onde hoje é o mercado.
- Não se preocupava com política; se havia trabalho, "o resto era futebol".
- Jogar gude, pião.
- No seu meio - operário - havia pouco interesse pela política.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Acompanhou a 2ª Guerra pelos jornais, porém sem dar muita importância.
- Organização política dos operários (italianos) em BH, no início do século. Sindicatos.
- Predominância das pequenas indústrias, empregando 5 ou 10 empregados.
- A televisão envolve e informa as pessoas.
- Antes havia só um "jornalzinho", que circulava "de vez em quando".
- Via televisão na vitrine da "Guanabara".
- Seu filho comprou uma Philco para a mãe.
- Não gosta muito de tevê. Notícias, futebol.
- Não gosta de seguir novelas.
- Não tem tempo, dedica-se às suas atividades.
- Não se interessou pelos movimentos políticos dos anos 60.
- Brizola, Jango.
- Americanos, comunismo.
- Nada sabe sobre reações populares, não tem idéia da atuação de Brizola ou Jango.
- Jango - interessado na reforma agrária.
- Não sabe se Jango ia "encostar" na Rússia, como Cuba, ou se ia ficar com os americanos.
- Acha que, em política, o povo nunca sabe nada.
- Vê com simpatia a reforma agrária e outras idéias de distribuição de renda.
- Considera boas algumas propostas do Jango.
- Via no seu governo uma ameaça comunista.
- Não se importava com os militares. Interessava-lhe a ordem, liberdade para viajar, alimentação e trabalho.
- Sabia do movimento estudantil dos anos 60 e 70.
- Sabia que não ia dar em nada.
- Nem seu filho, nem sua mulher, nunca participaram das movimentações de protesto.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Sempre acompanhou, ou pelos jornais, ou por conversas, "tudo de longe".
- Gostava de Tancredo Neves - movimento pelas eleições diretas.
- Acredita que houve "marmelada" na morte de Tancredo Neves.
- Não conhecia o Sarney, não sabia quem era.
- Achou que o Lula não teria condições de governar um país do tamanho do Brasil, por ser um operário.
- Via Collor como melhor preparado, porque ele "conversava" melhor.
- Gostou da campanha contra os marajás, em Alagoas.
- Passado um ano de governo, continua acreditando em Collor, porque seu governo não o "afeta em nada".
- Acha que para ser presidente, o candidato tem que ter preparo intelectual e político, tem que "nascer e estudar". Por isso não confiou no Lula.
- Vê Lula como bom político, porque ele sabe levar os operários e falar em comícios.
- Acredita que ninguém vence o capitalismo. Cita como exemplos o PC italiano e a Rússia.
- Os americanos dão aos operários o que eles querem: salário e diversão.
- A religião: o clero é poderoso e anti-comunista.
- Tem por "ideologia" que os operários e os professores, o "ensino" ganhem bem, e não só os políticos e as altas patentes do Exército.
- Os empresários também estão "metendo a mão" no bolso do povo.
- Acha que se os operários fossem organizados, e se os camponeses cruzassem os braços, a nação pararia sem alimentos.
- Na guerra, na Itália, quem tinha dinheiro comprava no mercado negro, quem não tinha passava fome. O racionamento era só para os pobres.
- Acha o Brasil a nação mais rica do mundo, onde são muitas as oportunidades de melhorar.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- O Brasil tem a maior floresta, a maior bacia hidrográfica, as maiores praias e as mulheres mais bonitas do mundo.
- Tem ferro e alumínio.
- O problema é a má administração.
- Muitos pobres e poucos ricos.
- Reforma agrária; sem-terras.
- Houve um problema com a fita, perdeu-se parte do depoimento.
- Cemitério, onde hoje é a igreja de Santo Antônio. O primeiro cemitério da cidade.
- Todo quarteirão era o cemitério. A igreja fica na São Paulo com Tamoios.
- Depois da construção do Bonfim, o cemitério foi abandonado.
- Cresceu mato: piteira, assapeixe; tinha rolinhas, que eram caçadas com bодоques.
- Rolinhas e sabiás.
- Os sabiás gostavam das Magnólias.
- Hoje há rolinhas e bem-te-vis.

FIM DA FITA 6

LEVANTAMENTO TEMÁTICO

Entrevistado: Amadeo Luciano Lorenzato

Entrevistadoras: Thaís Veloso Cougo Pimentel

Walkíria Costa Campos

Data: 04/06/91

FITA Nº 7 - LADO A

- Sobre a ocupação da área da favela da Cabana; derrubada dos eucaliptos.
- Invasão de propriedades: Pedreira Padro Lopes.
- Favelas da Serra.
- Em 1920, só havia as favelas do Prado Lopes e o Barro Preto, "que não era nem favela, nem cidade".
- Culpa a falta de perspectivas na lavoura pela favelização das cidades.
- As cidades dão mais oportunidade e diversão.
- O clima do Brasil favorece as favelas.
- Sobre a sua produção artística: acha que o dom é de nascimento e instintivo.
- Na escola rabiscava os cadernos. Não conhecia artistas, não havia galerias.
- Não havia "comércio" de arte, pintava porque gostava.
- Para "ganhar a vida" trabalhava na construção civil.
- Na Europa os pintores são "localizados" pelas galerias.
- Sempre sonhou em se tornar famoso.
- Sobre o seu conceito de "estudar" sua arte. Na Europa, gostava de ver os artistas trabalhando.
- Estudava por observação.
- Na Itália frequentou uma escola de Geometria.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Tem um diploma de decorador; faz florões nas fachadas, nos tetos.
- Sempre desenhou e pintou.
- Fez o curso de geometria à noite, em seis meses.
- No Brasil os artistas não tinham o costume, como na Europa, de usar a rua como modelo.
- Havia um artista italiano que usou a igreja de São José como modelo.
- Esse artista trabalhava na década de 20.
- Havia o Faísca, que pintava paisagens e alpendres.
- Havia também o Frieiro, pintor de paisagens e alpendres. Os três foram contemporâneos.
- Não havia escolas de arte.
- Na Europa visitava museus.
- Livro do Museu de Vicenza, bienal de Veneza.
- Aos domingos, saía pelos arredores de Roma.
- Só podia se dedicar à pintura nos fins de semana.
- Trabalhava sozinho (no Brasil).
- Depois que quebrou a perna, passou a freqüentar uma galeria no Funcionários, onde conheceu o crítico Sérgio Maldonato, que trabalhava no "Estado de Minas".
- Maristela, Amigas da Cultura.
- Expos no Minas Tênis.
- Passou a expor em exposições coletivas e individuais.
- Representou, junto com GTO, Minas Gerais numa exposição na Tchecoslováquia.
- Os quadros pintados na Europa foram dados como presentes.
- Os outros, que estavam guardados, foram destruídos por uma bomba durante a guerra.
- Foi obrigado a fugir, abandonando seu trabalho. Perdeu quase 500 trabalhos.
- Trabalhos com guache, sobre madeira (compensado).

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Perdeu também uma bicicleta, com o trabalho na Alemanha. Perdeu-a também na guerra.
- D. Ema sempre o incentivou no trabalho.
- Não tinha contato com muitos pintores, na Europa.
- Conheceu Júlio Seferine, que lhe mostrou a obra de Picasso e Glamir.
- Maurício Trelo.
- Conhecia os artistas "de vista", por freqüentar galerias e exposições.
- Julgava-se amador.
- Vendeu seu primeiro quadro em 1952.
- Vendeu-o para o Maldonado, por 30 cruzeiros.
- Nunca havia cogitado vender seu trabalho, não tinha confiança.
- Após a primeira venda, ficou confiante.
- Sua primeira exposição individual foi em 1952.
- Júnior, Maldonado, Maristela, D. Úrsula, presidente das Amigas da Cultura.
- A partir de então passou a ser convidado para expor.
- Ainda trabalhava com construção civil.
- Só parou de trabalhar quando quebrou e perna.
- Gostou de se aposentar para se dedicar às paisagens.
- Convidado a expor na Galeria Guignard.
- Sávio de Oliveira, único marchand de BH.
- Augusto Rodrigues - incentivou-o muito.
- Crônicas de Wilson Frade no jornal.
- Reconhece a importância de suas novas relações (jornalistas, artistas, pessoas cultas), diferentes do meio em que até então viveu ("proletários").
- Não gosta de se exhibir.
- Sobre o material utilizado, ainda na Europa: questão prática e econômica, mais que a técnica. Aproveitava papel e materiais mais baratos.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Em BH, antes de ir para a Europa, era apenas pintor de paredes.
- Gostava de ver o Faísca pintar.
- Sobre o trabalho do Frieiro. No Carlos Prates ainda tem uma casa pintada por ele.
- Fazia os desenhos no papel e coloria com guache.
- Nunca fez desenhos em parede, só pintou o alpendre de sua casa.
- Nunca teve auxílio do Estado.
- Nunca frequentou salões oficiais, por não gostar da burocracia. Recebe convites e não participa.
- Não acredita que o julgamento, nesses salões, seja feito por gente competente.
- Só participa de exposições quando convidado. Não gosta de juris ou comissões julgadoras.
- Desconfia da avaliação. "Marmelada".
- Caso de suborno.
- Fez umas 20 exposições coletivas e 3 individuais: Minas Tênis Clube (1952); Galeria Guignard e Artelivro. Outra no Palácio das Artes.
- Fora do Brasil, na Tchecoslováquia.
- Um engenheiro de Milão sempre compra seus quadros.
- Tem muitos trabalhos na Europa.
- Fez uma exposição individual na Itália, em 1989.
- Sobre a relação com os marchands.
- Manoel Macedo.

FIM DO LADO A

FITA Nº 7 - LADO B

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Sobre a relação dos parentes com a sua obra.
- Sobre a sua linha de trabalho - autônoma.
- Sobre o retorno financeiro de seu trabalho.
- Relacionamento com outros artistas.
- Não imagina quantos quadros já pintou, mas crê que sejam muitos, pois trabalha há 70 anos.
- Itália - arte nas igrejas, nos museus, muitos artistas.
- Na Itália conheceu um tipógrafo que era pintor amador. Saíam aos domingos, de bicicleta, para pintar paisagens.
- Sobre os temas preferidos: tudo, flores, árvores, frutas, pessoas, retratos, auto-retrato.
- Às vezes dá nome às telas.
- Sobre a questão do título, numa exposição. O marchand interfere.
- Sobre o quadro "Papa essa Brasil".
- Sobre o material e técnicas utilizadas.
- Trabalhos com escultura.
- Sobre o uso de cores.
- Sobre a transposição da realidade para a tela.
- O que é ser artista.
- O que é a Arte.
- Artista e esportista.
- Tem prazer pintando.
- Trabalha das 6 horas da manhã até o anoitecer.
- Sobre a necessidade de sair de casa para resolver problemas, comprar material de pintura. Tem que ir ao centro da cidade.

**Erro!
Indica
dor
não
defini
do.**

- Pagar água, luz, receber aposentadoria; tem que ir aos bancos no centro, o que dá muito trabalho.
- É ele quem cuida disso.
- Tem uma menina que o ajuda, devido a sua perna quebrada.
- Além de comprar o material, prepara as telas sozinho.
- Sobre o preparo da tela.
- Sobre o processo da pintura.
- Trabalho com eucatex.
- Sobre a interferência do marchand (Manoel).
- Planos para o futuro: exposição em Veneza.
- Depois, tem planos. Exposições no Brasil.
- Exposição ecológica em Roma.
- Sobre a experiência de entrevista: fantástica.

FIM DA ENTREVISTA

FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
GRUPO DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADORA: THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
WALQUÍRIA DA COSTA CAMPOS
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 12/04/1991

Entrevista - fita 1 - lado A

WC: 12 de abril de 1991, primeira entrevista com o Sr. Amadeo Lorenzato.

TP: Eu queria que o senhor primeiro nos dissesse algumas coisas sobre os seus dados pessoais: seu nome completo, a sua idade, a data e o local de nascimento e o nome dos seus pais.

AL: É... [riso] Eu sou... já está/ [e aponta para o gravador]

TP: Já.

WC: //Já está ligado.//

AL: Eu sou Amadeo Luciano Lorenzato. Nascido em 03 de janeiro de 1900, na Colônia Agrícola do Barreiro. Meu pai era hortigranjeiro. Meu pai chegou aqui um ano antes da capital. Ele trabalhou muitos anos também como ajudante de carpinteiro, na montagem dos andaimes; depois, a Secretaria de Agricultura precisava de gente para fornecer...

TP: Produtos...

AL: Produtos de horta.

TP: //De horta//

AL: Ele entendia do ramo, então deram para ele uma várzea ali no Barreiro e ali começou a produzir verdura. A fornecer aos restaurantes da cidade e o mercado. E ele trabalhou ali seis anos. Depois, dali, a terra começou a enfraquecer, não produzia mais... como antes. Então ele alugou outra várzea lá na fazenda do Alípio de Melo, onde hoje é aquele bairro, Jardim Montanhês, por ali, era tudo mato ali, tudo mata virgem. E ali trabalhou mais quatro anos.

TP: Como era o nome do seu pai, "Seu" Lorenzato?

AL: Vitória.

TP: Vitória.

AL: Vitória Lorenzato.

TP: E a sua mãe?

AL: Gema Terence. Gema Terence Lorenzato.

TP: Gema. E o senhor nos disse aí que o seu pai veio, chegou um ano antes da mudança da capital. O senhor sabe, por ouvir dizer - ou estórias que o próprio pai do senhor tinha contado - que motivos o trouxeram para o Brasil, "Seu" Lorenzato?

AL: Eles eram oito irmãos.

TP: //Na Itália.//

AL: Numa pequena aldeia. Lá nos Alpes. De modo que não dava ocupação para, não tinha indústria., tinha que trabalhar na lavoura. Então apareceu um desses... que procura gente... imigrante, esteve lá e pegou três irmãos juntos.

TP: O seu pai e outros dois irmãos.

AL: E outros três irmãos.

TP: E outros três.

AL: Três irmãos. Inclusive um foi o primeiro motoneiro aqui de Belo Horizonte. [] Lorenzato. Dois trabalharam na montagem da ponte de ferro lá de Sabará, de Sabarabuçu, e meu pai foi...

TP: Para a Colônia Agrícola.

AL: Para a Colônia Agrícola..

TP: Então, eles vieram - o seu pai e os três irmãos - à procura de trabalho.

AL: Ah, sim! E vieram como imigrantes. Já contratados como trabalhadores.

TP: O senhor sabe com que idade o seu pai veio? Já era casado?

AL: Não, não!

TP: Ainda não.

AL: Não. Casou aqui.

TP: Ah! casou aqui!. Mas com uma italiana?

AL: Com uma italiana. Ele veio mais ou menos com uns trinta e cinco anos.

TP: E conheceu aqui, então, a sua mãe.

AL: Conheceu. Ela era freguesa. Ele expunha no mercado. Antigamente era lá onde é a rodoviária hoje, ali era o mercado. [Riso]. E ele vinha a cavalo, a cavalo com os balaios de verdura. Fornecia os restaurantes da cidade, quatro ou cinco restaurantes, depois, o que sobrava, ele expunha ali no mercado. E essa mocinha, tinha dezesseis anos, era freguesa, e ali se conheceram.

TP: E começou tudo.

AL: Ah, sim. [Risos]

TP: Me diga uma coisa "Seu" Lorenzato: o senhor sabe se lá na Itália, quando o seu pai decidiu vir para o Brasil, ele decidiu vir para Belo Horizonte especialmente?

AL: Não. Foram para São Paulo. Ele trabalhou seis meses em São Paulo, derrubando a mata onde hoje passa a avenida Rangel Pestana.

TP: É mesmo?

AL: É.

TP: Na cidade mesmo de São Paulo.

AL: Depois correu o boato que tinha essa cidade nova, onde era fácil encontrar ouro -

[riso]/

TP: Ah, sim? Ele contava essa história?

AL: Então, vieram para cá.

TP: Para construir Belo Horizonte.

AL: É isso aí. Trabalharam aqui até 1920.

TP: Certo. Então, eles certamente vieram para São Paulo para trabalhar na lavoura, café, por ali...

AL: //Sim, sim. Não tinham profissão. Eram camponeses, não é?. De modo que... a fazenda deles era pequena, não dava para sustentar todos. Depois, eram aventureiros também, sabe? Brasil... Brasil era cidade onde tinha os índios,, as cobras, [risos], jacarés [risos]

TP: //Era o que eles sabiam do Brasil. Eram as estórias contadas lá, não é?

AL: Ah, sim! Eram. E vieram. E, de fato São Paulo ainda estava no princípio, não é?.

TP: Isso é muito no começo do século.

AL: Para abrir a avenida, tiveram que derrubar milhares de árvores, não é? Mas eles trabalharam uns seis meses.

TP: E daí vieram para Belo Horizonte.

AL: //Depois vieram// para Belo Horizonte.

TP: Mas o senhor não sabe em que ano, exatamente, ele veio para cá.

AL: Bem, ele veio, eu acho que em 89. É. Porque em novecentos... oitenta e oito até 89, ele casou. Em novecentos, eu nasci. [riso]. Eu sou o primeiro.

TP: O senhor é o primeiro dos filhos. Então, vamos falar um pouquinho sobre a sua mãe. Qual que é a história dela que o senhor conhece? Ela veio, em que condições ela veio para o Brasil?

AL: Ela veio com meu avô era carpinteiro. E minha avó, dona de casa. Com minha mãe, mais velha; Armindo, o segundo; Tibúrcio, o terceiro; Dante, o quarto, José, o quinto; Conrado, o sexto e Terence, o sétimo.

TP: Sete filhos. Pequenos, todos eles.

AL: //É...// Todos. Minha mãe era a mais velha. Só tinha 16 anos então quando casou.

TP: Quando casou-se aqui. Mas já tinha alguns anos que ela estava no Brasil.

AL: Sim, ela veio/ eu acho que ela tinha, mais ou menos, 12 anos.

TP: Já tinha, pelo menos, uns quatro anos que ela estava aqui.

AL: Meu avô arranhou emprego no Palácio do Governador./

TP: Seu avô materno?

AL: É. E até velho, trabalhou sempre lá no Palácio, como carpinteiro.

TP: Como carpinteiro.

AL: Marceneiro. [riso].

TP: E a sua mãe, então, se casou muito jovem. Com dezesseis anos. E seu pai já era um pouco mais velho. Não é? E o senhor foi, então, o primogênito. E o senhor teve dois irmãos, o senhor nos disse.

AL: É. Dois irmãos. Um morreu. Depois de mim nasceu Fernandinho. Mas morreu com pouco mais de três anos.

TP: Morreu cedo.

AL: É. E depois teve João, que tinha três anos menos do que eu, e depois veio a minha irmã, que tinha uns seis anos menos do que eu.

TP: Então, são três os irmãos que ficaram juntos.

AL: E todos já morreram e eu sou o único que está vivo.

TP: Então é o senhor mesmo que tem que nos contar essa história toda, não é? Mas, os seus irmãos, o senhor está nos dizendo, esse que morreu em seguida, foi algum acidente, ou doença, esse que morreu criança?

AL: //Foi tifo. É, criança. Tifo.

TP: Ele tinha três anos quando faleceu. E os outros dois irmãos faleceram já idosos.

AL: //Já. Meu irmão, o último, que faleceu agora, faleceu... Quando eu estive lá em oitenta

e nove. Em oitenta e nove.

TP: Oitenta e nove.

AL: Oitenta e nove. Já tinha falecido há um ano e meio.

TP: Ah! Porque ele estava na Itália. Ele não voltou para o Brasil. Hum, hum.

AL: Ele ficou lá, casou, teve filhos e filhas. E faleceu. E eu até fui na Itália, aproveitei esse negócio, esse intercâmbio cultural [Refere-se a um intercâmbio cultural entre Brasil e Itália que promoveu pintores brasileiros neste país], aproveitar a viagem [riso] reduzida, para ver meu irmão. Quando cheguei lá, ele já tinha falecido. E me escreveram e eu não recebi a carta.

TP: É mesmo?! Que pena! O senhor ficou sem saber.

AL: [gagueja bastante] Se eu tivesse sabido que ele estava morto, eu não teria ido lá.

TP: //O senhor não teria ido lá//, não é?

AL: Mas foi bom, porque eu fui lá.

TP: Reviu os parentes.

AL: Até combinei lá, com meu sobrinho, filho de uma sobrinha, que é diretor do Museu do Ressurgimento. E ele, interessado nesse negócio de cultura também, ele até quando eu fui lá, em 89, ele estava, tinha montado uma exposição das medalhas do tempo de Napoleão.

TP: Ah, sim?

AL: Era uma exposição formidável. Ele era rapaz novo ainda mas já traquejado. Muito considerado mesmo no Brasil. É do primeiro "time" lá da Itália. E ele é diretor do Museu e é sócio de uma galeria. Então, combinou com o sócio de fazer essa exposição.

WC: Essa exposição na qual o senhor vai participar agora, em setembro.

AL: É.

TP: Ah, muito bem! E sobre a sua irmã, ela viveu no Brasil ou ficou na Itália?

AL: Não. Ela foi... [gagueja bastante]. Ela tinha quatro anos quando ela foi. Não, ela tinha quatorze anos.

TP: O senhor tinha vinte, não é?

AL: É, vinte. Ela tinha quatorze. E foi para lá e ficou lá até, até... Ela faleceu acho que foi em cinquenta e seis.

TP: Morreu nova. Hum, hum. E não chegou a voltar para o Brasil então.

AL: //Não//.

TP: Agora o senhor podia nos contar um pouco, senhor Lorenzato, sobre como foi a sua infância. O senhor já nos disse que o seu pai trabalhava com agricultura e vinha, trazia suas mercadorias para a feira. O senhor nos disse que o senhor nasceu lá na Colônia Agrícola do Barreiro, e que o senhor foi o primeiro filho da família. Quais são as lembranças mais remotas que o senhor tem da sua infância? O seu pai lhe ensinou o ofício dele quando o senhor era pequeno? Como é que foi?

AL: Eu ajudava a regar as... Minha mãe e eu, nas horas vagas, depois que eu fui morar no Pastinho - eu tinha uns seis anos. E meu avô morava com os filhos na rua Peçanha. Então, eu vinha de lá para vir na escola aqui, eu ficava com meu avô a semana inteira, não é?. Aos sábados, então, que não tinha aula,, eu ia a pé, pelo Carlos Prates, Padre Eustáquio, por ali afora e ia em casa, ficava lá aos domingos. Na segunda-feira meu pai me trazia de volta para a casa do meu avô. Eu freqüentei a escola Ítalo-Brasileira. Era onde é hoje, onde foi, a Câmara dos Vereadores.

TP: Na rua Tamoios.

AL: Na rua Tamoios.

TP: Ah! muito bem, então o senhor foi... era chamada também "Casa da Itália", não é?

AL: É.

TP: A Escola Ítalo-Brasileira.

AL: //É// Dante Alighieri Ítalo-Brasileira.

TP: Então, foi a escola que o senhor freqüentou quando menino.

AL: É. Não! Depois, meu pai mudou, comprou um terreno no Barreiro, e construiu a casa na planta - o primeiro que construiu casa na planta no Barreiro, porque o resto era tudo

cafuas, era favela.

TP: No Barreiro ou no Barro Preto?

AL: //Não//. No Barro Preto.

TP: //No Barro Preto que o senhor tinha nos dito// Isso.

AL: E ali, depois fizeram o grupo do Barro Preto, lá em cima no Barro Preto, o grupo... não me lembro qual o nome... grupo Silviano Brandão, lá no bairro. Então, frequentei o grupo. E ali eu me formei em semi-analfabeto. [Risos].

TP: Mas, então, vamos ver essa história direitinho. O senhor veio para a escola - para a Ítalo-Brasileira - com que idade? O senhor lembra?

AL: Bem... com a idade de sete anos.

TP: De sete anos. Para ser alfabetizado. E o seu pai, então, trazia o senhor toda segunda-feira, o senhor ficava na casa do avô, na rua Peçanha e no fim de semana o senhor ia para casa. A decisão de colocá-lo na escola, eu queria que o senhor me dissesse um pouco sobre isso. O seu pai tinha sido uma pessoa... Ele estudou lá na Itália? Ele tinha estudado?

AL: //Sim, sim// Ele era alfabetizado. Ele lia e escrevia muito bem.

TP: E, então, não teve dúvidas sobre ter que colocar os filhos na escola.

AL: //Não, não//. E ali eu comecei a aprender... duas horas de italiano e duas horas de português.

TP: Ah, é! A escola tinha, então, a língua portuguesa e a língua italiana.

AL: //Sim. E ali eu aprendi a ler e escrever mais ou menos. Depois quando lá abriram o grupo lá no Barro Preto, então ficou mais fácil. Eu frequentei o grupo e ali fui até a 4ª série. Me formei ali.

TP: //Sei//

AL: Mas não tinha... Naquele tempo não tinha esse negócio de exame, diploma, não é?

TP: Era diferente.

AL: Acabou o curso, "Vai tratar da sua vida!"

TP: //Vai tratar da sua vida!// [risos]

E, seu Lorenzato, o senhor sabe nos dizer... Essa escola Ítalo-brasileira, o seu pai tinha que pagar os seus estudos?

AL: //Não, não.// Tudo gratuito.

TP: Tudo gratuito. Para a colônia italiana, não é? [//R//] Eram só italianos que estudavam na escola?

AL: //Sim.// Nascidos no Brasil, mas todos filhos de italianos.

TP: Filhos de italianos, que era o seu caso, não é?

AL: Ah, sim.

TP: Ah, certo. Então, todo mundo aprendia a língua portuguesa e o italiano.

AL: E o italiano.

TP: E o senhor se lembra quantas horas por dia o senhor passava nessa escola? Se era um turno só ou se eram dois turnos...

AL: Não! Era um turno só. Quatro horas seguidas.

TP: Era um turno só. E o senhor estudava pela manhã ou à tarde? O senhor se lembra?

AL: Pela manhã.

TP: E como o senhor ia, nessa idade de seis anos, o senhor me disse que estava morando na rua Peçanha com seu avô - como é que o senhor ia para a escola? O senhor ia sozinho?

AL: Ia sozinho. A pé. Eu acho que sim. É.

TP: //É mesmo?// Com seis anos de idade.

AL: //Com seis anos. Seis ou sete anos.

TP: E o senhor ia mesmo para a escola. Ia direto. Não se perdia no caminho, não é?

AL: //Ah, ia. É.// [risos]

TP: Aí, o senhor voltava para casa para almoçar ou almoçava na escola?

AL: Não. Voltava para casa.

TP: Para almoçar.

AL: E depois eu ficava por ali.

TP: E, a tarde era para brincadeiras.

AL: Para brincadeiras. Era pião, era soltar pipa,, era jogar gude. [riso]

TP: Aqueles brinquedos que os meninos mesmos faziam...

AL: //É, sim. De moleque//. Peladas, no meio da rua...

TP: E lá na rua Peçanha, na casa do seu avô, o senhor era o único neto lá? A única criança na casa? Ou tinha outras?

AL: Não. Tinha a minha prima Elza, ela também é viva ainda. Agora ela está também com oitenta e tantos anos.

TP: Ah, é? Sei. Sua prima, então.

AL: Minha prima.

WC: Elza?

AL: Elza.

TP: Esse avô, que o senhor está nos contando, é o seu avô materno.

AL: Sim.

TP: Pai de sua mãe.

AL: Pai de minha mãe.

TP: Ah! Então era uma prima do lado materno.

AL: Ah, sim. Meu avô era toscano, da província de Arezo. Perto de Florença. E o meu pai era vêneto, na província de Vicenza, perto de Veneza. Entre Veneza, Pádova e eu quase não me lembro o nome. Verona.

TP: E vieram todos e se conheceram aqui em Belo Horizonte.

AL: É.

TP: Mas a família da sua mãe o senhor não sabe se veio diretamente para Belo Horizonte

ou se passou por São Paulo.

AL: Não. Foram para Leopoldina.

TP: Ah, sim?

AL: É. Trabalhou lá uns tempos, numa fazenda de café. [riso]. E depois, o boato da cidade nova,, que precisa de gente para trabalhar, e pagam bem, e acontece de encontrar ouro. Porque um encontrou, escavando os alicerces de um prédio. Encontrou uma pepita de ouro. [risos]/

TP: É mesmo? Então, o senhor sempre ouviu contar essa história. Quer dizer que os italianos se entusiasmaram com Belo Horizonte porque podiam achar ouro por aqui. Mas não acharam o ouro, não é senhor Lorenzato?

AL: Não, mas acharam trabalho, não é?. Ganhavam bem. E trabalharam aqui.

TP: Então, nos conte um pouquinho sobre isto. O senhor acha que o seu pai conseguiu aqui... Porque o senhor nos disse que ele veio para o Brasil em busca de trabalho. E logo ele se instalou e teve um trabalho. Mas o senhor hoje, pensando, naquele tempo, o senhor acha que ele melhorou de vida aqui em relação ao que ele podia, por exemplo, na Itália?

AL: Ah, melhorou sim, porque lá não tinha indústria para... tinha que trabalhar na granja do avô, do pai, e lá não tinha comida, vestuário e nem nada. Alguma gorjetinha para gastar com os amigos ali, de modo que ele não tinha saída não. Então, eles resolveram e vieram para cá.

TP: E o senhor acha que o trabalho que ele conseguiu aqui deu a ele condições de melhorar de vida.

AL: Deu, deu condições. Deu sim. Tanto é que ele construiu duas casa,, no Barro Preto, na planta. E depois vendeu quando ele resolveu/ porque minha mãe adoeceu durante a espanhola e esteve ali quase "morre-não morre". Mas escapou da morte, mas ficou abatida

TP: //Abalada.//

AL: Abalada. Então o médico falou: "ó Vitório, é melhor você levar sua esposa de volta lá

para a terra dela porque aqui o clima não dá certo”.

TP: Não ajuda.

AL: Resolveram e venderam as duas casas, por doze contos

TP: Ali no Barro Preto.

AL: No Barro Preto. E aí foram, compraram passagem no navio e foram para lá.

TP: Isso já em 1920, não é? Mas antes disso senhor Lorenzato, o senhor se lembra... quando vocês vieram, quando o seu pai construiu essas duas casas, como o senhor está dizendo, foi em que ano mesmo?

AL: Ah, foi em... depois de 1910. 1910. De 1910 a 1912/15 [corrige a data de 1912 para 1915] ele construiu as casas.

TP: Eu queria saber uma coisa que é o seguinte: quando o seu pai veio e se instalou lá na colônia agrícola do Barreiro, o senhor sabe, de ouvi-lo contar, se ele teve que comprar a terra ou se deram para ele?

AL: //Não. Não. Não//. A Secretaria de Agricultura deu para ele. Deu a semente para a primeira safra, a ferramenta para poder trabalhar, e deram material para construir uma cafua.

TP: Então ele não gastou nada inicialmente, não é?

AL: //Não// Depois, depois, ele teve que reembolsar parceladamente

TP: //Parceladamente//

AL: Conforme vendia. Conforme o resultado, não é?

TP: Tinha um contrato com a Secretaria de Agricultura.

AL: //Ah, sim, sim// Para pagar a ferramenta.

TP: Então, quer dizer, ele pôde, em vista disso, fazer uma certa poupança, como a gente chama hoje, para, em 1910, ele então se mudar para um lugar mais perto.

AL: //Sim, sim// É, sim.

TP: E o senhor quando fala para a gente que ele construiu ali, no lugar que hoje é a

Augusto de Lima, não é isso?

AL: É sim.

TP: Naquele tempo se chamava Paraopeba.

AL: //Paraopeba// É.

TP: Ele, então, comprou os lotes ali, não é? E já com o dinheiro que ele tinha guardado nesses anos.

AL: //Sim, comprou.// Mas comprou por uma mixaria, não tinha valor.

TP: E o que a família, o senhor - que já era um meninote, já tinha dez anos - e a sua mãe, os seus irmãos que eram mais novos, o senhor se lembra qual foi o sentimento de vocês, nessa época? Ou seja: vocês ficaram animados com a idéia de vir para a cidade? De morar mais perto do centro?

AL: Ah, a gente não sabia nada. Era só papai que resolvia, não é? Ele resolvia. Ele e minha mãe resolviam, não falavam nada. Para ir para a Itália, ele foi ao Rio de Janeiro para um negócio, porque ele emprestou uma certa quantia de dinheiro para o governo, durante a guerra.

TP: Durante a primeira guerra.

AL: É, na primeira guerra. De modo que ele tinha uma apólice do governo, que lhe dava um juro bom para poder sustentar a família. E lá no Rio de Janeiro, ele achou um navio que ia para a Itália e que vinha de Buenos Aires. Ele tinha, justamente, umas dez passagens vagas ; ele comprou cinco passagens [risos], veio para cá.

TP: E voltou com a decisão.

AL: Daqui a quinze dias nós vamos voltar para a Itália. E em quinze dias, teve que arranjar comprador, vender aquilo que tinha, e saímos para o Rio de Janeiro e embarcamos. Em doze dias, chegamos lá. Em Gênova.

TP: E nisso o senhor já era um rapaz de vinte anos.

AL: //Eu já tinha vinte anos já. Vinte anos.

TP: Mas o senhor, o que o senhor achou dessa decisão do seu pai? Conta para nós um

pouquinho.

AL: Bem, eu sempre gostei de viajar, de "ver mundo". De modo que eu achei bom, não é?.

TP: Ficou animado com a idéia.

AL: Ah! Fiquei.

TP: Mas, pelo que o senhor está nos contando, a gente sabe um pouco disso, naquele tempo as crianças não eram consultadas, elas eram avisadas. Seu pai e sua mãe decidiram sobre as mudanças e vocês iam. Mas e depois? Voltando para a mudança para o bairro do Barro Preto, não é? Quando vocês se mudaram, como foi para o senhor que era um menino, na época, essa mudança? O senhor achou bom? Depois de mudado.

AL: //Não. Eram avisadas. É. Sim, sim// Achei bom. É.

TP: Achou bom. Por que era bom?

AL: Porque ali já morava muita gente, não é?. Fiz amizade com outros moleques aí, começamos a jogar pelada e pião, e outras brincadeiras de meninos. E aí me ambientei logo.

TP: A região era mais povoada, não é?

AL: //Era sim// Já. Ali era colônia italiana. Era tudo italiano.

TP: Que moravam por ali.

AL: É sim. Todos pedreiros, pintores,, carpinteiros, ferreiros, Tudo italiano. Eu até lembro o nome de quase todos.

TP: É mesmo? Depois o senhor vai nos contar alguns. [risos]

Mas, senhor Lorenzato, como era? O senhor está dizendo que era uma colônia italiana, e o senhor nos falou antes que o seu pai foi o primeiro a construir uma casa na planta. O que o senhor chama de casa na planta? Explica para nós.

AL: Ele planejava com um arquiteto e ele construía.

TP: De acordo com a planta.

AL: É, conforme o regulamento do tempo, não é?. Esquina com Ouro Preto e Avenida Augusto de Lima. Depois construiu aqui uma casa grande, depois ele alugou para um

armazém e um bar. E aqui em baixo, mais outra casa, onde tinha o açougue e uma moradia com dois quartos, cozinha, banheiro.

TP: Então era uma casa muito grande.

AL: Sim, sim, era na planta mesmo. Até uma eu encontrei [gagueja bastante] quando tinha sido construída.

TP: É mesmo? Quando o senhor voltou.

AL: //É. Aquela da esquina// Aquela da esquina agora tem... agora é um sobradão. E a outra estava lá. [gagueja bastante]... demoliram ela também e fizeram um edifício de apartamento.

TP: Quer dizer que é na esquina da Augusto de Lima com Ouro Preto.

AL: //Ouro Preto.//

TP: E aí, era uma casa planejada, como o senhor está dizendo, com água canalizada, já em condições boas de cidade, não é? Quando vocês foram para a Itália, quando o seu pai decidiu ir para a Itália, o senhor se lembra o que ele fez? Ele vendeu a casa aqui?

AL: //Vendeu.//

TP: Vendeu a casa. Então, foi uma decisão definitiva para ele.

AL: //Foi sim.// Até encontrou dois compradores para comprar. Um comprou a da esquina por oito... oito...

TP: Contos.

AL: Contos. E o outro comprou a outra por quatro contos.

TP: Ah! Muito bem! O senhor se lembra bem das contas, não é?

AL: Ah! Sim.

TP: Agora, uma outra coisa, senhor Lorenzato. O senhor podia nos contar um pouco como é que, o senhor está dizendo que era uma colônia de italianos e que foi bom mudar porque o senhor teve a oportunidade de conhecer a meninada, e brincar na rua...

AL: [Gaguejando]: Mais facilidades para frequentar o grupo, não é?

TP: O grupo era pertinho, não era? O senhor, então, não precisava mais ficar morando com o avô. Podia ficar em casa mesmo, não é? Mas nessa época, o senhor, como o senhor tinha passado alguns anos com o seu avô, o senhor freqüentava muito ainda a casa dos avós?

AL: Sempre! Claro! Do Barro Preto para a Rua Peçanha era só subir em zig-zag [riso].

TP: Subir o morrinho ali. E toda hora o senhor estava na casa da avó.

AL: Ah, sim!

TP: Ah! E me diga uma coisa: quando ainda os seus pais moravam lá na colônia do Barreiro, os seus avós costumavam fazer visitas?

AL: Não!

TP: Não. Vocês é que vinham à cidade?

AL: É, sim. Então, não tinha transporte, era a pé ou a cavalo.

TP: E como é que o senhor vinha normalmente? Como é que o seu pai o trazia?

AL: A cavalo.

TP: A cavalo. É? [A.L.: riso] Então, era o meio de transporte por excelência.

AL: É sim. O meio de transporte.

TP: E o seu pai tinha cavalos ou ele tinha um cavalo?

AL: O fazendeiro lá que morava lá em cima no Barreiro, emprestava o cavalo.

TP: É?

AL: Alugava o cavalo.

TP: Alugava para ele.

AL: Uma vez por semana. No mercado, trazer verdura.

TP: E aí também, era quando o senhor vinha e ficava para ir à escola!

AL: //É sim.// [riso]

TP: Então, nessa época, não era muito difícil porque era só o senhor que ia para a escola.

Os seus irmãos eram mais novos, não é?

AL: //É, sim. É.//

TP: E os seus irmãos, então, só frequentaram a escola depois que mudaram.

AL: //Sim, sim// Depois que mudaram.

TP: Mudaram para cá. Ah...

WC: Depois do Barreiro, vocês foram morar lá perto de onde hoje é o Alípio de Melo?

AL: //É.// Sim, quatro anos ali.

WC: No Alípio de Melo.

AL: No Alípio de Melo.

WC: Quanto tempo o senhor morou no Barreiro? O senhor se lembra?

AL: Eu saí de lá com seis anos.

WC: No Barreiro.

AL: No Barreiro. Depois quatro anos no Pastinho.

TP: Pastinho, que é hoje o Alípio de Melo.

AL: //Pastinho// e Belo Horizonte. Lá no Pastinho eu ia só durante as férias e durante as folgas da escola, não é? No mais eu ficava na casa de meu avô, na rua Peçanha.

TP: //Na casa do seu avô.//

WC: Então, durante quatro anos, o senhor fez essa viagem. Da casa do seu avô para a sua casa. Foi no tempo que o senhor morou lá.

TP: É, lá no Pastinho.

Agora, eu estou curiosa com uma coisa: quando o senhor fala para nós que essa comunidade de italianos que moravam ali pelo Barro Preto, em que língua as pessoas falavam?

AL: Italiano.

TP: Italiano?

AL: É.

TP: Todo o tempo?

AL: Todo o tempo.

TP: Mas os meninos também?

AL: Não! Não! Não!

TP: //Não.// Os meninos falavam português.

AL: //É.// Os italianos se reuniam ali no boteco, jogavam carta aos sábados e domingos.
Ali, tudo em italiano.

TP: É? A língua então que o senhor ouvia pela rua era o italiano?

AL: Bem, o italiano e o/

TP: E o português também. Claro.

AL: E o português.

TP: Mas, vocês meninos falavam, então, só o português. Nas brincadeiras, no dia-a-dia, falavam português, mas na escola eram obrigados a falar o italiano.

AL: //É sim. Claro. É sim.//

TP: Ah! Muito bem.

E com relação às festas, senhor Lorenzato, as comemorações. Como era isso para a sua família? A sua família tinha o hábito de comemorar, por exemplo, o aniversário...

AL: //Sim. No dia do aniversário meu.

TP: É?

AL: Sim. De meu irmão, a minha mãe fazia então, uma broa de fubá...

TP: Era broa de fubá? Ah!

AL: E convidávamos os vizinhos, não é? E ali/

TP: E ali fazia a festinha.

AL: Fazia a farra.

TP: E o que acompanhava a broa de fubá? Não tinha Coca Cola naquela época.

AL: //Não, não//. Água. Água, café. Café, café com leite.

TP: Os italianos tinham o hábito de tomar café desde que vieram para o Brasil, não é?

AL: //Sim, sim. É sim.//

TP: Já tinham esse hábito.

AL: É sim.

TP: E que outras festas a sua família costumava comemorar? Por exemplo: festas religiosas, Natal. Como é que era isso?

AL: Eu não lembro disso, não. Eu só lembro de Sete de Setembro. Sete de Setembro tinha parada militar, a gente ia ver...

TP: A parada.

AL: A parada.

TP: E o senhor se lembra onde que era a parada nessa época?

AL: //Era na Avenida Afonso Pena.

TP: //Na Afonso Pena mesmo, não é?

AL: Afonso Pena ali. Era ali.

TP: E em família, por exemplo, o senhor se lembra se sua família comemorava o Natal?

FIM DO LADO A DA FITA 1

Entrevista - fita 1 - lado B

COMO O LADO A HAVIA TERMINADO, UM PEQUENO TRECHO DA ENTREVISTA NÃO FICOU REGISTRADO.

TP: Então, deixa eu repetir a pergunta para o senhor. A sua família, portanto, tinha formação católica.

AL: Tinha.

TP: Seu pai nem tanto, mas a sua mãe era mais...

AL: //Freqüentava igreja e tudo.

TP: //Freqüentava igreja// e educou os filhos na religião católica.

AL: // Ah! Sim, sim. Tinha/ // Tinha que... como se chama?

TP: Na missa?

AL: Na missa. É.

TP: Ah! Comungar?

AL: É. Comungar.

TP: É Primeira Comunhão o nome.

AL: //Comunhão.

TP: Então, o senhor fez a Primeira Comunhão, seus irmãos também.

AL: //É.//

TP: E costumavam ir à missa todo domingo? O senhor se lembra?

AL: Não porque a missa, a igreja ficava longe, não é?

TP: Qual que era a igreja que ela freqüentava?

AL: São José.

TP: A São José. Ainda não existia a igreja do Barro Preto, não é?

AL: //Não, não!// A igreja do Barro Preto foi construída depois que eu estava longe daqui.
Então...

TP: Ah! Então, quando o senhor era menino, a sua mãe freqüentava a São José.

AL: Aos domingos, de vez em quando, não é?. Agora, quando era solteira, então, ela ficava... [gagueja] na rua Tupinambás.

TP: //Ah! Era bem mais perto//, não é?

AL: Mas, depois do Barro Preto para lá, quando mãe, com os filhos, tomar conta da casa, preparar comida, etc, etc, então ficou... Mas ao domingo, no Natal...

TP: Ela achava um jeitinho, uma horinha para ir à igreja. Uma outra coisa, senhor Lorenzato. O senhor está nos dizendo que a sua mãe tinha uma série de tarefas domésticas, que durante a semana era aquela correria, não é? Como é que era isso naquela época? Ou seja: as crianças, no caso o senhor, seus irmãos, tinham algumas tarefas específicas que os senhores deviam fazer para ajudar a sua mãe, por exemplo, quando o senhor era menino?

AL: //Não//.

TP: Não?

AL: Não, não.

TP: Não? A sua mãe dava conta de todo o serviço doméstico.

AL: //Não, não. Atrapalhava.// [Risos] Sujava a roupa... [risos]

TP: Então, todo o trabalho doméstico, a sua mãe que dava conta.

AL: //Era. Era.//

TP: Porque, naquela época, as pessoas não tinham, como hoje, uma pessoa que ajudasse em casa, uma empregada doméstica. Não era costume, não é? Principalmente dos italianos.

AL: //Mas também tinha// pouca exigência, não é?

TP: O senhor acha que a vida era mais simples.

AL: É, sim. Era mais. {Riso}

TP: E me diga uma coisa: como é que foi na sua casa o fato... porque, quando vocês moravam lá no Barreiro ou no Pastinho, certamente o que se plantava na horta ali vinha para a mesa, na hora do almoço.

AL: Ah! Sim.

TP: E quando o vocês mudaram para cá, como é que foi, o que o seu pai estava fazendo nessa época, depois que ele veio para Belo Horizonte? Para morar lá no Barro Preto.

AL: Ele montou um botequim, tinha um botequim que até tinha bilhar.

TP: Ah, é?

AL: É. Vinham até os jogadores de bilhar da cidade, iam lá jogar bilhar. Tinha um bilhar francês, grande sabe?. E ali, ele viveu muitos anos com...

TP: A renda daquele botequim.

AL: É.

TP: E aí, ele deixou, definitivamente, de cuidar de agricultura, de horta, não é?

AL: // De horta.// Quer dizer, no fundo do quintal tinha também a hortinha lá.

TP: //Ah! Tinha? Uma hortinha para consumo doméstico.

AL: É.

TP: E era isso que eu ia perguntar. O senhor se lembra se... não sei se o senhor ia, costumava ir com seu pai ou com a sua mãe, onde é que eram feitas as compras de mantimentos para o dia-a-dia?

AL: Tinha um armazém de secos e molhados ali...

TP: Ali perto, no Barro Preto.

AL: No Barro Preto.

TP: E era onde se comprava, então, o arroz, a farinha,

AL: //Era sim// Era de um italiano, Pieri. Pietri Pieri. Era armazém. Comprava lá.

TP: //Comprava tudo ali perto. Não costumavam ir ao Mercado lá na Amazonas, não.

AL: //Não, não. Não//.

TP: E a verdura, então, era no fundo do quintal.

AL: Era..

TP: E o senhor, ainda morando aqui, o senhor ainda ajudava a tomar conta da horta ou o senhor já não tinha mais tempo para isso?

AL: //Não, não. Aí, não, não.// Bem, eu regava a horta.

TP: É? Isso o senhor ajudava.

AL: De manhã cedo tinha que regar. Depois eu ia por minha conta, e ia para a escola, não

é?

TP: É porque tinha também o compromisso da escola, não é?

AL: //É.//

TP: Então, quando o senhor mudou para ali o senhor mudou de escola também. Deixou a Escola Ítalo-Brasileira para estudar no grupo.

AL: Para estudar no grupo.

TP: E isso por quê? Por que era mais perto?

AL: Porque era mais perto, naturalmente.

TP: Porque, se o senhor quisesse, poderia ter continuado.

AL: Sim.

TP: Existia/

AL: Mas já sabia ler e escrever, não é?. Então, o grupo estava lá em cima, no alto do Cruzeiro. Lá em cima, no fim da rua Ouro Preto, lá no alto, tinha o grupo...

TP: Silviano Brandão.

AL: //Silviano Brandão. De modo que, para ir de onde eu morava, eram dois quarteirões para ir. Ali onde é o fórum. Era uma lagoa [riso].

TP: O senhor nos contou um pouco sobre isso. Que o senhor ajudou a aterrar.

AL: Ajudamos a aterrar.

TP: Mas, ajudou na bagunça ou já era trabalho mesmo?

AL: //Não, na brincadeira com outros moleques. Um cavacava e outro enchia o carrinho, a carrocinha. E o carroceiro levava e despejava e voltava e, naquela brincadeira ali... alagamos metade da lagoa.

TP: É mesmo!

AL: É. Foi metade, para poder abrir o campo de pelada.

TP: //A meninada.// Ah! Era nisso que vocês estavam interessados. [Risos]

AL: E ali começou. A gente jogava futebol nesse trecho da lagoa seca. Depois, com o tempo, o Ieri [] Ieri, fundado por um filho de um fazendeiro que tinha estudado na Inglaterra, [] de Ieri lá na Inglaterra, e quando voltou fundou esse clube e deu o nome de Ieri. E ali, depois, o clube melhorou, ficou sendo depois do Atlético e do América. Era o mais antigo, então contrataram um empreiteiro e aterraram a lagoa. Cercaram de zinco tudo em volta e aí fizeram o campo de futebol.

TP: Aí já organizado mesmo, o campo de verdade.

AL: //Já... já.// É.

TP: E uma outra coisa, senhor Lorenzato. Sobre a escola, agora, que eu quero saber do senhor. O senhor frequentou nesses primeiros quatro anos a escola ítalo-brasileira e depois o grupo.

AL: //Menos de quatro anos.

TP: Menos de quatro?

AL: //Um ano. Um ano.//

TP: Ah! Foi um ano. Depois já foi para o grupo.

AL: //Um ano. É. Depois já foi para o grupo.

TP: O senhor tinha entusiasmo pela escola? Ou era uma coisa que o senhor considerava chata? Como era isso?

AL: Não, eu gostava. Gostava. Aritmética, História, Geografia. Gramática não me entrava direito.

TP: Gramática não. A língua portuguesa era muito difícil.

AL: Mas no resto eu era craque.

TP: //Das outras matérias o senhor gostava.//

AL: Em Geografia, História, História Natural e...

TP: Como é que era? O senhor era um aluno assim, obediente? Ou o senhor era um aluno bagunceiro?

AL: //Não, não. Obediente.// Inclusive, tinha a professora Maria do Carmo Penido, uma

bonita morena, muito jeitosa, não era []. Tinha que estudar.

TP: O senhor levava a sério aquela vida escolar.

WC: As turmas, na escola, eram mistas?

AL: Hein?

WC: Meninos e meninas numa mesma turma?

AL: Sim. Sim.

WC: Não havia separação não, não é?

AL: Não, não. Tudo junto.

WC: Na escola do Barro Preto também?

AL: Também. Acho que ainda tem lá o grupo.

TP: Tem. Tem sim.

AL: //Tem. Tem//.

TP: É aquele mesmo.

AL: É.

TP: Agora nos conte uma outra coisa, senhor Lorenzato: em casa, como é que era... o senhor disse que eram dois meninos e uma menina, não é? O senhor tinha um irmão e uma irmã. Como é que era a educação que seus pais deram para os filhos, era diferente para o homem e para a mulher? Ou era tudo igual?

AL: //Não, não. Era tudo igual//

TP: Mesma coisa?

AL: Da menina era minha mãe que tomava conta. E dos meninos era meu pai.

TP: Mas não havia diferença entre os filhos, não.

AL: //Não, não. Não havia diferença.

TP: E outra coisa que eu estou curiosa para saber é sobre quando é que o senhor começou a aprender o ofício de pintor. O senhor nos disse que foi ainda no Brasil.

AL: //Sim, sim. Foi no Brasil.// Meu pai construiu... primeiro construiu a casa na esquina, não é? Com mais de quinze metros de frente para a avenida e uns seis metros para a rua Ouro Preto. E ali eu entrei quando ele contratou um conterrâneo pintor, para pintar e me encostou lá com esse Américo Grande, se chamava. “Faz alguma coisa com esse moleque aí, ajuda ele, põe ele para te ajudar.”. E ali eu comecei.

TP: Na sua própria casa.

AL: Sim, sim. Comecei...// Aprendi a espalhar caiação, aprendi a espalhar tinta óleo, e depois que acabou a construção então eu fui trabalhar com Camilo Caminhas. Português. Era o único empreiteiro de pintura aqui em Belo Horizonte.

TP: Camilo Caminhas?

AL: É. E trabalhei com ele muitos anos, depois teve uma crise, então não tinha trabalho. Então eu trabalhei numa casa de atacadista de fazendas, do coronel Sebastião Augusto de Lima.

TP: //Isso só para eu não perder aqui: o senhor tinha por volta de quinze, dezesseis anos.

AL: //Sim, sim.// É, 15, 16 anos.

TP: Quer dizer que o senhor trabalhou alguns anos como pintor - o senhor aprendeu esse ofício - e depois teve uma crise econômica. O senhor está dizendo, estava difícil achar trabalho.

AL: É. Então eu arranjei emprego nessa casa de fazendas por atacado, que era ali na Praça do Mercado. Então era Avenida do Comércio, Avenida do Comércio, com rua Curitiba.

TP: A praça do mercado que o senhor fala é o Mercado Velho.

AL: É. Mercado Velho.

TP: É ali onde hoje é a Raul Soares.

AL: Onde é a Rodoviária.

TP: Agora, conta uma coisa para nós: essa época em que o senhor trabalhou tanto com o português, Camilo Caminhas, como nessa casa de fazendas, esse trabalho era um

arranjo só assim. "Você vem trabalhar comigo." Ou tinha contrato?

AL: Não. Não, não.

TP: Não? Não tinha?

AL: //Não.//

TP: Era só um acordo.

AL: //É, vinha. É.

TP: Não tinha carteira assinada...

AL: //Não. Não, não. Nada.//

TP: Direito a férias...

AL: Nada, nada.

TP: Nada, nada.

AL: Eu tinha vinte anos quando eu trabalhei. Ganhava noventa mil réis por mês.

TP: E o que era isso? O que dava para fazer com esses noventa mil réis?

AL: Dava para fazer... Porque a vida também custava... era pouco, não é?.

TP: Mas era pouco dinheiro.

AL: Era pouco dinheiro.

TP: //Era pouco.// Não dava para muita farra não.

AL: //Não, não.//

TP: Não dava para gastar no bilhar lá do seu pai não.

AL: //Não.//

TP: [riso]

AL: Dava para ir no cinema uma vez por semana. O cinema do Comércio era então na rua dos Caetés, esquina com São Paulo, onde tem aquele banco...

TP: Ah! Sei.

AL: //Ali// Ali era o cinema.

TP: Ah! Cinema do Comércio que chamava?

AL: //É// Cinema do Comércio. A gente ia...

TP: Uma vez por semana.. É?

AL: Na segunda classe porque pagava quinhentos réis.

TP: Ah! Só dava para ir na segunda classe. [rindo]. E o senhor ia para o cinema com os amigos ou com a namorada?

AL: Não, não. Com os amigos.

TP: Já tinha namorada nessa época?

AL: //Não, não, não//

TP: Ainda não. Então, era com os amigos.

AL: É, com os amigos.

TP: E que tipo de fita o senhor gostava de ver no cinema?

AL: Naquele tempo tinha era Tom Mix, Maciste, [Albertine], depois tinha cowboy, filme de cowboy.

TP: Nessa época ainda era o cinema mudo, não é, senhor Lorenzato?

AL: //É sim// Mudo.

TP: E tinha pianista no cinema, senhor Lorenzato?

AL: //Tinha, tinha. Tinha pianista.

T.P. E o senhor se lembra/ o senhor gostava então de cinema já que o senhor falou em ir toda semana é porque o senhor gostava. Não é?

AL: //É, gostava.

TP: Que mais que o senhor fazia assim nas horas de lazer? O que o senhor costumava fazer?

AL: //Eu jogava gude, ou pião, ou soltar pipa.

TP: Sei. Mas isso quando era menino. Já mais rapaz assim, gostava de cinema...

AL: Ah! Tentei jogar futebol.

TP: Futebol também. E o bilhar? O senhor podia freqüentar?

AL: Eu freqüentei.

TP: Freqüentava?

AL: Eu tinha que entrar de parceiro quando chegava um para jogar. E jogar sozinho não dá, não é? Eu entrava como parceiro.

TP: Ah! É mesmo?! [riso]

AL: É.

TP: O senhor ficava lá a postos.

AL: É, sim.

TP: E como é que o senhor aprendeu a jogar? O seu pai que ensinou?

AL: Não. Eu aprendi jogando. Vendo os outros jogar.

TP: De observação, não é?

AL: É, sim. Depois, quando não tinha ninguém, eu treinava no bilhar, não é?. Aprendi bem. Jogava bem.

TP: Mas o senhor podia, o senhor tinha permissão do seu pai, para ficar ali à noite, como é que era?

AL: //Sim, sim.// Eu marcava as horas na tabuleta de... Não sei o nome. Dessas que usa na escola.

TP: De quadro. Quadro negro.

AL: //Quadro negro//. É sim. Quadro negro. E ali eu anotava a hora que o jogador começava a jogar. Depois, quando acabava de jogar, fazia a conta das horas, recebia e entregava, a meu pai [Riso]

TP: Ah! Então, o senhor ajudava no controle.

AL: //Sim. Sim.//

TP: Senhor Lorenzato, a educação que o senhor teve em casa, com seus pais, era muito

rigorosa? Eles eram muito firmes ou brandos?

AL: //Não. Meu pai era rigoroso, mas não batia não. Ele me bateu só uma vez.

TP: É? Que o senhor não esquece.

AL: Não esqueço. Minha mãe era mais... Ela batia mais.

TP: É, não é? Porque a mãe lida mais todo dia com a criança, não é?

AL: //É. [Riso]//

TP: Mas essa vez que o senhor apanhou do seu pai, o senhor podia contar para nós ou o senhor não gosta de lembrar?

AL: Bem, gente. Essa aqui é uma história que eu não sei o que eu fiz, uma besteira qualquer. Então meu pai ficou muito amolado. Um moleque que nem eu era, nós derrubamos uma cafua lá de uma velhinha, que morava ali perto. Brincando, derrubamos uma parede daquela cafua, e essa velhinha foi no meu pai - e meu pai teve que indenizar não é? Então, ele me pegou e me bateu. [Risos]

TP: Aí sim, não é? [Risos]

AL: É. Foi só uma vez.

TP: Do contrário, ele não era uma pessoa que costumava bater nos filhos.

AL: //Não, não.// Ameaçava, não é?

TP: Quando precisava, não é?

AL: É.

TP: Outra coisa. O senhor na sua mocidade, nesses anos que o senhor já era rapazinho, já estava trabalhando, o senhor andava muito pela cidade ou o senhor ficava mais ali no bairro mesmo?

AL: //Não, não.// Andava pela cidade.

TP: Andava muito?

AL: No carnaval.

TP: Ah! O senhor gostava de ver o carnaval? Na rua da Bahia.

AL: Na rua da Bahia, na avenida Afonso Pena, rua dos Caetés, por ali. Ah! Eu freqüentava.

TP: E que outros lugares da cidade o senhor gostava de freqüentar, senhor Lorenzato?

AL: Bem, a praça onde meu avô era carpinteiro lá e eu levava/

TP: No Palácio. Lá na Praça da Liberdade, então, que o senhor passeava!

AL: No Parque.

TP: No Parque Municipal.

AL: //Foi lá no Parque, eu até fui preso lá no Parque/

TP: É mesmo?!

AL: Porque eu ia derrubar os coquinhos, que eu queria comer. [Risos] E um guarda me pegou, [Risos] e me levou. Mas o guarda, depois, quando chegou na Avenida Afonso Pena, ele me deu a chance de fugir.

TP: Ah, é? Aí o senhor escapuliu. [riso] E o senhor ia no Parque, assim, no fim de semana, no domingo, ou durante a semana o senhor costumava passear também? Como é que era?

AL: Bem... Eu ia quando tinha a oportunidade de passear pela cidade, não é? Eu ia no Parque.

TP: Então, é o Parque, a Praça da Liberdade. A Igreja da Boa Viagem, o senhor costumava passear por ali também?

AL: Sim. Sim.

TP: Ah! Mas a sua mãe não freqüentava a Igreja da Boa Viagem.

AL: Não.

TP: Era mais longe, não é?

AL: Era sim. Ela freqüentava a...

TP: São José.

AL: //São José.

TP: Nessa época, todo esse trajeto o senhor fazia a pé mesmo ainda.

AL: //A pé, a pé.

TP: Era tudo pertinho, não é?, senhor Lorenzato.

AL: Ah, sim.

TP: Mas também já existiam os bondes nessa época.

AL: Já. Já existia. Mas/

TP: Mas o senhor, no dia-a-dia, não usava o bonde.

AL: Não, não. Então eu trabalhava na avenida... ali onde é a praça do... onde é a rodoviária.
Ia almoçar em casa, ia andando para casa almoçar e depois voltava. Sempre a pé.

TP: Aí o senhor já trabalhava, era o dia todo o trabalho?

AL: Sim.

TP: Quer dizer que o senhor não cogitava de usar o ônibus porque o trabalho era perto de casa, não tinha necessidade.

AL: // Não, não. Não tinha necessidade.

TP: E passeios para fora da cidade, nas colônias agrícolas, piquenique, essas coisas. Sua família tinha o hábito de fazer?

AL: Não. Meu pai, tinha o irmão do meu pai, o Sílvio, morava em Santa Bárbara.

TP: Santa Bárbara?

AL: E tinha uma fazenda lá que tinha uma grande plantação de uva. Então eles resolveram que a uva era perdida, porque não tinha mercado.

TP: Ah, não?

AL: Não. Para transportar a uva para vender no mercado ficava caro demais, então essa uva era perdida. Então meu tio sugeriu, pensou e combinou com meu pai de comprar a safra de uva para fazer vinho. E fizeram.

TP: Ah! Fizeram?

AL: É.

TP: E o senhor ajudou nisso?

AL: Ajudei. Eu fui lá. Fiquei lá uns quinze dias.

TP: Na fazenda.

AL: Na fazenda. Em Santa Bárbara, na casa do meu tio. E fizemos o vinho.

TP: É mesmo?!

AL: //Levamos na cidade.// E vendeu. [risos]

TP: E como é que foi isso? Assim, foi a sociedade do seu pai com esse tio, e vocês ficaram lá, apanharam toda a/ Conta para nós.

AL: //[]//. Isso, a fazenda ficava bem longe da cidade, não é? Tinha que andar um... mais ou menos uma meia hora a pé. Fiquei lá, ajudei a colher uva, e carregava nuns balaios. Depois, quando os cavalos traziam na cidade de Santa Bárbara [//R//] e ali fazia o vinho. Depois, engarrafou o vinho e trouxe para Belo Horizonte. Metade ficou com meu tio e metade ficou com meu pai. Mas foi só um ano, só.

TP: Ah! Foi só uma vez.

AL: Depois a plantação de uva decaiu porque não tomaram conta.

TP: //Não deu para continuar. Hum, hum. Mas esse vinho que foi feito então, ele vendeu bem. Foi apreciado.

AL: //Vendeu, vendeu.

TP: Seu pai levou lá para o armazém.

AL: É. [].

TP: É mesmo? Quer dizer que o senhor aprendeu até a fazer vinho.

AL: É. [risos]

TP: Por falar nisso, como é que eram os hábitos alimentares da sua família? Porque a gente sabe que, hoje em dia, isso é muito mais sofisticado, a mesa é mais abundante de alternativas.

AL: //Era macarrão.

TP: Macarrão. Sua mãe mesma fazia o macarrão?

AL: É sim.

TP: Diariamente?

AL: Não.

TP: Fazia uma vez por semana e deixava armazenado.

AL: É. O pão também se fazia em casa. No forno.

TP: E era aquele pão italiano mesmo que ela fazia.

AL: //É. É sim. Aquela panhoca. E arroz, feijão, carne, verdura,, frango de vez em quando.
A comida era simples.

TP: Simples. E o vinho sempre acompanhando ou só...

AL: //Só// naquela época.

TP: //Só naquela época.// Seu pai não tinha hábito, vindo da Itália, de tomar vinho todos os dias, assim/

AL: //Não, não, não.//. Nem encontrava, não é?

TP: Não encontrava aqui em Belo Horizonte?

AL: Não.

TP: Não?

AL: Depois foi que começou a haver importação, então vinha de Portugal.

TP: Porque naquela época não se fazia vinho no Brasil ainda, não é?

AL: //É não se fazia.//

TP: O que tinha era só importado.

AL: De Portugal vinha o vinho do Porto e da Itália vinha o vinho Chianti. Mas era caro, não é? Só para gente que podia.

TP: Então, os italianos mesmo, vocês nem tinham o hábito porque tiveram que parar de...

AL: //É. // Mas acostumaram na cachaça... [Risos].

TP: O vinho foi substituído pela cachaça.

AL: //Ah //.

TP: E por falar em Itália, Sr. Lorenzato, nesses anos da sua infância, da sua meninice, os seus pais... a sua mãe o senhor disse que a família dela toda estava aqui... Agora, o seu pai não, não é? A família dele tinha ficado na Itália. Ele se comunicava com a família? Ele escrevia?

AL: Sim, sim. Nos primeiros anos. Lá na aldeia onde meu pai nasceu tinha havido a guerra, tinha sido invadida pelo exército austro-húngarico, e quando tiveram que se retirar tocaram fogo nas casas. Minha avó até morreu quando fugia.

TP: É mesmo?

AL: É. Fugia da aldeia e se perdeu, ninguém sabe onde. Não encontraram mais a velha.

TP: //É mesmo?!// Não tiveram mais notícia.

AL: Não, nenhuma.

TP: Olha só!

AL: Sim, correndo pelas estradas. Deve [], hoje no Golfo Pérsico, onde a pessoa foge e morre [riso].

T.P. //Exatamente.//

AL: Minha avó também morreu dessa forma.

TP: Dessa forma.

AL: Dessa forma. Ninguém sabe onde... Não encontraram porque, morrendo, enterrava. Alguém abria um buraco e enterrava.

TP: Sei... Mas o seu avô resistiu a essa saída.

AL: Sim.

TP: //Não é?!//

AL: Não. Meu avô já tinha morrido.

TP: Ah! Já tinha morrido.

AL: Sim, sim.

TP: //Ele morreu durante a guerra ou antes?

AL: Antes da guerra.

TP: Morreu antes. Ah!... E os tios, então, saíram...

AL: Sim. Mas não tinha mais tio lá.

TP: Já não tinha mais.

AL: Não, porque eram oito irmãos. Três vieram para o Brasil e quatro foram para os Estados Unidos. E um ficou lá porque era funcionário do Correio lá. Numa pequena aldeia. É ele só que ficou lá. Os outros sete foram... Teve um inclusive, o mais jovem, morreu nos Estados Unidos durante a espanhola.

TP: Então, a sua avó lá estava sozinha já na época da guerra. Só com esse tio do Correio.

AL: É. Com esse filho, que era funcionário do correio, que era casado e tinha filhos também.

TP: E o senhor se lembra se o seu pai, aqui do Brasil, quer dizer, teve notícia do desaparecimento da mãe dele, não é? Mas ele passou alguns anos tentando... achando que ela poderia estar viva, procurando?

AL: //Não, não.// Não porque, em 1910, ele tirou férias e foi passear na Itália.

TP: Ah! Ele foi à Itália então.

AL: //Foi, foi. E lá encontrou só a mãe, a mãe e o irmão. Os irmãos já estavam nos Estados Unidos. E ali ele esteve junto com a mãe, depois voltou para cá. Então em 1910 a mãe estava viva ainda.

TP: Ele esteve com a mãe em 1910.

AL: //É. Ela morreu durante a guerra.

TP: //Pois é. Então ele nunca mais esteve com ela, foi a última vez que ele a viu.

AL: // É.

TP: Mas o que eu perguntei para o senhor foi assim, ele, quando teve notícia que ela... ou seja, ele deixou de ter notícia dela, ele se deu conta logo que ela tinha morrido ou ele ficou acreditando que podia encontrá-la ainda? O senhor lembra?

AL: //Ele ficou sem saber, não é? Ele soube da história quando foi na Itália, em 1920/

TP: //Já com a família.//

AL: Que ele tinha encontrado o... o irmão. Então já tinham voltado dois irmãos dos/

TP: Dos Estados Unidos?

AL: Dos Estados Unidos, durante a guerra. Então foi que contaram para ele.

WC: O seu pai não mantinha contato com os irmãos, não?

AL: Não.

WC: Um não escrevia para o outro...

AL: Não. Não escrevia, não escrevia.

TP: //Era tudo difícil naquela época, não é, senhor Lorenzato?

AL: //É, era difícil. Era tudo de navio, levava um mês para chegar lá uma carta, de modo que não tinha correspondência.

TP: A comunidade italiana aqui funcionava um pouco como família também, não é?

AL: //Sim, sim.// É.

TP: O seu pai, ele era uma pessoa de muitos amigos?

AL: //Ah! Ele era.// Ele era. Ele tinha o botequim, não é?

TP: E isso aí já reunia muita gente, não é?

AL: // [] // Ah! Ali, sábado e domingo, se reunia todos esses italianos de bigode. [Risos].
Tinha os [Ricarducci], [Lazarotti], tinha o [Pironi], os [Bálsamo], tudo italiano.

TP: O senhor se lembra dos nomes todos, não é?

AL: //É.// Todos pedreiros, pintores e marceneiros. Operários.

TP: Outra coisa que eu ia perguntar para o senhor. O senhor disse que a sua mãe fazia pão, fazia o macarrão e o pão em casa. Mas o pão ela fazia sempre?

AL: Não. Uma vez por semana.

TP: Mas era o pão que dava para a semana toda?

AL: //Sim, sim. Dava para a semana.

TP: Então vocês não freqüentavam padaria.

AL: Não.

TP: Não costumavam comprar pão em padaria. Mas o senhor se lembra se já tinha padaria ali no Barro Preto?

AL: //Tinha, tinha.

TP: De um italiano, com toda a certeza.

AL: Do Bruschi. Italiano.

TP: Bruschi ou Boschi?

AL: Bruschi. Bruschi.

TP: Porque tem um outro Boschi que teve uma padaria famosa.

AL: //Boschi foi depois.

TP: Ah! Foi depois. Então, quando seu pai esteve no Rio que decidiu a mudança da família, vocês moravam ali ainda no Barro Preto. Foi ali que ele decidiu vender a casa.

AL: //É sim.//

TP: Não é? E foi tudo muito rápido.

AL: É, sim. Foi rápido.

TP: E nessa época o senhor estava trabalhando ainda na loja de tecidos?

AL: //Estava.// Estava trabalhando.

TP: Então, o senhor trabalhou lá alguns anos.

AL: Não, mais ou menos um ano. As duas vezes que eu trabalhei, a primeira vez, quatro meses. Depois, ele chamou um sobrinho de Serro, eles eram do Serro, veio o sobrinho e ocupou o meu lugar, eu tive que sair. Mas depois o negócio ampliou, tinha quatro viajantes que viajavam pelo interior, então precisavam outra vez, então me chamaram outra vez e trabalhei então até 1920.

TP: E, senhor Lorenzato, uma outra coisa: até 1920, o senhor... a sua família não tinha o

hábito, a não ser essas pequenas distâncias aqui mesmo, não se viajava, não é?

AL: //Não.//

TP: O senhor, na sua infância, não viajou para o Rio...

AL: //Não, não.

TP: Nada disso. Era só Belo Horizonte.

AL: Só. Santa Bárbara.

TP: Santa Bárbara que o senhor foi fazer vinho lá, não é? Mas não era uma hábito das pessoas simples naquela época.

AL: //Não, não. Era difícil. Não tinha condução, não tinha ônibus. Era o trem, não é? Que levava quase uma semana para chegar no Rio de Janeiro. [Riso]. E, de modo que não.

TP: Não era um hábito da família. Mas como é que o senhor acompanhou, ou a sua família, assim, porque a colônia italiana em Belo Horizonte, a gente sabe que ela existe desde o início da cidade..

AL: //Sim, sim.//

TP: Os italianos vieram ajudar na construção, como o senhor está colocando, mas ela não deixou de aumentar nesses anos todos.

AL: Sim.

TP: Os italianos continuaram chegando.

AL: Continuaram. Não! Chegando, não. Continuaram produzindo.

TP: [risos] Reproduzindo, aqui dentro, mas também chegando, não é?, porque/

AL: //É. Não, eu não lembro... não...

TP: //O senhor não lembra?//

AL: Não lembro... Não lembro... Não...

TP: Nós mesmos já entrevistamos uma senhora que só veio para cá em 1920.

AL: Quem?

TP: Mas, aí, já deviam ser menos, os que vinham, não é?

AL: //É.//

TP: Na verdade acho que eles aumentavam por aqui mesmo, não é? Agora, a sua família freqüentava lá na casa de Itália... A gente sabe que existia lá toda uma atividade social, grande.

AL: //Sim, sim, sim.//

TP: A sua família freqüentava? Sua mãe...

AL: //Não, não.

TP: Não?

AL: Não, não.

TP: O senhor sabe por quê? Por falta de tempo, por falta de/

AL: //Não, por falta de tempo, por falta de cultura também. Minha mãe também era analfabeta, não é? Ela não se ocupava desses negócios de...

TP: Porque lá tinha cinema, acho que tinha sessões de leituras, essas coisas//

AL: Sim, tinha.

T.P. Na casa de Itália. E o senhor também, depois que estudou lá/

AL: //Mas isso foi depois de 1920.

TP: Foi depois, não é?

AL: //Em 1920 tinha a escola só, escola e a Sociedade Dante Alighieri. Mas era freqüentada só por gente graúda, mais ou menos assim, comerciantes ali do centro cidade.

TP: A sociedade.

AL: Lá do Barro Preto era gente diferente...

TP: Era gente diferente.

AL: Diferente. Aquilo era... /

TP: Mas essa sociedade, conta para nós um pouco. O senhor sabe o que eles faziam? Esse pessoal mais graúdo, que o senhor estava falando.

AL: Eles faziam festinhas, dançavam...

TP: //Encontros?//

AL: É. Bailes.

TP: Mas essas festas, o pessoal operário não frequentava. Mas o senhor está dizendo isso porque eu tenho mais informações da casa de Itália depois de 1920. E o senhor está me dando de antes, não é?

AL: //Antes de 1920. Tinha sempre a Sociedade Dante Alighieri. Mas era fundada por gente graúda, comerciantes.

TP: Agora, uma outra coisa que eu queria saber: o senhor me disse que frequentou a escola, que o senhor tinha interesse por umas matérias, por outras não. O senhor tinha o hábito de ler, quando menino, fora da escola?

AL: //Ah!// Sempre gostei de ler.

FIM DO LADO B DA FITA 1

A

Afonso Pena., 20

B

Barro Preto, 8, 9, 12, 15, 17, 19, 21, 22, 23, 26, 39, 42
Belo Horizonte, 3, 4, 11, 18, 23, 27, 34, 35, 40

C

Camilo Caminhas, 27, 28
Cinema do Comércio, 29
Colônia Agrícola., 3

P

Parque, 32

R

rua da Bahia, 32

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
ENTREVISTADORAS: THAÍS VELOSO COUGO PIMENTEL
WALKÍRIA DA COSTA CAMPOS
DATA/ENTREVISTA: 22/04/91

FITA 2 - LADO A

WC: 22 de abril de 1991, segunda entrevista com o Sr. Lorenzato.

TP: Nós vamos então voltar, senhor Lorenzato, para tentar sanar algumas dúvidas que ficaram da semana passada. Uma primeira questão que eu queria saber do senhor, quando o senhor comentava que seu pai tinha a chácara no Barreiro, logo no início da sua trajetória, o senhor nos falou de um nome que tinha a colônia do Barreiro. Tinha um nome especial a colônia?

AL: Não. Colônia Agrícola...

TP: Colônia Agrícola do Barreiro.

AL: É. Colônia Agrícola do Barreiro.

TP: Não tinha um nome um nome de pessoa, não. Era isso mesmo, não é?

AL: //Não, não.// É.

TP: Uma outra questão que também deixou dúvida na gente é que o senhor comentou que o seu tio foi o primeiro motorneiro de Belo Horizonte.

AL: //É.//

TP: E o senhor nos falou o nome e não ficou muito claro. Eu queria que o senhor repetisse o nome.

AL: É Guerino Lorenzato.

TP: Guerino?

AL: É. Na Prefeitura tem o retrato dele mandando o bonde.

TP: Ah! Tem o retrato dele.

AL: //É.// Na Prefeitura tem.

TP: E ele era irmão do seu pai.

AL: Irmão do meu pai.

TP: Irmão mais velho.

AL: Não, mais novo. Meu pai era o mais velho. Oito irmãos e meu pai era o mais velho.

TP: E ainda uma outra dúvida: o senhor nos falou do casamento dos seus pais, que o senhor achava... e aí o senhor confundiu um pouquinho a data. Nós queríamos ver se o senhor lembra. O senhor falou, num primeiro momento, que foi em 1888 que eles teriam se casado.

AL: Não. Não [gaguejando bastante]. É 98.

TP: 98. Então tá. Então foi em 98.

AL: É.

TP: Agora, uma outra pergunta que nós queríamos fazer, é o seguinte: o senhor comentou conosco que o senhor morou em quatro lugares diferentes nos seus primeiros vinte anos em Belo Horizonte.

AL: //Sim.// É.

TP: Primeiro na colônia agrícola, depois no Pastinho, na rua Peçanha com seu avô, onde o senhor passou um bom tempo, não é?

AL: //É. Sim, sim.// E depois no Barro Preto.

TP: E depois no Barro Preto. Então, nós queremos voltar um pouquinho nesses lugares,

que para nós é importante saber do senhor, quais as grandes diferenças que o senhor vê de um lugar para outro desses que o senhor morou. O senhor descrever para a gente um pouco esses lugares.

AL: Bem... quando nós mudamos para o Pastinho, tinha só duas casas. A do meu pai e a do compadre dele, o Jura Luigi [Farim]. Só as duas casas. Uma na várzea, e uma lá em cima onde é hoje o campo de aviação. Lá no alto.

TP: Ah, é?

AL: É. Depois lá, mais longe, a cinco quilômetros de distância, a fazenda do Alípio. Era tudo ali.

TP: E, no mais, era um grande descampado.

AL: //É, sim.// Descampado. Era tudo plantação de cana da fazenda e tinha muito gado, então, para alimentar o gado, tinha plantação de cana, só. Ali era tudo um pasto. Um pasto. E a mata virgem lá em cima, onde é o Jardim Montanhês hoje. Ali era mata virgem e tinha até onça lá.

TP: É mesmo?

AL: É sim. Macaco então, nem se fala. De tarde todos os macacos aprontavam o maior show.

TP: É? [Riso]

AL: É. Uma beleza. E depois, no Barro Preto era uma favela. Tinha, no muito, no muito, cinquenta ou sessenta cafuas. É. Tudo italiano que morava lá, tudo italiano. E meu pai foi o primeiro que construiu uma casa na planta, na esquina da avenida Paraopeba com Ouro Preto.

TP: O senhor nos disse. Agora eu gostaria de saber... Nessas duas casas, tanto lá no Barreiro como no Pastinho, quais eram as condições das casas propriamente ditas. Tinha água de cisterna?

AL: Não, não. Água de cisterna...

TP: //Era cisterna.// Porque não tinha água encanada nesses lugares.

AL: /Não, não.// A privada era fora, no quintal.

TP: Do lado de fora.

AL: [Riso]. É.

TP: Não havia banheiro dentro de casa.

AL: //Não, não.// Nem assoalho. Era chão batido.

TP: Chão batido.

AL: É, sim.

TP: A situação já mudou quando o senhor veio para o Barreiro, não, para o Barro Preto. Mas antes, na passagem, na casa do seu avô na rua Peçanha, também já era um casa com melhores condições.

AL: Sim, sim. Ali já era uma casa de acordo. Tinha água, tinha esgoto, tinha tudo.

TP: Ah! Então, o bairro já tinha saneamento.

AL: //Ali já era cidade. Ali já era Carlos Prates, não é? Era bairro mais ou menos civilizado. [Risos].

TP: Comparando o Barreiro com o Carlos Prates, o que o senhor diria para nós? Quando o senhor mudou para o Barreiro, o senhor já tinha passado alguns anos ali na casa do seu avô, não é? O senhor acha que o Barreiro tinha condições piores que o Carlos Prates?

AL: Ah, naturalmente! Não tinha nada ali. Tinha só uma vendinha lá que vendia secos e molhados. O resto era tudo... tinha que vir na cidade comprar. Mercadoria mais sofisticada. Azeite de oliva, toucinho, banha, o açúcar, o café, o querosene para lamparina etc. E tudo tinha na cidade. Tinha que vir uma vez por semana, a cavalo, meu pai vinha. Aproveitava e trazia a verdura.

TP: Para o mercado.

AL: Para os restaurantes, para o mercado. Depois, com aquilo que ele apurava, comprava aquilo que necessitava e levava para o Barreiro. Uma vez por semana era aquilo.

TP: Isso para o Barreiro, não é?

AL: //É.//

TP: E no Barro Preto propriamente? No Barro Preto, quando o senhor falou que já tinha umas 40, 50 casas por ali - cafuas, não é?

AL: É.

TP: Mas o senhor nos disse que já havia também um comércio. Quando o seu pai construiu ali, já havia um comércio, não é?

AL: //Sim, já havia.// Já havia botequim e meu pai montou a primeira mercearia ali, foi a dele.

TP: Na esquina da rua Ouro Preto.

AL: //Na esquina ali da...// Depois ele arrendou a mercearia e abriu o bar com bilhar. [Riso]

TP: Isso o senhor nos contou. Essa mercearia do seu pai resolvia o problema do abastecimento do mais elementar.

AL: //Sim, sim. Era sim.//

TP: E o senhor comentou também que já havia padaria.

AL: //Padaria, sim. Havia a padaria do Bruschi. Bruschi.

TP: O senhor também nos disse que ali no Barro Preto foi que o senhor se ambientou mais com a meninada, porque já tinha mais vizinho, não é?

AL: //É sim.// Porque no Barreiro, quando eu nasci em 1900, fiquei ali até a idade de seis anos, eu não conheci nenhum garoto lá. Não tinha menino nenhum. De modo que os meus pais falavam italiano, e eu sabia também falar italiano. Comecei a aprender português quando fui para a rua Peçanha morar com meu avô e fui na escola. Então, comecei a conhecer outros garotos. Então comecei a ler e aprendi. E era um dos moleques mais levados, sabe? [Risos]

TP: Na escola.

AL: É.

WC: //Agora// o senhor falou uma coisa sobre o Barreiro. O senhor falou que seu pai plantava, tinha uma lavoura, e esses produtos, que ele produzia com essa lavoura, ele levava para o mercado ou para os hotéis.

AL: É.

WC: Ele vendia diretamente para o mercado? Ele tinha uma bancada onde ele expunha?

AL: Não, não.

WC: Ele vendia para alguém? Para algum vendedor?

AL: //É, vendia.// Primeiro, passava nos hotéis, tinha três hotéis e dois ou três restaurantes.

E passava, vendia a verdura melhor ali, não é?. Depois, o que lhe sobrava, ele ia no mercado - fora do mercado - e espalhava no chão, no passeio, e ali vinham os italianos e compravam o resto. Mas sobrava pouca coisa. Quando era meio-dia, uma hora, já estava encerrado o negócio e voltava para casa.

WC: E nessa região do Barreiro, todo mundo que morava lá, todas as pessoas, elas tinham também essas várzeas em que elas plantavam para abastecer a cidade?

AL: Não, não. Só meu pai e o compadre dele.

TP: E esse seu vizinho, o compadre.

AL: É. Só eles que plantavam.

WC: As outras pessoas...

AL: Não. Tinha plantação de café na fazenda. Café, sim, tinha.

TP: Bom, uma outra coisa que nós queríamos que o senhor falasse para a gente um pouquinho. O senhor comentou que no Barro Preto, o seu pai foi o primeiro a construir a casa ali e que os italianos que moravam ali eram, em sua maioria, operários.

AL: É sim. Todos operários.

TP: A gente gostaria de saber um pouquinho se o senhor se lembra, porque nessa época Belo Horizonte estava crescendo, continuavam construindo a cidade. E esses operários eles eram, em sua maioria, ligados ao setor da construção?

AL: É, construção, sim. Pedreiros.../

TP: Pedreiros, pintores...

AL: Carpinteiros e pintores.

TP: O senhor se lembra, senhor Lorenzato, como é que foi a chegada desses operários para se instalarem no Barro Preto? O senhor tem alguma recordação disso?

AL: Bem, a recordação que eu tenho é que quando chegavam esses imigrantes, as autoridades mandavam eles para lá, davam as dicas. Talvez até fornecessem material, mas isso eu não estou muito certo, para construir a cafua. E ali ficou um bairro fora da cidade porque a cidade chegava até na Imprensa. Da Imprensa para cá era tudo mato. Até na rua Araguari, ali começava o Barro Preto. Da rua Araguari até a avenida do Contorno era Barro Preto. Mas só da avenida para baixo até o Arrudas.. Da avenida para cima, tinha só o grupo, lá em cima. O resto era tudo mato.

TP: E os imigrantes, o senhor sabe se eles compravam o terreno da prefeitura ou eles ocupavam o terreno? O senhor tem idéia?

AL: //Bem, desse eu não tenho muita certeza, não. Mas eu acho que comprava porque meu pai comprou na mão de um patrício por poucos trocados, duzentos ou trezentos mil réis, um negócio assim. Então, eu não sei se ele ganhou o terreno ou se comprou. Só que ele vendeu para o meu pai.

TP: Uma outra coisa que nós também ficamos curiosos. A gente sabe que os italianos, de maneira geral, participaram muito ativamente dos movimentos daquele período.

AL: Sim. É.

TP: E a gente sabe que, no Brasil inteiro, por volta de 1917, 18, aconteceram muitas greves.

AL: Sim, sim.

TP: De operários. O senhor se lembra de alguma movimentação aqui?

AL: Me lembro, sim. Até o tio Dante participou. [Riso]. Pelas oito horas.

TP: Oito horas de trabalho?

AL: É sim. E ganharam a greve.

TP: Ah, é?

AL: //Então, dali que começou o horário de oito horas.

TP: Porque até então, as pessoas trabalhavam muito mais.

AL: Trabalhavam dez, doze horas. Não tinha lei... Enquanto tinha luz, trabalhava. Depois, quando escurecia, então deixava de trabalhar. Mas depois, com essas greves que fizeram, instalaram, fizeram a lei das oito horas.

TP: Ah! Então, foi uma conquista mesmo.

AL: Ah, sim!

TP: Das pessoas que pararam para garantir aqueles direitos.

Nós temos ainda uma outra dúvida, senhor Lorenzato. Quando o senhor comentou com a gente que o senhor começou a estudar na Casa de Itália, ela já existia desde o iníciozinho da cidade, não é?

AL: É sim.

TP: A Casa de Itália.

AL: É sim.

TP: E o senhor sabe, por ouvir falar, porque na época o senhor era muito menino, quem é que sustentava mesmo essa Casa de Itália? Era o governo italiano, eram os imigrantes que moravam aqui? O senhor tem idéia?

AL: Sim. Todos ajudavam, não é?. Então tinha o Maletta, dono do hotel, tinha o Felício Rocho, dono do hotel Avenida. Tinha o Falci, que tinha loja de ferragens, tinha o Donatti, que tinha fábrica de ladrilhos. [Riso] Eles é que ajudavam.

TP: Sei. Esses eram italianos que tinham dado certo. Que já tinham...

AL: Já estavam estabelecidos e tudo.

TP: //Melhoraram// de vida aqui. E os filhos dos imigrantes, de maneira geral, não pagavam escola na Casa de Itália.

AL: Não.

TP: //Seu// pai não pagou para o senhor estudar.

AL: Não.

WC: Os seus irmãos também estudaram lá?

AL: Não. Meu irmão já era mais novo e foi direto para o grupo.

WC: Lá do Barreiro. Do Barro Preto.

A.L. É sim.

TP: Falando em escola, a mudança do senhor da Casa de Itália para o grupo, quando vocês mudaram para o Barro Preto, o senhor foi para o grupo?

AL: É sim.

TP: O senhor sentiu muita diferença de uma escola para outra?

AL: Não.

TP: Não?

AL: Não.

TP: Mas sentia falta do italiano na sala de aula, ou não?

AL: //É// [Riso] Mas... não ligava para isso.

TP: Não, porque o italiano o senhor falava em casa com seus pais.

AL: Sim. Falava.

TP: E, às vezes, na rua, com os amigos? Ou não?

AL: Não, porque não tinha amigos...

TP: Italianos.

AL: Tinha, mas nascidos aqui no Brasil.

TP: Todos falavam português.

AL: É sim. De modo que eram mais velhos do que eu, não é?

TP: Uma outra coisa que a gente podia ver um pouquinho. O senhor estava no Brasil, junto com os seus pais na época que estourou a guerra lá na Europa, [//R//] a primeira guerra. E o senhor nos contou que o seu pai vivia sem saber do destino da sua avó, mãe dele. Mas o senhor se lembra de algum episódio, assim, de como foi que os

italianos em Belo Horizonte acompanharam a guerra? O senhor tem alguma lembrança disso?

AL: Bem, acompanhamos torcendo, não é?, torcendo para os aliados. É.

TP: Mas como se tinha notícias da guerra, naquela época?

AL: Ah! Os jornais, sim. Os jornais, com atraso, mas traziam as notícias.

TP: Dava para acompanhar.

AL: //Sim, dava.

TP: E os italianos faziam a maior torcida, então.

AL: É. [riso].

TP: Claro. Tinha um pedacinho do coração lá, não é? [Riso]

AL: É.

TP: Depois, em 1920, quando o seu pai decide ir para ajudar na recuperação da vila lá onde ele morava, a situação da guerra já estava, enfim, a guerra já tinha terminado, mas qual foi o sentimento com que o senhor, que aí já era um rapaz de vinte anos, não é? O que foi para o senhor ir para a Itália naquela época? O senhor imaginava encontrar o que na Itália?

AL: //Bem, a coisa mais importante é ver o mar, não é?

TP: Ah, sim?

AL: [Riso] Não conhecia o mar. Nem o trem não conhecia.

TP: Não?

AL: Até os vinte anos já conhecia o trem porque tinha ido a Santa Bárbara. Ida e volta. Mas, daqui para longe, no Rio de Janeiro, não.../

TP: //Nunca// o senhor tinha ido.

AL: Eu sei que nós saímos, embarcamos aqui na estação às 4 e 30 da tarde e chegamos no Rio de Janeiro às 7 da manhã. E depois, ver o mar, os navios, tudo aquilo.

TP: Era o que o senhor tinha mais vontade.

AL: //Ah, sim//.

TP: Ver o mar. E porque que o senhor tinha tanta vontade de ver o mar assim?

AL: //Porque// é uma coisa grandiosa. Coisa que não se vê em todo o lugar, não é?

TP: É verdade. Mas o senhor ouvia falar do mar? Eram os seus pais que lhe contavam alguma história...

AL: Não, não.

TP: //Ou o senhor lia nos livros//

AL: //Lia na Geografia. Na escola, lia-se. Que o Brasil está no oceano Atlântico, que o oceano Atlântico vai até na Europa e etc. Tudo isso se sabia pela História, pela Geografia. Mas foi isso que me deu grande sensação, não é?

WC: Então, o senhor queria ir para lá.

AL: Bem, eu sempre tive espírito de aventureiro, sabe?. Pelo menos quando se tratava, assim, de viajar, de ir para algum lugar que eu não conhecia, eu topava logo.

WC: Ah! Então, o senhor nem pensou ficar aqui.

AL: //Não, não//

WC: Mas, já tinha passado pela sua cabeça, antes, antes do seu pai resolver ir.

AL: //Não, não, não//

WC: Já tinha passado de viajar?

AL: //Não, não// Não, não sabia. Meu pai resolveu isso rapidamente. Em menos de um mês ele resolveu tudo.

WC: Mas o senhor, por conta própria, já tinha essa vontade de viajar?

AL: Bem, sim, mas a...

TP: Estava disposto a/

AL: Claro, a primeira viagem. Para mim foi uma sensação danada. Chegar de Belo Horizonte a Santa Bárbara! [risos]

TP: Agora uma outra coisa, senhor Lorenzato. Quais eram as lembranças que o seu pai e a

sua mãe, que eram italianos, transmitiam para o senhor e seus irmãos? Eles falavam muito na Itália? Os seus pais?

AL: Bem, meu pai falava do pai dele, dos irmãos. Mas, dos irmãos não tinha nenhum. Ficou um só lá. De oito irmãos ficou um só lá, que era oficial do correio. Os outros sete emigraram. Quatro vieram para o Brasil e três foram para os Estados Unidos. Inclusive, um morreu nos Estados Unidos. O mais novo na espanhola, morreu nos Estados Unidos. Ele também, se escreviam muito, muito, muito. De longe, e raramente, era o irmão que era empregado no correio que escrevia, não é? De vez em quando dava notícia. O resto não. Depois de 1910, ele resolveu visitar lá a família, os pais. O pai já tinha morrido. A mãe também tinha morrido durante a guerra. Não! Espera. A mãe estava viva porque a guerra foi em 15, não foi?

TP: Foi.

AL: A mãe estava viva e um irmão. Humberto.

TP: Então, em 1910, seu pai esteve na Itália?

AL: Esteve na Itália.

TP: //Sozinho?//

AL: Sozinho.

TP: A sua mãe não foi.

A.L. Não, não, não.

TP: Ficou com vocês. Ah! E o senhor se lembra por quanto tempo ele fez essa viagem? Quanto tempo ele ficou lá?

AL: Mais ou menos três meses. É sim.

TP: E o senhor, que era um menino de dez anos nessa época, o que o senhor/

AL: Eu estava com minha mãe na casa dos avós.

TP: Ah! O senhor ficou na casa dos avós. O senhor se lembra/

AL: //Foi quando meu pai voltou da Itália que comprou a cafua ali no Barro Preto.

TP: Resolveu ficar mais perto.

AL: Ele construiu a casa e mudamos para lá. Mas durante o tempo que ele esteve na Itália, nós moramos com os avós.

TP: Com os avós. Hã, hã. E nessa época, que o senhor era um menino de dez anos, o que o senhor sentiu quando o seu pai se despediu para ir à Itália? O senhor/

AL: Eu nem lembro.

TP: O senhor não lembra.

AL: Não.

TP: O senhor não teve vontade de ir junto?

AL: Não, não, não.

TP: Não passava pela sua cabeça ainda.

AL: Também, ele falava pouco, ele dava pouca satisfação. Ele resolveu sair, só decidia com minha mãe, não é? Com filhos não interessava saber nada disso.

TP: E quanto à sua mãe, senhor Lorenzato? Ela era de recordar muito a Itália, ela falava muito da Itália para o senhor, para os filhos?

AL: Não, porque todos os irmãos estavam aqui, o pai e a mãe e cinco irmãos estavam aqui, em Belo Horizonte, de modo que ela não pensava nada. Ela pensava só que era trabalhar numa fábrica de seda, e que tinha que acordar às quatro horas da manhã para ir trabalhar. E trabalhava/

TP: //Lá, não é?

AL: É, lá na Itália. Trabalhava até escurecer. Isso ela lembrava. [riso].

TP: Sei. Ela falava nisso, não é?. Então, na sua avaliação, senhor Lorenzato, tanto para o seu pai quanto para a sua mãe, as condições de vida melhoraram no Brasil, em relação ao que eles viveram na Itália.

AL: Ah, sim! Mas é claro! Sim.

TP: Sem dúvida.

AL: Sem dúvida. Então tinha muito trabalho, não é? Os empreiteiros precisavam de gente, pagavam bem. De modo que.../

TP: Apesar do senhor, desde menino ter aprendido o ofício de pedreiro, o senhor nos contou que aprendeu cedo a...

AL: Lidar com tinta.

TP: //A pintar,// lidar com tintas. O seu pai mesmo nunca tinha trabalhado com construção não, não é?

AL: Não. Ele trabalhou como carpinteiro na montagem dos andaimes.

TP: Ah! Isso o senhor nos contou.

AL: Lá no Palácio da Liberdade, não é? E ele trabalhou uns tempos...

TP: //Logo// que ele chegou, não é?

AL: //É//, sim. E depois ele foi mexer com horta.

TP: //Foi cuidar// da horta.

AL: É. Trabalhou.

TP: E nunca mais ele trabalhou com carpintaria.

AL: Não, não.

TP: Porque depois ele teve o armazém.

AL: Não, depois foi no comércio. Botequim, depois do botequim uma mercearia. Depois passou a mercearia para um amigo e abriu o bar. Bar alinhado até, onde se reuniam os italianos aos domingos para jogar, para ir ali. E ali começou, arranjou dinheiro e depois, em 1920, com a espanhola minha mãe adoeceu e esteve quase para morrer, não é? Então o médico falou "o clima aqui não dá certo para ela, não.". Então, ele resolveu voltar para lá.

TP: A espanhola em Belo Horizonte foi em 1920 mesmo? Ou foi um pouquinho antes?

AL: Em dezoito. Parece que dezoito ou dezenove. É.

TP: E o senhor se lembra como é que as pessoas reagiam à doença? Foi um pânico geral?

AL: //Ah!// Naturalmente! Pegou muita gente. Morreu muita gente.

TP: Conhecidos do senhor? Assim, da sua família?

AL: Bem, não. Que eu lembre de conhecidos, não. Mas morreu muita gente.

TP: Falava-se muito na doença.

AL: É. Um eu conheci. Era empreiteiro, a fábrica de tamancos. Ele morreu de espanhola.

TP: É mesmo? E a sua mãe chegou a ficar muito ruim [//R//] e ela ficou em casa ou foi para um hospital?

AL: Não, não. O hospital não arranjava mais vaga. [riso]

TP: Os hospitais estavam lotados.

AL: É. De modo que ela ficou em casa. Trataram ali em casa. Ela era bastante forte ainda, não é? E superou. Mas depois da espanhola ela ficou abatida, ficou com outros problemas, não é? Então resolveu voltar!

WC: O senhor falou sobre os hospitais. O senhor se lembra quais eram os hospitais que haviam em Belo Horizonte?

AL: A Santa Casa. A Santa Casa só que eu me lembro.

TP: É o primeiro hospital de Belo Horizonte. E a sua mãe foi tratada em casa mas o médico ia vê-la, ou seu pai chamava o médico?

AL: Não, não. Sarou porque tinha que sarar.

TP: Não havia muito o que fazer, não é?

AL: Não, não.

TP: Era repouso...

AL: É sim.

TP: E o senhor se assustou muito com a doença da sua mãe?

AL: Mas eu nem lembro.

TP: //O senhor// não lembra, não. O senhor era muito menino.

AL: Sei que ela estava mal e depois sarou. Quando nós olhamos... Nós não tivemos: eu, meu irmão, minha irmã, meu pai, não tivemos.

TP: Escaparam dela

AL: Escapamos dela.

TP: Ainda uma outra coisa que nós queríamos saber do senhor. O senhor já nos falou que a colônia italiana era praticamente concentrada no Barro Preto.

AL: É sim.

TP: A colônia costumava comemorar datas típicas da Itália? Datas de independência da Itália...

AL: //Não, não.//

TP: Não havia esse costume, não, senhor Lorenzato?

WC: Datas religiosas da própria Itália.

AL: //Não, não, não.//

WC: Nada?

AL: Não. Só o carnaval. Carnaval, então, fazia/

WC: Como?

TP: Carnaval.

AL: Carnaval. Então, carnaval era aquela brincadeira. Lata d'água em cima dos outros...
[riso] E limão de cheiro, não é? Enchia um balão com água de colônia e água potável.
E jogava um em cima do outro. Era aquela brincadeira.

WC: Vocês comemoravam entre si o carnaval?

AL: Ah, sim.

TP: Porque o carnaval é uma festa italiana também. Na Itália tem carnaval, não é?

AL: Tem. Mas eu não lembro. Não, mas não é como o daqui. Lá o carnaval já é de inverno, não é? Agora, tem em Veneza, mas em Roma também, mas nos teatros, baile para os graúdos, para os ricos. Para os pobres? Ah!

TP: //Fechado.//

AL: Já os pobres, não têm nada.

TP: Falar em clube, senhor Lorenzato, o senhor, quando já rapaz, o senhor freqüentava

aqui em Belo Horizonte alguns daqui dos clubes? Clube Violeta... O senhor se lembra desses clubes?

AL: Não.

TP: Não?

AL: Eu não me lembro.

TP: O senhor não freqüentava quando era rapazinho, antes de ir para a Itália.

AL: Não, não.

TP: O senhor comentou com a gente que o senhor gostava de ir ao cinema. Que o senhor ia ao cinema do Comércio, que se chamava.

AL: Do Comércio sim.

TP: E os passeios na cidade, de vez em quando o senhor ia ao Parque...

AL: Ia sim. Quando eu tinha necessidade de ver alguma coisa, não é?, ia na cidade. Depois, trabalhava ali, não é? Comecei a trabalhar na cidade, então tinha que ir todos os dias lá para a cidade.

TP: E nesses seus primeiros vinte anos de vida, o senhor estava crescendo junto com uma cidade que crescia, não é?

AL: //É sim.//

TP: O senhor se lembra se o senhor percebia isso? Era visível para os moradores que a cidade de Belo Horizonte estava crescendo?

AL: Via. Via. Lá onde é a rua Tamoios que quando começa aqui embaixo no Arrudas, ali era uma colina. Até desmancharam tudo, aterraram e fizeram a planície para poder subir com as ruas Tamoios, Carijós. Onde é a Mesbla hoje, ali era uma lagoa. Quando o rio transbordava, alagava e virava um brejo. Ah... depois, quando eu já estava longe. E quando eu voltei, agora em 49, é que eu vi a Mesbla. Então eu lembrei. Eu ia pescar ali! [risos]

TP: Senhor Lorenzato, você e seus amigos, quando eram rapazes, viam com bons olhos, o progresso era uma coisa que fazia bem para todo mundo?

AL: Ah! Certamente! Dava trabalho, não é?

TP: Não havia ninguém naquela época reclamando que a cidade estava crescendo?

AL: //Não, não.// Estava tudo em harmonia. [riso]

TP: Agora, o senhor comentou com a gente que quando o seu pai decidiu voltar para a Itália com a família foi um pouco pela doença da sua mãe e pela necessidade de ajudar lá na reconstrução, e o senhor comentou que havia uma crise aqui em Belo Horizonte. Que crise que/ O senhor falou para a gente essa palavra.

AL: //Sim, sim.// Foi um período na construção civil, [], eu não sei se foi por causa de uma greve ou o que foi, não lembro bem, teve uma crise, um negócio de um mês ou dois/

TP: Falta de trabalho?

AL: É. Depois começou outra vez a atividade. É.

TP: Então foi uma crise que passou rápido.

AL: Sim.

TP: Agora, uma outra coisa, senhor Lorenzato. Belo Horizonte, o senhor sabe, foi construída para ser a capital e os funcionários do Estado todos se transferiram para cá. E havia o bairro dos Funcionários. [//R//] Como é que os moradores do Barro Preto se relacionavam com os moradores do bairro dos Funcionários? Havia algum tipo de movimento de um bairro para o outro?

AL: Não, não, não, não.

TP: Não?

AL: Não. Eram operários que iam trabalhar na construção das casas lá e era só isso.

TP: Iam só para trabalhar e voltavam.

AL: Sim, voltavam.

TP: As outras atividades da sua vida eram todas ali no próprio bairro.

AL: //Bem, eu não sei// como é que os jovens, talvez, com as moças, não é?, eu não sei. Não tomava conhecimento.

TP: Não?

AL: [riso] O meu passatempo era trabalhar durante o dia, não é? Depois, de tarde jogar futebol, pelada.

TP: Era o que o senhor gostava mais.

AL: //Era sim.// [riso]

WC: Até os vinte anos, era isso o que o senhor fazia?

AL: É.

WC: Não chegou a dar nenhuma namoradinha, não?

AL: //Não, não//, não, não.

WC: O senhor não deu esse prazer para as moças?

AL: Não. [riso]

TP: Então, quando o senhor foi para a Itália, o senhor não deixou ninguém aqui esperando pelo senhor.

AL: Não, não deixei não.

TP: De fato, o senhor não namorava antes de ir para a Itália.

AL: //Não.//

TP: Bom, então acho que nós podemos chegar aqui. Tentar resumir isso o que o senhor já nos contou. Quer dizer, até a década de, até os anos 20, quando o senhor deixa Belo Horizonte, não é? Quais são as impressões mais marcantes que a cidade, assim, o senhor indo para a Itália, o que o senhor se lembrava mais de Belo Horizonte?

AL: Lembrava a mata, eu era caçador. Eu também ia com um amigo, filho de uma escrava, ele sabia fazer armadilha para pegar passarinho, não é?, então tinha muita caça ali e bодоques e ia caçar ali, na fazenda do Fonseca. Ficava por lá o dia todo. Aos domingos ficava por lá.

WC: Onde era a fazenda dos Fonseca?

AL: Era lá em cima, no Padre Eustáquio. Ali era a fazenda do Fonseca.

WC: Onde mais o senhor ia caçar?

AL: Heim?

WC: Onde mais o senhor ia caçar?

AL: Era ali na fazenda do Fonseca, em Contagem. Por ali assim, ia caçar.

TP: Então é/

[FINAL DO LADO A DA FITA 02]

Fita 2 - Lado B

TP: Quer dizer, que o senhor, enquanto na Itália, quando o senhor lembrava de Belo Horizonte, o senhor lembrava das caçadas.

AL: Das caçadas [gaguejos] e do futebol, da pelada.

TP: É? Mas na Itália o senhor jogava pelada também?

AL: Jogava também.//

TP: Continuava.

AL: Joguei lá também.

WC: O senhor jogava pelada naquele campo que vocês aterraram lá no Barreiro?

AL: Ah, sim!

WC: //Barro Preto, aliás.//

AL: É... Barro Preto. [risos]

WC: E o senhor falou agora há pouco, que vocês costumavam também pescar. Não é?

AL: Tinha pesca também. De vez em quando a gente ia pescar.

WC: Onde vocês pescavam?

AL: Lá no Arrudas. Ali mesmo. Arrudas, então, não era poluído. A gente tomava banho no Arrudas, [T.P: R] e pescava por ali.

TP: E pescava mesmo? Achava peixe?

AL: //Pescava//. A gente achava.

TP: É? Levava para casa para o almoço?

AL: Traíra e bagre. Bem... eu nunca pesquei mas o meu irmão pescou uma traíra assim, ó, desse comprimento.

TP: Grande.

AL: Com um anzolzinho de/

WC: Uns quarenta centímetros.

AL: É. E ele foi e largou o peixe aí, ficou assustado. [risos] Era aquilo.

WC: Nesse tipo de atividade as mulheres costumavam também participar?

AL: Não, não.

WC: //Ou eram só os homens?//

AL: Bem... as mulheres costumavam, de tarde, fazer o footing pela avenida, passear. E então vinham os rapazes de fora da cidade. Tinha moças bonitas, todas descendentes de italianos, e vinha de fora da cidade namorar as moças do Barro Preto. Não é? Era aquilo.

TP: E, a sua irmã participava do footing ou/

AL: Não, não. Ela era menina.

TP: Ela era menina ainda, não é?

AL: Ela tinha doze anos na época.

TP: Ela era seis anos mais nova que o senhor, não é?

AL: É sim.

TP: Então eu acho que com relação a esses primeiros vinte anos da sua história, a gente já viu o mais importante. Se o senhor se lembrar de alguma coisa, depois o senhor vai nos dizer. Mas nós podíamos conversar um pouquinho agora sobre a sua viagem para a Itália. O senhor nos disse que o seu pai resolveu tudo em menos de um mês, chegou e participou para a família. Não é?

AL: //É.//

TP: Que estavam indo para a Itália. E aí, como é que foi a viagem mesmo, senhor Lorenzato?

AL: //Doze dias.// Foi boa, não tivemos nenhum problema durante a viagem.

TP: Saíram de Belo Horizonte para o Rio.

AL: É. Para o Rio.

TP: De trem.

AL: //De trem.//. Ficamos lá no mesmo dia. De manhã chegamos, de tarde, às 4 horas embarcamos. E fomos embora.

WC: Seu pai já tinha providenciado passaporte, as passagens, os documentos.

AL: //Tudo, tudo.// Naquele tempo não tinha muito burocracia, não, sabe?. Em poucos dias, ele arranhou tudo.

WC: Era fácil sair do Brasil, não é?

AL: Sim, sim. Era. Era fácil chegar e sair.

TP: E deixa eu fazer uma pergunta para o senhor que eu ainda não fiz. O seu pai, ele tinha se naturalizado brasileiro?

AL: Não, não.

TP: Continuava cidadão italiano.

AL: Cidadão italiano.

TP: Sua mãe também?

AL: Também.

TP: Agora, os filhos eram brasileiros.

AL: Não.

TP: O senhor e os seus/

AL: Ah, bem! nós...

TP: Nascidos no Brasil, não é?

AL: É. Agora mesmo, eu sou cidadão de duas nações. Cidadão brasileiro e cidadão italiano.

TP: Italiano também. [risos]. Hoje é bom, não é? [riso]

Mas o senhor se lembra o nome do navio em que vocês foram para a Itália?

AL: //É...// Princesa Iolanda. Não! Princesa Mafalda.

TP: Princesa Mafalda.

AL: É. Princesa Mafalda.

TP: E foi a primeira vez que o senhor viu um navio ao vivo.

AL: //É sim. Primeira vez.//

TP: E como é que foi isso? Conta para nós.

AL: Primeiro, no navio tinha muita gente. Estava lotado, não é?

TP: Era um navio muito grande?

AL: Sim, sim. Era muito. Navio a carvão, não é?. E ali, andei no navio para baixo e para cima.

TP: O navio era de que país, o senhor lembra?

AL: Do Loyde italiano. E fomos direto do Rio de Janeiro até Gibraltar. Em Gibraltar ele parou para carregar carvão e depois chegamos em Gênova.

TP: E como é que foi a viagem propriamente dita? Quais eram as condições do navio? Quem viajava junto com a família?

AL: //Péssimas, as condições/ // do navio eram péssimas. Tinha até percevejo. Ô... Sujo, um navio antigo, sabe? Mas a gente... Durante o dia ficava por fora e de noite a gente dormia e não via nada.

TP: Mas vocês dormiam a família toda junta num único aposento?

AL: //Não, não, não, não, não.//

TP: Não. Eram distribuídos.

AL: //É.// A mãe e a filha num camarote. Meu pai num outro e nós no camarote geral.

WC: Ah! Era um amplo dormitório?

AL: É sim. Todo o comprimento do navio era dormitório.

TP: E era sempre separado, homens de mulheres. Não havia camarotes para as famílias.

AL: É. Separado.

TP: E as condições de alimentação no navio? Como é que era? O senhor lembra?

AL: Sim.

TP: Serviam duas refeições?

AL: Sim. O café da manhã, café com leite de manhã, depois o almoço - arroz, feijão, macarrão e não sei lá se tinha carne. Um bife. E depois, de noite, de tarde, a janta.

TP: E o senhor resistiu bem à viagem, assim...

AL: Sim, sim. Não tive problema, não.

TP: Não teve problema de...

AL: Não. Passei bem.

TP: Passou bem a viagem toda. Foram então, no total, 12 dias.

AL: É. Doze dias.

TP: E aí, no décimo segundo dia/ Em Gibraltar o senhor desceu do navio?

AL: Não, não.

TP: O navio foi recarregado...

AL: Ele ficou só 4 horas parado em Gibraltar para carregar carvão.

WC: O senhor tem dimensão de quantas pessoas estavam indo para a Itália nesse navio? O senhor tem uma idéia?

AL: Bem, eu sei que tinha muita gente mas eu não faço idéia quantas eram. Um trezentas pessoas tinha.

TP: E eram brasileiros ou italianos a maioria?

AL: //Não, tinha// brasileiros, tinha argentinos. E de outras repúblicas, indo para...

WC: Aqui da América Latina.

AL: É sim. Iam passear. Para passear ou repatriados.

WC: Durante a viagem o senhor chegou a conversar com essas pessoas?

AL: Não, não, não.

WC: Não houve oportunidade?

AL: Não. Não deu para... Só com meu irmão, minha irmã, não é?. Pai, mãe...

TP: //O senhor// era um jovem calado, senhor Lorenzato?

AL: Heim?

TP: O senhor era um jovem calado?

AL: É, não era muito de conversar. [risos]

TP: E escuta: uma coisa que o senhor não nos contou. O senhor lembra da data exata dessa viagem? O mês em que vocês foram?

AL: Bem, nós chegamos na Itália em setembro. Nós saímos daqui em agosto.

TP: Agosto de 1920.

AL: É. Chegamos em 5 ou 4 de setembro, em Gênova. Desconta doze dias de viagem ali. Foi em mais ou menos 20 de agosto. Mais ou menos.

TP: E chegando em Gênova, como é que foi? A partir daí o que é que vocês fizeram?

AL: //Outra sensação// ver as plantas diferentes, não é? A castanheira, os pessegueiros e uma mangueira. É esse caqui.

TP: //Caqui// Ah é?!

AL: É. Caqui. Muito caqui.

TP: Árvores que o senhor não conhecia.

AL: Não conhecia.

TP: //Não conhecia// aqui em Belo Horizonte.

AL: Não conhecia.

TP: E vocês ficaram em Gênova uns dias ou seguiram viagem logo?

AL: É. Chegamos, ficamos uma noite em Gênova. No dia seguinte, viajamos para o norte da Itália, para Vicenza.

TP: Aí foram então direto para a terra do seu pai. [/R/]. Não passaram pela aldeia da sua mãe?

AL: Não, não. Eu fui com minha mãe depois. Dois anos depois que nós já estávamos na Itália. Fui com minha mãe para ver um irmão. Tinha só um irmão na Itália. O resto estava aqui.

TP: //Ela tinha só um irmão.// Ah.

E, senhor Lorenzato, como é que foi quando vocês chegaram à Vicenza? Como é que foi para vocês se estabelecerem? Vocês ficaram na casa de um parente ou em um hotel?

AL: //Não. Em Vicenza ficamos só poucas horas. Almoçamos e depois fomos para Schio.

TP: Como é o nome?

AL: Schio.

TP: Schio.

AL: Schio. Uma cidade industrial tinha uma fábrica de casemira. E ali já ficava perto de Aciero. Ali nós nos hospedamos numa pensão. E meu pai foi para Aciero, que ficava a 25 quilômetros de distância, arranjar casa lá para morarmos. Ele tinha lá uma sobrinha, uma prima que tinha uma casa grande e lá ela nos alugou cozinha e dois quartos. Então embarcamos no dia seguinte/ dois dias depois.

TP: De trem?

AL: De trem. É. Maria Fumaça, então. [risos]. E ficamos lá. Moramos ali algum tempo. Teve de comprar tudo, não é? Cama, móveis, etc. E ficamos ali dois anos. Depois meu pai comprou um sítio na cidade de Vicenza, que ficava a trinta e cinco quilômetros de distância. Comprou uma casa e então mudou para ali. E eu fiquei lá trabalhando. Porque lá tinha muito serviço, muito trabalho porque na reconstituição da cidade que tinha sido bombardeada. Trabalhei lá um ano e depois eu vim para casa. Para Vicenza.

TP: E o senhor trabalhou nesse meio tempo com construção mesmo.

AL: Sempre. Como pintor de parede.

TP: Como pintor, que era o que o senhor gostava. Que o senhor tinha aprendido a fazer. Hum-hum. E aí o senhor ficou um ano e voltou para Vicenza.

AL: Para Vicenza. Ali eu trabalhei dois anos com uma firma de Vicenza. Depois, em 1926, fui para Roma.

TP: Procurar trabalho? O senhor foi para Roma/

AL: Eu sabia que tinha trabalho.

TP: Mas o senhor queria se aventurar um pouco.

AL: É, sim. Mudar de ambiente. E ali conheci o holandês. E ali então planejamos essa viagem e saímos por aí afora de bicicleta.

WC: O senhor conheceu o holandês em Roma?

AL: Em Roma. E ali fomos direto até passando por Florenza, Veneza, Trieste e Villach na Áustria, Klagenfurt, Glaz, Viena, e ali para baixo até Budapeste e depois Bucareste e depois Praga e depois... qual é a capital da Bulgária?

TP: É Sofia.

AL: Sofia. E Constantinopla.

TP: Agora, conta melhor isso para a gente porque está muito rápido desse jeito que o senhor está contando. Conheceu o holandês e partiu para o mundo. O senhor conheceu o holandês, ele já estava fazendo o giro dele, não é?

AL: //Ele já// vinha de longe. Já vinha da Holanda, tinha passado por toda a França, tinha trabalhado dois anos na França, falava o francês bem, depois desceu para a Itália e desceu pelo sul da Itália, esteve na Sicília, e depois voltou para Roma e ali em Roma então parou para trabalhar. Arranjou um bom trabalho numa firma, e ali nos conhecemos.

TP: Como o senhor o conheceu? Na rua, alguém apresentou? O senhor se lembra?

AL: //Na trattoria do restaurante onde a gente ia almoçar, não é? Calhou que ele era pintor também mas trabalhava com outra empresa. [C] E eu trabalhava com outra, não é? Nós íamos almoçar ali no restaurante e ali calhou que ele sentou na mesa onde eu estava, junto com os outros, e eu vi esse sujeito já com o cabelo comprido, começamos a conversar, então tê-tê-tê-tê. Dali, depois, quando acabou o expediente do trabalho, nos encontramos e viemos juntos conversando. E ali começamos a planejar esse negócio.

Ele morava num hotelzinho de terceira categoria e eu morava num quarto alugado, mas o quarto tinha espaço. Conversei com o moço do quarto, do apartamento, se podia arranjar uma cama. E arranjou a cama, então ele veio para morar comigo.

TP: // Ah!, então, ele foi morar com o senhor!

AL: É. E moramos junto.

TP: Quer dizer que foi simpatia à primeira vista.

AL: É. Sim, é.

TP: E o senhor quando pensou em viver essa aventura com esse amigo, esse novo amigo, o senhor teve algum receio, por exemplo, do que a sua família iria achar...

AL: //Não, não, não, não.// Não.

TP: Não?

AL: Não. Deixamos a água correr. Fizemos negócio e saímos dali para frente sem pensar em nada.

TP: O senhor correu todo o risco sozinho, não é?

AL: //Sim, sim//, sim.

WC: Mas qual foi a reação da sua família diante disso?

AL: //Heim?//

WC: Qual foi a reação da sua família diante disso?

AL: A minha mãe já estava preparada porque eu passei primeiro, passei por [Montevarc], onde a minha tia tinha restaurante, não é? Minha tia quase desmaiou quando me viu chegar. [risos] Ela falou - já era de tarde, não é? - e já tinha servido o almoço, já tinha arrumado a cozinha e tudo. Ela viu a gente, esses dois sujeitos chegarem ali, "agora chegam esses ciganos e eu tenho que fazer almoço para eles". [risos] Quando eu falei "tia", ela quase desmaiou. [risos]. Estava barbudo, cabeludo, mal vestido, com aquele negócio lá fora. Então escrevi à minha mãe pedindo que ela não se assustasse porque as condições eram extremas, não é? Numa tarde cheguei lá em casa/

TP: O senhor passou em casa. Subindo o senhor passou em casa.

AL: A minha mãe já estava preparada. [Riso]

TP: A sua mãe, não deu bronca? Não questionou a sua decisão.

AL: Não, não, não. [riso]

TP: Mas, a essas alturas, me conta uma coisa: o senhor já era completamente independente dos pais. O senhor dava conta de sua despesa, não é?

AL: //Sim, sim, sim, sim.//

TP: O senhor vivia do seu trabalho...

AL: //É sim, sim, sim.//

TP: Não dava mais despesas em casa.

AL: Não.

TP: E o seu pai? Como reagiu à sua decisão?

AL: Ele também gostava disso. Ele também era aventureiro, não é?

TP: Ah, é?!

AL: Ele também tinha feito as façanhas dele durante solteiro... De modo que achou bom. Ele me comparou a um Dom Quixote. "Você é um Dom Quixote". [risos]

TP: Então, não criou nenhum empecilho para o senhor. E os irmãos?

AL: Os irmãos também.

TP: Acharam que tinham um irmão muito audacioso.

AL: Ah, sim! A ovelha negra da família. [risos]

TP: E me diga uma coisa. Até essa data o senhor não tinha conhecido ainda a sua futura esposa.

AL: Não, não.

TP: O senhor a conheceu depois.

AL: É. Em 35 eu a conheci. Depois de Constantinopla, eu voltei para a Itália, para Vicenza e de Vicenza eu fui trabalhar em Bruxelas, trabalhei um ano na Bélgica, depois de

Bruxelas eu fui para Paris...

TP: Isso em 1930.

AL: É. 30-31. Depois eu trabalhei um ano em Paris. Depois voltei para casa porque meu pai estava doente. Assisti à morte de meu pai.

TP: Em que ano ele morreu, senhor Lorenzato?

AL: Em 31. E ali, então, minha mãe falou: "Chega de viajar, menino". Pois já tinha ficado um ano lá em cima, em [Aciero]. Dois anos em Roma, mais de um ano trabalhando, um ano em Bruxelas, um ano em Paris.

TP: //Já estava bom, não é?// [riso]

AL: "Agora chega! [risos] Agora você tem que pensar aqui que você é o mais velho, tem que cuidar dos negócios do seu pai, você é o responsável". Então, está bem.

WC: Em que ano o senhor conheceu o holandês?

TP: Em 28.

AL: //Em// 28. 26... 27. Porque nós ficamos mais de um ano e tanto amigos,, trabalhando numa empresa e de noite trabalhando na construção desse negócio, sabe.

TP: Ah! Então, vocês ficaram um ano e tanto planejando a viagem.

AL: //É sim. É sim. Sim, sim.//

TP: Quer dizer que esse negócio que o senhor chama, que vocês construíram, vocês construíram juntos. Ele não tinha isso ainda, na descida dele pela Europa.

AL: //Não.// Ele tinha uma bicicleta. A bicicleta ele tinha.

TP: Ele tinha chegado em Roma só com a bicicleta.

AL: É.

TP: Então, o senhor teve participação nessa idéia, nessa "geringonça".

AL: É sim, sim. É. Os planos, os desenhos, calculamos tudo e começamos a comprar o material, e de noite a gente ficava no quarto trabalhando...

TP: No próprio quarto em que vocês moravam vocês foram construindo o...

AL: Ali, a casa era de uma velha que tinha uma filha solteira. - mas eu nunca vi a velha, só vi a filha ; combinava de pagar o aluguel, isso tudo. O resto era... tinha liberdade. Lá não morava ninguém. Éramos só nós que morávamos ali, não é?. O quarto ficava lá nos fundos. De modo que a gente/

TP: Em que lugar de Roma o senhor morou nesse um ano e pouco? Era um lugar mais afastado, da cidade?

AL: //Perto do Castelo Santângelo//. Do passeio enxergava o castelo de Santângelo lá, a ponte que atravessa o Tibre e lá tem o castelo de Santângelo.

TP: //É mesmo?!//

AL: À esquerda, São Pedro, é zona central.

TP: Morava bem, heim? [riso]

AL: É sim. [risos]. Mais para lá, à direita, tinha a Praça Madona.

TP: Que beleza!

WC: Agora, como que é mesmo o nome que vocês deram para essa geringonça? [riso]
Aquele compartimento que vocês acoplaram à bicicleta?

AL: Reboque!

WC: Reboque. Vocês chamavam simplesmente de reboque.

AL: //Reboque//

WC: O que vocês levavam dentro do reboque?

AL: As poucas roupas que tínhamos e material para trabalhar, a caixa de tintas. Só isso. E nada mais.

WC: Então vocês iam trabalhando durante a viagem para conseguir dinheiro para prosseguir-la.

AL: //Sim, sim// É. Nós conseguíamos dinheiro pintando cartõezinhos, não é?

WC: Ah! Também?!

AL: Ah, sim. Cartõezinhos A gente pintava. Fazia uma bobagem qualquer, sabe? Uma

árvore, uma estradinha, outra vez uma casinha, coisa rápida, sabe? À guache, tinta água. E depois, nas praças, a gente oferecia, não é?

TP: Ele também era pintor, então.

AL: Sim. Ele era pintor e caricaturista.

TP: Caricaturista?

AL: É. Ele fazia caricatura também.

TP: E vocês, onde paravam, vendiam aquilo nas praças públicas.

AL: //Sim, sim, sim. É.// Dávamos esses cartõezinhos aqui, escrito na língua do país.

[a entrevista é interrompida pois o depoente se levanta e começa a procurar o material que guardou de lembrança, a fim de mostrá-lo às entrevistadoras.] E, depois, o restaurante dava comida. Dava até cama para dormir. Os restaurantes, os hotéis davam. Mas nós nunca []. Dormimos sempre aí dentro. [aponta para a "geringonça" em uma foto]. Aqui.

WC: //Dentro do compartimento//, não é?

AL: Aqui está armado para dormir em Sofia, escrito em Búlgaro.

WC: Nesse cartão que o senhor está mostrando para nós.

Esses hotéis, o senhor falou que eles ofereciam comida, cama para vocês dormirem... Mas em troca de alguma coisa? De trabalho?

AL: //Não. Para chamar// freguês. A/

TP: Porque vocês ficaram famosos, não é?

AL: [riso]. Quando a gente chegava num lugar, numa aldeia, numa cidadezinha qualquer...

WC: //Atraía as pessoas///

AL: É sim. Vinham nos procurar para levar para o restaurante. E, aí, o grupo amontoava, não é?

TP: Porque os jornais dos lugares onde vocês passavam davam notícia, não é?, da sua viagem.

AL: //Davam notícia. É sim.// Essas fotografias também foram feitas num jornal romeno.

TP: Mas, me diga uma coisa, senhor Lorenzato: quando vocês, lá de Roma, planejaram a viagem, vocês tiveram essa idéia de criar um fato assim...

AL: Não!

TP: Além da aventura da viagem, vocês pretenderam também criar um fato...

AL: Não, não!

TP: Ficar famosos...

AL: //Para conhecer. Conhecer lugares, não é?

TP: Mas esses cartõezinhos - eu estou vendo aqui esse cartão que o senhor está nos mostrando, foram vocês que bolaram, não é?

AL: É sim.

TP: Está aqui. "Viagem de Estudo através da Europa". E vocês vendiam esses cartões.

AL: A gente oferecia ao público que vinha, não é? É isso aí. Estudos.

TP: Onde vocês paravam juntava gente.

AL: //Ah, é!// Juntava gente.

TP: Curiosos.

AL: É, curiosos. Então, a gente distribuía essas cartolinas, não é?. E cada um dava aquilo que podia.

TP: E as pessoas ajudavam com o que podiam.

AL: //Ajudavam para pagar. A gente tinha pouca despesa, não é?

TP: E essas pessoas que tinham curiosidade pela experiência que vocês estavam vivendo, pediam que vocês relatassem...

AL: //Sim, sim.// Ah! Tinha que conversar.

TP: É?! Contar caso...

AL: Sim. Então, o holandês falava francês, holandês e alemão. Nos Balcãs quase todos

falam o francês e o alemão, e o esperanto. Até tinham aprendido a falar esperanto.

TP: Ah, é?!

AL: É! A gente se entendia com o esperanto. Em cada aldeia, na Bulgária por exemplo, cada pequena aldeia tinha o círculo esperantista. Os esperantistas vinham nos procurar e se faziam de cicerones; nos levavam nos lugares interessantes para ver, nos restaurantes, arranjavam tudo. Tudo, uma grande mamata, sabe?

TP: Ah! Muito bem! [risos]

WC: O senhor não falou para nós até agora como que era o nome do holandês.

AL: Era Cornelius [Keisman].

WC: [Keisman]?

AL: [Keisman].

TP: E o senhor, nesse contato com seu amigo, com o holandês, nessa viagem que durou praticamente dois anos, o senhor aprendeu alguma outra língua?

AL: Um ano e dois meses.

TP: Um ano e dois meses. O senhor aprendeu alguma outra língua com ele? Porque o senhor falava bem o italiano e o português, não é?

AL: Isso. Não...

TP: Alguma coisa.

AL: Não. O alemão, alguma coisa. Pouca coisa. O húngaro, então, era todo diferente. O búlgaro, então, nem se fala! Até o alfabeto deles é diferente. É eslavo. Mas encontrava gente que falava italiano e que falava francês, que falava alemão, que falava inglês, não é?

TP: Em todos os lugares em que o senhor passava vocês não tiveram dificuldade de se comunicar.

AL: Não, não. Encontrava sempre gente.

TP: Agora, me diga uma coisa: viajando um ano e seis meses, nessas condições, o senhor... o senhor enfrentou muita dificuldade nessa viagem.

AL: //Bem...// dificuldade sim, mas era divertimento enfrentar as dificuldades. [riso]

TP: Faz muito frio. O senhor passou o inverno viajando...

AL: Passei inverno, sim. Mas a gente...

TP: E mesmo no inverno dava para dormir aqui dentro?

AL: Dava!

TP: Dava?

AL: Dava.

TP: Estava protegido aí.

AL: Ah foi... num desses invernos, nós saímos de uma aldeia, na Bulgária, e tínhamos que subir um monte da cota, 1200 metros. Eram 20, 15 quilômetros de subida. E começou a nevar. A estrada estava escorregadia. E foi uma dificuldade. Tinha que um puxar e outro empurrar. Depois, voltava para trás para buscar o outro e puxar. E levamos quase um dia inteiro para chegar lá em cima.

TP: //Para subir os 1.200 metros//.

AL: É, porque, senão ficava [], não é? E a gente não queria armar o acampamento porque estava escuro e estava nevando. E tiramos só as botinas. O resto do corpo ficou vestido como estava. E pusemos as botinas em cima, numa... numa tabuinha que fica por cima. Aqui [identifica o lugar na foto] Enfiámos as botinas ali dentro, botina militar, e quando foi de manhã não teve jeito de calçar as botinas. Estavam um bloco de gelo.

WC: //Congeladas//

AL: Geladas. Cobertas de neve... Tudo neve. Nele todo. Não tivemos jeito de arranjar nada para acender o fogo. Tivemos que descer a pé e descalços, [riso] até numa aldeia. Quando chegamos na aldeia, tinha um café aberto. Entramos nesse café, nessas condições, não é? Uma moça que estava tomando conta do café ficou assustada. Ficou assustada e saiu na porta e chamou gente para vir ver porque pensou que fôssemos assaltantes, assassinos, não é? Mas quando explicamos a coisa, então ela preparou um chá, preparou a broa, e nos deu café com leite e broa e tudo e coisa. Depois, então, então, trouxemos as botinas na beirada do fogo, não é?, para degelar. Quando degelou,

calçamos as botinas e fomos para frente. E fomos parar em Sofia.

TP: E seguiram viagem.

TP: E nisso, o senhor já tinha aí os seus 28 anos, 29.

AL: //Sim, sim.//

TP: Quando o senhor fez essa viagem.

AL: 28. É.

TP: Que o senhor começou.

E até então, o senhor não tinha se amarrado em ninguém. O senhor era um homem dono do seu próprio nariz.

AL: //É sim//.

TP: Não tinha deixado namorada para trás nem noiva.

AL: //Não, não, não, não.//

TP: Nessa viagem como é que foi? Dava para arrumar namorada durante a viagem?

AL: Dava. Dava. [risos]

WC: Aí o senhor se tornou namorado. [risos]

AL: Mas não dava tempo, não é? Ficava parado duas ou três horas num lugar, depois ia para frente. Passava a noite aí dentro; depois, de manhã, a gente ó [bate uma mão contra a outra para mostrar pressa].

WC: A concha, não é?

AL: É... A gente saía para frente, não é? Não dava tempo, não.

TP: Os namoros tinham que ser muito rápidos.

AL: É, tinha que ser. Só em Budapeste, encontramos uma condessa que queria vir com a gente. "Mas não é possível!"

TP: É mesmo!

AL: É.

TP: Uma condessa?

AL: É.

TP: E que queria viajar com o senhor.

AL: Uma bonita morena. Mas não é possível. A gente não podia perder tempo para isso.
[risos]

WC: Ah! por que vocês acharam que era perder tempo?

AL: Uai! Onde é que eu ia pôr a moça aí dentro. [risos]

WC: Ah! Mandava ela arrumar uma bicicleta para ela também, uai!

AL: //Assim é?!// [risos] Onde é que ela ia dormir? [risos] Ela tinha carro, nos acompanhou até na fronteira. Depois voltou para trás.

TP: E o senhor, nesse meio tempo, o senhor não teve nenhum problema de saúde...

AL: Não.

TP: Resistiu bem ao frio e ao calor na viagem? Nem seu amigo também não teve nenhum problema?

AL: Nenhum problema.

TP: E o senhor costumava dar notícias para a sua família por cartas? Por onde o senhor passava?

AL: //Sim, sim.// Em todas as capitais, eu encontrava carta, porque eu dava o endereço... Escrevia de Viena, não é? Escrevia "a próxima parada vai ser em Budapeste". Então, eles escreviam para o consulado em Budapeste. Aí encontrava a carta. E de lá eu respondia "a próxima parada é Bucareste". [risos]

TP: Ah! Então, me conta uma coisa: essa viagem foi muito bem planejada mesmo.

AL: Ah, foi/

TP: Vocês não faziam assim, de pegar a bicicleta e tomar um rumo diferente não, não é?

AL: //Não, não//, isso não.

TP: Foi tudo estudado. E o senhor tinha guias, mapas da Europa.

AL: //Tinha, mapas, tudo.//

TP: E aí vocês calculavam.

AL: Ah, sim! Calculávamos a distância que daqui lá vai ser 100 quilômetros, por exemplo. Quer dizer que dava para chegar lá de dia. Onde era mais longe, então a gente tinha que sair mais cedo ou saía e ficava []. Quando, então, escurecia, "onde é que estava? Estava longe de aldeia?" Então, armava o acampamento ali, na beirada da rodovia e dormia ali e de manhã cedo, quando clareava o dia, a gente saía e desmanchava o acampamento e saía para frente. E chegava na aldeia... Ah, mas a Europa é muito habitada. Não tinha distância como aqui. Cem, duzentos quilômetros de um lugar a outro. É tudo habitado. E tem as fazendas, pequenas aldeias, para todo lugar, tudo a gente achava, restaurante, botequins, não tinha problema.

WC: Em princípio, qual que era o projeto de vocês? Que lugares vocês pretendiam conhecer?

AL: Bem, o projeto era de ir para frente. Passar depois por Constantinopla. [barulho de cães latindo] de Constantinopla entrar na Turquia, atravessar a Turquia, chegar no Iraque, atravessar o Iraque, chegar no Irã, entrar no Irã, ir na Índia. Por aí afora. [barulho dos cães] Até que as pernas agüentassem a gente ia.

WC: Ah! O objetivo de vocês era justamente ir para o Oriente.

AL: Era. Era ficar por lá. [riso]

TP: Mas aí, foram barrados em Constantinopla.

AL: //É sim.// A burocracia nos barrou. Em Constantinopla.

TP: //E// qual que foi a dificuldade, senhor Lorenzato?

AL: Passaporte. Eu não tinha passaporte para a Rússia. Porque a Rússia não tinha relações com a Itália fascista.

TP: É. Isso já era em 28, não é?

AL: É. Com a Turquia também não tinha relações diplomáticas. Passaporte só para Europa. O holandês tinha passaporte para o mundo inteiro. Ele podia viajar porque país dele era o país importante, não é?

FINAL DO LADO B DA FITA 02

A

Arrudas., 7, 23

B

Barreiro, 1, 4, 5, 6, 9, 23

Barro Preto, 3, 4, 5, 7, 9, 14, 17, 20, 23, 24

Belo Horizonte, 2, 7, 10, 12, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21,
23, 24, 29

Bulgária, 30, 38, 39

C

Carlos Prates, 4

Casa d'Itália., 9

G

guerra., 11

N

navio, 26, 27

P

Pastinho, 2, 3, 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADORAS: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
WALQUÍRIA DA COSTA CAMPOS
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA: 30 DE ABRIL DE 1991-

Fita 03 - LADO A

WC: 30 de abril de 1991, 3^a entrevista com o Sr. Amadeo Lorenzato.

TP: Senhor Lorenzato, na semana passada, nós terminamos a entrevista, o senhor estava contando para a gente o final da sua viagem pela Europa.

AL: É//

TP: Então nós vamos falar um pouquinho ainda dessa viagem. Por que tem algumas coisas que nos interessam. O senhor comentou conosco que o senhor passou por Florença, Veneza, Trieste, pela Áustria, Budapeste.

AL: É//

TP: Bucareste, Praga,///...

AL: // (riso)

TP: Sofia e Constantinopla. Não é? A gente queria que o senhor deixasse para a gente registrado, desses lugares que o senhor viu, e o senhor viu muitos lugares, qual deles marcou mais o senhor? Por quê? Ou que lembrança especial o senhor tem de algum deles?

AL: Bem, sabe como é que é, passava ficava pouco tempo, não é? Em Viena ficamos dois dias só...//

TP: //Só dois dias...

AL: De modo que só deu para ver a Catedral de São Estevão, o Danúbio e outras coisas ali. Depois em Budapeste também, em Budapeste ficamos quatro dias. E a gente olhava, só via o Danúbio, as pontes, o parlamento, uma ilha onde o pessoal ia passear, e o resto é cidade, casa, sobrados e todo o resto.

TP: Que sua passagem era sempre muito rápida.

AL: É sim.

TP: E o que atraía o senhor nessas cidades era assim, a conformação das cidades - isso que o senhor está falando, pontes, rios, catedrais - ou o senhor tinha alguma curiosidade específica, por exemplo em visitar museus, nessa época...

AL: É, não dava tempo não.

TP: Não dava tempo.

AL: Não dava tempo. Depois eram muito mal trajados, não é? [risos]

TP: É? Tinha esse inconveniente também.

AL: É sim. Nosso campo era a estrada, era o espaço.

TP: A rua// e as praças públicas.//

AL: É, a rua, é sim, // é sim.

TP: E o senhor comentou com a gente que durante toda a viagem, o senhor e o seu amigo holandês faziam alguns cartões...

AL: Sim, fazia sim.

TP: Para vender.

AL: Com aquela cartolina, bobagenzinha, qualquer coisa servia, e assinatura, era o bastante para angariar o necessário para// continuar a viagem.//

TP: //Continuar?// Ah! Muito bem. E me diga uma outra coisa, o senhor tinha deixado Belo

Horizonte que era uma cidade pequenininha em 1920, e o senhor passou por várias cidades na Europa que eram cidades muito antigas, muito diferentes da sua terra natal. O senhor se lembrava muito de Belo Horizonte quando estava lá fora?... Dava tempo de lembrar?

AL: //Ah!, sim.// Dava sim. E depois, eu me correspondia com um amigo aqui.

TP: Ah! é?// Ah, isso o senhor não tinha nos contado.

AL: //É. É sim. De modo que eu sabia mais ou menos, até eu soube quando me informaram quando o mil réis passou a ser cruzeiro.// [Risos]

TP: Ah é?

AL: No meu tempo ainda era o mil réis. Depois do andamento do clube, do Iere, depois de Iere passou a ser Ipiranga, de Ipiranga passou a Palestra, agora é o Cruzeiro.

TP: Que é o clube lá do Barro Preto.//

AL: É, sim.

TP: Aquele que o senhor tinha ajudado a rua?

AL: É sim. Até, hoje eu passei por lá, sabe.

TP: Ah, é?

AL: E vi o Fórum, e falei: [] desse espaço aí.

TP: É. Se lembra das mudanças todas, não é?//

AL: É sim.

TP: E uma outra coisa que a gente queria saber do senhor, nessa viagem pela Europa, o senhor chegou a encontrar brasileiros por lá?

AL: Brasileiros não, mas estrangeiros que tinham estado no Brasil encontrei muitos.

TP: Ah! é? estrangeiros que tinham vindo aqui.

AL: É sim. Inclusive um frade franciscano que tinha vivido muito tempo no Brasil, conversou comigo lá em Bucareste. Brasileiros nativos...//

TP: Não era muito comum os brasileiros viajarem para a Europa ainda naquela época.

AL: //Não. É, naquela época, não.

TP: E só mais uma outra coisinha, o senhor disse que se correspondia com amigos no Brasil, em Belo Horizonte. Era um amigo em especial ou mais pessoas que o senhor mantinha correspondência.

AL: Não, era amigo especial, era meio perto de casa, mais ou menos da minha idade, não é? Costumávamos caçar e tomar banho no Arrudas sempre juntos. Mas 3 a 4 vezes só, porque depois perdi o contato com ele.

TP: Sei. E o senhor se lembra do nome desse amigo?

AL: O nome era Moretson...// Nicolau.

TP: //Moretson... Ah! Nicolau Moretson. Moretson era o sobrenome?

AL: Não Moretson era o nome// Nicolau era...

TP: //Ah! Era o nome? Ah sim. E o senhor escreveu para ele umas 3 ou 4 vezes e teve também notícias de Belo Horizonte//

AL: É, tive. Depois comecei a viajar por lá também, não tinha mais lugar fixo para morar, então ele deixou de escrever e eu deixei de escrever para ele.

TP: Agora, só recordando uma outra passagem que o senhor nos contou, que interrompida a viagem em Constantinopla, o senhor voltou sozinho para Bruxelas, para Paris.

AL: Não, eu voltei para a Itália, onde moravam meus pais em Vicenza, cidade de Vicenza no [Vérito]. Fiquei ali um mês mais ou menos, depois fui para Bruxelas.

TP: Depois o senhor foi para Bruxelas. O senhor passou por casa, viu a família, e nessa época o seu pai estava bem de saúde, não havia problema com eles.

AL: //É// Ah! estava// Não havia problema.

TP: E aí, tanto em Bruxelas como em Paris, o senhor trabalhou como pintor.

AL: Pintor de parede.

TP: De parede.

AL: Construção civil.

TP: Na construção civil. O senhor ficou em Bruxelas quanto tempo, senhor Lorenzato?

AL: Bom, em Bruxelas fiquei um ano, tinha contrato de um ano, quando venceu o contrato o patrão queria que eu reformasse o contrato, mas eu falei não, eu quero conhecer Paris, e fui para Paris.

TP: Ah! Então o senhor tinha oportunidade de ficar mais, mas preferiu um lugar novo.

AL: [Riso] Preferi Paris.

TP: O senhor gostava mesmo de novidade.

AL: Ah! sim. Depois Paris estava organizando a exposição colonial internacional, e precisavam de muitos operários, os jornais saiam cheios de avisos [] (em francês) então eu falei, oh, vou aproveitar e vou lá.

TP: E aí o senhor se ofereceu lá.

AL: É sim, apareci lá, fui numa empresa e me pegaram logo.// Cheguei na segunda-feira e na quinta-feira já estava trabalhando.//

TP: É mesmo. Ah! E eles estavam preparando essa exposição que aconteceu aonde, seu Lorenzato?

AL: No [], em Paris.

TP: Certo. E foi uma grande exposição.

AL: Ah! Grande exposição, internacional, viu?

TP: E nessa exposição, como o senhor, foram contratados outros...

AL: Ah! Tinha mais de 5 mil operários que trabalhavam.

TP: Operários de várias nacionalidades.

AL: De várias, é sim.

TP: E aí o senhor ficou quanto tempo?

AL: Ali fiquei nove meses.

TP: Nove meses.

AL: Depois eu tive notícias de casa, que o pai estava doente, então eu tive que voltar. Aí eu voltei em novembro, em janeiro meu pai faleceu.

TP: Isso, de 1931 ainda ou já 32?

AL: Janeiro de 31.

TP: 1931.

AL: 31. Meu pai faleceu, então minha mãe falou: não agora chega de viajar. Você vai ter que ficar aqui. [riso]

TP: E o seu pai já se encontrava doente, ou foi alguma coisa de repente?

AL: Não! Até foi negócio que o médico errou. Ele tinha nefrite e o médico pensou que ele tinha pneumonia e fez o tratamento diferente.

TP: É mesmo?

AL: É, o erro do médico. A enfermeira foi que descobriu.

TP: Lá em Vicenza.

AL: Em Vicenza, que o médico tinha errado.

TP: Não foi possível...

AL: Não adiantava fazer nada porque entre eles, se protegem. De modo que ficou por isso mesmo.

TP: Mas quando o senhor soube disso foi logo após a morte dele?

AL: Logo, algum tempo depois que a enfermeira então falou com minha mãe. [] o médico errou.

TP: E qual foi a reação do senhor quando o senhor soube disso, o senhor ficou muito revoltado?

AL: É, eu queria até agredir o médico, não é? Mas depois, depois me aconselharam que brigar não adianta. Ele morreu, então ficou por isso mesmo.

TP: E que idade o seu pai tinha quando faleceu, seu Lorenzato.

AL: Era 66 anos.

TP: 66 anos. Muito novo, não é?

AL: É muito novo. Minha mãe que tinha que morrer aqui durante a espanhola, morreu com quase noventa anos. Lá na Itália [risos].

TP: Lá.

WC: Senhor Lorenzato, eu queria só aproveitar uma coisa que o senhor falou agora há pouco, porque eu ouvi nas fitas anteriores e estava me lembrando do seguinte: o senhor agora há pouco, o senhor falou de um contrato de trabalho que o senhor tinha quando trabalhando em Bruxelas e depois em Paris. E essa situação de trabalhador na Europa era muito diferente da situação de trabalhador que o senhor vivia aqui, em Belo Horizonte.

AL: Bem. Era diferente como... mas era a mesma coisa, a gente trabalhava com o mesmo material...

V: Mas as relações de trabalho, as condições de trabalho.

AL: Ah, bom, lá era, era mais organizado, lá tinha os sindicatos, tinha os horários, tinha pagamento das horas extras. Aqui não tinha isso, ainda... [riso].

V: //Hum-hum. Não tinha nada.

TP: O senhor comentou com a gente que o senhor se lembrava de uma greve que ocorreu aqui, com os trabalhadores da construção civil em 1918-19. O senhor nessa época não estava trabalhando com construção, então o senhor não se envolveu na greve aqui, em Belo Horizonte.//

AL: //Não.../ Bem, me envolvi sim porque eu já trabalhava. Eu comecei com 14 anos a trabalhar com...

TP: Sim. Mas não é na época em que o senhor estava trabalhando na loja do centro, na loja de tecidos, essa greve?

AL: Essa greve foi em 1919.

TP: 19.

AL: 18, 19. É sim, eu trabalhava então nessa loja.

TP: Mas o senhor se lembra bem da greve, o senhor chegou a participar de alguma maneira das manifestações?

AL: Não, o negócio era protestar pelo dia de oito horas... Conseguiu,... a luta de estabelecer...//

TP: //O horário.

AL: O horário de oito horas e acabou.

TP: Foi rápido o movimento.

AL: É sim.

TP: Em Paris o senhor chegou a assistir, ou mesmo a participar de alguma manifestação operária?

AL: Não, não, eu ficava sempre de fora.

TP: É. Por que, seu Lorenzato.

AL: Porque não queria me envolver, podia me comprometer, não é?

TP: Por causa de sua condição de estrangeiro.

AL: É sim, de estrangeiro. Então eu não participava. Os estudantes é que faziam mais _____ confusão.

TP: //Os estudantes?// É? E me diga uma coisa: esse um ano que o senhor passou em Bruxelas e os nove meses que o senhor passou em Paris, o senhor morava próximo ao local de trabalho, como é que o senhor morava nesse...

AL: Bem, local de trabalho era variado, não é?

TP: É?

AL: Mas eu morava num hotelzinho ali, perto da Sorbone, do Quartier Latin.

TP: É mesmo?

AL: É.

TP: Já, o senhor já estava no meio dos artistas.

AL: É sim. Mas o trabalho era em Montmartre, era em Batignoles, depois foi na Bastilha, na Praça da Bastilha. Então, depois foi em [] trabalhei também uns 3 meses. De modo que o serviço de pintor é variado.

TP: Cada hora o senhor tinha que estar num lugar, não é?

AL: É sim, é.

TP: Mas o senhor morava, pelo que o senhor está falando, num hotelzinho, o senhor tinha boas

condições de moradia, vamos dizer assim.

AL: Bem, tinha um quartinho. Era um hotel que só dava alojamento para operários.

TP: Sei. E o senhor pagava por mês esse hotel.

AL: Trabalhadores do metrô e outros, quase todos eram marroquinos e eu tinha ali um quarto que o patrão mesmo me arranhou, porque ele morava ali perto, era amigo do dono do hotel. [riso]

TP: Ele mesmo indicou o senhor.

AL: É sim, me levou lá, me recomendou ao dono do hotel e me arranjaram um quartinho. O resto era tudo argelinos e marroquinos....//

TP: //Argelinos e marroquinos.//

AL: Que trabalhavam no metrô, na construção do metrô.

TP: Então o senhor viu muita gente, o senhor conviveu com gente que construiu o metrô de Paris.

AL: É sim. [risos]

TP: Hum-hum.

AL: Quer dizer, já estavam construindo Paris. Era ampliação, sabe?

TP: Ampliação.

AL: Porque nunca para o metrô. Está sempre abrindo mais para longe.

TP: E o senhor quando se lembrava de Belo Horizonte, eu estou fazendo esse paralelo porque nos interessa pensar, o senhor é de uma cidade tão pequena como Belo Horizonte que tinha bonde, não é...//

AL: É sim.//

TP:...e não se pensava ainda na possibilidade de ter um trem andando debaixo da terra, o senhor estranhou muito esses sinais do progresso, quando o senhor chegou na Europa ou o senhor se ambientou logo?

AL: Ambientei logo.

TP: É?

AL: A Itália também depois da guerra, não era lá grande coisa. Depois, depois com o tempo que foi melhorando...

TP: Hum-hum. Vamos falar então um pouquinho agora sobre a Itália. Nós queremos lembrar com o senhor, o seu retorno para casa em 1932. O senhor chegou na Itália no momento em que o Mussolini estava no poder, //já estava há alguns anos, não é?//

AL: //Depois// Hum-hum. Mussolini entrou em 22.

TP: 22.

AL: É, eu cheguei lá em 1920.

TP: Ah! Sim. Não, eu estou dizendo quando o senhor chegou de volta, depois das suas andanças.

AL: Não, não, antes. Quando eu saí daqui em 1920, nós fomos diretamente lá, //para Itália, para a terra do meu pai// Veneto//.

TP: //Exato// Hum-hum. //Exato.

AL: E depois, Mussolini depois é que fez a Marcha sobre Roma, foi em outubro de 1922.

TP: Em 22, exato. E de 1922 até 32, o senhor esteve uns anos fora, mas o senhor, fazendo essa viagem pela Europa, o senhor acompanhava pelos jornais notícias da Itália?

AL: //Não. Era só por cartas. Eu dava o endereço, por exemplo, eu estava em Viena eu dava o endereço de Budapeste, era o consulado de Budapeste. Eu chegava no consulado e encontrava a carta.

TP: Certo.

AL: E assim depois para Bucareste, e assim eles se comunicavam comigo.

TP: Só com os parentes mesmo. //Com a família.//

AL: //É.//

TP: E jornais da Itália, então, //o senhor não tinha oportunidade de ver.

AL: //Não, não, nada.

TP: Mas o senhor tinha curiosidade em relação ao que estava se passando na Itália, ou não?

AL: //Não, não, não. Eu estava, preocupação era a dia-a-dia, aquilo que acontecia conosco. O

resto não interessava.

TP: Certo. Mas e quando o senhor voltou para a Itália em 1932, o senhor encontrou, o senhor achou muito diferente a situação do país?

AL: É, com a ditadura do Mussolini melhorou. Modificou muito. Quando antes de Mussolini era como aqui agora, era greve todo dia. //Mussolini então aboliu as greves, instalou a ditadura e pôs ordem. Os trens todos viajavam no horário, antigamente, antes de Mussolini, os trens não tinham horário//. Pôs ordem.

TP: //Sei// E o senhor achava aquela época positivo isso//. Ele estava organizando o país.

AL: //É. Depois instalou aquele negócio dos trens populares, e aos domingos todo mundo podia viajar sem pagar nada. Então era mamata, não é? O resto não interessava. [risos]

WC: Que outras coisas que o senhor viu que o senhor gostou?

AL: De que?

WC: Do fascismo, da ditadura de Mussolini. O senhor estava citando para a gente.

AL: A ordem, a ordem.

V: A ordem.

AL: A ordem.

V: Era o que mais agradava o senhor?

AL: É. Tinha ordem. Ali não se brincava, ali o negócio era feio mesmo. Quem não seguia a ordem do Mussolini era eliminado.

WC: E o senhor já havia se sentido prejudicado com o estado de desordem que havia antes dele?

AL: Bem... também... Só estive prejudicado numa greve que teve, eu viajava de Gênova para a Itália, para Vicenza, e no meio do caminho os ferroviários fizeram uma greve, ficamos lá 4 horas parado para esperar [riso] que resolvesse um problema do chefe da estação, não sei o que aconteceu. Foi só aquilo. O resto...

V: Mas de qualquer forma o senhor era contrário a este tipo de movimento.

AL: Era sim, porque atrapalhava, a greve atrapalha muito.

TP: Nesse momento, em 1932 quando o senhor voltou para Vicenza, o senhor ficou trabalhando lá mesmo, como pintor também? //Lá em Vicenza mesmo.//

AL: //Sim, sim,// É.

TP: E o senhor morou lá, ainda muitos anos.

AL: É.

TP: E o senhor está dizendo para nós que o senhor via positivamente, porque ele estava criando uma nova ordem na Itália. Mas o senhor conhecia, dentre os seus amigos, as pessoas com quem o senhor se relacionava, ou mesmo seus familiares, a sua mãe ou irmãos, tinha alguém do seu conhecimento que era contrário ao Mussolini, ao governo do Mussolini.

AL: É, se tinha, entre os meus amigos e colegas não tinha ninguém, porque ninguém se arriscava a ser contra. Era arriscado a ser agredido...//

TP: //Eliminado.//

AL: Eliminado. De modo que nos domingos a gente ia passear todos de trem, assistir ópera lá em Verona.

TP: Ah! O senhor ia ver ópera em Verona.

AL: Na arena de Verona. Com pouco dinheiro a gente viajava muito.

TP: É mesmo?

AL: É.

TP: A quantas hora ficava sua cidade, Vicenza, de Verona? Era perto?

AL: É perto. Uns 70 quilômetros mais ou menos, é isso aí.

TP: //Ah! é pertinho, dava para ir ver uma ópera e voltar...//

AL: //É sim.

TP:... no mesmo dia.

V: Mas o senhor aproveitava para fazer essa viagem porque o trem era de graça.

AL: É sim, de graça, pagava era uma mixaria, não é?

V: E para entrar para assistir à ópera também pagava, ou era de graça?

AL: Não, inclusive na passagem, a gente pagava, eu me lembro, eu paguei dezoito liras de trem e assisti à ópera. [riso]

TP: Incluía? Ah! Muito bem.

V: Havia outro tipo de promoção nesse sentido?

AL: Sim, havia. A segunda feira o teatro era popular. O pessoal pagava a metade do ingresso, os operários. Toda segunda-feira, o teatro era quase de graça.

TP: E com isso o senhor acha que o Mussolini ganhou a simpatia popular, com essa medidas.

AL: Ah! ganhou sim.

TP: Ele tinha um apoio popular.

AL: Tinha, tinha.

TP: Agora, explica para nós um pouquinho, seu Lorenzato, quando o senhor fala aqui "quem era contra era eliminado", como era isso? O senhor sabia disso, ou era um temor que as pessoas tinham?

AL: //Não, mas [] os políticos grandões, não é, os deputados, senadores, eram deportados para as ilhas. Muitos foram deportados para as ilhas lá perto da Sicília. Mas a maioria fugiu, os mais graúdos se afastaram. [] foi para [Trevis], foi para Londres. Os chefões foram todos...//

TP: Saíram fora.

A.S. - Saíram fora, é. E lá ficou [] a campanha com Mussolini, não é?

TP: Exato. Mas e entre os populares, assim, as pessoas comuns, o senhor tinha notícia de quem discordava da política do Mussolini, se era preso, se era banido. O senhor não acompanhava isso.

AL: //Não, não// Não, não. //Não.

TP: E uma outra coisa, o senhor, na Itália, costumava ler jornais?

AL: Bem, lia os jornais sim.

TP: Diariamente?

AL: Não, não diariamente.

TP: E os jornais que o senhor lia, eles falavam do Mussolini em que tom, assim, eram jornais que //apoiavam// fascistas?

AL: //Era, o jornal// fascista. //Eram jornais fascistas, porque jornal de oposição não tinha, não tinha oposição.

TP: Não havia oposição.

AL: Não. A câmara era fascista, o Senado era fascista, a imprensa era fascista. De modo que não tinha.

TP: Toda a informação que o senhor tinha do governo Mussolini passava pelo...//

AL: [].

TP: Hum-hum... Bom, e foi nesse meio tempo aí, quando o fascismo estava fincando raízes na Itália mesmo, nos anos 30, toda a década de 30 ele estava se fortalecendo. O senhor sentia que a Itália estava se preparando para uma nova guerra?

AL: Estava preparando, teve a guerra na Abissínia.

TP: Sim.

AL: //É// Invadiu a Abissínia, depois, o resto, negócio é... diplomacia é que trata desses negócios. Hitler e Mussolini queriam as colônias, que os ingleses e franceses não queriam abrir mão. Então, ali começou a guerra. aquele negócio e foi indo, foi indo até que Hitler começou a falar, pensou assim: com diplomacia não se faz nada aqui, aqui tem que ir com as armas, e provocou a guerra. [riso]

TP: E o senhor que tinha ido para a Europa, para ajudar a reconstruir a cidade dos seus antepassados, que tinha sido bombardeada, o senhor se viu de repente no meio de uma outra guerra, pior ainda.

AL: //É// Outra guerra, pior ainda.

TP: E conta para nós, seu Lorenzato, quais são as principais recordações que o senhor tem da segunda guerra.

AL: A recordação que eu tenho é que eu trabalhava em construção civil. Como não era hábil para

as armas, tive que trabalhar. Então fui trabalhar numa fábrica de briquete, um combustível para a indústria, para as locomotivas. E ali trabalhei durante toda a guerra.

TP: //Hum-hum.// Durante toda a guerra.

AL: É.

TP: Mas o senhor, o senhor disse que "tinha" que trabalhar, como é que foi isso? Foi uma determinação do governo pelo rádio, ou chegou algum representante do governo na sua cidade fazendo a inscrição dos homens?

AL: Ah! O sindicato, onde eu morava, que fez, precisava de operário na Alemanha, na Itália já tinha bastante. Então mobilizavam e me pegaram também. Disseram "você quer ir trabalhar na Alemanha". Se pagam bem, eu vou. E fui para a Alemanha, mas mandado pelo...//

TP: Pelo governo italiano. E o senhor não teve receio de ir para a Alemanha, mesmo com um bom salário? //Não?//

AL: //Não, não.// Não. Então a Alemanha estava ganhando. A Alemanha já tinha ocupado a França, a Bélgica, já estava invadindo a Rússia lá. Depois é que começou a entrada dos americanos.//

TP: Que mudou o rumo da guerra.

AL: //É, sim... entrada dos americanos, começaram a ajudar com armas e com soldados, então a guerra piorou, então eu tive que voltar para casa.

TP: Certo. Agora, senhor Lorenzato, conta para nós o que o senhor achava da guerra.

AL: Era uma grande besteira.

TP: //É? O senhor não achava...//

AL: Sem necessidade de fazer guerra.

TP: Sem necessidade.

AL: Podia muito bem se concordar e dar também para a Alemanha e para a Itália, as colônias, não é? Não quiseram dar, então Hitler começou a invadir. Pegou, invadiu a Áustria, depois invadiu a Polônia, depois invadiu a Tchecoslováquia. Então ali os ingleses e franceses eram aliados com essas nações e declararam guerra a Hitler. Mussolini era aliado com Hitler, teve

que entrar também. E agora, o negócio é ... [riso], as nações que perderam estão em melhor estado que as que ganharam.// [riso]

TP: É verdade. Veja a Alemanha hoje em dia, por exemplo.

AL: É. E o Japão. E a Itália também.

TP: E a Itália também, está uma economia muito fortalecida, agora.

AL: É sim. É.

TP: Mas então o senhor achava a guerra uma bobagem, porque o senhor achava que a diplomacia poderia ter evitado a guerra se soubesse negociar.

AL: Aquilo lá era sim. Podia ter evitado.

TP: Mas uma vez que não foi possível evitar a guerra, o senhor achava por exemplo, o senhor achava justo a atitude do Hitler e Mussolini de querer conquistar as colônias.

AL: // [] . Agora, eles eram os prejudicados. E os ingleses e franceses queriam dominar o mundo.// A Rússia também. Achei que ele tinha razão.// [risos]

TP: //Hum-hum.//

V: Chegava notícias para vocês do que acontecia nas colônias?

AL: Não. Ali também, é tudo controlado. Tempo de guerra, só saíam as notícias que interessavam. //O resto que...

TP: //Exato. Senhor Lorenzato, nesse tempo em que o senhor trabalhou na Alemanha, nessa fábrica de combustível, como é o nome?

AL: A de combustível foi na Itália.

TP: Ah, sim.

AL: Na Alemanha eu trabalhei no depósito de munição da marinha, a marinha do Reich, perto de Hamburgo.

TP: //Ah! Perto de Hamburgo. E nesse depósito que o senhor trabalhou na Alemanha, só tinha trabalhadores alemães e italianos?

AL: Os chefes eram todos alemães.

TP: Eram todos alemães. E o senhor trabalhou quantos anos lá?

AL: Lá também trabalhei, da primeira vez 6 meses. Depois voltei para casa de férias, fiquei 15 dias em casa. Depois voltei para lá e trabalhei mais 3 meses. Mais ou menos 9 meses que eu trabalhei.

TP: 9 meses.

WC: Em que ano foi isso, o senhor se lembra?

AL: Durante a guerra, em 46.

TP: 46.

AL: É 46...

TP: 46 a guerra já estava terminando.

AL: Não, acabou em 47, não é?

TP: Não, ela acabou em 45.

AL: Começou...

TP: Começou em 39.

AL: //39, é. É, 45.//

TP: Acabou em 45. O senhor foi já no final da guerra.

AL: É, 45.

TP: 45.

AL: Então, eu trabalhei na Alemanha, fim de 44.

TP: E o senhor nesse meio tempo aprendeu um pouco a falar o alemão ou não era preciso?

AL: Bem, alguma coisa eu aprendi. É difícil para o inglês falar alemão.

TP: Mas o senhor se relacionava bem com os companheiros alemães, //assim com os seus colegas de trabalho?

AL: //Não, não tive relações não.

TP: Ah! Não? Não havia convivência.

AL: Nós tínhamos o acampamento dos italianos, e romenos e... búlgaros, tínhamos acampamento à parte.

TP: Ah! Sim.

AL: Os alemães tinham casa, os moradores das aldeias eram em volta. Tudo do arsenal, de maneira que só lidava com os colegas italianos.

TP: Então, embora o senhor tenha trabalhado numa zona perigosa aí durante a guerra - porque o senhor esteve tanto na Itália quanto na Alemanha - o senhor não esteve envolvido em momento nenhum com a guerra propriamente dita. //Batalha.// Isso aí o senhor nem viu.

AL: //Não, não.// Não, não. Ah! Mas eu nunca peguei em arma. [riso].

V - Mas, o senhor chegou a presenciar alguma coisa assim, nesse sentido?

AL: Não, porque a guerra foi lá no norte da Itália, na Lombardia, no Piemonte, e onde eu morava, perto de Florença, nós só passamos à guerra durante que os alemães se retiravam, então, depois que chegaram os aliados. Só ali, nós não fizemos... só bombardeio, isso sim.

TP: O senhor ouviu bastante bombardeio.

AL: Ah! Tínhamos que fugir todos. Porque os aviões iam bombardear as bases alemães que estavam lá nos...

FIM DO LADO A DA FITA 03

FITA 03 LADO B

AL: Uma bomba que caiu no quintal do meu tio, destelhou o galpão, depois choveu.

TP: No galpão que o senhor trabalhava.

AL: Não, onde eu tinha depositado os quadros e tinha a bicicleta, punha lá.

TP: Ah! É? Pertinho da sua cidade.

AL: Eu morava num apartamento, num sobradinho com 3 apartamentos, eu morava ali e lá tinha esse quintalzinho. Foi só isso.

TP: Foi o que o senhor viu da guerra. Agora, e com relação ao dia a dia dos italianos durante a guerra, havia alguma privação, uma necessidade de gêneros que não se podia...

AL: Tudo era... tinha a carta de racionamento, tinha direito a tantas grammas de carne, tantos quilos de pão, a tantos quilos de macarrão, mais o essencial. O resto, verdura, fruta não tinha.//

TP: Não tinha racionamento.

AL: Não tinha racionamento, era tudo à vontade. Mas o macarrão e a carne era racionado, o azeite.

TP: Esses gêneros elementares.

AL: Mas a minha tia tinha restaurante, de modo que com ela arranjava, ela tinha possibilidade de ter mercadoria a mais. O que sobrava ela dava para nós.

TP: Então, o senhor nem sua família chegaram a passar necessidades durante a guerra. Agora, conta uma coisa para nós, seu Lorenzato, com relação à vida que o senhor tinha aqui no Brasil, antes da sua família ter se transferido para a Itália, como é que o senhor avalia a sua situação na Itália, depois da morte do seu pai, aí o senhor já estava constituindo família e tal, o senhor tinha condições financeiras melhores na Itália do que o senhor tinha no Brasil? Ou foi uma perda nesse sentido?

AL: Não! Eu sempre trabalhei, nunca me faltou serviço. Eu sempre trabalhei. E ganhava

sempre o bastante para flutuar. Flutuando não se morre afogado. [riso]

TP: [Riso] Flutuar. [riso]

AL: De maneira que nunca passamos necessidade, nenhuma, nenhuma.

TP: Mas o senhor tem condições de nos dizer, a vida do trabalhador, que o senhor fala "não, trabalhando a gente pode flutuar", mas a vida do trabalhador no Brasil e na Europa, o senhor não acha que tem diferença? Assim...

AL: Não, naquele tempo tinha. O Brasil ainda... durante aquela greve que conseguiram trabalhar oito horas. Mas mesmo assim só nas grandes cidades. Nas aldeias, na roça, por exemplo, ninguém tinha esse negócio //de oito horas, tinha que trabalhar.

TP: //É. O trabalhador não tinha direitos ainda, não é?

AL: Mas aqui sim. Os operários, pedreiros, carpinteiros, todos tinham o direito a oito horas por dia.

TP: E, depois que o seu pai faleceu, o senhor disse que ele tinha, quando vocês foram para a Itália, a família toda junta, ele comprou uma casa em Vicenza.

AL: Comprou sim.

TP: Com o que ele tinha levado do Brasil, com as economias dele daqui.//

AL: É.

TP: E essa casa ficou para sua mãe?

AL: //Sim, sim.

TP: O senhor foi morar com ela, ou não?

AL: Não. Meu irmão casou logo, casou ainda jovem. E eu sempre viajei, dois anos em Roma. Um ano e tanto viajando, um ano em Bruxelas, quase um ano em Paris, de modo que em casa mesmo com minha mãe e meu pai vivi pouco tempo. Depois que voltei, então, que meu pai faleceu, eu fiquei ali em Vicenza, continuei a trabalhar como pintor, não faltava serviço. E depois um tio meu adoeceu lá em Montevarchi, perto de Florença, e minha tia sabia que eu estava em Vicenza, me escreveu para eu ir ajudar, porque meu tio é que fazia as contas. E ali ajudando lá no restaurante de minha tia,

conheci a... garçonete... e casei com ela. [riso]

TP: Ah, então foi assim. Era isso que eu ia perguntar ao senhor agora, como é que tinha sido esse casamento. //Ema, não é, // a sua esposa.

AL: //É.//

TP: Então o senhor conheceu a sua esposa, Dona Ema, lá em [Monte Véquio]//

AL: //Montevarchi.

TP: Montevarchi, que chama. //Ela trabalhava com sua tia //no restaurante.//

AL: É, ela era garçonete no restaurante.

TP: E como é que foi isso, foi amor à primeira vista?

AL: Foi, foi. [risos]

TP: Porque o senhor já nos contou que o senhor não era muito namorador.//

AL: //Não.

TP: Viajava tanto, que não dava tempo para namorar. //Mas nesse momento aí o senhor já estava mais sossegado.//

AL: É sim, já estava com 35 anos, minha mãe estava sempre insistindo: "procura uma moça direita para você se casar, porque você sempre solteiro assim...". Então eu fui lá e conheci essa moça, e foi a melhor coisa que eu fiz na vida. [riso]

TP: É mesmo.

V: [risos]

TP: E o senhor se casou logo ou namorou muito tempo?

AL: Não, não, casamos em 3 meses, de 2 a 3 meses.

TP: É mesmo?

AL: É sim.

TP: Então foi muito rápido.

AL: É sim.

TP: E ela era uma moça muito bonita.

AL: Era bonita.

TP: E ela era de lá mesmo, dessa cidade?

AL: Sim, era.

TP: E o senhor obteve autorização da família facilmente?

AL: Não, até gostaram muito. Quando eu fui pedir casamento ao pai, o pai falou "se ela concorda, está feito o negócio". //Ela concordou, está feito.//

TP: //Não há problema.// Ah! E o senhor não tinha má fama pelo seu gosto pelas viagens não?

AL: Não, pelo contrário, tinha cartaz.

TP: É [risos]

TP: E a noiva, nesse caso, não ficou um pouco temerosa de casar com um sujeito que amanhã poderia querer fazer uma viagem de novo? //Não?//

AL: //Não.//

TP: Então foi tranqüilo o casamento.

AL: Tranqüilo.

TP: E o senhor se casou lá mesmo em... //Vicenza, não Monte...

AL: //Montevarchi//. Depois fui morar em Vicenza, nós moramos lá. Mas ela estava com saudade sempre, já tinha a mãe muito doente, não é? E ela falou... "esse negócio aqui está muito ruim, a minha mãe está sempre doente, eu prefiro voltar para Castelnovo, Castelnovo ficava a seis quilômetros de distância, não é? Eu concordei, me arranjaram um emprego lá nessa fábrica de briquete, e fui trabalhar.

TP: Em que ano que foi que o senhor se casou, seu Lorenzato?

AL: 35.

TP: 35.

V: A sua esposa tinha quantos anos na época que o senhor a conheceu?

AL: 25 anos. Tinha 10 anos de diferença entre eu e ela.

TP: E vocês quando se casaram planejaram ter muitos filhos ou de ter um só?//

AL: //Não, não planejamos nada//. Apareceu o primeiro //e depois ela não pegou mais.

TP: //Não planejaram.// Ah! E o primeiro filho foi logo no início do casamento. Hum.

AL: //Foi logo.// É. Casamos em maio, em junho ela ficou grávida. [riso]

TP: E foi só esse que Deus mandou.

AL: É sim. Ela passou muito mal, //quase morreu.//

TP: //É?// Com a gravidez ou no parto? //No parto?

AL: //Heim.// Parto. O menino nasceu morto.

TP: É mesmo?

AL: Pela parteira, o menino estava morto. Ela tirou o menino, olhou e falou assim: "esse aqui já morreu" e jogou no chão.

WC: [susto]

TP: É mesmo?

AL: É. "Vamos tratar da mãe". Foi tratar da mãe. Uma vizinha, uma dona que estava ali também, olhou e viu que ele mexeu com um braço "Isolina, ele não está morto, não, está vivo". "Então pega ele e dá banho". [riso]

TP: É mesmo? E o senhor estava assistindo isso, não?

AL: Não, não.

TP: Os homens não assistiam.//

AL: Não, não assistiam. E eu estava trabalhando, não é? //Depois me contaram o caso.

TP: //Sei. Isso foi em casa mesmo, o parto.

AL: Sim. Não foi na casa dos pais.

TP: Na casa dos pais dela.

AL: É sim, que nós moramos lá, porque os pais depois []. Quando eu fui trabalhar lá,

nessa mina de linhite, eu morava com os pais dela...//

TP: //Sei, com seu sogro.

AL:.. depois mudamos para Montevarchi.

TP: Então seu filho foi desenganado num primeiro momento, mas resistiu bravamente.

[riso]

AL: //É sim, sim, sim.// [risos]

TP: E como foi a sua reação quando chegou em casa e tinha lá um menino.

AL: Ah, naturalmente que eu estava esperando, não é?

TP: Foi uma emoção muito grande.

AL: Ah! Sim.

TP: E o nome foi escolhido na hora, o nome do filho, ou já tinha sido escolhido?

AL: Não, não, eu fui num cartório e inventei um nome.//

TP: E resolveu lá no cartório.

AL: Achei que Lorenzo combinava com Lorenzato, então dei Lorenzo Lorenzato.// [riso]

TP: //Ah! Muito bem. E chegou em casa não levou bronca da mãe, a mãe gostou do nome.

AL: //Ah, não, não.

TP: E o seu filho, apesar desse problema na hora do nascimento, ele foi uma criança saudável?

AL: Foi sim, foi atleta, jogador de vôlei.

WC: Como o pai.

AL: Hein?

WC: Como o pai.

AL: É, sim. [riso[]

TP: E como é que era o senhor como pai de uma criança, assim, o senhor ensinou a jogar futebol, ensinou a brincar...//

AL: Não, não. Ele aprendia isso tudo sozinho na escola, com os companheiros, ele aprendeu tudo lá.

TP: Ele nasceu, o Lorenzo nasceu em 36, não é?

AL: 36. É.

TP: E nos primeiros anos de vida dele, o senhor continuou morando lá na Toscana//, em Montevarchi.

AL: //Sim.

TP: E como é que foi a decisão... Aí eu queria que o senhor nos contasse um pouco agora, nesse meio tempo, que vai do nascimento do seu filho até a sua decisão de vir embora para o Brasil. O senhor já nos contou um pouco que durante a guerra, o senhor foi parar na Alemanha, e o senhor trabalhou para o governo do Mussolini. E nesse meio tempo, quando o senhor estava trabalhando, estava envolvido com a guerra, a sua esposa ficou com a criança na...//

AL: //Sim, ficou.

TP: Ficou lá//, na casa dos pais dela.

AL: //Não, não. Ficou em Montevarchi. Já morava em Montevarchi.

TP: Ah! Sim.

AL: E ela continuava a ajudar minha tia no restaurante.

TP: Ah! Sei, ela não parou de trabalhar.

AL: Não, não. Ela continuou lá, ajudando.

TP: E o senhor quando estava na Alemanha conseguia se corresponder com a família?

AL: Ah, sim comunicar com a esposa...

TP: Mesmo durante a guerra o correio funcionava plenamente.

AL: //Funcionava. Sim, sim. E eu recebia o dinheiro lá e mandava para ela. Sempre muito bem, nunca tive problema nenhum. Sempre me desembarcei sozinho. Tive sorte, sempre tive sorte.

TP: É, mas sempre trabalhou bastante também, não é?

AL: Ah! Sim, bem o serviço eu não podia abandonar, era procurado, era um bom operário, pontual, trabalhador, de modo que não me faltava serviço. Até às vezes tinha dois, três patrões me querendo.

TP: É mesmo? Seu Lorenzato, e nesse meio tempo aí, como eram as férias. O senhor comentou que esteve seis meses na Alemanha, voltou para 15 dias de férias, depois voltou para a Alemanha.

AL: É, a única vez que eu tirei férias foi essa, na Alemanha, que me deram 15 dias.

TP: Foi só essa.

AL: Só.

TP: E aí o senhor foi para casa e ficou quieto em casa.

AL: Fiquei quieto [riso].

TP: Nesse meio tempo, o senhor não teve mais condições de viajar como o senhor gostava.

AL: Não, não, não. Aí fiquei em casa.

TP: Ficou quieto lá.

AL: É, sim.

TP: Ahm. Mas, e como é que era isso, o senhor tinha aquela vontadezinha interior de sair para o mundo outra vez, ou estava...//

AL: //Não, para a Alemanha eu tinha que voltar, não é? O sindicato falou: você teve 15 dias de férias para passar com a família, mas agora você tem que voltar lá e inteirar o ano de contrato. Depois aconteceu o negócio que a coisa virou, e então antes que os russos começaram a se aproximar de Berlim, então sabe, o comandante da base lá, do arsenal também já estava, ele disse que já estava perdida a guerra, ele falou, volte para casa. Pôs um trem à nossa disposição - eram mais de 300 operários, italianos.

TP: Italianos?

AL: É. E voltamos.

TP: Vocês voltaram antes de cumprir o contrato todo. //Pelas mudanças na guerra.//

AL: //É,// pelas mudanças da guerra.

TP: E o senhor então, nesse meio tempo, quer dizer, isso já é praticamente no final da guerra// que o senhor está nos contando.

AL: //É! Sim.

TP: E aí o senhor voltou para Montevarchi, e o senhor ficou trabalhando lá mais alguns anos?

AL: Não, depois da guerra, começou a luta entre o fascista e comunista. Os guerrilheiros eram comunistas. E começou a matar, mataram mais de 300 fascistas em pouco tempo, dentro da Itália. Mas eu não era de nenhum partido e fiquei por fora. E os alemães quando se retiraram, bombardearam, minaram o estabelecimento onde a gente trabalhava. Então fiquei sem trabalho porque a fábrica parou, pois não tinha mais necessidade de fazer mais combustível e ficou parado. Então eu fiquei ali biscateando com mais dois companheiros, pegava biscate. E trabalhei sempre. Depois quando surgiu a notícia de que o governo brasileiro dava passagem de graça para voltar, eu... O negócio estava feio, a guerra ainda não estava acabada mesmo. Porque agora tinha um negócio de estabelecer a Rússia com os Aliados, com os ingleses e americanos, eles estiveram ali quase para estourar a guerra... E antes que estourasse a guerra, eu falei: é melhor eu cair fora.

TP: Essas alturas o senhor estava temeroso do que podia acontecer no futuro.

AL: É sim, porque ia haver outra guerra, pelo menos todo mundo achava que ia haver outra guerra. Então, eu falei: eu aproveito. E aproveitei, uai.

TP: Aham. E essa decisão sua, quer dizer, o senhor estava dizendo para nós que havia guerrilha dos comunistas contra os fascistas, e o perigo da Rússia. Nesse período se falava muito na guerra fria, nos interesses russos e americanos. Então o senhor sentia esse momento como um momento perigoso?//

AL: //É sim.//

TP: E a sua decisão de voltar para o Brasil, o senhor tomou sozinho, o senhor discutiu com a Dona Ema?

AL: Não. Com a minha tia. Minha tia veio para o Brasil, ela tinha 2, 3 anos de idade. Ela casou aqui no Brasil. Mas o marido foi na guerra, foi voluntário na guerra e lá morreu, ela ficou viúva. E depois o meu avô também, era italiano, veio e trabalhava no palácio do governador, era carpinteiro. Quando ele ficou com mais de 70 anos de idade ele cismou de ir, voltar para a terra dele para morrer lá. E minha tia acompanhou. E acho que ela aproveitou e foi em Moderna ver a sepultura do marido. Ela estava para voltar para o Brasil quando conheceu um viúvo que tinha restaurante e propôs casamento, e ela casou e ficou por lá.// Mas ela falou assim comigo "Vai, que depois nós também vamos, eu e ele vamos também com você lá.//

TP: //Ah é?// Ah! ela falava em vir de novo.

AL: É sim. Ela me aconselhou a vir. [riso]

TP: //Sei.// E a Dona Ema então, ficou certa de que o senhor viria e mandaria o dinheiro// para ela assim que fosse possível, para ela vir também.

AL: //Ah, é. Depois o filho era fanático pelo Brasil.//

TP: //Ah! É?

AL: Minha mãe contava história para ele, do Brasil, e ele ficou... Ele é mais brasileiro do que italiano.

TP: [Riso] Apesar de nascido lá.

AL: É. Ele é fanático.

TP: Aham. Quer dizer que a avó contava para ele história do Brasil.

AL: História, história dos macacos, dos papagaios, das aves, de tudo aquilo que acontecia aqui, não é.

TP: E me conta uma coisa, o senhor está dizendo que sua mãe contava essas histórias que na verdade eram histórias de Belo Horizonte. O senhor acha que a sua mãe tinha saudades do Brasil? Por ela, ela teria voltado para o Brasil?

AL: Não, não. Ela não...

TP: Não.

AL: O clima dela não dava não ela teve que voltar para lá por causa de saúde.

V: Da saúde.

TP: Da saúde.// Mas ela tinha boas recordações do Brasil.

AL: //É. Tinha boas recordações. Mas se dependesse dela eu não teria vindo. Mas minha tia prevaleceu//.

TP: //É que incentivou mais.

AL: É sim.

TP: E essa tia que o senhor está falando ela era irmã da sua mãe ou...

AL: Não, é sim. Da mãe.

TP: Da sua mãe. Então foi ela que estimulou o senhor a voltar.

AL: É sim.

TP: E quando o senhor tomou essa decisão, isso foi em 48, não é.//

AL: 48.

TP: O senhor tinha exatamente 48 anos.

AL: 48 anos.

TP: E o que o senhor pensou, quando, tomada a decisão de voltar para o Brasil, o senhor tinha como perspectiva vir para Belo Horizonte ou o senhor pensou em parar no Rio e ficar por lá.

AL: Bom, eu viajei com um garçom de hotel, no navio, que tinha um contrato no Hotel Quitandinha, como garçom. E ele falou comigo: "Onde é esse Hotel Quitandinha". Nem sabia onde era. Então falei com minha prima que tinha um salão de Beleza no Rio de Janeiro onde é que era. "É, fica em Petrópolis", "Então você vem comigo, para servir de intérprete". Ele fala só inglês, francês e italiano, e alemão. Português ele não fala nada. Eu falei "Vamos" e então veio. E assim, chegamos no Rio de Janeiro dia 20 de abril. E a segunda era 21, era feriado. Depois, no dia 22 nós fomos para o Quitandinha lá em Petrópolis. Chegamos lá, eu conversei com o recepcionista: "Esse amigo aqui, tem um contrato de trabalho com o Hotel, quer conversar com o gerente".

TP: Ele era italiano mesmo, o garçom.

AL: Sim, sim, italiano. O gerente tal, deu o nome do gerente então o recepcionista falou:
"Esse gerente não está mais aqui. Ele foi dirigir um hotel lá na capital do Uruguai".

TP: Montevidéu.

AL: Montevidéu. "Mas tem um gerente sim". "Então chama o gerente aí que é para...
Quando veio o gerente, moreno alto, bem vestido, veio pelo corredor e o garçom
estava aqui e eu com ele, ele falou: "Gino. Gino". O outro então falou: "Aldo". Eram
amigos.

TP: [Riso] É mesmo?

AL: Tinham trabalhado juntos em um hotel em Viena.

TP: É mesmo? [riso]

AL: É.

TP: Todos dois italianos.

AL: É, todos dois italianos. E ele depois foi garçom num navio que fazia a rota do mundo.
Navio de milionário, que no Rio de Janeiro chegou justamente na época que o Brasil
entrou na guerra, então o navio ficou preso, a tripulação foi posta na Ilha das Flores.
Lá souberam que tinha esse garçom, mandaram buscar, e foi lá...

TP: Levaram para o Quitandinha.

AL: Naquele tempo o Quitandinha era cassino.

TP: É, exatamente.

AL: Era jogatina, não é. Esse rapaz muito traquejado, falava também 3 línguas, não é? Em
pouco tempo, ele passou a ser chefe dos garçons e depois quando o tal que tinha
contratado o amigo, tinha ido para Montevidéu, ele ocupou o lugar dele.// Virou
gerente do...

TP: //Ah! sei. E com isso o senhor também arrumou trabalho.

AL: Até eu também. Depois perguntou ao Gino: "O seu companheiro é garçom também?"
"Não. Ele é pintor". "Então chama ele aqui". Ele me chamou e disse: "Você quer

trabalhar aqui no Quitandinha como pintor?" "Aceito". E fiquei lá.

TP: É mesmo?// Quer dizer que o senhor não precisou de fazer força// para arrumar um trabalho. Que beleza.

AL: Não, não, não [riso] Voltamos para o Rio de Janeiro, no dia seguinte voltamos para...

TP: Para Petrópolis.

AL:... para Petrópolis.

TP: E aí, nesse meio tempo que o senhor trabalhou lá no Quitandinha, ele ainda era cassino ou já era hotel.

AL: Não, não. Depois que não era mais cassino.

TP: Ah! sim. Os cassinos foram proibidos em 46.

AL: É. Então tinha que estudar alguma cosia para chamar... Então estudaram fazer a exposição Indústria e Comércio, e ali, então, eu trabalhei na montagem dos stands.

TP: Sei. E enquanto o senhor fazia esse trabalho lá no Quitandinha, o senhor estava morando no próprio... ali mesmo, ou em Petrópolis. Onde o senhor morava?

AL: Não, morava ali mesmo perto do Hotel Quitandinha, mais para cima. Lá tinha um restaurante, e tinha um galpão de madeira.

TP: Era um alojamento, de trabalhadores.

AL: É (tosse tosse). Então me alojei ali.

TP: Hum. E ali então, o senhor passou um ano.

AL: É.

TP: Até acumular o dinheiro para mandar para Dona Ema.//

AL: //É sim.// É sim.

V: Eu queria perguntar para o senhor uma coisa. Tinha mais brasileiros voltando da Itália,// na mesma época que o senhor voltou?

AL: //Tinha, tinha. Tinha sim.

V: Muita gente?

AL: Não muito. Eram em cinco.

TP: Que vieram na mesma condição que o senhor//, ganhando a passagem.//

AL: //É sim,// ganhando a passagem. Depois vinham muitos passageiros pagando a passagem. Inclusive o dono, o que comprou a Cantina do Ângelo.//

TP: //Ah, é?!

AL: É, ele também viajou comigo.

TP: Ah, sim!

AL: É.

TP: Nessa volta.

AL: É.

TP: E, seu Lorenzato, uma pergunta ainda, o senhor teve algum contato - nós sabemos que os brasileiros estiveram na Itália durante a guerra.

AL: É sim.

TP: As tropas brasileiras que o Getúlio Vargas mandou, a FEB, o senhor teve algum contato?...

AL: Não, não, não tive não, porque eles estavam no norte da Itália. Eu estava mais na Itália central de modo que eu não tive.// Não tive contato.//

TP: //O senhor não teve contato nenhum.// Hum hum. E essa viagem de volta que o senhor fez para o Brasil, o senhor nos contou da viagem de ida//, que as condições do navio eram muito ruins.// Essa viagem de volta como que foi, foi melhor do que a de ida? O navio como é que era?

AL: O navio era um cargueiro que foi preso durante a guerra de 14//, 15 e 18 e ficou sendo do Loyde Brasileiro.//

TP: //Ah, é?!// Sei.

AL: E durante a guerra, os navios tinham sido afundados quase todos, então reativaram esse Rio-Cuiabá e ele foi numa viagem única, foi lá em Gênova, ir lá trazer os imigrantes que vinham de volta, passou por Lisboa, depois para [] fazer um

carregamento de latarias de sardinhas. E depois foi para [Vigo] fazer um carregamento de carvão. Depois voltou para [], depois voltou para Lisboa, e depois de Lisboa veio diretamente até Recife. De Recife a Salvador. De Salvador ao Rio de Janeiro, 40 dias.

TP: 40 dias no cargueiro.

AL: É. [riso]

TP: E o senhor não precisou de descascar batata não.

AL: Ah, não, não. [risos]

TP: [riso] Ah, muito bem. E nesse momento então, já no final dos anos 40, o senhor passou um ano trabalhando no Quitandinha e fez suas economias// e mandou para Dona Ema de volta.//

AL: //É.//

TP: Mas quando o senhor mandou o dinheiro para ela voltar, o senhor estava pensando em continuar no Rio ou o senhor estava com idéia...//

AL: //Não, não... já tinha planejado, eu já tinha vindo aqui passear.

TP: Ah! Já?

AL: Já tinha conversado com os meus tios, não é? Porque para morar lá no Rio de Janeiro era difícil, tinha que morar longe, ela era italiana e o menino com 12 anos ainda. Então os tios... "Não, vem para cá. Aqui nós temos tudo". E de fato eu vim para cá. E aqui me arranjei logo.

TP: Certo. Agora uma outra pergunta para o senhor, o senhor passou fora do Brasil bastante tempo, e anos em que os brasileiros tinham convivido de perto com um governante que era chamado de "pai dos pobres", // era o Getúlio Vargas.//

AL: //É.//

TP: Mas o senhor não conviveu com esse governo, não é?

AL: Não, não. Depois, ultimamente sim.

TP: Depois sim.// No segundo, quando ele voltou.//

AL: //É.//

TP: Não é. O senhor já estava aqui. Mas esse, porque o Vargas tinha sido governo durante 15 anos. De 1930 a 1945. Quando o senhor chegou em 49, o senhor ouvia as pessoas falando do governo Vargas, era comum...

AL: Uai, quando ele se suicidou eu já estava aqui.

TP: Isso, o senhor já estava aqui.// Foi em 54.//

AL: //É sim.// É.

TP: Mas eu estou querendo saber o seguinte, o senhor ficou curioso pela figura do Vargas assim, porque o senhor, quando o senhor chegou, ele não estava no governo. Era o Dutra, não é?

AL: Dutra, é.

TP: O governo. O senhor ouviu falar muito no Vargas?

AL: Ah! falava.

TP: É?

AL: É.

TP: E o senhor tinha, que impressão o senhor tinha do governo Vargas?

AL: É, eu achava um bom governo. [riso]

TP: É? Quando houve a eleição em 50, o senhor votou?

AL: Em 50?

TP: É. O senhor já devia estar aqui, em Belo Horizonte, não?

AL: Eu só sei que votei uma vez só no Juscelino.

TP: No Juscelino. Ah! então o senhor votou só na eleição de 55.

AL: É, 55.

TP: Então no Vargas o senhor não votou.

AL: Não, não, não. Mas o Vargas não tinha necessidade de eleição, ele ocupou o país.

TP: Não, mas isso no 1º governo. Porque quando o senhor voltou, em 1950 houve uma

outra eleição, mas talvez o senhor não tivesse arrumado sua papelada ainda, os seus documentos.

AL: Mas em 1950 eu não estava aqui. Eu cheguei aqui em 48.

TP: Pois é.

AL: É. 45...

TP: O senhor chegou em 48. Daí dois anos houve uma eleição, mas essa o senhor não participou então.

AL: Não.

TP: Talvez porque o senhor não tivesse os documentos necessários.

AL: Eu nem lembro se estava aqui, acho que estava.

TP: Estava, o senhor estava voltando para Belo Horizonte. Mas aí o senhor só foi votar então no Juscelino, em 55.

AL: É sim.

TP: E aí o senhor já estava aqui mesmo em Belo Horizonte.

AL: Eu votei nessa do Juscelino, e depois na eleição do Jânio Quadros. Mas eu votei no General Lott.

TP: Ah! O senhor votou no Lott. [Risos]

AL: Depois eu perdi o título.

TP: É?

AL: É. Me bateram a carteira. Perdi a carteira de identidade...

TP: Aqui em Belo Horizonte?

AL: É sim. E o título de eleitor. Quando eu fui lá tratar para ter a 2ª via, o funcionário me olhou assim "mas que idade você tem?" Eu falei "65". "Uai, então não esquentar a cabeça não, você não precisa de votar mais"// Então não tirei o título.

TP: //Aí o senhor não fez o título...// Ficou livre do problema de ter que escolher o governante.

AL: É sim. [riso]

V: Em nenhum momento o senhor se arrependeu disso não?// Teve vontade de votar em alguém nesse meio tempo?//

AL: //Não. Não.// Não, não, não, não. A última eleição aí, que foi do Jânio Quadros com o que fez todo aquele negócio, aquela [], depois abandonou o cargo, depois entrou João Goulart, não é? A revolução... Então, fiquei sempre por fora.

TP: É. O senhor nunca se envolveu na sua vida, diretamente com política não.

AL: Não, não.

TP: E votar também, o senhor não votou muitas vezes, porque...

AL: Duas vezes// Duas eleições.//

TP: //Só.// No Brasil. E na Itália o tempo todo que o senhor passou lá também, o senhor não foi eleitor, não é?

AL: Não fui eleitor porque não havia eleição.

TP: Não havia eleição.

V: Só uma coisa. O senhor se tornou cidadão italiano nesse período que o senhor estava na Itália?

AL: É obrigatório, para ter a carta de racionamento dos gêneros alimentícios // tinha que ser cidadão italiano.//

V: //Tem que ser...// Ah! certo.

AL: Então, eu tive, meu pai, o pessoal todo... então era cidadão italiano. Eu viajei pela Europa toda com passaporte italiano.

V: Ah! ok.

AL: E agora também, eu sou cidadão de dois lugares.

TP: Daqui e da Itália.

AL: Brasil e Itália [riso]. Eu agora posso ir na Itália sem precisar de passaporte. Gente, vocês tomam alguma coisa? Um guaraná?

PAUSA

AL: De Constantinopla, passar, entrar na Turquia, atravessar a Turquia, chegar no Iraque, atravessar o Iraque, chegou no Iraque, entrar no Irã e daí ia... até que as pernas agüentasse, a gente ia.

V: O objetivo de vocês era justamente ir para o Oriente, não é.

AL: É, era ficar por lá mesmo. [risos]

TP: Mas aí foram barrados em Constantinopla.

AL: É sim, é. A burocracia nos barrou em Constantinopla e...//

TP: //E qual que foi a dificuldade, seu Lorenzato?

AL: Passaporte. Eu não tinha passaporte para a Rússia, que a Rússia não tinha relações com a Itália fascista.

TP: É, isso já era em 28.

AL: É. Com a Turquia também, não tinha relações diplomáticas. Passaporte só para a Europa.

FIM DO LADO B - FITA O3

B

Barro Preto, 3
Belo Horizonte, 3, 4, 7, 9, 30, 31, 36, 37

C

comunista, 28

F

fascistas, 14, 28, 29
FEB, 34

G

Getúlio, 34, 35
greve, 7, 8, 11, 12, 21
guerra, 10, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 26, 27, 28, 29, 32,
34

H

Hitler, 15, 16, 17

J

Juscelino, 36, 37

M

Mussolini, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 26

P

Paris, 4, 5, 7, 8, 9, 21

Q

Quitandinha, 31, 32, 33, 35

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADORAS: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
WALQUÍRIA DA COSTA CAMPOS
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
LOCAL: BELO HORIZONTE
ENTREVISTA Nº 4 - LADO A - 10.05.91

FITA 4 - LADO A

WC: 4ª Entrevista com Amadeo Luciano Lorenzato

TP: Primeira coisa que nós queríamos que o senhor resolvesse para nós a dúvida, é o que o senhor comentou com a gente que a fábrica que o senhor foi trabalhar na Itália, quando o senhor voltou da Alemanha, a fábrica de combustível que o senhor trabalhou, o senhor falou o nome mas a gente não ouviu bem; nós queríamos que o senhor repetisse o nome.

AL: [Castelnuovo de Sabioni.]

TP: [Castelnuovo de Sabioni.

AL: É. Província de Arezzo.

TP: De Arezzo. Está ótimo. Uma outra dúvida também que nós ficamos é que o senhor comentou com a gente que durante o fascismo na Itália, o Mussolini simplesmente eliminava os seus opositores.//

AL: //É sim.

TP: E eu perguntei um pouco para o senhor como é que era essa história, porque o senhor mesmo comentou que tanto a imprensa, jornais de maneira geral, como as pessoas, elas se mantinham caladas durante todo o tempo. Então, se é assim, de onde é que vem essa idéia de

que o Mussolini eliminava os seus opositores. Como é que foi isso?

AL: //É, sim... Não eliminava. Os deputados, senadores e deputados que não concordaram com ele quando ele tomou a posse, fugiram, foram para Paris, para Londres, para Moscovo, e ficaram fora. Os outros, chefes de seções, foram mandados para as ilhas como deportados. E aqueles que não se opunham ou que concordavam, ficaram no emprego, era com os deputados e senadores que ele implicava.//

TP: Ah!... com os políticos, principalmente.

AL: É, com os políticos é.

TP: Então quando o senhor fala eliminava, o senhor quer dizer mais que ele afastava da política//, para não causar dificuldades para ele.//

AL: //Afastava...// É sim.// É sim.

TP: Não era eliminar no sentido físico.// Era deportar esse pessoal.//

AL: //Não, não, não, não...// Deportar. Mandava em confinamento nas ilhas, e facilitava também a passagem, quem quisesse sair da Itália, podia sair.

TP: Quem não estava satisfeito que fosse embora. Ah! certo. Então com isso o senhor acha que na verdade quem ficava acabava calando sobre...

AL: Sim, se conformava e ficava por ali mesmo.

TP: Hum-hum. Está ótimo.

AL: Foi 30 ou 40 chefões que tiveram que fugir para...// deputado e senadores que fugiram e foram para a França,// para a Inglaterra.

TP: //Sei.// Hum-Hum. Certo, mas com relação à...//

AL: //Inclusive o Padre Dom [] que era contra o Mussolini, também teve que fugir, teve que ir em Londres.

TP: É?!

VC: Como que é o nome dele?

AL: Dom [Stusto.

VC: [Tusto]?

AL: [Stusto], é. Era um padre [].

TP: É. De oposição.

VC: Havia mais padres assim como ele?

AL: Bem, se havia estavam conformados, porque Mussolini restabeleceu a religião. Os comunistas já, nas escolas não tinha mais o Cristo crucificado. Tiraram tudo. Então Mussolini restabeleceu [] essas procissões não podiam sair porque os comunistas atrapalhavam.// Então Mussolini pôs ordem e os carabineiros// acompanharam as procissões. De modo que ele era bem-quisto pelos padres, pelo papa e tudo.//

TP: //Sei.// Acompanhar.// Hum-Hum.

AL: Ele era o salvador da pátria. Se estragou com a guerra, ele perdeu a guerra, mas durante o tempo que ele era a ordem, favoreceu muito a religião.

TP: Ele era católico praticante, não é?

AL: Sim, sim, praticante. Mandou que fosse repostado o [], e a imagem de Jesus Cristo nas escolas que os comunistas tinham tirado// E assim foi.

TP: //Certo. Bom, deixa eu fazer um outra pergunta para o senhor, quando o senhor fala que na realidade, foram principalmente os deputados e senadores que tiveram que sair da Itália, no período do fascismo, o senhor teve notícia com relação à gente do povo mesmo, trabalhadores e funcionários. O senhor teve notícias, estando ainda na Itália, de alguém que tivesse se indisposto com o governo do Mussolini, assim, de gente do povo mesmo, que tivesse que // que deixar a Itália?

AL: //Não, não. Não.

TP: Não?

AL: Não, não, não.

TP: O senhor diria...// que de maneira...//

AL: //Ele quando tirou os chefes dos partidos, o povo fica sem chefe, fica desarticulado, não reage.

VC: E com as lideranças sindicais, também aconteceu isso?

AL: Como?

VC: Com as lideranças sindicais.

AL: Também puseram os ministros fascistas no lugar dos comunistas, e continuou funcionando.

VC: Eram os comunistas então, que estavam comandando o movimento operário na época?//

AL: //Sim era. Era a Terceira Central comunista, comunismo.

TP: E já que nós estamos falando de comunismo, a gente podia pensar nisso um pouquinho assim: o senhor comentou com a gente que aqui em Belo Horizonte ainda na fase da sua adolescência, o senhor acompanhou um pouco o movimento dos trabalhadores da construção civil que estavam lutando por melhores condições de trabalho e tal. Depois, na Itália o senhor viveu também muitos anos envolvido com os trabalhadores da construção civil. O senhor tinha notícias concretas das idéias comunistas através de companheiros de trabalho, ou só de jornais, como é que era isso? O que o senhor achava do comunismo na época que o senhor era jovem?

AL: É, o comunismo era..., os propagandistas prometiam que repartiam a riqueza, que os ricos tinham que dar para os pobres, então os pobres todos eram comunistas, na esperança [risos] de repartir com os ricos. Mas o negócio é outro, o negócio é repartir o excesso de riqueza dos muito ricos para dar, dividir com os operários mais pobres.

VC: Mas isso é o que eles diziam ou o que acontecia de fato?

AL: Não, não, que eles diziam, que prometiam...

VC: De dividir toda a riqueza ou o excesso dela?

AL: A riqueza, dividir a riqueza. Muita gente pensava que aquele que tinha duas casas tinha que dar uma casa para quem não tinha. Mas não era isso, era o capitalismo, tirar o excesso de lucro para devolver..., ser dividido com os operários, não é?

VC: É essa a sua opinião?

AL: Era. De modo que o comunismo também na Rússia não fez nada disso. [] os ricos são ricos e os pobres são pobres.

TP: É, pensar nisso hoje, já tem muita história aí, agregada a isso. Mas eu queria que o senhor se lembrasse um pouco, assim, na sua juventude, o senhor chegou a se encantar alguma vez com as idéias comunistas, assim...

AL: Não, não.

TP: Não. Nunca.

VC: Como o senhor teve contato com elas?

AL: Com o que?

VC: Com esse tipo de idéia, com esse tipo de pensamento.

AL: Não, não, eu não discuto política, às vezes eu discuto futebol e outros esportes, e divertimento, teatro, cinema. Esse negócio de política, não...

TP: O senhor nunca se envolveu muito.

VC: Mas o senhor ouvia companheiros de trabalho falando a respeito?

AL: Ah sim achava lá nas minas de carvão, sempre protestando, sempre reclamando, que o serviço era pesado, era duro, arriscado também e o pagamento era pouco. O capitalismo não entendia.

VC: E o senhor concordava nesse sentido, com essas reivindicações que os comunistas faziam?

AL: Ah! naturalmente, naturalmente, concordava.

VC: E o senhor achava que era preciso mudar o capitalismo?

AL: É, era preciso, o operário tinha que ganhar mais, não é? Tinha que ganhar o bastante para viver.//

TP: //Com dignidade.

AL: O capitalista tinha tudo, e o operário aquela miséria.

VC: Então essa idéia de dividir a riqueza, ainda assim com essas dificuldades, essa idéia não empolgava o senhor não?

AL: Não, não, porque eu sabia que, eu era mais ou menos de uma classe mais elevada, meu pai tinha uma granja, não é? Então eu não podia me manifestar.

VC: Sentia-se ameaçado?

AL: Heim?

VC: Nesse sentido o senhor se sentia ameaçado?

AL: Bem, ameaçado não, mas, enfim, nem bem visto não era, porque teve uma época que não tinha..., o trabalho era escasso, então o sindicato dava trabalho para quem não tinha mesmo, que pagava aluguel. Quem tinha casa própria tinha dificuldade para arranjar emprego.

TP: Deixa eu entender melhor uma coisa que o senhor falou aí e que me parece importante. O senhor se sentia na Itália, de uma certa forma diferente dos trabalhadores comuns.//

AL: //Sim, sim.

TP: Porque seu pai era proprietário de uma granja. E o senhor acha, quer dizer, isso em certa medida afastava um pouco o senhor dos outros companheiros// de trabalho.

AL: //É sim, é.

TP: E o senhor acha que essa situação, quer dizer, a volta de sua família para a Itália e o fato de lá, nesse momento o senhor estar se sentindo num outro nível, diferente dos trabalhadores de maneira geral, isso se deu pela passagem da sua família pelo Brasil? O senhor acha que foi o fato da sua família ter vindo para o Brasil que fez com que vocês voltassem numa situação diferente?// Não?//

AL: //Não, não!// Não, não. Foi que justamente se comprou a granja lá foi com o dinheiro arranjado aqui no Brasil.//

TP: //Aqui. Hum hum.

AL: E de modo que, foi por isso, mas não interferiu nada não.

TP: Certo. Mas então quando o senhor me diz, se o seu pai comprou a granja lá, foi com o dinheiro que ele acumulou aqui, se sua família não tivesse vindo para o Brasil certamente vocês estariam lá em condições diferentes.

AL: Ah! Naturalmente.

TP: Ah! Tá. Isso que eu estava querendo entender.

AL: Porque a família do meu pai eram oito irmãos, todos de uma pequena aldeia, não tinha

indústria naquele tempo, tinha era lavoura só, era na enxada e na picareta, e a terra era pouca e não dava para viver todos. Então imigraram...

TP: Hum hum. Então a imigração foi que//

AL: É. Quatro vieram para o Brasil e quatro foram para os Estados Unidos. E os três irmãos morreram aqui. O motorneiro e os dois que trabalharam na ponte de ferro lá em Sabará, morreram aqui. Só meu pai que voltou para a Itália.

TP: E aí voltou numa situação bem melhor.

AL: Sim, ele voltou, voltou em situação melhor.

TP: Senhor Lorenzato, o senhor acha que essa realidade que o senhor nos conta através de seu pai, de um imigrante que veio para o Brasil, e que se deu bem aqui, o senhor diria que isso foi geral, ou o caso do seu pai foi exceção.

AL: Não. Todos, todos, todos se arranjaram bem. É.

TP: Os imigrantes todos tiveram oportunidades// boas no Brasil.//

AL: //Todos.// É. Os grandes industriais, os Lunardi fabricante de ladrilhos, ele mexe com mármore, vieram como imigrantes. O Falci, Antônio Falci, também veio como imigrante e se tornou um grande comerciante de ferragens. Os Boschi, os Maltini, vieram como imigrante...

TP: Vieram todos nas mesmas condições.

AL: É sim. E aqui, devagar foram e fundaram essa família, essas grandes firmas, não é. Manguavacca... [risos]

TP: Agora, do mesmo jeito que o senhor cita esses nomes de imigrantes que foram bem, que se deram bem, que foram bem sucedidos aqui, o senhor saberia me dizer alguns nomes de imigrantes que vieram para cá e continuaram na mesma? Ou não, o senhor acha que/

AL: Não, não, não. Todos. Todos.

TP: Bom, então uma outra pergunta que eu também quero fazer para o senhor, que nós deixamos de perguntar, o senhor nos disse que antes da Segunda Guerra, no período depois do seu casamento, que havia um sentimento geral de quem morava na Itália naquele momento, de

que ia estourar uma nova guerra. Nesse período o senhor já tinha se casado, o seu pai já tinha morrido e o que nós queríamos saber é o seguinte: nesses anos que vão de 35 a 39, o senhor em algum momento chegou a pensar em voltar para o Brasil?

AL: Pensei sim. Mas a dificuldade de pagar a passagem, sempre. Mas quando apareceu a oportunidade, eu aproveitei, não é?

TP:. Quer dizer que mesmo antes da Guerra o senhor pensou em vir para cá.

AL: Pensei sim!

WC: E se não houvesse guerra, o senhor continuaria lá, estaria tudo tranquilo, não é?

AL: É, sim se não tivesse havido a Guerra, então a situação seria outra.

WC: //A situação seria outra.// O senhor queria fugir da guerra?

AL: //É sim, é.//

TP: É, uma outra coisa que o senhor nos disse na semana passada foi que na verdade o senhor na Itália não tinha sentido muita diferença, quando durante a guerra, já no final da guerra, quando chegam os aliados na Itália, o senhor não tinha sentido muita diferença com relação ao que estava se passando antes da chegada dos aliados. Como é que foi isso? Isso não ficou muito claro para nós.

AL: Como?

TP: Quando chegaram os aliados o senhor sentiu uma diferença muito grande na/

AL: Bem, logo no princípio, naturalmente a coisa ficou atrapalhada. Depois com o tempo foi... e então tomaram posse. A democracia cristã, apoiados pelos ingleses e os comunistas foram afastados porque não tinham... eram de Stalin, combatiam com Stalin. E foram afastados. A democracia cristã tomou posse e começaram a organizar as coisas e estão bem agora lá.

WC: Mas o que o senhor chama "de deixar a situação assim atrapalhada? A chegada lá?

AL: Por causa da... porque...

WC: O que é que houve nesse sentido?

AL: Houve que a... os comunistas tiveram... cassados por... os fascistas mataram mais de 300 mil fascistas em poucos dias. Os comunistas, os partizanos e teve um chefe comunista que foi

eliminado.

WC: Partizanos?

AL: ____ não é? Aqueles que apoiaram os ingleses. E de volta, depois, depois da guerra, depois, mais de um ano depois é que começou a normalizar as coisas, não é?

TP: E os aliados permaneceram dentro da Itália?

AL: Não. Vieram os chefes, os prefeitos, cidadãos lá que eram anti-fascistas mas que permaneceram na Itália. E o comando inglês nomeou esses, e os funcionários também, os chefes de repartição foram substituídos por italianos que defendiam a democracia cristã.

TP: Mas quem estava indicando essas pessoas? Foram os aliados ou as próprias pessoas, os próprios cidadãos votaram nessas pessoas?

AL: Não, não, os aliados é que colocaram os chefões, a pessoa mais importante da cidade, da aldeia, do lugar, não é? Quem é que vocês aconselham aqui para tomar conta desse município? Conversavam e colocavam.

TP: E aí os aliados afastaram tanto os fascistas como os comunistas.

AL: É sim!

TP: E como é que fica a situação para os comunistas nesse momento, sendo que a União Soviética também fazia parte.

AL: Agora a democracia é cooperado. Agora tem, o partido comunista foi legalizado tem deputado, tem senadores, tem tudo. Não tem mais o comando como tinha antes, alto, // o controle, não é? // O comando é do democrata cristão. Esses são da oposição. Mas com a democracia, é tolerada a idéia contrária, a oposição.

WC: E o que é que caracterizava essa democracia cristã?

AL: Heim?

WC: O que é caracterizava essa democracia cristã para vocês?

AL: Era manter a ordem, não é? São eles que mandam, que decretam as coisas. Então tem que seguir aquele decreto, tem que seguir.

WC: Mas Mussolini também fez isso!

AL: Também fez isso. Todos têm o chefe de Estado, o chefe do partido que está no comando é que dispõe de tudo, não é? De modo que sempre comandando lá em cima, na cúpula, estão os chefões não é? Os americanos, embaixadores, são eles que controlam. E depois, tendo comida e circo, deixou de saber quem manda.

WC: E nesse sentido, é função do Estado manter a ordem?

AL: É sim! Lá tem desocupação também, mas os desocupados têm semanalmente o seu chequinho; vai lá na prefeitura e recebe, no banco, vai lá e recebe, e vai tocando para frente. Não tem esse negócio de gente pedindo esmola pela cidade o dia inteiro. Tem os que são menos ricos, mas todos têm um subsídio para viver //para sobreviver// Para sobreviver, é!

TP: Deixa eu fazer uma outra pergunta para o senhor. O senhor tinha nos dito que até... nessa fase aí da sua vinda, os anos de guerra e tal, o senhor nunca tinha votado. O senhor não chegou a ser eleitor nem aqui em Belo Horizonte; o senhor saiu daqui muito novo e na Itália, o senhor passou boa parte da sua vida adulta sem também exercer esse direito, uma vez que o senhor viveu lá sob o fascismo. Com o final da guerra e com a vitória da democracia cristã na Itália, o senhor chegou a participar de alguma eleição lá, nesses anos que o senhor ficou? //Não, não.// Quer dizer que o senhor voltou para o Brasil em 1950, 49, 48, sem nunca ter votado?

AL: É verdade. Então eram os generais, os americanos que tomavam conta. Aqueles que financiavam as indústrias; teve que formar, as grandes indústrias foram destruídas completamente, empatarem grandes somas em dinheiro para reconstruir as fábricas para poder ocupar os operários, e isso levou mais de dois anos para poder... Agora, depois de 49, 50 é que começou a normalizar a vida na //a vida econômica.// É sim.

TP: Bom, vou perguntar para o senhor uma coisa que o senhor acabou de fazer referência. Quando o senhor nos disse que na Itália não havia gente passando fome na rua, não havia mendigo, nós podíamos falar disso um pouco agora para o caso do Brasil. Quer dizer, nós não falamos disso antes, mas enquanto o senhor viveu aqui em Belo Horizonte, os primeiros vinte anos da sua vida, o senhor se lembra de ver, de ter mendicância na cidade, havia mendigos, havia pessoas que estavam, que dormiam ao desalento, assim, o senhor sabe?

AL: Não, não, eu não lembro. Tinha um tarado, chamado Chico Tiú, que sempre andava pelas estradas, batendo uma enxadinha, [ri] era aquele. É. Depois tinha uma mulher também débil

mental também, que andava pelas ruas e suspendia a saia, dava escândalo. Mas foram eliminados, foi por pouco tempo. Eu me lembro.

TP: O senhor só lembra desses casos mais folclóricos?

TP: Agora, essa mendicância que a gente vê hoje, ela não existia naquela época.

AL: Não, não, eu não me lembro de ter visto não, gente pedindo esmola, não.

TP: E quando o senhor voltou para Belo Horizonte, agora nós vamos falar disso. O senhor nos disse que vindo da Itália o senhor passou um ano trabalhando em Petrópolis no Quitandinha. E aí o senhor trouxe a família de volta e com a chegada da família vocês se transferiram para Belo Horizonte. Como é que foi chegar em Belo Horizonte em 1950 já, 49?

AL: Antes de mandar vir a família, eu vim a Belo Horizonte //ah, o senhor veio ver os parentes//, pedi uma licença lá do Quitandinha, e vim aqui, conversei com os meus tios. Para morar no Rio de Janeiro tinha que morar muito longe, e o trabalho era no centro da cidade. Então me aconselharam a não ficar no Rio de Janeiro, e a vir para cá porque aqui eles todos já estavam bem de vida. E vim para cá, e aqui tinha os amigos. Eu encontrei o meu amigo do peito, o Chocolate, ele chamava. Ele era empreiteiro, biscateiro, fui trabalhar... Depois de dois dias eu já trabalhava, eu já tinha trabalho aqui. /É mesmo?/ É, e casa boa a que eu morava, no Carlos Prates já.

WC: Esse amigo é aquele que lhe escrevia?

AL: Não, não. Esse era daqui mesmo. Até já faleceu há muito tempo.

TP: É? Ele era empreiteiro, fazia obras?

AL: Biscateiro, ele era biscateiro. Depois trabalhei com o Rui Marques Ferreira, também empreiteiro, maior empreiteiro de Belo Horizonte, Trabalhei com ele diversos anos. E foi, até que depois quebrei a perna e então me encostaram. Fiquei aposentado, então eu comecei então a me dedicar à pintura de paisagens. [risos]

TP: //E aí, é o pintor Lorenzato quem agora nos fala, não é?

AL: [risos] É!

TP: Mas vamos falar agora só um pouquinho, esticar um pouquinho essa conversa sobre Belo Horizonte nesses anos que o senhor chegou. O senhor falou que foi morar no Carlos Prates.

Como é que foi, o senhor procurou a casa e achou, ou já era casa da família?

AL: Não, a mãe da Glorinha é que achou a casa para morar e tudo.

TP: Era sua tia?

AL: É, minha tia, era.

TP: Ela procurou para o senhor a casa. O senhor alugou a casa, ou o senhor comprou a casa?

AL: Não, não, não!

TP: O senhor não tinha condições de comprar, naquela época. O senhor...

AL: //Eu pagava aluguel de 700 cruzeiros por mês./

TP: É! E onde que ficava? Era no Carlos Prates, em que rua, senhor Lorenzato.

AL: Ru Teófilo Otoni, com avenida Pedro II.

TP: Ah, certo! E como é que era o Carlos Prates nessa época?

AL: Ah, era mais ou menos o que é hoje.

TP: É? O senhor acha que não mudou muito?

AL: Não! Não! Todas as construções são as mesmas.

TP: E uma outra coisa que eu gostaria de saber; o senhor nos contou, nos seus primeiros anos de vida aqui, que a comunidade italiana, ela morava toda no Barro Preto. //No Barro Preto// A maior parte dos italianos se concentrava no Barro Preto. Quando o senhor voltou, a opção de ir para o Carlos Prates foi porque a sua família sugeriu? A colônia tinha se transferido para o Carlos Prates?

AL: Sim, sim. Depois que passou a ser cidade, estavam construindo casas boas, edifícios, eles foram saindo. Quem tinha casa foi vendendo para outros mais ricos. E foram se espalhando para o Calafate, para o Prado, lá para o Padre Eustáquio e por aí. Mas, quase todos já morreram já, daquele tempo não tem quase ninguém [risos].

TP: Sei! Mas então o senhor acha...

AL: //Mas tem os filhos// que já são... todos já são gente formada.

TP: Então o senhor está me dizendo que a saída do Barro Preto, o fato de os italianos terem saído

do Barro Preto foi porque a região do Barro Preto ficou muito valorizada? Então compensava vender as casas?

AL: É sim, sim, compensava vender e comprar mais longe.

TP: Ah. Sim.

AL: Era vantajoso.

TP: Muito bem! Eu queria que o senhor nos falasse um pouquinho, o que o senhor achou, porque o senhor saiu de Belo Horizonte em 1920, a cidade era ainda muito pequenininha, não é?

AL: Ah, muito pequena, muito pequena!

TP: Quando o senhor voltou em 49, já tinham se passado 29 anos. O senhor sentiu muitas diferenças na cidade, como é que foi?

AL: Bem, diferença nos prédios, não é?, mas as ruas são sempre as mesmas!

TP: //É?// É, porque a cidade tinha sido planejada. Mas, essa diferença nos prédios era alguma coisa assim de chamar a atenção?

AL: Ah, sim, era! O prédio mais alto que tinha aqui em Belo Horizonte naquele tempo, eu me lembro, acho que ele tinha três andares. A Casa do Cartacho, era o mais importante.

TP: Aonde era essa Casa do Cartacho?

AL: Na rua dos Caetés, ali.

TP: Ah, é? Tinha três andares?

AL: Era [risos], era!

TP: Olha só! E quando o senhor voltou já tinha prédios altos.

AL: Já, já, já. Já tinha o Acaiaca, todos esses edifícios aí.

TP: É, o Acaiaca tinha sido inaugurado há pouco tempo. //É, tinha sim//. E o senhor estranhou essa paisagem urbana? Porque os lugares onde o senhor estava na Itália eram aldeias também, eram cidades pequenas.

AL: //Eram sim, sim, cidades pequenas// Cidades medievais [risos].

TP: E o senhor não ficou temeroso de estar em Belo Horizonte?

AL: Não, não! Eu até admirei muito. Ali onde era o mercado... E pensei que ia encontrar o campo do América, encontrei o mercado de um quarteirão de tamanho, não é? E onde é o Palácio das Convenções, e o Campo do Atlético, tudo em volta era mato. Era um matagal. O Córrego do Leitão que passava pelo meio da cidade, agora canalizado.

WC: Na época já era canalizado, quando o senhor voltou já?

AL: Na época não [risos]. Na época era um córrego vagabundo. [risos]

TP: Uma outra coisa, senhor Lorenzato. O senhor nos disse que o senhor arrumou trabalho rápido, com três dias em Belo Horizonte o senhor já estava trabalhando com o seu amigo, que era biscateiro e o senhor trabalhava como pintor de paredes, não é?

AL: //Eu trabalhava como pintor de paredes//

TP: E a sua esposa, a dona Ema? Quando o senhor a trouxe, ela não conhecia Belo Horizonte, não é? /Não, ela não conhecia./ Não conhecia o Brasil. Como é que foi, vocês conversaram sobre a necessidade dela trabalhar também...

AL: Ah, trouxe sim. Até por aqui mesmo, que isso tudo era coisa, era cozinheira, e era famosa por fazer capelete, não é? Antes da guerra, depois da guerra, logo, o Boschi foi passear na Itália, e foi na pensão da minha tia. Que a minha tia era de Belo Horizonte, e lá comeu os capeletes. /Ah, é?/ É! E quando a Ema chegou aqui falou: "Mas, Ema, você sabe fazer capeletes, faz capeletes, para a minha loja!" Então nós compramos o necessário, o cilindro, os apetrechos todos, e começou a fazer capeletes, e vender na padaria do Boschi. /Na padaria do Boschi/ Em pouco tempo ela ficou conhecida, ela tinha encomenda de todo lugar. /É mesmo?. Foi com o dinheiro que ganha que construímos isso aqui. /É mesmo?/ Eu, como pintor, e ela como fazedora de capeletes. [risos]

TP: Muito bem! Então ela inicialmente começou a trabalhar em casa, ela trabalhava sob encomenda para os Boschi.

AL: Sim, sim. Depois todos os parentes moravam ali, todos ali perto, não é? O Bairro do Carlos Prates era tudo de italiano, não é? Meu tio morava a um quarteirão de distância, uma prima morava a 200 metros, a 100 metros, a 50 metros. Até foram elas que arranjaram a casa para morar. Que ainda não estava acabada, hein? Estava em meio, ainda faltava passar a lixa e encerrar. /Sei/ /Era uma casa nova, então?/ Era uma casa nova. E tivemos então que ficar na

casa do meu primo na rua Sepertina...

FIM DO LADO A DA FITA 04

FITA 04 Lado B

WC: Bom, o senhor acabou de dizer que vocês moravam lá no Carlos Prates durante 12 anos.

AL: Doze anos!

TP: E a dona Ema, com esse negócio de fazer capelete, ela trabalhava em casa mesmo, era na cozinha da própria casa ou vocês fizeram um puxado?

AL: //Não, nós fizemos// uma barraquinha de madeira no fundo e ali ela trabalhava.

TP: E o senhor participava do trabalho dela em alguma, de alguma forma?

AL: //De noite e de tarde// eu ajudava, é sim! /É mesmo?/ É, eu que fazia a massa. E depois ela enchia e modelava, a gente trabalhava junto.

TP: Ah, muito bem! Quer dizer que o senhor também aprendeu a fazer capelete?

AL: Aprendi. Até domingo eu tenho encomenda aqui.

TP: É mesmo? Quer dizer que até hoje o senhor ainda faz capelete?

AL: É sim, é!

TP: Ah, muito bem! E o senhor aprendeu na Itália, com a Dona Ema ou o senhor já tinha, já sabia?

AL: Não, não, eu aprendi aqui.

TP: Com a sua mãe?

AL: Não, não/ Com ela mesma. Com ela, com a Ema.

TP: Ah, tá, depois de adulto. Quando criança o senhor nunca tinha ido na cozinha.

AL: Ah, não, não, não.

TP: Então foi só na condição de marido que o senhor foi aprender a cozinhar [risos]. Por falar nisso eu queria falar um pouquinho ainda sobre a história do casamento. Que o senhor nos contou outro dia que na verdade o senhor ficou solteiro até os 35 anos e nessa hora o senhor falou assim: "Não, é hora de casar". Que a sua mãe havia lhe dito

que era hora de casar para não ficar sozinho, não é? E aí o senhor disse que logo conheceu a dona Ema e vocês se casaram logo. Mas essa fala, isso que a sua mãe lhe falou, nessa época, de que o senhor precisava se casar para não ficar sozinho, o senhor concordou integralmente ou foi...

AL: Eu concordei porque já estava cansado de viajar, de andar pelo mundo. E achei bom formar uma família e viver sossegado. E de fato, dali eu comecei, e deixei de viajar. Quer dizer, viajava lá pelo interior mesmo. E depois, para vir para o Brasil. Mas de resto...

TP: Mas então a idéia de formar família naquela hora lhe pareceu boa?

AL: Boa, foi boa sim!

TP: Mas a idéia de formar família, quando o senhor viu a dona Ema, ela era lhe pareceu mais do que a idéia de formar família.

AL: //Era ela sim, naturalmente.//

TP: Teve aí uma paixão também, não é?

AL: //É sim, é sim!//

TP: Então tá bom! [risos] Com relação à cidade de Belo Horizonte, o senhor estava nos falando do Carlos Prates, e da clientela da dona Ema. Nós queríamos saber também o que a dona Ema, e o seu filho, que na época tinha uns 14 anos. O Lourenço. Qual foi a reação deles com a cidade de Belo Horizonte? O que é que eles acharam?

AL: Ele gostou. Ah, sim.

TP: Dona Ema também?

AL: Também, porque tinha os tios todos, os conterrâneos dela lá. Ficavam horas e horas conversando do passado, lá da cidade. Os tios perguntavam dos amigos, e ela explicava. Passavam horas conversando...

TP: Ela sentiu um ambiente amigo?

AL: "Ah, um ambiente como se fosse lá, onde ela tinha nascido. O Lourenço, o meu primo Hélio Ferreira, era gerente na fábrica, na padaria do Boschi, era amigo do Giannetti,

conversou com o Giannetti: "Olha, eu tenho um sobrinho, que veio da Itália. Você tem jeito de enfiar ele lá no Senai?" "Pode!"

TP: Ah, foi para o Senai?

WC: Ele aprendeu um ofício?

AL: Ele aprendeu o ofício de torneiro. E ali com os amigos, depois foi jogador de basquete no Quinze Veranistas. De modo que fez um ambiente... Para ele, para ele na Itália, ele é mais brasileiro que italiano.

WC: E ele gostou do que ele viu aqui em Belo Horizonte? Porque o senhor contou para a gente, semana passada, que a sua mãe contava assim muitas histórias para ele sobre Belo Horizonte, sobre animais, das matas e tudo. Correspondeu, a cidade correspondeu a essa imagem que ele já tinha dela?

AL: Sim, sim. Agora, a mata já não tinha mais, não! Os macacos também, não é, já estavam longe. Mas uma vez nós fomos passear em Santa Bárbara, e pelo caminho ele viu uns micos numa árvore...

TP: Ah é? Ficou satisfeito? [risos] Senhor Lorenzato, com relação ao tipo de vida que o senhor passou a ter aqui, com a sua família, o que o senhor nos diria assim... Eu estou dizendo até em termos de condições materiais mesmo, condições financeiras. O senhor, nesse primeiro período aqui, logo que o senhor voltou da Itália, o senhor tinha condições de vida melhores do que na Itália, parecidas, ou piores? Como é que era?

AL: Não, o trabalho aqui até era melhor. Era sim. Lá tem o inverno, no inverno não se trabalha. Aqui não tem inverno, quer dizer, nunca perdi dia de trabalho aqui, sempre trabalhei.

TP: E com isso o senhor acha que o senhor tinha melhores condições aqui.

AL: Melhores condições aqui.

TP: E com relação às condições de trabalho propriamente ditas? Quer dizer, até 1920, o senhor mesmo nos relatou havia dificuldades com relação ao estabelecimento do trabalho. //É sim!// Muitas horas extras que não eram pagas, o trabalhador não tinha férias. Na sua volta, essas questões já estavam resolvidas?

AL: Ah, estavam resolvidas, não é?

TP: Então o senhor trabalhava com carteira assinada?

AL: Ah, exato. Trabalhei na Quitandinha, tinha carteira. Depois trabalhei na montagem das feiras, no mercado de Botafogo. Sou registrado, até que, quando eu caí da escada fui logo aposentado sem dificuldades. Entrei no hospital Felício Rocho, fiquei lá mais de quarenta dias, tudo despesa do INPS. Não tive problema nenhum. E agora eu recebo aposentadoria minha, e da minha mulher.

TP: E quanto à dona Ema? O trabalho dela, inicialmente, era um trabalho caseiro, não é?

AL: Caseiro, depois ela foi contratada para tomar conta do restaurante do Jardim Botânico, Jardim Zoológico.

TP: Ah, isso em que data, o senhor se lembra?

AL: É mais ou menos em 54, 55. Depois arranhou um emprego aqui na Sociedade Brasileira de Eletrificação. Que é uma firma italiana, de Milão. O diretor é italiano, os chefes todos são italianos. E um chefe lá, italiano que conheceu a Ema aqui em Belo Horizonte, arranhou para ela um lugar lá, e ela entrou como chefe de cozinha. Para fazer, oferecer prato para os trabalhadores. Trabalhou doze anos lá. Até que caiu, escorregou no piso da cozinha e bateu com a cabeça num tamborete. Foi levada para o Pronto Socorro, lá fizeram um tratamento mas o médico falou: "Ah, ela talvez não vá ficar boa não."/ Afetou alguma coisa no cérebro./ Afetou, afetou o cérebro, e de fato ali, ela começou a ficar implicante com as empregadas, então resolveram e aposentaram ela.

TP: Sei. E esse trabalho anterior dela, no Jardim Zoológico foi um trabalho que apareceu para ela porque ela já era famosa, ou ela tinha ido procurar o trabalho?

AL: Não, não, não! Nós morávamos na casa de dona Ida Martine, filha dos Martine da famosa fábrica de macarrão. E o Martine era chefe lá do Zoológico. E ele conheceu a Ema, sabia que ela era cozinheira, e convidou-a a ir lá tomar conta do restaurante. Ela foi lá e tomou conta...

TP: Ah! E nesse momento o senhor se lembra assim se ela se animou com essa possibilidade? Assim, porque o trabalho caseiro, ele tem uma certa comodidade, não

é? E aí, ela sair do Carlos Prates para ir lá para a Pampulha.

AL: Mas vinham buscar ela de caminhonete.

TP: Ah, é? Buscavam de carro?

AL: Levavam lá, e depois, de tarde, traziam de volta. E também, na SBE também tinha ônibus aqui na avenida. Pegava ela aqui e levava lá.

TP: Ah, muito bem! Então a dona Ema fez fama em Belo Horizonte.

AL: Fez, fez.

TP: Com os capeletes, depois na cozinha do Zoológico e depois na empresa, não é? Nesse meio tempo, quer dizer, nesses anos, o seu filho estava, passou pela escola do Senai, e começou a trabalhar logo?

AL: Entrou também na fábrica lá.

TP: Onde a dona Ema trabalhava. Na Sociedade Mineira de Eletrificação.

AL: Como torneiro. E trabalhou até recentemente, foi aposentado agora.

TP: Trabalhou sempre na mesma firma?

AL: Sim, sim, sempre lá!

TP: Ah, muito bem! E com relação ainda aos dois, ao seu filho e à sua esposa, eles tiveram alguma dificuldade maior, mais acentuada com a língua portuguesa quando vieram para cá?

AL: Bem, a patroa, ela... bom, ela nunca falou bem, mas conseguia fazer entender, entendia bem, conseguia se fazer entender misturando, não é? Já o filho não, o filho já fala português aí, melhor que eu.

WC: O senhor ensinou o seu filho a falar português?

AL: Não, não! ele aprendeu na escola.

WC: Aprendeu aqui?

AL: É, sim! É.

WC: E o senhor não falava português com ele em casa, com eles não?

AL: Não, não. De modo que aprendeu aqui, em pouco tempo. Com a turma lá do Senai, depois com a turma lá dos Quinze Veranistas. Depois encontrou a Luci... e casou. É, está aí até hoje.

TP: E está aí até hoje! E como é que foi para o senhor, enquanto pai, educar um filho no Brasil? Um filho nascido na Itália, educá-lo no Brasil. Isso foi tranqüilo? O senhor teve alguma dificuldade na sua educação?

AL: Não, não! Eu não interferia nada, deixava tudo por conta dele. Ele é que ia resolver.

TP: O senhor não era um pai autoritário?/ Não, não!/ Não dava uns castigos de vez em quando?/ Não, não, deixava ele.../ Escolher o próprio caminho?/ É./

AL: Ele, de manhã cedo ele saía. O meu tio tinha uma fábrica de fazer carroças ali perto, na Lagoinha. Ali perto, onde era a Feira de Amostras, ali do lado. Tinha uma fábrica de carroças. E tinha um filho, o Danilo, e tinha uma turma. Uma prima tinha dois filhos, Aldo e Carlos. E lá se reuniam, iam para lá e ficavam na oficina o dia inteiro. [risos] Almoçavam e jantavam por lá. Vinha só de noite para dormir.

WC: Mas o senhor falou agora há pouco, que o senhor deixava que ele escolhesse os seus próprios caminhos. Mas houve algum momento em que o senhor não concordou com as escolhas que ele fazia? Houve algum momento em que o senhor pensava que aquela escolha talvez não fosse a melhor?

AL: Não, eu nunca, nunca/ O senhor nunca pensou?/ Não, ele nunca fez coisa...

TP: Era um menino cordato.

AL: Era sim, sim.

TP: Tem uma outra questão que eu queria saber do senhor. O senhor tinha comentado com a gente que, inicialmente, ainda com a sua família aqui em Belo Horizonte, quando vocês ainda moravam no Barro Preto, que Belo Horizonte ainda não tinha assim muita alternativa de abastecimento. Por exemplo, o vinho, não havia. Quando o senhor comentou que fez o vinho lá em Santa Bárbara e que teve uma aceitação muito grande, porque os italianos não podiam tomar vinho, porque era muito caro, não é? E os gêneros de primeira necessidade eram encontrados, mas eram só eles, não tinha. Quando o senhor voltou, como é que era isso? O senhor sentiu assim alguma diferença

assim... Com relação à cidade o senhor já disse que sim, os prédios, o progresso que estava chegando. E com relação a essa questão de abastecimento?

AL: Não, o abastecimento era igual à Europa! Aqui tinha de tudo. Tinha mercearias, não é? Uma das primeiras mercearias foi essa que hoje é lá em cima, e antigamente era ali onde é a rodoviária. Ali era a mercearia, onde era o Palácio de Exposições, ali. Era na Feira de Amostras. Dentro de Feira de Amostras tinha essa mercearia Nacional.

TP: E era uma mercearia boa, onde se encontrava de tudo?

AL: É sim, é! Tinha de tudo.

TP: E o senhor, como é que o senhor fazia com a dona Ema. O senhor ia fazer compras junto com ela, comprava no bairro? Ou ia ao centro?

AL: Não, tinha ali perto também, tinha padarias ali perto. Tinha padaria, tinha armazém, tinha farmácia. Tudo perto, ali na avenida Pedro II. Ali tinha, o comércio era ali, era tudo ali. Depois lá embaixo tinha a Feira de Amostras, ela saía mesmo a pé, ia lá na Feira de Amostras e comprava o que precisava.

TP: E as compras eram feitas com uma periodicidade assim, vocês faziam compras toda semana? Ou vocês compravam por mês? Como é que era?

AL: Não, não! Comprava o pão todo dia, não é? Claro! O leite, todo dia. O feijão, comprava 2, 3 quilos que dava para 2, 3 dias. Arroz também, macarrão também./ Ah, comprava no picadinho? É sim, sim.

WC: E isso porque vocês recebiam por semana?

AL: Não, os capeletes era vendidos na hora, eram entregues na padaria, lá do Boschi, tanto o capelete quanto o dinheiro, pagava qualquer...

TP: E o seu salário, era semanal, ou era mensal?

AL: Semanal/ semanal? É, semanal! É, também ali trabalhava por semana, e aos sábados, recebia.

TP: Agora eu quero saber uma outra coisa. Quando o senhor voltou para cá, quer dizer, ainda na Itália, o senhor, na época em que esteve viajando lá com o seu amigo holandês, o senhor fazia lá uns cartões, fazia um pouquinho de arte, não é? Sim, sim,

fazia, é/ Depois, ainda na Itália, e mesmo na sua volta para o Brasil, o senhor achava tempo para fazer algum trabalho manual, algum trabalho de pintura?

AL: Sim! Em Petrópolis eu pintei diversas paisagens lá/ Ah é?/ Sim.

TP: Ah, e o que é que o senhor fazia com essas pinturas, na época?

AL: Deixei lá com a minha prima no Rio de Janeiro. A [Baju], a filha da minha prima, ela era formada pelo Colégio Notre Dame... e falava inglês, também francês, e deixei para ela lá, umas dez paisagenzinhas - fala algumas palavras incompreensíveis - Lagoa Santa, em 49, a primeira vez que fui a Lagoa Santa, pintei aqueles lá/ É?// Em 49?/ É.

TP: Então esses desenhos que o senhor fez no Rio, essas paisagens, o senhor deixou todos com a sua prima/ É sim./ e na época o senhor pintava para passar tempo, é sim!/ como passatempo. E na sua volta para Belo Horizonte, o senhor continuou exercendo esse tipo de atividade?

AL: Sim, sim, sim.

TP: O senhor nunca parou então de pintar, as suas paisagens.

AL: //Não, não! Sempre gostei//, nas horas vagas sempre, sempre. Aos domingos eu saía, ia ali para os lados de Engenho Nogueira, tudo era mato ali. Era lá que eu fazia os meus croquis.

TP: Era ali que o senhor gostava de ir? O senhor não tinha o hábito de vir para a cidade, para o Parque Municipal? ou essas coisas, não?

AL: Não, não. O Parque Municipal eu ia, uns dois ou três domingos eu levei a Ema, para ver o parque.

TP: Ah! Passeava lá de vez em quando.

WC: Onde mais o senhor levou a Ema para passear?

AL: Hein?

WC: Que lugares o senhor achava importante levar a Ema e o seu filho para passear, para conhecer?

AL: O meu filho não vinha comigo. Não, não. Fomos em São Paulo, ele nunca veio com a

gente, ela saía sozinho. Até ele se perdeu, ele se perdeu lá em São Paulo. [risos] Foi uma dificuldade para ele achar o caminho para voltar para o apartamento onde a gente estava hospedado. Ele nunca gostou de ficar com companhia não.

TP: Essa viagem que o senhor fez a São Paulo foi uma viagem a passeio?

AL: A passeio, sim!

TP: É? Com a dona Ema e o Lourenço?

AL: É! Porque lá em São Paulo tinha a irmã da esposa do irmão da Ema.

TP: Ah, sim! Era parente torto?

AL: //Era sim.// Era casada com um professor de surdo-mudos e tinha um colégio lá em São Paulo. Nós fomos lá e ficamos uma semana.

TP: Isso em que ano, o senhor se lembra?

AL: Ah. Antes que eu quebrasse a perna, não é? Eu quebrei a perna em 54, 55. Foi entre 52 e 53.

TP: Então foi logo que vocês chegaram, tinha poucos anos.

AL: //Sim, sim, foi logo.// Logo depois, um ano ou dois que nós estávamos aqui.

TP: E essa viagem para São Paulo foi de trem ou foi de ônibus?

AL: Foi de trem, de trem!

TP: De trem. Não tinha ainda estrada para ônibus?

AL: //Não, não!// Fomos de Vera Cruz, até Entre Rios. Em Entre Rios pegamos o trem que vai para São Paulo/ que vai para São Paulo pela Central do Brasil.

TP: Era uma viagem longa, não é?, senhor Lorenzato?

AL: É sim! Nós nos divertimos.

TP: E o senhor não conhecia São Paulo? Foi a primeira vez que o senhor foi lá?

AL: Não, não! Foi a primeira vez.

TP: E qual que foi o impacto?

AL: Ah! Ali tinha de tudo, não é? O mercado, o mercado era mesmo como sistema italiano. É sim! Ali era tudo italiano, tudo, as grandes lojas, os grandes edifícios, o Martinelli, o Randazzo, o famoso Matarazzo.

TP: Então me conta uma coisa. O senhor fala como se... Porque o tempo que o senhor passou na Europa, o senhor andou muito pela Europa, não é? Nós sabemos disso. Mas as marcas mais importantes que o senhor tem são da Itália, não é? E quando o senhor fala do Brasil e da Itália, parece que não há muita distinção para o senhor entre um país e outro./ Ah não, não, não!/ O senhor não sentiu muita diferença, nem indo, nem vindo?

AL: //Só, o// clima, só o clima! Lá a primavera é primavera, tudo florido. O verão é calor como aqui, talvez até mais. O outono então já muda, as árvores já são cor-de-rosa, amarelo e vermelhas. E o inverno é a neve, não é? De modo que as quatro estações são bem distintas. Aqui não, aqui é tudo... [risos]

TP: E o senhor acha que essa é a grande diferença entre o Brasil e a Itália?

AL: É sim, é sim.

TP: O senhor nunca se sentiu um estrangeiro na Itália, nem um estrangeiro no Brasil?/ Não, não, não!/ O senhor se sentia em casa?/ É sim, sim!/ Tanto aqui como lá?/ É sim./

AL: Lá, o regulamento é: quem vai como turista, é turista. Mas quem vai para se estabelecer, vai com a família, tem que tirar a "cidadania" italiana. E como chegamos lá em tempo de guerra - a guerra já tinha acabado - ainda estava o racionamento, estava em vigor ainda, então para ter direito, para ter a carteirinha de racionamento, tinha que ser cidadão italiano. Então ficamos cidadãos italianos.

TP: E isso nunca foi nenhum transtorno para o senhor?

AL: Ah, não, não. O único transtorno que eu tive foi depois, com vinte e oito anos de idade, vinte e seis anos, foi pedir passaporte. Mas não me deram passaporte por eu não ter certidão de ter servido o exército./ Lá, não é?/ É. Eu não tinha servido o exército mesmo// Foi por isso que o senhor não teve passaporte?// Mas em todo caso passei na visita médica e fui recusado. O Capitão falou: "Para que você quer o Exército?" "Para viajar" Então me deu o documento "Não hábil às armas". Com aquilo arranjei o

passaporte.

TP: E falando em viagens, Seu Lorenzato, o senhor, um homem tão viajado, quando o senhor veio para Belo Horizonte, o senhor está dando notícia dessa viagem para São Paulo, e o senhor chegou a fazer outras viagens com a dona Ema, aqui pelo Brasil?

AL: São Paulo e Rio de Janeiro.

TP: São Paulo e Rio.

WC: Pelo interior de Minas, vocês não iam, não?

AL: Só Barbacena, Sabará...

WC: Nessas cidades vocês tinham parentes?

AL: Não, não.

TP: Iam visitar, simplesmente?

AL: Íamos ver a feira das rosas, não é?

TP: Em Barbacena.

AL: Fomos lá ver, em Barbacena.

TP: E, nesse meio tempo, com a dona Ema, o senhor chegou a voltar à Itália alguma vez? Com a sua esposa?/ Não, não, não!// Nunca?

AL: Só em 89// Que o senhor voltou agora?// Que eu fui nesse intercâmbio cultural, não é?

TP: Quer dizer que desde que o senhor veio para o Brasil em 48, o senhor só voltou agora?

AL: É sim!

TP: O senhor ficou 40 anos aqui sem voltar à Itália?/ É sim!/ Deu para sentir saudades?

AL: De quem?

TP: Da Itália!

AL: Não, não! [risos] É somente o desejo de ver lá os parentes. O mais, que eu queria ver era o meu irmão, que eu não tinha notícias dele. Ele tinha morrido, morrei dois anos atrás. Mas me escreveram e eu não recebi a carta. Eu sempre pensei que o meu irmão estivesse vivo, não é? Quando eu cheguei lá e vi a minha prima Franca, eu perguntei:

"E seu pai? E seu pai?" "Ele faleceu!" Eu fui mais, aceitei esse negócio de intercâmbio mais para ver meu irmão e as filhas, e os filhos dele. E fiquei lá, o meu irmão já tinha falecido, mas as filhas estavam todas moças, bem casadas.

TP: Então o senhor esteve com as sobrinhas todas.

WC: E a sua irmã?

AL: Minha irmã também já tinha morrido, ela morreu com pouco mais de quarenta anos.

TP: Morreu nova! Lá na Itália mesmo?

AL: É, na Itália.

TP: Então o senhor não chegou a vê-la também, quando voltou?

AL: Não! A minha mãe também, a minha mãe morreu com 84 anos, morreu eu morava no Carlos Prates. De modo que.../ não a viu mais/ Eu encontrei viva a esposa do meu irmão. Ela também está perto, mais ou menos, perto dos 90, também.

TP: É mesmo? Mas bem?

AL: Não, ela... Ela caminha encostada nas filhas, ela está mais bombardeada do que eu.
[risos]

TP: Bom, e aí a gente podia falar um pouquinho ainda sobre... o senhor chegou a nos dizer alguma coisa na semana passada, e eu perguntei agora há pouco. Comentei que até os quarenta, aos quarenta e oito anos o senhor não tinha exercido o seu direito de voto, não é? E o senhor voltou para o Brasil numa época em que as eleições// Mas eu votei duas vezes// O senhor votou duas vezes?/ Votei duas vezes/ Na eleição de 50/ É!/ e na de 55?

AL: Na de Juscelino, e na de.../ de Jânio Quadros/ na de Jânio Quadros. Eu votei no General Lott. Só duas vezes. Depois perdi, me bateram a carteira... tinha documentos, tinha a carteira de identidade, tinha tudo, tinha título de eleitor... Quando eu fui lá no jardim... no parque ... no parque jardim, como se chama ali?/ Cidade Jardim/ É, Cidade Jardim, ali tinha o escritório do TRE? /É./ De tirar o título/ O funcionário perguntou para mim: "que idade o senhor tem?" Então eu tinha 62 anos e ele falou: "Ah, deixa para lá. Não esquenta a cabeça não."

TP: E aí o senhor não tirou outro título?

AL: Depois eu não tirei outro título.

WC: E o senhor nunca se arrependeu disso não?

AL: Não, não! É que não teve eleição mais.

TP: Durante muitos anos./ É!/?

AL: E, depois que caiu o Getúlio, que caiu o Quadros, não teve eleição. O Jango é que ocupou o lugar. O Jango foi derrubado, entraram os militares...

TP: Até agora nós não pudemos votar

AL: É, a única eleição foi essa agora,/ que o senhor perdeu foi essa última agora/ E, foi essa aqui.

TP: E nessa o senhor não teve vontade de ir lá votar não?

AL: Não, não. [risos]

TP: E diga para nós uma coisa. O senhor votou no Lott, nas duas eleições que o senhor votou, o senhor votou no Lott?

AL: No Lott não! Ele foi candidato com o João Goulart. Primeiro foi o Juscelino.

TP: Ah, primeiro o senhor votou no Juscelino. Depois// depois no Lott// no Lott. Quando o Jânio foi candidato o senhor votou no Lott. E essa escolha do senhor nesse momento, o senhor podia falar para a gente um pouquinho, o porquê dela? Porque que o senhor... o Juscelino, por exemplo, por que ele pareceu... O senhor conhecia o Juscelino, assim de.../ Não, não/ Não sabia quem era o Juscelino?

AL: Sabia pelo governo que ele fez, não é?

TP: A prefeitura, aqui em Belo Horizonte?

AL: Não, de prefeito...

TP: Do governo do Estado?

AL: É! Quando eu vim, ele entrou no lugar do Dutra, não é? Ou foi o Vargas?/ Foi o Vargas, primeiro/ É! o Vargas. Depois que o Vargas saiu, foi derrubado, depois foi a

eleição, e foi o Juscelino.

TP: Exato. E, no momento do final do governo Vargas, o final dele que foi um final trágico, com o suicídio do Vargas, o senhor acompanhou essa movimentação?

AL: Acompanhei sim, pelos jornais, não é? Soubemos que ele tinha se suicidado. Depois tem os que afirmam que ele foi assassinado, de certo não se sabe nada, não é?

TP: E o senhor tinha alguma identidade com ele?

AL: É, eu gostava do programa dele!/ Gostava./ Ele fez alguma coisa pelos operários.

TP: Então o senhor chegou a se sentir, sentiu uma comoção na época? Na época do suicídio dele. Mas o senhor chegou a ir a alguma manifestação de// Não, não//, não. Tem uma outra coisinha que eu gostaria de perguntar para o senhor, que diz respeito ao Juscelino, já que o senhor votou nele em 55, como o senhor está dizendo, a gente podia falar um pouco sobre isso. É, o senhor não estava em Belo Horizonte quando o Juscelino foi prefeito?/ Não, não!/ Mas quando o senhor chegou aqui o senhor teve notícias do Juscelino como prefeito, da Pampulha, que ele tinha construído. O senhor foi, o senhor que era uma pessoa interessada, não só como trabalhador da construção civil, mas o senhor já tinha uma veia de artista, o senhor, o que é que o senhor achou da Pampulha?

AL: Achei uma maravilha. Então era a Pampulha. Não tinha esse negócio que agora, mais da metade da Pampulha é invadida pelo capim, pelas ervas, não é? Naquele tempo era tudo Pampulha, era tudo limpo./ Tudo bem cuidado./ Tudo bem cuidado.

TP: E o senhor gostou do que viu?

AL: Gostei, gostei.

TP: O que o senhor achou da igreja lá do Niemeyer.

AL: [risos] É.

TP: O senhor achou bonita, diferente?

AL: Bonita, não é? Moderna, muito diferente. As pinturas do Portinari também.

TP: E uma outra coisa que também é obra do Niemeyer e que eu gostaria de saber a sua

opinião a respeito. Que o senhor já estava em Belo Horizonte quando começou a ser construído o conjunto JK, ali na praça Raul Soares. Aquele grande conjunto habitacional. O senhor não chegou, na época o senhor não morava... o senhor pagava aluguel/ É, pagava aluguel/ Na época o senhor não chegou a pensar em comprar apartamento ali? Por que foi feita uma ampla campanha, não é? /Sim, sim!/ O senhor se lembra disso?

AL: Não, não tomei conhecimento não! Depois, a obra ficou embargada muito tempo, ficou parada. E acabaram ela depois que o Juscelino não estava mais aqui em Belo Horizonte. Já era presidente da República.

TP: Então o senhor não chegou... Eu estou perguntando isso porque algumas pessoas do Carlos Prates, que eu tenho notícia, chegaram a comprar apartamento ali no JK. O senhor não chegou a pensar nisso?

AL: Não, não!

TP: Porque não interessava ao senhor, ou o senhor não tinha condições naquela época de comprar um imóvel?

AL: Não, porque eu já tinha isso aqui em construção.

TP: Aqui já?

AL: É, sim, sim, já.

TP: Ah, então conta para nós como é que foi a decisão de construir aqui.

AL: Foi que uma prima de Santa Bárbara, que mora em Belo Horizonte., veio um primo do Rio de Janeiro, que era fanático para apostar nos cavalos, na corrida de cavalos. E tinha ganho uma boa bolada de dinheiro numa aposta. E veio passear aqui em Belo Horizonte. E comprou... e me perguntou: onde é que a gente podia comprar uns lotes aqui, a um bom preço.

FIM DA FITA 04 LADO B

A
aliados, 8, 9
anti-fascistas, 9

B
Barro preto, 13
Belo Horizonte, 4, 10, 11, 12, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22,
24, 27, 30, 31, 32

C
Carlos Prates, 12, 13, 15, 17, 18, 21, 28, 32
Casa do Cartacho, 14
comunistas, 3, 4, 5, 9, 10

D
democracia cristã, 9, 10, 11

F
fascismo, 1, 3, 11
Feira de Amostras, 22, 23

G
Getúlio, 29
Guerra, 8

I
imigração, 7

J
Jango, 29
Jânio Quadros, 29
Juscelino, 29, 30, 31

L
lideranças sindicais, 4

M
Mussolini, 1, 2, 3, 10

N
Niemeyer, 31

P
partizanos, 9

Portinari, 31

Q
Quitandinha, 11, 12, 20

S
Segunda Guerra, 8
Sociedade Mineira de Eletrificação, 21
Stalin, 9

T
Terceira Central comunista, 4

V
Vargas, 30

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADORAS: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
WALQUÍRIA DA COSTA CAMPOS
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA DA ENTREVISTA: 17/05/91

FITA 5 - LADO A

WC: 17 de maio de 1991, 5ª entrevista com o sr. Amadeo Luciano Lorenzato.

TP: Olha, tem umas dúvidas que nos ficaram sobre a última entrevista. O senhor nos falava, quando nós terminamos o trabalho na semana passada, o senhor estava nos contando que na sua mudança para Belo Horizonte, o senhor, antes de se estabelecer mesmo, o senhor morou com um primo/

WC: O senhor ficou na casa de um primo...

AL: //Sim, sim.//

WC:... enquanto sua casa não ficava pronta.

AL: //É, uns dois dias só!//

TP: Ah, foi uma estadia rapidinha?!

AL: Na rua Serpentina, em dois dias nós arranjamos a casa.

TP: Ah, então está bom!

WC: É porque a fita terminou quando o senhor ia falar o nome da rua!

AL: É. [risadas do senhor Lorenzato.]

TP: Então, foi lá que o senhor ficou dois dias, só, bastante rápido.

AL: //É//

TP: E a outra coisa que o senhor começou a nos contar também, que nós não chegamos a registrar, foi quando o senhor resolveu comprar os lotes aqui,

AL: //É//

TP: Aonde o senhor mora hoje. O senhor disse que veio um primo do Rio, que tinha ganho lá um prêmio.

AL: É sim. Corrida de cavalo.

TP: Com as corridas de cavalo e que ele propôs para o senhor comprar um imóvel. E aí o senhor parou e não continuou esta história. Então, nós queríamos saber como é que foi isso direitinho.

AL: Nós já tínhamos ido no Barreiro ver dois lotes lá, mas lá não gostamos, então a minha prima que mora aqui no Santo Antônio, não, no Santa Tereza, ela veio aqui e disse: "não, eu sei aonde é que tem uma imobiliária que está vendendo bons lotes por aqui mesmo. Então, nós fomos lá, combinamos, ele comprou dois, eu comprei um, a minha prima comprou outro, de baixo. É.

TP: Então, foi uma coisa rápida?

AL: É sim.

TP: Vocês viram e gostaram logo?!

AL: //É, sim. Depois, meu primo tinha duas filhas, mas as filhas acharam que não era negócio morar em Belo Horizonte, então ele vendeu e nós compramos os dois lotes.

TP: E no momento em que o senhor efetuou esta compra, o senhor morava lá no Carlos Prates!

AL: Não, não. Aqui! É aqui. Eu já morava aqui.

TP: Ah, já estava morando

AL: Já morava aqui. Porque esse negócio que as moças desistirem passou, depois de mais de um ano... que elas resolveram a não se interessarem pelos lotes aqui. Então o meu primo veio, "minhas primas, minhas filhas não acham bom vir aqui, não é, morar aqui, você quer comprar os lotes?" Compramos.

TP: Ah, bom!

AL: Fizemos, fizemos as contas, pagamos as prestações que faltavam e ficamos com os lotes.

TP: Ficaram aqui com os lotes.

AL: É.

TP: Mas então, eu acho que faltou o senhor nos contar como foi que o senhor mudou para cá. Porque eu estava achando que o senhor comprou o lote e aí o senhor mudou. Mas o senhor está dizendo que mudou antes, como é que foi a decisão de mudar para cá?

AL: É que a minha mulher trabalhava aqui na SBE.

WC: Na companhia de eletrificação.

AL: É, na Cidade Industrial.

TP: //Hum-hum.//

AL: E para vir do Carlos Prates era muito... Então, tinha o lote aqui, um amigo achou que - eu tinha um amigo que era construtor - fizeram a planta e aí construímos. E o diretor da SBE financiou, ajudou muito, [] ajudou.

TP: //na construção//

AL: Depois a gente reembolsou com trabalho. De modo que em 62 viemos para aqui.

TP: Em 62?!

AL: É.

TP: Vieram do Carlos Prates para cá.

AL: É sim.

TP: Hum-hum. E quando o senhor efetivamente comprou o lote foi quando, o senhor

lembra?

AL: Bem, foi antes de 62. Foi lá por 50, 52, mais ou menos.

TP: Então foi logo quando o senhor chegou em Belo Horizonte.

AL: //É, é sim.//

TP: E aí o senhor ficou morando aqui desde então, não é "seu" Lorenzato?

AL: //É, desde essa época.//

TP: O senhor nunca mais saiu daqui?

AL: //Não, nunca mais saí.

TP: E aí o senhor vai contar para a gente um pouquinho, agora, como é que foi, por exemplo, quando o senhor mudou para cá em 62, o seu filho já estava casado ou não?

AL: Sim, já estava casado. Já estava casado.

TP: //Já estava casado.// Hum. E ele se mudou para cá junto com o senhor?

AL: Não, ele morava aqui em baixo na Avenida...

TP: Amazonas?//

AL: Amazonas. E depois é que construiu uma casa ali, ele mudou para aqui.

TP: E falando no seu filho, a gente queria saber também um pouquinho sobre como é que o senhor acompanhou; o senhor nos disse que ele, quando veio da Itália não teve muitas dificuldades de se adaptar aqui.

AL: //É.//

TP: Que ele conseguiu trabalho rápido. E como é que foi assim, já na vida adulta, ele continuou morando com o senhor até na hora de casar?

AL: Sim.

TP: É. E o casamento dele assim foi; como é que era isso para o senhor, assim, porque o senhor nos contou sobre a sua experiência, do seu casamento.

AL: É.

TP: Sua mãe que sugeriu para o senhor que o senhor deveria se casar.

AL: [risadas]

TP: O senhor fez o mesmo com o filho ou não?

AL: Não, não, não. Ele mesmo arranjou, eu nem conhecia a noiva, ele falou: vou casar.

TP: //O senhor nem conhecia?!//

AL: Casou lá no São Francisco. Foi tudo rápido mesmo.

TP: É! E o senhor nem conhecia a noiva ainda.

AL: Não, não conhecia.

TP: Mas aí o senhor ficou conhecendo.

AL: Ah! eu fiquei conhecendo. No dia do casamento eu fiquei conhecendo.

TP: //Só no dia!//

AL: É.

TP: E isso, para o senhor, era tranquilo assim ou o senhor se ressentiu de não conhecer a nora?

AL: Não, não, não. A moça era inteligente e trabalhadora, funcionária lá do INPS.

TP: Hum-hum.

AL: Federal, era química. Faz análise.

TP: Análise, não é?

AL: É, de modo que tinha um bom emprego. E ele também arranjou um emprego lá na SBE, ganhava bem, e aí começaram, mas ele levou mais de dez anos para chegar a este ponto sabe? E ainda não está acabado, hem?

TP: //Na casa dele aqui não é ?//

AL: Estou trabalhando ainda [risadas]. É.

TP: E o senhor, antes da decisão do seu filho de se casar, o senhor tinha uma relação de amizade com o seu filho, assim de aconselhá-lo, ele era muito namorador.

AL: Não, ele quase não ficava em casa. Ele saía de manhã cedo e ia lá na oficina do meu tio, que fazia carroça.

TP: Hum.

AL: Lá tinha mais dois primos, e ficava por lá, sapeando, brincando, e voltava de noite.

TP: Sei.

AL: Jantava e depois ia dormir.

TP: E com o trabalho ele nunca teve dificuldade porque ele arrumou trabalho.

AL: Enquanto ele estudou no Senai, deixe eu ver, depois que ele começou a trabalhar bem, direito, entrou então. Mas ele sempre foi independente.

TP: É!

AL: É, nunca gostou muito de ser controlado.

TP: E o senhor atribui isso à forma como o senhor e a Dona Ema educaram o Lourenço? O senhor acha que essa independência dele é o resultado.

AL: Acho que sim, porque também a Ema não era muito rigorosa não. Ela aconselhava, mas cresce.

TP: E o senhor já comentou conosco que vocês tiveram um único filho só, mas que isso não foi planejado, foi só um e...

AL: É sim, foi, foi. Eu acho que foi um golpe da mãe com a parteira, sabe?

TP: Ah é! [risos]. O senhor suspeita disso?

AL: É, porque ela quase morreu, sabe. O menino já tinha morrido, na opinião da parteira, ela jogou no chão e disse "esse aí já morreu". Vamos tratar da mãe.

TP: Hum-hum.

AL: Uma mulher que estava aí também olhando viu que ele mexeu um braço e falou: - "Isolina ele não está morto não". Então pega ele e dá banho nele aí, e foram acudir a Ema.

TP: Hum-hum.

AL: E custaram para levar, de modo que ela assustou tanto que...

TP: Vamos ficar só nesse.

AL: Ah, vão. [risos]. Está bem.

TP: E o senhor, nesse tempo todo, como é que era a sua situação assim de ter um filho só, o senhor gostaria de ter tido outro?

AL: Não, não, não.

TP: O senhor pensava nisso?

AL: Não, não.

TP: Estava satisfeito?

AL: Estava, estava satisfeito, é o destino não é? Se teve que ser um só, um só.

TP: E com relação a isso, outra coisa que nos deixou também um pouco curiosas, é do fato de seu filho não ter tido filhos.

AL: É.

TP: E o senhor, com tanta história para contar.

AL: [risos]

TP: Não tem os netos.

AL: Não, não tenho netos, não.

TP: Para ouvir as histórias. Como é que é isso para o senhor?

AL: Bem, para mim não é tanto, porque... mas para a Ema, para a minha mulher era muito triste, não é?

TP: É.

AL: Porque ela gostava de meninos, não é? E não tinha. Ela ficava chateada. Mas depois conformou..

TP: Certo.

AL: Se não teve que nascer, não nasceu, não é? Paciência!

TP: É. Mas os senhores conviviam com crianças, assim da família, sempre tiveram convivência com crianças?

AL: Bem, com o filho eu sempre saía de bicicleta, passeava com ele, enquanto ele era menino. Quando ele era garotinho. Depois começou a usar calça comprida, então... [risos].

TP: [risos]. Aí já não queria saber de passear.../

AL: Não, não, então ele tinha os amigos, sabe? Ele era do grupo católico, da Democracia Cristiana, tinha o padre que ensinava e tinha campo de esportes, e ficava lá o dia inteiro. Depois começou a trabalhar, então... Mas sempre continuou jogando basquete. No Quinze Veranistas. Depois desistiu também daquilo.

TP: Seu Lorenzato, o senhor contou para nós que a sua mudança para cá, quer dizer, a compra do terreno aqui foi em 1962.

AL: É.

TP: Foi no mesmo ano em que o senhor se aposentou?

AL: Não.

TP: Quando é que foi a sua aposentadoria?

AL: Bem, eu aposentei é... espera... dezembro, novembro de 49... até 60, 62... eu me aposentei, acho que é 62, 64, por aí.

TP: Foi por esses anos.

AL: É.

TP: É. E depois que o senhor se aposentou, a dona Ema continuou trabalhando?

AL: Continuou.

TP: E como é que era essa história, o senhor aposentado, ficava em casa e a esposa saía para trabalhar?/

AL: Não, mas eu ia lá ajudar.

TP: Ah, é?!

AL: Eu ia distribuir o café para os operários [risos]

TP: O senhor ia junto?

AL: Ah não, eu ia depois.

TP: É mesmo?

AL: É. Na hora do almoço, não é?

TP: Hum.

AL: Eu ia lá e ficava com a cafeteira despachando para os operários o café. Depois eu largava tudo e vinha, e voltava.

TP: Hum.

AL: Eu tinha os pedreiros aqui, que estava construindo, não é? Ficava com os pedreiros, ajudando.

WC: Esse trabalho que o senhor fazia com sua esposa era só para ajudá-la ou o senhor recebia alguma remuneração?

AL: Não, não, não... É para ajudar.

TP: Era para se ocupar um pouquinho?

AL: É sim. [risos]

TP: [risos]

WC: Porque o senhor sempre ajudou a sua esposa, não é?

AL: É.

WC: O senhor falou que sempre ajudou, né? Com os capeletes, agora com o restaurante!

AL: É sim. Sempre, sempre.

TP: E a propósito dos capeletes, depois que ela começou a trabalhar na SPE, ela ainda achava tempo para fazer o capelete, assim no fim de semana?

AL: Não, não. Só para nós.

TP: Só em casa. Mas, para a família ela continuava fazendo.

AL: //Continuava, continuava fazendo// [risos]. É.

TP: É, bom, o senhor está dizendo que depois da aposentadoria o senhor então, nos primeiros tempos, o senhor ficava lá um pouco com ela, ia lá na hora do almoço. Mas nesse momento o senhor já começou a trabalhar mais intensivamente com a pintura?

AL: Sim, sim/

TP: Em casa?

AL: Depois que eu mudei para aqui, eu saía para as favelas ficava o dia inteiro pintando.

TP: O senhor ia para a favela?

AL: Hum-hum.

TP: Por quê?

AL: Porque a favela é interessante, não é? [risos de todos] Olha ali, é um trecho da favela.//

TP: O que chamava a atenção do senhor? Porque veja bem, o senhor estava, o senhor tinha vindo, não tinham tantos anos assim de uma experiência de vida muito diferente na Itália. Na Itália nós sabemos que não tem favelas.

AL: Bem, tem lá algumas sim...alguns barracos tem sim. Mas não é assim tão povoados, não. Depois as autoridades tiram e constroem as casas, mas alguma coisa tem sempre.

TP: É!

AL: Agora não, depois da guerra reconstruíram todas as casas que foram destruídas e fizeram bairros novos, financiamento dos americanos. Agora todos têm casa.

TP: Hum-hum. Agora, conta para nós um pouquinho, porque o senhor achava interessante a favela. Estou só lembrando do seguinte: quando o senhor saiu do Brasil em 1920, o senhor se lembra, até 1920, de ter favelas em Belo Horizonte? O senhor conhecia?

AL: Tinha a Barroca.

TP: A Barroca?

AL: É. E o Barro Preto também era meia favela...

TP: É, o Barro Preto tinha as cafuas.

AL: É.//

TP: Mas quando os italianos chegaram lá começaram a...

AL: Construir.

TP: Melhorar as construções.

AL: //É, é.//

TP: Mas permaneceu uma área do bairro assim, que o senhor diria que é favela, lá no Barro Preto?

AL: Bem, favela mesmo, não, umas casinhas, cafunhas. Mas com conforto. Não era mesmo favela, essas casas feitas de folha de flambre, de tábuas velhas, não, eram feitas de adobe.

TP: E essa favela que o senhor saía para pintar, aqui perto, essa já era uma favela de outro tipo?

AL: Essa aqui, sim, era. A que tinha aqui em cima era a famosa Cabana do Pai Tomaz.

TP: Hum-hum.

WC: Já era uma favela quando vocês vieram morar aqui?

AL: Não. O lote tinha aqui uma plantação de eucaliptos. E aquele famoso financista...

WC: Luciano?

AL: Luciano. A mata era dele.

WC: Hum.

AL: Mas o prefeito que foi, não lembro o nome do prefeito, falou: derrubo as plantas, escolhe um lote e constrói as casas. E aí foi, trabalhar aí, dia e noite, a derrubar as plantas, demarcar os lotes e fazer as casas.

TP: E isso o senhor acompanhou de perto. O senhor já estava morando aqui?

AL: /Já estava morando aqui.//

TP: Hum-hum. Teria sido o Gianetti, o prefeito?//

AL: Não...

TP: O senhor não lembra?

AL: O que tem filhos vereadores...

TP: Carone!

AL: É, Carone! Carone, é. Era ele o prefeito. E deu ordens []/

TP: E o senhor como morador da região nessa época, o que o senhor achou disso? Dessa decisão do prefeito de mandar derrubar a mata para deixar construir?

AL: Eu achei interessante.

TP: É?!

AL: É!

TP: O senhor achou correto?

AL: É, sim! Achei correto. A mata estava ali, não rendia nada, só madeira. E fizeram, e derrubaram tudo e fizeram... fizeram as casas. Agora até que está uma favelinha bem, bem alinhada.

TP: Hum-hum.

AL: Ganharam os lote e tem essa tal... essa população que ajuda.

TP: É, a Associação dos Moradores da...

AL: //É, é.//

TP: Da Cabana.

AL: É. E estão fazendo casinhas boas!

TP: Seu Lorenzato, como o senhor acompanhou o surgimento e o crescimento da favela, o senhor tinha condições de avaliar, o senhor sabia quem eram, não de conhecer cada uma das pessoas, mas as pessoas que estavam vindo morar aqui, o senhor tem idéia de onde é que elas estavam vindo?/

AL: Não!

TP: O senhor acha que elas vieram do interior, de outros lugares?

AL: Não, não! Vinham de outros bairros.

TP: De outros bairros?

AL: É! Nunca soube de onde vinham. [risos]

TP: Mas o senhor não se constrangeu pelo fato do senhor ser o morador mais antigo do bairro e de estar surgindo uma favela muito perto.

AL: Não, não! Não é perto. Tem mais de um quilômetro daqui até lá em cima, de modo que não atrapalhou nada.

TP: Hum-hum.

AL: Eles estão lá em cima e nós aqui.

WC: O senhor achava que a distância...

AL: A distância [] comunicação, não é?

WC: Se fosse mais perto tinha problema?

AL: Ah bem, se fosse mais perto tinha problema. Mas não, era gente direita. Nunca aconteceu nada de grave aqui. Se aconteceu alguma coisa, foi gente de fora, sabe?

TP: Hum-hum.

AL: Vocês aceitam uma cerveja?

WC: [risos]

TP: Uma cerveja?!

AL: É.

TP: O senhor não pode tomar cerveja não, com a perna aí...

FIM DA FITA 05 LADO A

B

Barro Preto, 13

C

Carlos Prates, 3, 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADORAS: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
WALQUÍRIA DA COSTA CAMPOS
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
LOCAL: BELO HORIZONTE
DATA DA ENTREVISTA: 28/05/90

FITA 6 - LADO A

WC: Vinte oito de maio de 1991. Nós já estamos agora na 6^a entrevista com o senhor, seu Lorenzato!

AL: [risos] É!

TP: Bom, nós vamos começar essa entrevista, tentando saber umas coisinhas que nós conversamos na semana atrasada, quando estivemos aqui, para saber um pouco melhor algumas coisas do senhor. Por exemplo: o senhor estava nos contando sobre, o senhor tinha nos dito sobre o seu casamento, depois sobre o casamento do seu filho, e o senhor comentou que só conheceu a nora, na hora do casamento, mas que não houve problema não, porque era uma moça que o senhor disse: "ela era muito inteligente, uma moça trabalhadora também".

AL: //[risos]// Sim.

TP: Então, a partir disso, nós queríamos saber do senhor, essa noção da moça trabalhadora, como é isso para o senhor, o que o senhor acha que são as qualidades de uma mulher, seu Lorenzato?

AL: Bem, ela era funcionária do INPS, não é. Ela fazia os exames químicos lá, ela nunca

perdia o horário.

TP: Sei.

AL: Sempre foi, foi sempre, sempre trabalhou, e depois em casa também, sempre trabalhava, para fazer comida, limpeza da casa etc. Sempre foi trabalhadora.

TP: Hum-hum.

AL: E agora, está até agora, sempre aos domingos é ela que faz almoço, tem sempre convidados aí.

TP: É?

AL: É.

TP: E o senhor acha que, o senhor está acostumado, quer dizer, tanto a sua esposa, quanto a sua nora, as duas trabalhavam fora de casa.

AL: //Sim, trabalhavam.//

TP: E para o senhor isso foi uma coisa tranqüila.

AL: Tranqüila, tranqüila!

TP: O senhor acha que a mulher deve trabalhar fora de casa?

AL: É sim, porque... depois, necessidade, não é? Um só não dava para ganhar para o sustento. Depois, tinha um bom emprego, não é? E muito estimadas todas as duas.

TP: Hum-hum.

AL: De modo que...

WC: E se o marido ganhasse bem? A mulher não precisasse ter que trabalhar fora?

AL: Mas se não precisasse...

WC: Aí o senhor acha que é bom ficar em casa?

AL: É, eu não provei, não é? [risos]

WC: O senhor acha que não?

AL: Acho que não, porque... [risos]

TP: Não é a sua experiência, não é?

AL: [] vou ter que sair, não é?

TP: Hum-hum. E no meio que o senhor conviveu, assim, por exemplo, na sua família, os tios, primos, e mesmo a convivência com os italianos em Belo Horizonte, no início, quando a sua família morava aqui, nesse meio, que o senhor chama de um meio operário, meio de trabalhadores mesmo, sempre foi comum as mulheres ajudarem na complementação da renda familiar?

AL: Sim, sim, sim. Lá também ela sempre também trabalhou. Trabalhou em uma fábrica de chapéus.

TP: Quem? A sua mãe?

AL: Não, não, não. A minha esposa.

TP: A dona Ema?

AL: É.

TP: Ah, na Itália?

AL: //Na Itália//

TP: Ela trabalhou em uma fábrica de chapéu.

AL: Primeiro, ela foi garçonete em um restaurante.

TP: //Foi o que o senhor nos contou.//

AL: De minha tia. E depois quando casamos, ela arranhou um emprego numa fábrica de chapéus.

TP: Ah, sim.

AL: Era aquela que colocava o acabamento.

TP: Sei!

AL: Trabalhou sempre.

TP: Então, a dona Ema era uma pessoa muito habilidosa?

AL: Habilidosa, é, é!

TP: Desde chapéu até o capelete.

AL: [risos]

TP: Na mão dela era no capricho!

AL: É.

TP: [risos]. Pois é, e falando nisso seu Lorenzato, nós agora queríamos falar de uma coisa que certamente dói ainda no senhor, que é o seguinte: o senhor teve na sua esposa uma companheira durante muitos anos da sua vida, não é?

AL: Quarenta e nove anos e oito meses!

TP: De casados?! Quarenta e oito anos e nove meses/

AL: Quarenta e nove.

TP: Quarenta e nove e oito meses!

AL: Estavam faltando quatro meses para inteirar cinqüenta anos.

TP: Hum-hum. E essa convivência com ela nesses anos todos foi de muita solidariedade.

AL: Ah, sim!

TP: Entre vocês dois.

AL: Sim, sempre. Sempre de acordo.

TP: //Hum-hum.// E o senhor já nos contou que os últimos anos foram difíceis, porque desde o tombo que a dona Ema levou, ela ficou...

AL: Ficou, ficou.

TP: Com a saúde prejudicada.

AL: É. Perdeu a memória. Começou a enxergar pouco.

TP: Hum-hum.

AL: [] ela passou muito tempo nas clínicas. Ela esteve no Galba Veloso, e depois ali na Pampulha, no Pinel.

TP: //No Pinel!//

AL: Depois estive no São Judas Tadeu, depois estive no Santa Clara.

TP: Sei.

AL: Depois ultimamente foi no São Luís. Nesse bairro aí.

TP: //Sei// E essas vezes que ela esteve internada, a internação era sempre uma decisão médica ou era da família, como é que foi isso, seu Lorenzato?

AL: Bem, aqui era de acordo, a gente levava ela no Galba Veloso, o médico analisava: tem que internar, então internava.

TP: Hum-hum. E aí, ela passava muito tempo na clínica ou/

AL: Passava. [] ela ficou mais de cinco meses.

TP: É mesmo!

AL: No André Luiz, é.

TP: E para o senhor como é que foi isso, como é que foi isso?

AL: Ah isso foi, foi uma tragédia! Não é?

TP: //Hum-hum//

AL: Ainda bom porque tinha a Luci aí.

TP: Que dava apoio, não é?

AL: Que dava apoio. Mas, não...

TP: Foi muito sofrido para o senhor?

AL: É foi, foi triste. Muito triste.

TP: Mas ela, quando passava esse tempo na clínica, ela voltava melhorzinha?

AL: Bem, ela voltava melhorzinha, ficava uns tempos mais ou menos, depois recaía.

TP: E mesmo quando ela estava em casa, ela estava tomando medicamento sempre?

AL: Não, não, não, não.

TP: //Não?

AL: Só na clínica mesmo.

TP: Ah... sei.

AL: É, o médico falou que não precisava, que a coisa era grave, não tinha cura.

TP: E seu Lorenzato, o senhor percebeu na dona Ema alguma lucidez nesse tempo que ela esteve doente, ela tinha lucidez do estado dela, ou seja, de que o acidente tinha prejudicado?

AL: Sim. É, ela de vez em quando falava: já vou morrer, por que Jesus Cristo não me tira deste mundo?

TP: Hum-hum.

AL: Ela falava. Sempre se queixava que não, que não queria; que o espírito, que estava vendo mesmo que era inútil, não é? Que só dava trabalho.

TP: Hum-hum.

AL: Então ela desejava mesmo morrer.

TP: Então...

AL: E tranqüilamente morreu!

TP: É, em casa.

AL: Na véspera de Natal!

TP: Na véspera de Natal.

AL: É.

TP: E como é que foi para o senhor, é difícil falar disso, mas essa perda, uma pessoa que viveu com o senhor quarenta e nove anos, já doente nesses últimos anos como o senhor está dizendo.

AL: Bem, eu também considerava que era inútil viver assim com ela.

TP: Sei.

AL: Não, ela não; tinha que levar ela ali fora, pôr ela ali sentada.

TP: Hum-hum.

AL: Depois pedir se ela queria beber ou se queria comer, ela nem respondia, e tinha que

dar a comida na boca, tinha que dar a bebida na boca; e depois tinha que trazer de cama, trazer para a cama, pôr na cama, ela fazia as necessidades dela em si mesma.

TP: Hum-hum.

AL: Era uma coisa que... eu senti muito, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Mas, considerando bem, foi um bem.

TP: Certo.

AL: Para ela e para mim/

TP: Hum-hum, claro!

AL: Porque também, de noite eu não dormia. Porque ela costumava levantar e saía por aí, andando.

TP: Sei. E ela então se tornou uma pessoa muito dependente.

AL: Dependente!

TP: Completamente dependente/

AL: Dependente!

TP: Uma criança quase.

AL: É sim.

TP: Que o senhor tinha que cuidar todo o tempo.

AL: Tinha, eu e a Luci e o filho.

TP: E, e o senhor, o senhor teve apoio constante do seu filho/

AL: Sim, sim, sim/

TP: E da nora.

AL: E da nora.

TP: Nesse tempo da doença. Hum-hum.

AL: É.

TP: Então, nesse sentido a perda, a morte dela veio como um certo alívio.

AL: Sim, sim, sim.

TP: Para ela e principalmente...

AL: E para nós também.

TP: Para vocês também.

AL: É sim, naquelas condições não adiantava viver.

TP: Pois é, agora, de qualquer maneira, foi uma relação que durou tantos anos, não é?

AL: //Ah, mas foi um alívio.// A gente tem que morrer mesmo, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Então.

TP: E seu Lorenzato, nesses anos em que a dona Ema esteve doente, que o senhor basicamente cuidou dela todo esse tempo, o senhor já estava aposentado.

AL: É.

TP: Já há muito tempo, e o senhor se dedicou a ela integralmente ou o senhor conseguia por exemplo, se dedicar à sua arte, nesse intervalo da doença?

AL: Bem, eu também não deixava de pintar.

TP: Hum-hum.

AL: Eu saía, ia fazer meus desenhos. Ela ficava aqui, a Luci também já estava aposentada.

TP: Sei.

AL: Já tomava conta dela. De modo que, mas eu saía e às vezes...

TP: O senhor dava um jeito de manter a sua atividade.

AL: Isso.

TP: E uma outra coisa que eu queria perguntar para o senhor, a dona Ema, enquanto ela esteve bem de saúde, como ela via a sua carreira de pintor? Ela era uma incentivadora da sua arte?

AL: Sim, sim, sim. Ela me apoiava.

TP: É?

AL: A gente ia em tudo, em todas exposições/

TP: Ah, ela era companheira para isso?

AL: É.

TP: Hum!

AL: Até temos fotografias aí!

TP: É!

AL: Dela comigo nas galerias, nas exposições. Então, ela era, gostava/

TP: E gostava do que o senhor fazia também.

AL: É sim.

TP: Da sua pintura?

AL: É, sim.

TP: Então, ela era a fã número um?

AL: É sim.

TP: [risos] Bom, então, acho que desse tema, era isso que a gente queria saber. Outra coisa seu Lorenzato, é que nós estávamos falando na última entrevista, o senhor estava nos contando de quando o senhor comprou o lote aqui na Cabana, que o senhor disse para nós que foi em 1952, quando o seu tio propôs a compra.

AL: //É.//

TP: E que o senhor só mudou para cá em 1962.

AL: É sim.

TP: Então, foram dez anos que o senhor era proprietário do terreno, mas morava ainda no Carlos Prates, não é?

AL: Morava.

TP: Pois é, então veja bem: nós queríamos saber, o senhor não falou isso para nós, por que o senhor demorou dez anos para mudar? Em que condições, o senhor começou a construir logo?

AL: //Bem...//

TP: Ou não teve dinheiro para construir?/

AL: É sim, é isso sim. Tinha que arranjar o dinheiro, não é? Tinha que pagar as prestações. Quando acabamos de pagar as prestações, então começamos a juntar dinheiro para comprar o material, para arranjar o pedreiro etc, etc, e foi assim.

WC: Vocês levaram quantos anos para pagar as prestações do lote?

AL: Eu não lembro mais se foi cinquenta e duas prestações, mas era pouca coisa, sabe?

TP: A prestação em si não pesava no seu orçamento, era barata?

AL: Era barata, mas pesava, assim mesmo pesava.

TP: Pesava?

AL: É sim.

TP: Hum-hum.

AL: E de modo que, depois, devagarzinho que construiu isso aqui. Levou mais, mais de... quase um ano para construir tudo. Depois, construímos só as paredes! As lajes fui eu que fiz.

TP: O senhor mesmo?

AL: É, eu mesmo que fiz as lajes.

TP: Hum-hum.

AL: Com pedra, fui eu que fiz, [risos] de noite.

TP: É?

AL: É.

TP: Mas essa pintura aí do alpendre não é dessa época. O senhor fez depois.

AL: Essa aí foi, foi quando a patroa estava viajando, na Itália, eu fiz o alpendre e pinteí.

TP: Ah, é! [risos]

AL: Quando ela voltou, ela achou tudo pronto. [risos]

TP: Ah, é! Foi uma surpresa!

AL: É sim.

TP: E quando foi que a patroa foi na Itália, o senhor não nos contou isso.

AL: Ah, eu tenho o passaporte aí, mas não sei!

TP: O senhor não lembra bem?

AL: Foi mais ou menos em... 66.

TP: Hum!

AL: Sessenta e oito.

WC: O senhor já morava aqui, não é?

AL: Já morava aqui.

TP: E ela foi para ver os parentes, seu Lorenzato?

AL: //É sim, sim, sim, // para ver os parentes.

TP: E o senhor nesse, não teve vontade de ir junto ou não pôde?

AL: Eu, tinha vontade, mas não tinha jeito, não é?

TP: Não tinha jeito!//

AL: Foi uma dificuldade para arranjar passagem para ela/. Mas ela já tinha perdido a mãe lá, ela só tinha a irmã, dois irmãos, e o pai. A mãe já tinha falecido antes que ela viesse para cá. Ela ficou lá também, dois meses só.

TP: É, mas reviu os parentes todos.

AL: É. A irmã, que mora em Florença e o pai que morava em Castelnovo. E os amigos, conhecidos, e depois voltou.

TP: Hum-hum.

AL: Ela até foi como dama de companhia da mulher do diretor da fábrica. [risos]

TP: Ah, sim? Olha!

AL: Foi aí também que o senhor João [Manholi], que era o diretor da, da fábrica, da/

TP: Da SBE!

AL: //da SBE//, ajudou em alguma coisa, não é?

TP: //Sei!//

AL: Facilitou.

TP: Foi assim que ela pôde ir?!

AL: Foi assim que ela pôde ir. É.

TP: Muito bem. Bom, então, isso que o senhor tinha nos contado, sobre as dificuldades em mudar para cá, esses dez anos, foram principalmente em função das dificuldades financeiras, ou seja...

AL: //É.//

TP:.. foi pesado para o senhor passar um tempo pagando um aluguel.

AL: //É sim.//

TP: Lá no Carlos Prates e ainda estar pagando o lote. Pagando a compra deste lote aqui.

AL: É. Sim, sim.

TP: Então, era preciso sobrar algum dinheirinho para...

AL: Foi difícil!

TP:... poder construir. Então, não foi nenhum motivo assim, do bairro, por exemplo, que adiou sua vinda para cá?!

AL: Não, não, não!

TP: O senhor não tinha nenhum senão com o bairro.

AL: Não.

TP: Assim, em termos das condições do bairro, do que tinha por aqui.

AL: Não, não. Eu fui o primeiro que construi aqui. Esse aqui do lado foi o primeiro que

construiu. Depois fui eu. Aqui era; a rua ali era um vale.

TP: É?

AL: Ali, as de cima, era um capinzal. Tinha até cobra lá. E devagarzinho que foi melhorando, nós construimos aqui, e depois aquele vizinho construiu aqui embaixo, agora está quase; depois fizeram esse bloco aí dos bancários. E melhorou.

TP: Com isso foi melhorando o bairro, não é?!

AL: É sim. Depois colocaram, calçaram a rua aí. E agora está bom, não é? [risos]

TP: E me diga uma coisa: o senhor que tinha vivido boa parte do seu tempo; não na sua infância, porque aí já é outra história, o senhor morava muito longe. Mas depois, quando o senhor morou tanto no Barro Preto, quanto no Carlos Prates, o senhor estava muito próximo do centro da cidade, não é?

AL: //Ah, sim!//

TP: Dava para fazer a pé todos os trajetos, não é?

AL: //Sim, sim, sim. É.//

TP: Mas quando o senhor mudou para cá, como e que foi isso, assim, pensar o senhor morando aqui em relação ao centro da cidade, era muito mais difícil para o senhor?

AL: Não, já tinha linha de ônibus que passava aqui embaixo.

TP: Na Avenida Amazonas?

AL: Não, nessa rua aqui em baixo.

TP: Ah, na rua de baixo!

AL: É sim, já passava ônibus ali. De modo que era fácil.

TP: O senhor não achou...

AL: //Não, não, não!//

TP:... transtorno vir para cá.

AL: //Não.//

TP: Por estar mais longe do centro?

AL: Não. A Ema descia aqui na avenida e ali passava o carrinho, o ônibus da fábrica que vinha da cidade com os empregados. Pegava ela ali e levava, e de tarde trazia de volta. De modo que era fácil.

TP: Ficou tranqüilo.

AL: É sim.

TP: E o senhor morando aqui, já aposentado, o senhor mantinha o hábito de ir sempre ao centro da cidade, seu Lorenzato?

AL: Ia quando precisava, comprar alguma coisa de importante, ia. Material por exemplo, tinha que ir na cidade comprar; pagar luz e água, ia na cidade, porque não tinha banco, não é?

TP: Certo!

AL: Sempre foi assim.

TP: Mas sempre, a sua ida ao centro, ela sempre se devia a uma necessidade.

AL: Ah sim!

TP: Ou de comprar alguma coisa ou de pagar alguma coisa.

AL: //É, sim.//

TP: Passear no centro, o senhor não tinha costume.

AL: Não, de vez em quando a gente ia no cinema. Mas muito raramente.

TP: Hum-hum. Com a doma Ema.

AL: É sim. Depois que comprou, os filhos deram a televisão, então ficava na televisão.

TP: É?

AL: E passava o tempo.

TP: A televisão substituiu/

AL: O cinema.

TP: A saidinha para cinema.

AL: É sim.

TP: Hum-hum... E além do cinema, o senhor costumava fazer outros tipos de passeio com a dona Ema, por exemplo, ela, não sei, ela gostava de dançar; o senhor foi dançar com ela alguma vez?

AL: Sim, sim.

TP: Ah, é?

AL: Ah!!!

TP: E aonde é que vocês dançavam?

AL: Fomos diversas vezes no restaurante Tonholo, que era o mais famoso.

TP: Tonholo?

AL: Tonholo, é.

TP: Era um restaurante?

AL: Restaurante. Depois teve aquela na Cidade Industrial tinha, a Cantina do Ângelo, Terraço do Ângelo. Lá também nós íamos.

TP: É!

AL: Porque era amigo também do dono. De modo que íamos.

TP: Esse restaurante do Tonholo ficava aonde, seu Lorenzato? É no centro?

AL: Ficava, ficava na rua Rio de Janeiro. É no centro, sim. É.

TP: E uma outra coisa que eu queria perguntar para o senhor: depois que o senhor voltou para Belo Horizonte, quando a sua família veio, ainda existia a Casa de Itália nessa época, na década de 50, não é?

AL: Sim, existia.

TP: O senhor chegou a freqüentar com a dona Ema? Porque o senhor freqüentou quando menino, estudando, não é isso?

AL: //É//

TP: E com a dona Ema o senhor chegou a freqüentar a Casa de Itália?

AL: Sim, fomos diversas vezes.

TP: É?!

AL: Nos aniversários de alguma data importante italiana, nós íamos lá.

TP: Vocês costumavam ir então?

AL: Sim.

WC: Que tipo de programação eles faziam nessa época?

AL: Quem?

WC: Lá na Casa de Itália?

AL: Bem, música. Orquestra tocando, artistas declamando, e bebida, não é? Salgadinho e etc.

TP: Hum-hum.

AL: E convívio com os outros, não é? Então meu tio era chefe também lá, meu tio Armínio era alfaiate.

TP: Hum...

AL: Ôpa!!!

TP: Deu pique, não é? [risos]. Mas aí, a Walkiria perguntou para o senhor sobre a programação da Casa de Itália. Então, era uma programação assim, de uma musiquinha...

AL: Sim, sim, sim, era.

TP: Comes e bebes.

AL: É sim. [risos]

TP: Dançava, e se conversa em italiano ou em português?

AL: Em italiano, claro!

TP: Ah!!!

AL: Ela não aprendeu a falar português, falava meio enrolado.

TP: É?

AL: É. Nos encontros italianos, falava-se em italiano. Tinha um senhor brasileiro, mas que era casado com a filha de um italiano, Lazarotti, casado com Lazarotti. Ele entendia o italiano, ele gostava de ver minha esposa conversar o toscano mesmo.

TP: Ah, sim.

AL: [risos]. Vinha sempre no meu tio, Armínio - "me leva lá", na sua sobrinha lá, que eu quero ver ela conversar. [risos] Ficava horas e horas ali conversando, para ver; ele gostava de ouvir ela conversar.

TP: Hum.

AL: Toscana.

TP: Porque o toscano tem alguma coisa de especial, assim o acento?

AL: //A coisa//, a coisa; a língua mais musical da Itália, não é? O Toscano. A língua de Dante Alighieri. [risos]

TP: É verdade. E falar em musical, era uma outra coisa que eu queria perguntar para o senhor: o senhor de infância foi habituado, porque a gente sabe que as famílias italianas cultivavam muito o gosto pela música,/

AL: Sim, sim.

TP: Pela ópera./

AL: Sim, sim.

TP: O senhor comentou que na Itália, o senhor costumava ir a Verona escutar ópera. E o senhor manteve esse hábito, em casa, o senhor tinha uma preocupação com a música em especial, enquanto uma atividade artística?

AL: Bem, da música eu gostei, sempre gostei.

TP: Sei!

AL: Qualquer música me interessa.

TP: E o senhor gostava como, era escutar no rádio ou ir em algum concerto, o que o senhor costumava...

AL: Ia nos concertos, ia/

TP: Ia?!

AL: Operetas. Não perdia operetas.

TP: Tanto na Itália como aqui também.

AL: Não, não! Aqui não! Aqui não tinha não. Aqui não. Aqui nunca fui. Acho que fui no, no teatro uma vez só, aqui em Belo Horizonte.

TP: Aqui em Belo Horizonte?

AL: É.

TP: E conta para nós um pouco sobre essa diferença, quer dizer, como é que o senhor, a mesma pessoa, aqui e na Itália, quer dizer, o senhor tinha condições objetivas diferentes aqui e lá. Lá, o senhor pôde freqüentar teatros, óperas.

AL: Bem porque era mais fácil, porque tinha Florença, fica perto, não é? Arezzo também fica perto. Tinha sempre, todos os anos, no outono e no inverno, tem a estação de ópera, não é? E no intervalo tinha o teatro também; montava operetas. E óperas. De modo que ali era um ambiente mais restrito, mais aconchegante.

TP: Sei!

AL: Era mais fácil de freqüentar. De modo que, foi.

TP: Mas o senhor acha que esse mais fácil; quando o senhor fala que era mais fácil freqüentar, era porque tinha mais oportunidades ou porque em termos financeiros era mais acessível para o senhor?/

AL: Tinha mais oportunidade, porque, durante Mussolini os teatros, tanto de ópera como de comédia, às segundas-feiras, era obrigado... para apresentar os espetáculos, a preços populares.

TP: Hum-hum. E com isso todo mundo podia ir.

AL: Todo mundo freqüentava.

TP: Hum-hum.

AL: É.

TP: Isso foi muito democratizado.

AL: Sim, sim.

TP: Nessa época.

AL: //É sim.//

WC: E depois?

AL: Como?

WC: Em um período posterior, o senhor já não tinha condição de ir?

AL: Depois foi a guerra! Depois da guerra é que modificou, mas a guerra era uma bagunça danada, era a caça dos comunistas; era a caça dos fascistas e aquilo, só se pensava em se matar uns aos outros. Em poucos dias mataram mais de 300 mil homens.

TP: Hum-hum.

AL: Em toda Itália, os fascistas e os comunistas. De modo que, eu temia que a guerra continuasse entre os aliados e a Rússia; então achei bom, veio o decreto do presidente Dutra, que dava a passagem de graça, para voltar. Aí eu me alistei logo, a mulher também falou: vai, [].

TP: [risos]

AL: De modo que foi ali que resolvi e voltei. E acertei. Agora, agora já ficou. Agora, os americanos é que dirigem.

TP: Quando o senhor fala que o senhor acertou voltando, conta um pouquinho mais disso para nós. O senhor acha que, de fato, o seu retorno para o Brasil com a sua família trouxe maiores oportunidades para a sua família, assim, condições de bem estar e tal, do que se o senhor tivesse ficado lá?

AL: Trouxe, uai. Eu cheguei no Rio de Janeiro... no dia 19 de abril. Depois era 21, era feriado, fui passear em Copacabana. No dia seguinte fomos para Quitandinha. Lá achei emprego.

TP: Então, a garantia do emprego é que parece fundamental para o senhor.

AL: É. É sim.

TP: E as pessoas que o senhor conhecia na Itália, que ficaram lá, os seus amigos italianos, parentes e tal; essas pessoas com o final da guerra tiveram muita dificuldade para conseguir emprego?

AL: //Ah, sim, sim.//

TP: O senhor sabe?

AL: Muita dificuldade, sim.

TP: É.

AL: Ah, foi um período feio. Até o racionamento tinha acabado depois da guerra, em 48 ainda tinha racionamento. Depois, em 50 é que acabou o racionamento, que os americanos começaram a mandar mercadoria, não é? Então, então.../

TP: Então, até 50 foi praticamente uma economia de guerra na Itália?

AL: //É sim, sim.// Economia de guerra.

TP: Hum-hum. E ao contrário, o senhor aqui no Brasil já tinha condições muito melhores.

AL: Ah, aqui, aqui era melhor.

TP: Agora, aproveitando que nós estamos falando disso, seu Lorenzato, o senhor nos disse, logo no início da nossa entrevista, que a vinda da sua família - estou falando do seu pai, da sua mãe - para o Brasil tinha sido um fator muito positivo porque, assim como os seus pais, praticamente a maioria dos italianos que vieram para cá no início do século ou no final do século passado, que essas pessoas teriam tido benefícios ao vir para o Brasil, os italianos puderam prosperar aqui.../

AL: //Sim.//

TP:... se tornaram industriais etc.

AL: É.

TP: Até quando o senhor acha que o Brasil funcionou, para os italianos, para falar no que o senhor tem experiência, como esse país de oportunidades. O senhor acha que isso é válido até hoje ou já não é mais?

AL: Não, é válido sim, é sempre válido. Agora, nesses últimos anos, não é? Mas tem

sempre trabalho aqui. Agora não, não sei, com esse negócio de política, não é? Mas nunca houve desocupação que tivesse falta de víveres, nunca. Sempre teve, sempre teve o necessário. De modo que nunca passamos necessidades. Sempre teve... trabalhando duramente.

TP: //Hum-hum.//

AL: O meu avô chegou aqui com oito filhos. Só a minha mãe era mais velha, 16 anos.

TP: Hum-hum.

AL: O segundo tinha quatorze ou quinze. Depois vieram para cá, mas todos romperam na vida. Minha mãe casou com um hortigranjeiro, meu tio Armínio aprendeu a profissão de alfaiate, foi um dos primeiros alfaiates de Belo Horizonte.

TP: Hum-hum.

AL: O avô dela era pedreiro. De modo que nunca teve problema não.

TP: Mas o senhor então acha que a grande oportunidade que o Brasil sempre ofereceu para o estrangeiro, é a oportunidade de trabalhar!

AL: Trabalhar, trabalhar.

TP: Havendo trabalho,. o resto está bom.

AL: Isso é.

TP: Porque o trabalho garante o fundamental.

AL: Então era o café que sustentava a todos.

TP: Mas veja só, o senhor então acha que tendo trabalho está garantido, não é? Bom, então é essa questão; tendo trabalho, está bom. O senhor acha que nesses termos, o Brasil sempre ofereceu mais oportunidades do que os países da Europa, por exemplo?

AL: É sim, sim, sim. Para os imigrantes sempre.

TP: Hum-hum. Mas hoje em dia o senhor já não acha que é a mesma coisa por causa da política. O senhor falou aí.

AL: Bem, para mim, para mim, agora eu não sei, eu estou aposentado!

TP: Claro, mas...

AL: Eu não estou na lá no meio para saber como é que está a construção civil, mas estão construindo. Tem sempre construções em obra. De modo que, acho que mesmo desocupação mesmo, em massa mesmo não tem não. Tem sempre alguma coisa, é. Portanto os operários, ainda mais São Paulo, talvez tem mais que aqui, mas no resto, no restante está tudo... a construção está indo bem, o tráfego está indo bem. [risos]. De modo que...

TP: [risos] E falando em tráfego também, nós vamos falar de uma coisa agora que a gente não perguntou para o senhor, que é o seguinte: quando o senhor mudou para cá, a Avenida Amazonas era uma avenida recente.

AL: //Sim, sim.//

TP: Praticamente recente, não é?

AL: //Sim, é.//

TP: E ela era o caminho que ligava o bairro ao centro.

AL: Até hoje.

TP: Como ainda é até hoje. E esses bairros que foram crescendo aqui, quer dizer, o senhor de certa maneira acompanhou - o senhor já nos contou um pouco sobre a favela aqui atrás, e era uma pergunta que a gente queria fazer para o senhor: quando o senhor mudou para cá, a favela já tinha o nome de Cabana do Pai Tomaz?

AL: Tinha, porque aqui na avenida tinha um restaurante que se chamava Cabana do Pai Tomaz.

TP: Ah, é?

AL: É.

TP: Então o nome é.../

AL: O nome veio de lá.

TP: Por causa do restaurante./

AL: Daquele restaurante que está ali, na avenida Amazonas.

TP: Ah, muito bem! Então a favela acabou tendo o nome porque era referência.../

AL: É sim.

TP:... na Avenida Amazonas.

AL: É.

TP: E outra coisa, é que o senhor comentou com a gente que essa região, esse lote, esse grande lote de terras onde acabou se instalando a favela, era do Antônio Luciano.

AL: É sim.

TP: E que os moradores da favela foram chegando, se apropriando dos terrenos e construindo suas casas.

AL: //É.//

TP: E o senhor teve notícia nesse momento de que o Antônio Luciano tenha tido alguma indenização por parte da Prefeitura, ele foi...

AL: Bem, eu não sei como é que ficou...

TP: O senhor não acompanhou?

AL: Não, não, não. Foi entre ele, o prefeito e o Luciano, mas como ele tinha invadido abusivamente, ele não era proprietário, mas ele fazia esses golpes. Onde havia terreno vazio, ele mandava plantar eucaliptos. Para aproveitar a madeira, de modo que eu não sei como é que ficou. Tanto é que o pessoal está aí, ganharam os lotes, já estão construindo boas casas.

TP: Hum-hum.

AL: Estão melhorando.

TP: O pessoal...

FIM DO LADO A DA FITA 06

Fita 6 - Lado B

TP: Se manteve aí. E nesse período, foi na década de 60 que as favelas, começaram a aumentar em Belo Horizonte, não é? O senhor acompanhou essa daqui, mas o senhor tinha interesse sobre esse assunto, assim, de ler nos jornais, acompanhar esse tema ou...

AL: Não, não.

TP: Só assistiu.

AL: Não, não porque tinha a minha casa aqui, de modo que deixei para lá, que os outros se arranjassem.

TP: Hum-hum. E nessa época o senhor tinha notícia, assim, como hoje a gente tem por exemplo, que o problema de habitação é sério no Brasil hoje, não é?!

AL: É.

TP: Hoje as pessoas estão invadindo terrenos; naquela época isso era comum ou o crescimento dessa favela aqui trouxe muito transtorno para os moradores da cidade? O senhor lembra?

AL: Não, não! Transtorno nenhum.

TP: Não? Era visto como natural.

AL: //Natural.//

TP: As pessoas.../

AL: Até melhorou, porque logo que abriram ali a favela.../

??: Aqui eram fazendas, aqui atrás. Não eram fazendas aqui atrás?

AL: Sim, sim.

??: Eu lembro, há quarenta anos atrás.

AL: //Sim, sim.//

??: Eram grandes fazendas.

AL: Fazendas do Cercadinho.

??: É.

AL: Aí, construíram.../

??: Ali, onde hoje é o Colina, ali era uma fazenda imensa.

AL: //É sim.//

??: Com lago, com tudo. A gente fazia piquenique para lá.

TP: Hum-hum.

AL: É.

??: Aqui o bairro do Cabana, tem 20 anos só.

AL: É.

??: Vinte ou trinta anos só!

AL: É sim.

??: Tinha só o moinho, você lembra, um moinho aqui, um moinho de trigo...

AL: Não./

??: Está lembrado do moinho de trigo aqui na baixada?

AL: Não, eu não lembro não!

??: Ué, você é mais velho do que eu aqui, você deve lembrar. Eu vinha buscar o fubá aqui no moinho, eles moíam...

AL: Ah, sim! Aqui do, do.../

??: É, ué!

AL:... do Coelho, do Coelho!

??: Eles moíam fubá, ainda com aquela pedra.

AL: Sim, sim.

??: Era com água.

AL: É.

TP: Hum-hum.

AL: Era do Coelho. É sim, agora lembro.

??: Era o único que tinha, depois que fizeram o outro lá, na Cidade Industrial.

TP: Hum-hum.

??: Antes da Cidade Industrial, só tinha esse aqui! De modo que é isso aí.

??: Ele lembra quando, do nosso Belo Horizonte... menina moça, não é?

AL: [risos]. Ela também, ela também é imigrante.

TP: É.

AL: Imigrante.

TP: É! [risos]. Bom, então, desse assunto também eu acho que nós já falamos o que tínhamos que falar. Outra coisa: a dona Ema quando trabalhava na cidade industrial, ela trabalhou muitos anos lá.

AL: //Trabalhou.//

TP: Como o senhor falou.

AL: //É.//

TP: E o senhor disse que o senhor também costumava ir para lá, ajudá-la no trabalho, não é? O crescimento da cidade industrial, como é que o senhor viu, ou o senhor sabe dos outros moradores da cidade, como é que acompanharam a cidade industrial? Isso era visto como um benefício para a cidade?

AL: Muito. Era, era um benefício, não é?

TP: Por que, seu Lorenzato?

AL: Porque ele dava movimento, dava trabalho. Começaram a instalar o comércio, as lojas, os hotéis; já tem hotéis, restaurantes, tem farmácia; tem tudo aí na Cidade Industrial. Não precisa ir na cidade comprar nada. Aqui, a gente encontra tudo! Temos aqui uma, duas, três, três mercearias.

TP: //Aqui perto?//

AL: Depois, açougue tem uns cinco ou seis. Farmácia e drogaria tem quatro. Tem tudo. Padaria tem cinco. De modo que não tem nenhum problema. Aqui, a gente encontra tudo.

TP: Então o senhor acha que a expansão da Cidade Industrial trouxe benefícios para aqui também, na região que o senhor mora?

AL: //Para aqui também.// Sim, sim, para aqui também./

TP: Influiu aqui também.

AL: É, porque muitos dos operários que moravam longe, com negócio de aqui abrirem os lotes, vieram morar aqui. De modo que, quase todos que moram aqui, a maior parte trabalha na Cidade Industrial.

TP: Certo! E seu Lorenzato, a questão da poluição. Porque hoje em dia existe uma grande preocupação das pessoas, com o meio ambiente. Naquela época não havia muita preocupação, assim, os moradores dessa região onde o senhor mora achavam que tinha muita poluição por aqui?

AL: Não, aqui não chegava.

TP: //Não?!//

AL: No mais era lá, para o lado de Contagem. Contagem, Betim.

TP: //Sei. Hum-hum.//

AL: Por ali é que tinha uma fábrica de cimento, mandava uma poeira danada por ali afora.

TP: //Hum-hum.//

AL: Tanto que depois fizeram muitos protestos, depois a fábrica pôs os filtros e etc. Agora melhorou.

TP: Certo!

AL: Mas não, não, problema aqui, não chega a poluição. Só de vez em quando a Mannesmann, manda uma nuvem preta. [risos]. Mas de vez em quando.

TP: Agora, nós vamos falar um pouquinho com o senhor sobre como é ser cidadão de Belo Horizonte. Quer dizer, o que eu quero saber é o seguinte: o senhor aqui, nascido aqui,

depois voltando para cá, o senhor já comentou de ter que ir para o centro pagar as contas e resolver, problemas do dia-a-dia.

AL: //É.//

TP: Da sua vida e na Itália o senhor teve uma experiência bastante diferente, porque também o senhor era jovem, quando estava lá.

AL: //É sim!//

TP: Mas, com relação a Belo Horizonte, como é que o senhor viu as administrações, assim, as prefeituras, o que o senhor achava dos prefeitos, teve algum prefeito que o senhor achou que fez mais pela cidade do que outros, e o que foi que eles fizeram?

AL: Não, eu não me preocupava, não, não.

TP: Não!

AL: Não.

TP: O senhor nunca se preocupou muito.

AL: Não, não!

TP: Em acompanhar a política administrativa.

AL: Até 1920, a cidade era pequena, não é? Não tinha problema, não tinha quase... tinha... cinco, três, três automóveis. Duas baratinhas, uma do doutor, diretor da fábrica de tecidos, doutor Cristiano e a outra do doutor Chagas; duas baratinhas. E o Coronel Sebastião de Lima tinha um carrão preto. O resto era carroças. Eram carruagens.

TP: //Sei.//

AL: Tinha umas vinte carruagens. E era, não tinha nada mais. A gente podia dormir no meio da rua ali, que não tinha perigo. [risos]

TP: E o senhor fala que a cidade não tinha perigo, mas a gente já ouviu outras histórias, de outros moradores, sobre aqueles casos folclóricos de um assassino no Parque, esses crimes que a imprensa gostava de fazer sensação com eles. O senhor se lembra de algum caso desses, assim, que tenha marcado o senhor, que o senhor tenha acompanhado mais de perto?

AL: //Bem,// eu me lembro que ali aonde é hoje o campo do... é o mercado, ali encontraram um homem enterrado, que tinha sido assassinado, só isso.

TP: É!

AL: O resto...

TP: E o senhor se lembra quando, o senhor era menino certamente, de um caso de uma, de uma moça que virou homem, que era um aluno, uma aluna da Escola Normal e que virou homem?

AL: //Não, não!//

TP: O senhor lembra desse caso?

AL: //Não, não!//

TP: Não acompanhou isso não?!

AL: //Não.//

TP: Era um daqueles casos que os jornais faziam sensação a respeito./

AL: É, não. Eu não lembro.

TP: O senhor não lembra disso!

AL: É.

TP: Hum-hum. Então a prefeitura e a administração da cidade nunca interessavam muito ao senhor, assim...

AL: Não! Enquanto dava trabalho para a gente trabalhar, ganhar, que ganhava o necessário para viver. O resto era futebol. Era futebol! [risos] Nas horas vagas, primeiro quando eram mais meninos, então era soltar pipa, era jogar gude.

TP: Sei.

AL: Era jogar pião, e depois, depois, depois, quando mais crescido, então foi o futebol. Peladas!

TP: Certo! E isso que o senhor fala que era a sua vida, o senhor acha que é comum no seu meio, assim, no meio da gente nascida... operários, classe trabalhadora, o senhor acha

que é o comum nas pessoas do seu meio mesmo, assim, terem um certo desinteresse na política? Ou o senhor que é assim?

AL: Não, não! Todos, todos! Porque naquele tempo, ninguém, a gente não interessava por política não, nem tomava conhecimento. A Segunda Guerra também, a gente sabia pelos jornais que tinha batalha, que tinha havido uma derrota dos alemães, que tinha havido uma derrota dos franceses, só isso, mais nada. A gente não dava importância não! Continuava a vida no mesmo!

TP: Certo!

AL: //É//

TP: Agora, eu acho interessante isso que o senhor fala, porque a gente sabe por exemplo que em Belo Horizonte, no início do século, os trabalhadores mais organizados politicamente, eram exatamente os italianos./

AL: Sim, sim! Eram os italianos! Eram eles que organizavam os sindicatos, não é? Realmente. Mas, mais os pedreiros, pedreiros...

TP: //Sei//

AL: Pedreiros... e pintores. O resto era...

TP: O resto levava sua vidinha.../

AL: É sim! É.

TP:... do dia-a-dia.

AL: É. Então, não tinha grande indústria que ocupasse cem ou duzentos operários, eram tudo pequenas indústrias, com cinco ou dez operários.

TP: //Hum-hum// E seu Lorenzato, a diferença desses tempos que o senhor está falando, para hoje, que o senhor diz: não, antes as pessoas não se interessavam tanto por política, é sinal de que hoje elas têm mais interesse.

AL: É.

TP: O senhor acha que isso de alguma maneira pode ser atribuído à televisão, o senhor acha que a televisão envolve mais as pessoas e elas têm mais notícias das coisas?

AL: Ah! A televisão envolve, não é? Envolve muito. Informa, toda essa bandalheira. Mas naquele tempo não tinha televisão, não tinha rádio. Tinha um jornalzinho que saía uma vez por, de vez em quando. Era só aquilo.

TP: Então, as pessoas sabiam menos das coisas ao seu redor.

AL: //Sabiam sim, sabiam menos.//

TP: Hum-hum. E falar na televisão, como é que foi para o senhor, o senhor gostou da novidade em princípio; o senhor teve televisão logo que saiu ou custou a ter, como é que foi isso?

AL: Bem, então eu não lembro nem se já tinha televisão quando eu cheguei em 48, acho que não tinha.

TP: //Não tinha ainda não.//

AL: //Não.//

TP: //É.// A televisão veio para o Brasil em 54.

AL: É, então era sim. Então era a Guanabara, que tinha na vitrine [risos], a gente ficava lá. [risos].

TP: É! Vendo?!

AL: Vendo, é! Depois, depois com o tempo compramos. O filho e a nora compraram uma Philco para minha esposa./

TP: Ah, então foi uma decisão de seu filho de comprar.

AL: É sim! Sim.

TP: Deu de presente para mãe.

AL: É. Por isso que compraram de presente para a minha esposa. Mas eu também não ligo muito para a televisão.

TP: Não?

AL: Pego os noticiários de vez em quando.

TP: Hum. E o futebol?

AL: Futebol. Quando tem um jogo bom, como teve ontem.

TP: Ah, o de ontem foi bom, não é? [Risos]

AL: Então pego, mas o resto, não.

TP: O resto o senhor não liga? O senhor não.../

AL: Novela, cinema...

TP: Não, não é! Então o senhor não tem o hábito de ver.

AL: Não tenho, não tenho tempo. Eu não posso ficar aí dois, três meses assistindo uma novela para saber como é que vai acabar. [Risos] De modo que, que eu nem começo assistir.

TP: É, não é?

AL: Eu deixo passar.

TP: Quando o senhor diz para nós que não tem tempo é porque todo o seu tempo o senhor está dedicado ao seu trabalho.

AL: É sim! Não tenho tempo.

TP: Quando o senhor não está cuidando de coisas da rotina, o senhor está dedicado ao trabalho.

AL: //É sim, à pintura.//

TP: Muito bem! Bom, e ainda uma última coisa que a gente pode falar um pouco; nós queríamos saber - a gente já conversou um pouco sobre os momentos que o senhor votou para presidente do país; o senhor nos disse que votou no Lott, depois votou no Juscelino; mas a gente sabe que, mesmo o senhor não tendo muita ligação com a política, o senhor acompanhou momentos importantes da política brasileira. E um momento importante, que a gente queria que o senhor se situasse um pouco para nós; como é que o senhor viu esses acontecimentos, foi a movimentação que teve no Brasil no início dos anos 60, que acabou dando o golpe de 64.

AL: //É.//

TP: Dos militares, não é? O senhor, que já era um senhor nessa época, como é que o senhor

viu? O senhor acompanhou esses movimentos, o senhor tinha idéia do que estava acontecendo ou o golpe foi uma surpresa?

AL: Não, não. Não. Para mim foi coisa normal. Eu nem tomei conhecimento.

TP: Não, seu Lorenzato?

AL: //Não.//

TP: Mas o senhor achava, por exemplo, antes do golpe, porque o senhor falou para nós que no caso da Itália, que o Mussolini veio impor a ordem para a Itália.

AL: //É.//

TP: Que estava muito alterada.

AL: //É sim, estava.//

TP: A ordem, em função das ideologias, lá. No caso do Brasil, antes de 64, havia também uma intensa movimentação dos trabalhadores.

AL: //Sim, sim.//

TP: Isso aí o senhor acompanhava?

AL: É! Sim, porque esse tal, Brizola e Jango eram favoráveis ao comunismo, não é? E os militares então eliminaram esses dois. E estabeleceram a ordem, porque os americanos exigiram que tinha que ser assim.

TP: Foi pressão dos americanos?

AL: Ah, é! Os americanos é que... São eles que são os interessados. Eles não querem saber de comunismo.

WC: E o povo? E o povo brasileiro? O que o senhor acha?

AL: //O povo brasileiro eu não sei!// [risos] Nem sei [risos] se reagiu, se fizeram alguma manifestação, não sei de nada. Não lembro mesmo. Acho que não fizeram nem, nem.../

TP: O senhor não participou de nenhuma movimentação, não.

AL: //Não, não, não.//

TP: E o que o senhor achava dessas lideranças aí, como Brizola, Jango, o senhor

pessoalmente, o que o senhor achava deles?

AL: Bem, eu... [risos]. Não tenho idéia do que eu achava./

TP: Não?!

AL: Nem idéia.

TP: O senhor não tinha opinião formada?

AL: //Não, não, não.//

TP: Mas quando os militares vieram dizendo que iam restaurar a ordem nesse país, o senhor achou que foi uma boa medida ou o senhor achava que o país estava ameaçado por alguma coisa?

AL: Bem, estava ameaçado sim, mas eu não sei como é que ia acabar, não é? Mas o Jango estava interessado mesmo na reforma agrária e, e outras reformas. Ele estava interessado, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Mas o resto, eu não sei.

TP: //Certo!//

AL: Como que ia ser. Se ele ia se encostar na Rússia como fez Cuba, ou se ia ficar com os americanos, eu não sei. Ali é política, ali são os mandões é que sabem o que eles tinha que fazer. O povo mesmo não sabe nada.

W.C.- Mas a idéia de fazer uma reforma agrária por exemplo, era uma idéia que agradava ao senhor?

AL: Bem, relativamente! Se era para dar, para dar casa para os pobres, estava muito certo. Se era dividir a riqueza dos que ganham demais, para ganhar menos, para dar melhor ordenado para os operários, estava certo. Muito bem, até esses grandes políticos que ganham dois, três milhões por ano, por mês, e um professor, uma professora ganha, não ganha nem para viver decentemente.

TP: //Hum-hum.//

AL: Isso, é isso, queria fazer isso diferentes.

TP: Então, o senhor está dizendo que o Jango, algumas das propostas dele eram boas.

AL: Eram, eram boas. Agora, tinha ver se ele cumpria aquilo que prometia, não é?

TP: Certo!

WC: Então, nesse sentido o senhor acha que não havia uma ameaça comunista mesmo?

AL: Hein?

WC: O senhor acha que havia mesmo uma ameaça comunista?

AL: Havia! Havia, é. Se eles ficassem no governo o comunismo ia.../

TP: Mas, o senhor está dizendo isso não pelo próprio Jango, mas por aquelas pessoas que cercavam ele, assim aquelas que estavam// dando apoio a ele.

AL: É sim. É, sim.

TP: E uma outra pergunta seu Lorenzato. O senhor está deixando claro aí que não tem muito envolvimento com política, mas a gente sabe por exemplo, que o senhor que viveu esses anos anteriores todos, que a sociedade brasileira até 1964, ela não tinha muita simpatia pelos militares.

AL: //É.//

TP: Os militares nunca fizeram muito sucesso no Brasil. Mas, a partir de 1964, eles fizeram todo sucesso.

AL: É sim.

TP: O senhor pessoalmente tinha alguma opinião sobre o Exército ou dos militares, o senhor...

AL: //Não.//

TP: Tinha alguma resistência ou não?

AL: Não, para mim não.

TP: //Não?!//

AL: Para mim sabe, o essencial é que tivesse ordem, que a gente pudesse viajar; que tivesse alimentação, tivesse trabalhado. O resto, [] quem quiser, como tem, tem esse negócio

aqui... para mim é o bastante.

TP: Hum-hum.

AL: Eu, quando consigo flutuar, está muito bom. [risos]

TP: E andando um pouquinho para frente aí, depois de 64, a gente sabe que houve uma resistência muito grande no Brasil por parte dos estudantes, dos jovens, que eram contra a ditadura militar.

AL: //É sim!. É.//

TP: E que aí por volta de 68, 69, esses jovens andaram se movimentando para...

AL: É sim. É.

TP: Para questionar ao governo. E com isso acabou havendo quase uma guerra surda neste país. Muitos jovens foram, se envolveram mesmo em um confronto com o governo. O senhor teve notícias desses acontecimentos na época, o senhor sabia disso pelos jornais ou não?

AL: Sabia! Sabia! Sabia pelos jornais que os estudantes protestavam, mas os militares têm, têm as metralhadoras, têm os tanques. Eu sabia muito bem que não ia dar em nada, tinha que desistir, desistir de...

TP: Seu Lorenzato, seu filho Lourenço, como operário ou torneiro mecânico, ele chegou; porque em 68 houve greves em Contagem.

AL: //Sim, sim.//

TP: Na Belgo Mineira e em outras fábricas. O seu filho chegou a participar ativamente de algum desses movimentos?

AL: Não, não. Na SBE nunca teve; minha mulher trabalhou lá 12 anos, nunca teve greve não.

TP: Hum-hum... Então, isso aí o senhor só acompanhou pelos jornais, essa movimentação?

AL: //É, pelos jornais;// pelo ouvir dizer, não é?

TP: //Hum-hum.//

AL: Dos operários, não é? Mas, não... nunca tive...

TP: Tudo de longe, não é?!

AL: Tudo de longe.

TP: Certo! E mais perto de nós, tem alguns acontecimentos políticos também que marcaram época nesse país. Um deles foi a campanha pela Diretas, na década de 80, que deu na eleição do Tancredo Neves.

AL: //É.//

TP: Com esse episódio aí, o senhor de alguma forma se envolveu; o que o senhor achava do Tancredo, o senhor acreditava que ele fosse um líder?/

AL: Não conhecia, mas gostava do Tancredo!

TP: //É?//

AL: É sim.

TP: E a morte dele o senhor ficou, o que o senhor achou da morte, assim, o senhor ficou penalizado?

AL: Fiquei penalizado naturalmente, porque ali também... eu não quero falar não, mas ali houve muita marmelada.

TP: Na morte dele?

AL: É!!!

T.P. - O senhor acha, assim, médicos, envolvidos.

AL: É.

WC: Por que o senhor acha isso?

AL: Porque logo quando ele ia tomar posse, o médico achou que ele tinha que ser internado, para dar posse ao .../

TP: Ao Sarney.

AL: Ao Sarney. É, ali foi um []. Depois nas clínicas, nos hospitais - "está melhorando fora de perigo; houve, houve uma recaída, tê, tê, tê, tê; depois faleceu; pronto, acabou. É, mas já estava empossado o.../

TP: Sarney.

AL: Não estava ainda empossado, mas foi depois. Depois do segundo dia empossou o novo, o vice-presidente.

TP: Hum-hum.

AL: E aí então, ficou tudo...

WC: E com o Sarney, o senhor não se simpatizava muito não?

AL: O Sarney eu não conhecia, eu não sabia o que... [risos].

TP: Hum. Não sabia quem era!

AL: É. Continuou a vida na mesma, tudo normal.

TP: E então agora nós vamos falar de uma coisa bem recente, já que nós estamos falando de política. O ano atrasado, já, nós tivemos aí a eleição para presidente com dois candidatos. Um que está aí, que é o nosso presidente, e o outro que é, assim como o seu filho, um torneiro-mecânico.

AL: //É.//

TP: O Lula.

AL: //É.//

TP: O senhor assistiu isso pela primeira vez na história do Brasil, um operário como candidato?

AL: //É.//

TP: Não é, frente a um moço que é da política, da família rica e tal. O que o senhor achou disso? Assim, independente da sua simpatia por um ou por outro, o que eu estou querendo saber é o seguinte: é, como é que o senhor viu este fato, um operário pela primeira vez chegar a candidato?

AL: //É, eu// achei que o Lula não tinha capacidade para dirigir um país grande como o Brasil.

TP: É, seu Lorenzato?! Por quê?

AL: E assim porque, porque não tem preparo, preparo mesmo intelectual, não é?

TP: Sei!

AL: Ele é um operário, não é? Podia ser que desse certo, mas eu achei que esse outro tinha mais preparo.

TP: É!

AL: Ele conversava melhor. Ele rebatia melhor, ele tinha feito... os marajás lá, onde ele estava.

WC: //Em Alagoas!//

AL: No Alagoas.

TP: Hum-hum.

AL: Ele tinha feito muitas coisas assim, então eu achei que era mais indicado.

TP: O senhor achou que o Collor era melhor?

AL: É.

TP: Hum-hum.

AL: Agora, vamos ver se consegue. [risos]

TP: //Passado um ano// e pouco do governo Collor, o senhor ainda continua com essa idéia? Acho que ele pode.../

AL: Acho, acho que ele pode, porque a mim não me afeta em nada! Eu tenho a minha pensão, a minha aposentadoria, eu pinto os meus quadros; de vez em quando eu vendo!

WC: Mas seu Lorenzato, eu estou pensando aqui no seguinte: quando a gente pensou, quando colocou aqui para o senhor sobre a possibilidade de um operário alcançar o poder, se tornar presidente. O que faltava então a um operário para ele ter condições para isso? Para ele se tornar capaz?

AL: Uai, tinha que ter preparo, não é? Preparo. E preparo intelectual, ser conhecedor, conhecer toda a política do mundo, conhecer muita coisa, não é?

WC: E o que é preciso para se ter isso?

AL: Uai, precisa de nascer, estudar e se formar, não é?

WC: Era preciso que ele tivesse feito uma faculdade, por exemplo?

AL: Não, não precisa fazer faculdade, mas que tivesse um preparo melhor, e eu também não sei o preparo dele, se ele é bastante traquejado. Na política, ele é. Ele sabe levar os operários a falar nos comícios. Mas o resto, eu não sei.

WC: Ah, sei!

AL: Também não ia, não ia... É inútil, aonde tem os poderosos, aonde tem os capitalistas, ninguém vence. É só eles que mandam. O capitalismo, é o dólar, no mundo inteiro. Só eles. Na Itália também era o maior, o maior Partido Comunista do mundo, depois da Rússia. Hoje caiu e não tem nem a metade daquilo que foi. Os americanos dão aquilo que os operários querem. Operário quer é ganhar bem, e se divertir. Quando tem futebol, ir ao estádio, no teatro, no cinema enfim, viver. Quando tem isso, o resto não tem importância. Seja quem quiser, tudo bem... É.

TP: O senhor fala isso aí, me deixa aqui intrigada, porque eu fico pensando o seguinte: o senhor nos disse que não gosta muito da política, o senhor nunca se envolveu muito, mas o senhor tem opiniões muito sólidas sobre a política sim, não é?!

AL: [risos]

TP: O senhor, o senhor está falando do comunismo; o senhor já nos disse em outros momentos, o senhor acha que o comunismo não tem oportunidade de ser a ideologia da maioria, é isso?

AL: É, não tem não.

TP: Pois é, que não é possível porque sempre tem os poderosos que estão querendo abocanhar o pedaço deles.

AL: É sim. Ainda tem a religião, o clero, não é! O clero é poderoso!

TP: Que é anti-comunista, não é?

AL: Que é anti-comunista.

TP: Mas o senhor, se o senhor fosse, se a gente perguntasse para o senhor, qual que é a sua ideologia? O que o senhor nos diria?

AL: Bem, a minha ideologia é que o operário tem que ganhar bem. Operários, professores e todo o ensino, enfim. Não só os políticos. Aqui que é essa [] melhores lugares e os melhores ordenadores são os políticos. São senadores, é deputado estadual e deputado federal, é vereadores, que não fazem nada, são as altas patentes do Exército que não tem necessidade, porque não tem guerra, as coisas estão indo bem e isso que atrapalha.

TP: Mas, e os empresários, o senhor não acha que os empresários também ganham...

AL: Os empresários também estão, estão metendo a mão [risos] no bolso do povo.

WC: E o senhor acha que é possível que o operário ganhe muito? Sem que o empresário "chie"?

AL: É, é isso. Se os operários fossem organizados mesmo, 100%, se os camponeses cruzassem os braços, a nação fica inteira sem alimento.

TP: Hum-hum.

AL: Mas é que não tem dinheiro; os ricos têm dinheiro, como foi na guerra na Itália, é. Quem não tinha dinheiro passava fome, mas quem tinha dinheiro só comprava [] tem o câmbio negro, não é? Tem os traficantes, que arranjavam jeito de trazer mercadoria de fora, para vender com maior preço e tinha de tudo. Mas o pobre não, o pobre é na caderneta de racionamento, era aquilo só que recebia. É. O pobre nasceu para ser pobre, não é? Que tem de que procurar melhorar a situação tem, tem.

WC: Mas as oportunidades de melhorar realmente são poucas?

AL: Não, não, são muitas, porque o Brasil é a nação que na minha opinião é a mais rica do mundo.

TP: Por que seu Lorenzato?

AL: Tem uma imensa floresta natural, tem a maior bacia hidrográfica do mundo, tem as maiores praias do mundo, tem as melhores, as mulheres bonitas do mundo! [risos]

TP: É bom em tudo?

AL: //É// Tem ferro que não acaba nunca, alumínio, êh!!, tem de tudo! É que.../

TP: Então, o senhor diria que ele é, o problema do Brasil é que ele é mal administrado?

AL: É sim.

TP: Porque tem muitos pobres para poucos ricos!

AL: É sim, é. Agora, igual a outro dia, a televisão deu que o Presidente Collor distribuiu não sei quantos mil hectares de terra para os sem-terra. Quer dizer que ele já começa a melhorar.

TP: Hum-hum.

AL: Porque tem aí gente que tem fazenda aí, que nem sabe de quanto, de que tamanho que é, sem produção, porque não precisa. Agora, agora vamos ver! Se ele conseguir mesmo instalar mesmo a reforma agrária vai ser uma grande coisa.

TP: Certo.

Problemas com a fita: parece que houve algum temo em que o gravador permaneceu desligado e quando foi acionado, registrou o depoimento do senhor Lorenzato parcialmente.

AL:... no cemitério, que ali aonde é a igreja de Santo Antônio, ali era um cemitério.

TP: É mesmo?!

AL: É! Foi o primeiro cemitério de Belo Horizonte.

TP: //Ah//, isso eu não sabia!

AL: //Aquele// quarteirão ali era um cemitério.

WC: Mas, a igreja de Santo Antônio, aquela que fica na rua São Paulo?

AL: Sim, sim! Aquela igreja ali. Ali era um cemitério, era um cemitério. Eu cheguei a ver ainda ali.

TP: É mesmo?

AL: É!!

TP: O senhor chegou a fazer, a passar por ali, a ir no cemitério mesmo, a algum enterro?

AL: //Fui!// Depois, fizeram o cemitério do Bonfim e ali ficou abandonado, não é? Então, cresceu mato, piteiras, garça-peixe e tinha muita rolinha, sabe. Eu ia de bodoque [risos].

TP: //Ia lá// no cemitério./

AL: Caçar as rolinhas.

TP: Caçar as rolinhas! Então, as rolinhas já existiam em Belo Horizonte naquele tempo?

AL: Já! Tinham rolinhas e sabiá. Nessas árvores de magnólias. Era a semente que os sabiás gostavam.

TP: Ah!, é?!

AL: Oh!! sabiá era assim. Não é? [risos].

TP: É interessante que se mantém até hoje, não é? Perto da minha casa tem muita rolinha e sabiá.

AL: É sim!

TP: Não, sabiá não é muito, não. Tem muito é bem-te-vi.

AL: É bem-te-vi, bem-te-vi! Aqui também tem bem-te-vi, rolinha, o beija-flor, a [magarricha]...

FINAL LADO B DA FITA 06

A

americanos, 24, 25, 41, 42, 49
avenida Amazonas, 28

B

Barro Preto, 16
Belo Horizonte, 3, 19, 22, 30, 32, 34, 37, 51, 52

C

Carlos Prates, 11, 14, 16
Casa de Itália, 19, 20
Cidade Industrial, 33
Collor, 47, 51
comunistas, 24

E

Exército, 43, 50

F

fascistas, 24

G

guerra, 23, 24, 25, 44, 50

I

ideologia, 49
italianos, 3, 20, 25, 26, 37

J

Jango, 41, 42, 43

M

militares, 40, 41, 42, 43, 44
Mussolini, 23, 40

R

reforma agrária, 42, 51

T

televisão, 18, 38, 39, 51

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CENTRO DE ESTUDOS MINEIROS
PROGRAMA DE HISTÓRIA ORAL
PROJETO INTEGRADO: “MINAS GERAIS: POLÍTICA E SOCIEDADE
ATRAVÉS DA HISTÓRIA ORAL”
ENTREVISTADORAS: PROF^a THAÍS VELLOSO COUGO PIMENTEL
WALQUÍRIA DA COSTA CAMPOS
ENTREVISTADO: AMADEO LUCIANO LORENZATO
LOCAL: BELO HORIZONTE
FITA Nº 7
DATA DA ENTREVISTA: 04 DE JUNHO DE 1991
DURAÇÃO: 45 MINUTOS

FITA 7 - LADO A

WC: 04 de junho de 1991 7ª entrevista com o sr. Lorenzato.

TP: Olha, antes da gente falar do senhor como artista, que é o que nós queremos hoje, eu vou só fazer uma pergunta para o senhor, porque na última vez eu fiz esta pergunta e ela não teve resposta, porque nós fomos trocar a fita. Eu estava conversando sobre a questão de moradia em Belo Horizonte, o senhor comentando quando o senhor mudou para cá, que o senhor assistiu ao crescimento da Cabana aqui do Pai Thomaz, o senhor contou para a gente do nome da favela, o porquê do nome e eu perguntei para o senhor se nessa época que o senhor mudou para cá, no início dos anos 60, o senhor conhecia, o senhor teve conhecimento de outras favelas que estavam se formando na cidade, quer dizer esta questão da moradia, da moradia popular, da moradia para o operário, se o senhor tinha notícia disso. Quer dizer, isso era um problema em Belo Horizonte na época, ou não era, o que o senhor pode nos contar sobre isso?

AL: Na época, antes de...

TP: Quando o senhor se mudou para cá em 62, quando o senhor já tinha comprado o lote.../

AL: Ah, sim.

TP: Já construído a sua casa aqui.

AL: Não, até movimento, movimentou muito o ambiente.

TP: //Hum.//

AL: Todo mundo pensou em derrubar os eucaliptos, tinha uma empresa que comprava a madeira, e foi indo, em pouco tempo cada um escolheu o seu lote.

TP: //Certo.//

AL: E aí começaram a construir os barracos.

TP: E o senhor diria que foi uma coisa assim natural? Porque hoje em dia a gente sabe que, nós temos o problema dos sem-casa, as pessoas que invadem terrenos; nessa época não tinha essa conotação de invasão da propriedade alheia, como é que era isso?

AL: Bem, tinha...

TP: //Tinha.//

AL: Já tinha, a pedreira do Prado Lopes lá na Lagoinha, já existia. Lá é uma das mais antigas...

TP: //Isso.//

AL: E depois lá em cima na Serra, por ali afora, tudo aquilo foram favelas que cresceram depois que eu saí daqui de 1920.

TP: //Sei.//

AL: Em 1920, tinha só aquela do pé do Prado Lopes ali e o Barro Preto, que era,... não era nem favela, nem cidade.

TP: //Hum, hum.//

AL: Bem, o resto não...o resto se desenvolveu depois, nesses 28 anos que eu fiquei fora daqui é que apareceram essas favelas e estão aparecendo mais.

TP: E o senhor acha que o crescimento das favelas, o senhor atribui a que, o senhor acha que foi o crescimento da cidade, das indústrias?

AL: Ah, sim, ao crescimento das indústrias porque... na lavoura não dá futuro mesmo. Enxada, ninguém agora quer mais saber de trabalhar, a mocidade, os jovens, todo mundo quer mesmo é a cidade.

TP: //Hum, hum.//

AL: Porque tem mais possibilidade de ganhar a vida não é? E para ter mais divertimento, tudo isso. Então todo mundo prefere a cidade.

TP: E com isso a cidade acaba.../

AL: A cidade acaba não tendo lugar para morar, porque todos os aluguéis são caros e então cada um se arranja. O clima favorece, porque aqui não é frio, cada um faz o que pode e depois vai melhorando.

TP: Então está bom.

- Pausa na gravação -

TP: Então, conversados sobre Belo Horizonte, nós agora vamos falar do senhor como artista. O senhor já nos contou um pouco como foi que o senhor começou, não é?

AL: //Ah, sim.//

TP: A se envolver com a atividade da pintura, mas agora eu queria que o senhor narrasse para a gente um pouco, como é que foi esse interesse pela pintura, pelo trabalho que o senhor faz hoje, que não é o que o senhor fazia desde rapaz, mas como foi isso para o senhor? Como é que o senhor se interessou pela pintura, quando foi que o senhor se interessou, se o senhor teve contato, por exemplo, na sua infância ou na sua adolescência com pintores que faziam este tipo de trabalho que o senhor faz hoje, conta isso um pouco para nós.

AL: Bem esse negócio é nascido com a gente, a gente nasce já com este instinto, não é? Que gosta de rabiscar, eu na escola sempre rabiscava os cadernos, e aí com isso eu já ia fazendo, depois então, não tinha esse negócio, esta assistência aos artistas, não tinha galeria.

TP: //Certo.//

AL: Não tinha nada, era isso e a gente pintava porque gostava de pintar, mas sem o intuito de vender, porque não tinha comércio. Então para ganhar a vida era preciso trabalhar na construção civil, não é? E continuei sempre trabalhando na construção civil, mas sempre me dedicando ao desenho e à pintura. Depois lá na Europa o negócio lá é outro, lá os pintores é que são organizados não é? Tem as galerias, os museus.

TP: Na época que o senhor estava lá já havia organizações.

AL: //Já, já.//

TP: //E lá, senhor Lorenzato o senhor começou a pensar na possibilidade de se transformar em um pintor artista mesmo, o senhor teve esta idéia?

AL: Bem, sempre tive, tinha sempre a esperança de um dia chegar a um bom ponto, não é?

TP: //Hum.//

AL: Trabalhando sempre, estudando, analisando. E devagar cheguei a este ponto. Foi.

TP: Agora, quando o senhor fala estudando, porque a gente sabe que hoje, por exemplo, tem uma série de escolas que pretendem ensinar as pessoas a pintarem.

AL: //É, sim, sim.//

TP: O que era estudar para o senhor, era estudar sozinho, era procurar ajuda de alguém?

AL: Naturalmente, eu vendo obras dos outros, vendo outros artistas trabalhando na Itália e na França, então em todas as cidades tem sempre artistas trabalhando como pintor. Em Veneza então nem se fala.

TP: //Hum-hum.//

AL: Ali, no verão é cheio de artistas trabalhando. Fica ali olhando não é, e dali vai aprendendo, vai imitando e vai melhorando.

TP: Então o seu estudo foi sempre fundado na observação.

AL: Na observação, não é?

TP: O senhor nunca freqüentou uma escola de pintura?

AL: Bem, freqüentei uma escola de geometria.

TP: Ah, sim?

AL: É.

TP: Na Europa?

AL: Na Itália.

TP: Na Itália.

AL: É. Tenho até o diploma aí.

TP: //Sei.//

AL: Como decorador.

TP: //Ah, sei.//

AL: Decorador de fazer florões nas fachadas, nos tetos, este sistema de trabalho, como está ali no teto.

TP: /Hum-hum.//

AL: Isso aí dá um trabalhão.

TP: //Afrescos.//

AL: Então eu fazia, aprendi a fazer tudo.

TP: Ah, certo.

AL: Mas é que eu sempre consegui desenhar e pintar, sempre, sempre pintei.

TP: Mas esse curso de geometria que o senhor fez foi um curso, num tempo curto assim, o senhor se matriculou, o senhor ficou dedicado aos estudos nesta época, ou trabalhando, o senhor/

AL: Trabalhando, não, espera, noturno, era um curso noturno, não é?

TP: //Ah, sim.//

AL: Em seis meses eu tirei o diploma.

TP: Ah, tudo bem. Agora, é curioso isso que o senhor nos fala, porque esta observação que

o senhor pôde fazer, enquanto o senhor estava na Europa, esta observação do trabalho de outros artistas, isto porque os artistas na Europa, eles usam muito a rua como/

AL: Sim, sim, ah é, é.

TP: Ambiente de trabalho, não é?

AL: //É sim, sim.//

TP: Isso, o senhor via isso acontecer no Brasil senhor Lorenzato?

AL: Não, não.

TP: No Brasil, quer dizer, em Belo Horizonte.

AL: Eu me lembro, tinha um artista italiano que trabalhou na Igreja São José, que fazia umas pinturas na igreja, mas eu não conheci ele não. Depois eu soube.

TP: //Hum-hum.//

AL: Eu não me lembro o nome dele, era só ele que trabalhava aqui em Belo Horizonte.

TP: Que tinha aqui em Belo Horizonte?

AL: É.

WC: E isso até os anos 20?

AL: É sim, até os anos 20. Depois teve o tal Faísca, que também pintava as paisagens e os alpendres.

TP: //Ah, sim.//

AL: E o tal Friero que também pintava as paisagens e os alpendres.

TP: Friero?

AL: Friero. Eram só esses 3 que trabalhavam.

TP: E o senhor conheceu o Faísca e o Friero?

AL: Conheci.

TP: É, foram contemporâneos seus?

AL: Foram sim.

TP: Ham-ham. E até esta época antes do senhor sair do Brasil, não existia, por exemplo, o Parque Municipal era um parque bonito nessa época.

AL: //Sim, sim.//

TP: Não havia o costume de pintores pintando na rua, nos parques?

AL: Não, não.

TP: Isso não existia?

AL: Não, não tinha escola, então não tinha escola não é?

TP: Hum, hum... Muito bem, e quando o senhor voltou, bom, na Europa o senhor está dizendo que obteve toda esta experiência, o senhor pode, através da observação acompanhar o trabalho de artistas, e aí o senhor foi se esmerando.

AL: //Ah, sim.//

TP: No seu trabalho. E lá na Europa, o senhor comentou com a gente uma vez que naquela viagem que o senhor fez com seu amigo, com o holandês, o senhor não tinha então condições de visitar museus, porque a viagem era muito rápida.

AL: //Ah, sim.//

TP: E vocês sem dinheiro, não podiam freqüentar museus. Mas depois, quando o senhor se estabeleceu na França, mesmo na Bélgica, e depois na Itália outra vez, o senhor tinha o hábito de ir a museus?

AL: Claro, no Louvre, fui muitas vezes visitar o Louvre.

TP: //Hum.//

AL: O museu de [], o museu dos impressionistas, aquilo eu freqüentei.

TP: O senhor freqüentava sempre.

AL: Ham-ham.

TP: E mesmo na Itália, quando o senhor voltou depois de casado, o senhor freqüentava os museus italianos?

AL: Ah, sim, sem dúvida.

TP: Florença.

AL: Florença, não é. Eu até tenho o livro do museu de Vicenza.

TP: Ah, sim.

AL: Obras importantes, sempre em Veneza, Palácio, [Duca].

TP: //Hum-hum.//

AL: Eu sempre visitava, a Bienal de Veneza, fui quatro ou cinco vezes visitar a Bienal.

TP: Ah, sim.

AL: De modo que o meu amigo também era pintor, não é?

TP: //Hum-hum.//

AL: De modo que, juntos, aos domingos a gente saía ali pelos arredores de Roma e ficava lá o dia inteiro trabalhando, e voltava só de noite para dormir.

TP: Hum-hum... Vicenza era uma cidade muito pequena, o senhor nos disse.

AL: Sim.

TP: E tinha um museu de arte?

AL: Tem, tem.

TP: Tem um museu de arte?

AL: Tem um museu de arte.

TP: Muito bem. Agora vamos conversar de uma coisa que era o seguinte, o senhor estava nos dizendo que durante todo o tempo, o senhor tinha um interesse claro pela pintura, mas que o senhor trabalhava na construção para se manter, para manter a família.

AL: //Ah, sim.//

TP: O tempo que, como é que era isso, o tempo que sobrava para o senhor era o fim de semana, eram as horas que o senhor não estava trabalhando para pintar.

AL: Tinha o fim de semana, o sábado e o domingo; aos domingos saía por ali e ia para [] ficava lá pintando.

TP: Esse trabalho era um trabalho solitário, ou o senhor ia acompanhado de amigos ou de colegas que também...

AL: Não, aqui não tinha, não, eu trabalhava sozinho.

TP: É?

AL: Ainda não conhecia ninguém de pintores, não.

TP: Sei.

AL: Comecei a conhecer, depois que quebrei a perna, que eu comecei, fui visitar uma galeria aqui no Bairro Funcionários e lá encontrei o Sérgio Maldonato, que é crítico no “Estado de Minas”. E ele perguntou: você também é pintor? - Sou pintor sim - traz aí alguma coisa para ver. Levei lá, eles gostaram e aí o italiano, com a Maristela, com as Amigas da Cultura e etc., etc., organizaram a exposição no Minas Tênis.

TP: Foi a primeira exposição que o senhor fez.

AL: A primeira exposição minha no Minas Tênis. Dali comecei depois a ser convidado nas coletivas.

TP: //Hum-hum.//

AL: E as individuais. Fui selecionado para representar Minas Gerais na exposição em [Cintra de Bertzália], na Tchecoslováquia.

TP: //Hum-hum.//

AL: Tem até o catálogo aí com o nome meu e do GTO. Eu e o GTO.

TP: Foram os únicos brasileiros?

AL: Não brasileiros, de Minas!

TP: Minas?

AL: É.

TP: Os dois mineiros escolhidos. Hum-hum. Agora me diz uma coisa, nesse tempo, voltando um pouco à Europa, nesse tempo que o senhor esteve lá, o senhor está nos dizendo que o senhor trabalhava nos fins de semana com a pintura e tal; o que o senhor fez com seu trabalho, as obras, as telas que o senhor pintava?

AL: Bem, eu dava de presente.

TP: É?

AL: É. Depois eu amontoava, durante a guerra, como eu já expliquei, não é?! Uma bomba caiu no quintal. E descobriu o galpão e eu tive que fugir, ficamos oito dias fora e quando voltamos tinha chovido, então estava tudo encharcado. Não tive oportunidade de aproveitar nada.

TP: O senhor perdeu praticamente tudo, mais de quinhentos trabalhos e desenhos/

TP: Mais de quinhentos?

AL: À guache e tabuinha de compensado.

TP: Era o material básico que o senhor trabalhava nesta época.

AL: //É sim.//

TP: Tábua de compensado e guache.

AL: É.

TP: E, como foi isso para o senhor, seu Lorenzato, ter perdido este trabalho de tanto tempo, quase 500 obras? Foi tristíssimo?

AL: Foi triste, não é? Depois tinha comprado uma bicicleta, então tinha trabalhado na Alemanha, não é? Tinha trabalhado na Alemanha, tinha ganho dinheiro lá, comprei uma bicicleta e depois, nem um mês depois, a bicicleta foi debaixo do telhado. [Risos]. Não aproveitei nada.

TP: Quer dizer que o senhor perdeu as quinhentas telas e a bicicleta?

AL: //E a bicicleta.//

TP: Ou seja, perdeu muita coisa.

AL: É.

TP: Nessa época, o senhor já estava casado não é?

AL: Já tinha casado.

TP: E como é que, a dona Ema foi uma incentivadora para seu trabalho como artista?

AL: Ah, foi, foi.

TP: É. Desde o início?

AL: Ah, sempre, era minha companheira em todas as exposições.

TP: Hum-hum. E, o senhor chegou a fazer, na Europa, algum amigo, além do holandês que o senhor já nos contou, mas o senhor teve mais contato lá com pintores mesmo, o senhor chegou a freqüentar lugares/

AL: Bem, não.

TP: Com essas pessoas especificamente?//

AL: O único pintor que eu conheci lá foi o tal Júlio [Seferine], que era da mesma província de Arezzo.

TP: Hum-hum.

AL: E com ele fui, numa tarde, num bar em Paris, fui lá ver, ele me mostrou Picasso, e esse outro grande artista, não me lembro o nome agora.

TP: Contemporâneo de Picasso?

AL: Sim, é. Picasso, Picasso e... não me lembro o nome agora. Ele me mostrou aqueles dois, [Glamir], [Glamir].

TP: [Glamir]. Ham-ham.

AL: Então depois de ter conhecido ele, depois e, pintando por Paris, vi Maurício Utrillo, diversas vezes.

TP: Hum.

AL: Ele pintava em Montmartre, e muitos outros depois ali, mas contato mesmo, de conversar, de ter relações nunca tive com nenhum.

TP: Hum-hum.

AL: De vista só conhecia ele porque eu freqüentava o ambiente onde eles freqüentavam.

TP: //Certo.//

AL: E eu ia visitar exposições, não é? E ali eu ficava conhecendo estes artistas.

TP: Certo.

WC: Mas nenhum deles conhecia o senhor como artista?

AL: Não, não, nenhum.

WC: Ninguém conhecia do seu trabalho, a não ser a família?

AL: Não, não.

TP: E nessa época senhor Lorenzato, o senhor intimamente assim, o senhor já tinha alguma idéia de que o senhor seria pintor, o pintor artista?

AL: Não, não.

TP: //Não?//

AL: Sempre tive a idéia de ser amador.

TP: É?

AL: Amador. Nunca cogitei de vender; vendi o primeiro trabalho em 1952, tinha 52 anos.

TP: //Hum-hum.//

AL: Vendi por 30 cruzeiros. [Risos] Foi justamente este, o Maldonado que comprou na minha mão o primeiro quadro que eu vendi.

TP: Foi o primeiro/

AL: Nunca, nunca/

TP: O primeiro comprador.

AL: É sim.

TP: Da sua obra.

AL: Nunca, nunca cogitei de vender, de fazer dinheiro com a pintura, não.

TP: Hum-hum. Mas isso é porque, o senhor não acreditava que o senhor fosse capaz de ganhar dinheiro com a pintura, ou por que para o senhor a pintura era alguma coisa/

AL: Não porque também eu não tinha confiança, eu achava que minha pintura era uma pintura usual, não é? Sem valor, nunca pensei de/

TP: O senhor não acreditava no seu próprio trabalho.

AL: //Não, não.//

TP: No valor artístico dele.

AL: //Não, não.//

TP: Aquilo era importante para o senhor?

AL: É, isso aí veio depois.

TP: Hum-hum. Bom, e aí quando o senhor voltou para o Brasil então, o senhor estava nos contando, já em 52 o senhor vendeu a primeira tela e o senhor passou então a acreditar que aquilo podia ser uma opção.

AL: É sim, foi. Sim.

TP: De trabalho mesmo, não é?

AL: É, é.

TP: E nesse momento, desde que o senhor teve este contato com o Maldonado aqui, em que organizou-se, esta 1ª exposição foi quando, senhor Lorenzato, o senhor se lembra da data?

AL: Em 52.

TP: 52 mesmo?

AL: É.

TP: Foi a primeira/

AL: Foi a primeira.

TP: A primeira individual que o senhor fez?

AL: Individual, é. Foi Palhano Júnior e o Maldonato, a Maristela, a D. Úrsula, que era presidente das Amigas da Cultura. E fizeram a exposição com muito sucesso, vendeu quase tudo, e ali comecei a ser convidado.

TP: //Hum-hum.//

AL: E ali comecei a pintar mesmo.

TP: E aí o senhor começou a acreditar mesmo que era um pintor de verdade?

AL: [Risos]

TP: E nesse tempo o senhor ainda trabalhava com construção, não é?

AL: É sim, com construção civil.

TP: E aí o senhor começou a querer se afastar da construção para se dedicar à pintura, ou o senhor continuou com isso?

AL: Não, não, continuei, continuei até quebrar a perna. Foi quando quebrei a perna, não é? Então não podia mais carregar peso, subir escada, então me aposentaram.

TP: Hum-hum.

AL: A firma requereu a aposentadoria.

TP: //Hum-hum.//

AL: Me aposentaram, então comecei depois...

TP: E o senhor não ficou nada triste com a aposentadoria?

AL: Não, não.

TP: Pelo contrário?!

AL: [Risos] Pelo contrário, foi até bom porque me dediquei exclusivamente a pintar paisagens.

TP: Aí o senhor pôde se dedicar/

AL: Aí que eu comecei a ser conhecido, fui convidado, tinha a Galeria Guignard.

TP: Hum-hum.

AL: O Sávio, o Sávio de Oliveira era o único marchand que tinha em Belo Horizonte. Ele me incentivou muito, Augusto Rodrigues.

TP: //Hum-hum.//

AL: Que gostava da minha pintura, comprou muita pintura minha, e falou que eu era o melhor pintor... [] do Brasil, e daí foi indo... Tive muita crônica do Wilson Frade no jornal.

TP: //Hum-hum.//

AL: E aí começou então.

TP: E deixa eu fazer uma pergunta para o senhor. Essa falta de confiança que o senhor está dizendo que o senhor tinha inicialmente, o senhor de alguma forma acha que isso pode ser atribuído ao fato de o senhor vir de um meio operário? Por exemplo, quando o senhor conheceu estas pessoas que organizaram essa primeira, essa sua primeira exposição, essas pessoas eram, em termos... eram pessoas socialmente muito diferentes do senhor.

AL: //É sim.//

TP: Condição social diferente.

AL: É sim, é. Jornalistas, colecionadores de arte.

TP: //Exato.//

AL: Amigas da Cultura, todas mulheres instruídas, não é?

TP: Hum-hum. E o senhor era vindo de um meio de trabalhadores, um meio operário não é.

AL: //Proletário não é? [Risos].//

TP: Proletário. E isso o diferenciava muito.

AL: Não, não.

TP: O senhor acha que não?

AL: Não. Eu era tratado igual aos outros, me tratavam muito bem, não faziam diferença, não.

TP: Sim, mas eu pergunto pelo seguinte: eu pergunto porque o senhor - é eu estou falando um pouco desta falta de confiança que o senhor mesmo tinha inicialmente, porque depois o senhor foi perdendo, felizmente. Mas esta falta de confiança o senhor atribui ao fato de que o senhor vinha de um meio diferente ou não, era pela sua relação com a sua obra?

AL: Não, não, era pela relação, pelo meu estilo, meu temperamento não é? Eu não gosto de me exhibir. Detesto badalagens. [Risos]. Agora tenho que aturar demais.

TP: [Risos]

AL: Mas naquele tempo eu não ligava para isto.

TP: O senhor não gostava?

AL: Não, não.

TP: Ham-ham. Mas então, virando artista mesmo, quer dizer, passando a ser reconhecido o senhor teve que se adaptar também um pouco?

AL: Sim, sim.

TP: Isto que o senhor estava dizendo, ah, porque o artista a gente sabe que na nossa sociedade, por exemplo, ele é uma figura de projeção, ele tem uma projeção social diferente, e as pessoas badalam mesmo não é?

AL: [Risos]

TP: O artista. E o senhor não gostava muito disto então?

AL: [Risos]

TP: Mas teve que se adaptar?

AL: É sim.

TP: Bom, uma outra coisa que eu queria que o senhor contasse para a gente é com relação à sua pesquisa, quais materiais, a técnica que o senhor utiliza. O senhor está nos dizendo que na Europa inicialmente o senhor pintava guache não é, e depois aqui o senhor passou a pintar a óleo, isso foi uma decisão sua em função de oportunidades, ou em função de uma pesquisa, o senhor estava querendo descobrir/

AL: Eu pintava para mim mesmo, pintava para meu prazer, não é?

TP: Hum-hum.

AL: E comprando tintas preparadas e telas preparadas ficava caro demais, não é? Então no papel ficava mais fácil, a tinta guache eu mesmo fazia, comprava os pigmentos. Misturava com destrina, que é uma cola feita do leite, e com aquilo eu trabalhava. Podia estragar muito papel, porque não custava não é?

TP: //Sei.//

AL: Aproveitava qualquer papel. De modo que foi assim.

WC: Isso o senhor fazia já aqui em Belo Horizonte? Antes de ir para a Europa?

AL: Não, não.

TP: Na volta.

AL: Aqui, antes de ir para Europa, sempre fui pintor de parede.

TP: Só de parede?

WC: O senhor não pintava nada antes de ir?

AL: Não. Via os outros pintarem, gostava de ver o Faísca pintar. E o Friero, então isto era moda em todos os alpendres, e ainda tem, no Carlos Partes ainda tem uma casa antiga que tem um alpendre pintado pelo Friero.

TP: Hum. Lá no Carlos Prates?

AL: É.

WC: Bem, e o senhor não tinha vontade de pintar também não?

AL: Bem, eu gostava de ver e fazia no papel.

WC: O senhor fazia os desenhos?

AL: É sim, fazia, fazia os desenhos e coloria com guache, com lápis de cor, sempre mexi com isto.

AL: Os cadernos meus eram, eu aproveitava todos os espaços vazios/

TP: Todos desenhados?

AL: É sim.

TP: Mas o senhor nunca chegou a pintar um alpendre, por exemplo?

AL: Não, não.

TP: Este tipo de trabalho o senhor não chegou a fazer?

AL: Não, não.

TP: Depois só no seu alpendre mesmo não é? [Risos gerais]

TP: Agora, o senhor podia contar para a gente um pouquinho, o senhor está dizendo que o senhor foi muito incentivado por essas pessoas que o ajudaram na primeira exposição.

AL: [Risos] Sim.

TP: Que o senhor já citou o nome delas. E a partir daí, o senhor teve em algum momento da sua vida, de sua vida como artista, alguma contribuição do Estado, por exemplo, no sentido de promover alguma/

AL: Não.

TP: Não. O senhor nunca contou com apoio institucional?

AL: Não, não. Nunca também, nunca participei de Salões.

TP: Não, não é?

AL: Eu recebo convites, mas não participo. Tenho ojeriza de preencher formulários.

TP: [Risos]

AL: Não, não é comigo não.

TP: O senhor não gosta da burocracia?

AL: Não, não. Então deixei de frequentar o Salão da Prefeitura, e o Salão/

TP: Quer dizer que o senhor sempre foi convidado e não aceitou/

AL: Eu recebo convites, mas não participo.

TP: Por ojeriza da papelada.

AL: Da papelada. [Risos] E depois, por ser julgado, mas a gente nem sabe se são competentes o bastante.

TP: Hum-hum.

AL: E ser rejeitado, não é?

TP: Então o senhor nunca se candidatou a isto.

AL: Eu participo de exposições se sou convidado.

TP: //Certo.//

AL: Se a galeria me convida para fazer exposição então eu mando, mas se é para passar pelo trâmite de júri, de comissões julgadoras, então não mando não.

TP: Mas isso, me explica um pouquinho melhor isso, isso porque está, de um lado o senhor está dizendo que não gosta da papelada, não quer se amolar com isto. Mas por outro lado o senhor também acha que, o que o senhor acha de complicado nisso, é submeter a sua obra a um tipo de avaliação ou é porque o senhor desconfia desta avaliação?

AL: É, desconfio.

TP: //É.//

AL: Devido marmelada.

TP: //Tem, não é?//

AL: Em todos os concursos tem marmelada.

TP: Hum.

AL: Os juízes... eu sei de um caso acontecido, que, que o artista foi premiado com o primeiro prêmio na exposição, mas já tinha subornado dois do júri, que votaram a favor. E ele ganhou o prêmio. E o artista que tinha que ganhar o prêmio ficou revoltado e fez o maior escândalo, mas depois entre eles reajeitaram as coisas, mas o prêmio ficou para aquele que teve os votos do/

TP: Certo. Então a isto o senhor nunca se submeteu, não é?

AL: Não, não.

TP: O senhor não precisa disto.

TP: Não preciso.

TP: E as exposições que o senhor fez, essa primeira foi no Minas Tênis em 52 ainda, e depois disto o senhor tem idéia de quantas exposições o senhor já fez? Com que periodicidade?

AL: Sei que fiz... umas vinte individuais, quer dizer, coletivas.

TP: Coletivas, ah certo.

AL: Individuais mesmo eu fiz a primeira no Minas Tênis depois fiz uma... na Galeria

Guignard, depois fiz uma na Arte Livro.

TP: Hum-hum.

AL: Depois no Palácio das Artes, também fiz uma individual.

TP: Hum-hum.

AL: E depois não lembro mais, mas fiz muitas.

TP: Foram muitas exposições.

AL: É, é.

WC: E fora do Brasil?

AL: Fora do Brasil, exposições mesmo, fiz só na Tchécoslováquia.

TP: Hum-hum.

AL: Em Pratzava fui convidado, mandei lá, fui aceito e fui apresentado. Mas trabalhos eu tenho muitos lá, tem aqui um engenheiro que é aqui da SBE, chefão lá em Milão, toda vez que vem aqui, vem me comprar e levar, 5 ou 6 quadros.

TP: É mesmo? E ele leva para ele ou presenteia.

AL: Para ele, não sei.

TP: Então trabalhos seus tem muito por lá?

AL: Sempre tem muitos por lá.

TP: Mas na Itália o senhor não chegou a fazer nenhuma individual, essa que o senhor vai fazer agora vai ser a primeira?

AL: Não, já fiz uma.

TP: Ah, na Itália o senhor já fez há dois anos atrás.

AL: É sim.

TP: Ah, certo!

AL: Fiz uma sindical, a primeira sindical de Vicenza eu participei com auto-retrato.

TP: Agora, uma outra coisa que eu queria que o senhor contasse para a gente, um pouco,

como é essa relação do artista com a pessoa que o patrocina, com o marchand? O senhor sempre, desde que o senhor faz isso profissionalmente mesmo, o senhor sempre se relacionou com marchand, eles é que propõem para o senhor a exposição.

AL: Sim, sim, eles é que propõem. E depois ficam com a maior parte.

TP: É, não é? [Risos]

AL: Eu não estava ligando para melhorar, era um prazer fazer exposição, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Fazia e deixava para eles [] e assim foi, essa última também com Manuel Macedo foi assim.

TP: Hum-hum.

AL: Ele me dá aquilo que bem entende e fica com o resto para ele. Para mim está muito bom. Eu recupero o material que gasto, a mão-de-obra é minha, não é?

TP: Hum-hum.

AL: De modo que/

TP: O senhor se sente bem recompensado pelo seu trabalho.

AL: É, é, é sim.

TP: E o senhor nunca chegou a pensar numa alternativa até familiar, por exemplo, de o senhor mesmo ou algum dos seus parentes mais próximos se envolverem diretamente com a venda dos seus trabalhos?

FIM DO LADO A FITA 07

FITA 07 - LADO B

AL: Não, não.

TP: Não. Por que, senhor Lorenzato? O senhor acha que/

AL: Porque não se interessavam, não se interessavam, meu, meu, meu pai era trabalhador de, de horta, hortigranjeiro, meu irmão também era operário, não é?

TP: Hum-hum.

AL: E depois agora, agora eles estão vendo que tinha valor.

- Interrupção na gravação -

AL: Pinto para meu prazer. Pinto o que bem entendo. Não sigo tendência, não frequento igreja, faço aquilo que me dá na cabeça.

TP: É mesmo? Mas efetivamente o senhor está dizendo que o senhor nunca pensou em ganhar dinheiro, mas o senhor hoje, por exemplo, o senhor tem a sua aposentadoria mas o senhor também sobrevive do seu trabalho.

AL: Ah, bem, se o marchand vende tem que me dar a minha parte.

TP: Hum-hum. E quando o senhor diz para nós que não frequenta igreja, é que o senhor não gosta muito desses contatos, de ter que se tornar amigo das pessoas só porque faz o mesmo que elas.

AL: Não. Amigos conheço porque vêm na minha exposição e eu vou na deles, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Então se tornam amigos, depois tem trocas com os amigos, com os colegas, troca de obras, ele me dá obras dele, e eu dou as minhas.

TP: Hum-hum.

AL: E assim não é? Eu tenho até muitos bons amigos, sou bem considerado pelos amigos.

TP: Hum-hum. Mas o seu contato hoje com outros artistas, ele se faz só nesse nível de, por exemplo, o senhor vai à exposição de um artista, eles vêm à sua exposição, ou o

senhor se relaciona no seu dia-a-dia com alguns desses amigos assim, o senhor tem, por exemplo, amigos pintores que vêm visitá-lo para tomar um cafezinho, uma cervejinha?

AL: Tenho sim, tenho, tenho. Ah, tenho.

TP: Ah, então está bom. [Risos] Agora, a gente podia falar assim, um pouquinho do seu trabalho propriamente dito. Estou dizendo o seguinte: o senhor nos contou que perdeu em torno de 500 telas, o senhor imagina, na Itália. O senhor tem idéia, na sua vida toda como pintor, quantas telas o senhor já produziu?

AL: Ah, não faço idéia não.

TP: Mas muita coisa?

AL: Mas muita coisa, porque todo dia eu faço alguma coisa, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Em 90 anos, não é? [Risos] Quer dizer 70, porque até a idade de 20 anos. Quando comecei como ajudante de biscateiro, pintor de parede, eu não cogitava ainda, mas sempre na escola eu gostava de rabiscar.

TP: Quer dizer, se a gente achasse hoje os seus caderninhos antigos, nós diríamos que tem arte ali também.

AL: //É, é sim.

TP: [Risos]

AL: De modo que depois que comecei quando fui na Itália, lá a gente via muita arte nas igrejas, nos museus, conheci muitos artistas famosos lá também.

TP: Hum-hum.

AL: De modo então que foi ali que comecei mesmo a me dedicar, depois conheci um amigo meu que era tipógrafo e também era pintor amador. E com ele trabalhei aos domingos, saía de bicicleta pelo arredores, ficava o dia inteiro fora, pela campina pintando, não é?

TP: Hum-hum. E outra coisa que a gente queria saber é sobre os temas que o senhor gosta

de pintar. Nós já vimos, e a gente vê o seu trabalho, a gente tem mais ou menos idéia, mas a gente queria que o senhor falasse um pouquinho, o que o senhor gosta mesmo de pintar?

AL: Tudo.

TP: Tudo? [Risos]

AL: Flores, árvores, frutas, tudo.

TP: Pessoas?

AL: Pessoas.

TP: Mas retrato mesmo, o senhor nunca/

AL: Tenho.

TP: O senhor faz retrato mesmo. A Dona Ema, é verdade.

AL: Fiz retrato de minha cunhada, das minhas sobrinhas, mandei para eles lá.

TP: E auto-retrato, o senhor já fez alguma vez?

AL: Fiz, fiz.

TP: Fez?

WC: Como que é fazer um auto-retrato?

AL: É olhar no espelho.

WC: Hum... Ah, muito bem, um auto-retrato.

TP: Feito quando mais ou menos?

AL: Cerca de, tem 5 ou 6 anos que fiz.

TP: É?/

AL: Antes da minha mulher falecer, 6 anos.

TP: Ah... muito bem. E então o senhor estava dizendo para nós, que o senhor gosta de pintar tudo em princípio. E o senhor sempre dá nome às suas telas?

AL: Bem, algumas vezes dou.

TP: É?

AL: Dou nome, é. [Risos]

TP: E o nome que o senhor dá, é aquilo que ela sugere para o senhor naquela hora?

AL: //É sim.//

TP: Quando o senhor vai fazer uma exposição, o senhor é obrigado a dar nome a cada tela, ou não?

AL: Sim, bem, depende. Às vezes é sem título, se é uma coisa que a gente não sabe que título dar, fica sem título, dá nome sim.

TP: É. Normalmente dá nome, mas é sempre o senhor que dá, ou o marchand, tem autonomia.//

AL: De acordo, estudo, por exemplo foi exposto no Palácio das Artes.

TP: Hum-hum.

AL: Estes dois aí. A Glorinha deu o título: "Papa essa Brasil".

TP: Ah! [Risos]

AL: E ficou sendo. [Risos]

TP: "Papa essa Brasil".

AL: [Risos]

TP: Muito bem. Belo quadro, jogo do Brasil contra...

AL: Argentina.

TP: Argentina?!

AL: Argentina. Não, este aí é Brasil e Itália.

TP: Itália.

AL: O outro é Itália e Argentina.

TP: E hoje o senhor tem preferência mesmo pelo trabalho com óleo, com a pintura a óleo?

AL: É, sim.

TP: E o senhor que desenvolveu uma técnica, o senhor já nos disse que usa diferentes materiais, como/

AL: //É sim.//

TP: Como o senhor usa tela, o senhor usa também pedaços de madeira.

AL: Tudo, é, é sim. [Risos]

TP: Tudo que o senhor encontra?

AL: É.

TP: E a sua experiência com escultura, como é que foi isto, Sr. Lorenzato?

AL: Veio, veio de idéia não é? O corpo humano é isso aí, não é, então fui modelando. Tentando fazer igual fotografia, não é? E isso aí, passou o tempo, não sabia o que fazer, então me dediquei a isto.

TP: Hum-hum. Mas o senhor tem muitos trabalhos de escultura, ou são só estes que a gente vê aqui da D. Ema?

AL: Não, tem de fora não, só dela.

TP: É? E a, essa coisa da cor, a gente queria que o senhor falasse um pouquinho disso para nós, assim, o seu trabalho tem muita cor, tem muita luz, não é?

AL: //É, sim.//

TP: O que é a cor para o senhor?

AL: [Risos] A cor é colorir [Risos]. Aquilo que é colorido, não é? Conforme aquela [árvore] já pinteí ela ali muitas vezes, não é?

TP: Hum-hum.

AL: A variedade, tem o amarelo, tem o rosa, tem diversas cores, tem o verde. Eu me divirto fazendo aquilo.

TP: Hum-hum. E o senhor quando vai, por exemplo, fazer aquela árvore, trazer aquela árvore para sua tela, o senhor pinta sempre a árvore como o senhor está vendo a árvore, ou o senhor cria em cima/

AL: Não, não, quando consigo, [risos] porque quando é a natureza, não é possível não. Eu pinto como consigo pintar, não é?

TP: Hum-hum. O senhor não pretende então recriar a natureza.

AL: Não, não.

TP: Agora o senhor podia dizer para nós o seguinte, é uma pergunta simples e difícil que eu vou fazer para o senhor. O que é ser artista, Sr. Lorenzato?

AL: É, artista é fazer aquilo que outros não sabem fazer, e procurar sempre melhorar, fazer mais que os outros, sempre uma possibilidade, isso é ser artista.

TP: Hum-hum. E o que é a arte?

AL: É uma atividade que, como o esporte, é uma atividade qualquer, não é? Quem nasce para ser artista é artista, quem nasce para ser esportista, é esportista. É isso.

TP: E o senhor nasceu para ser artista ou nasceu para ser esportista?

AL: Bem, eu fui artista e esportista.

TP: O senhor está dizendo aí que uma pessoa nasce para ser artista ou esportista, mas nós sabemos que o senhor tanto gosta de uma coisa quanto da outra, então estou perguntando ao senhor, será que nasceu para ser esportista ou para ser artista?

AL: As duas coisas [Risos gerais]. Enquanto fui jovem era o esporte, não é? Depois fui envelhecendo e tive que abandonar o futebol que já não dava mais, então comecei a me dedicar à pintura para passar o tempo, para passar o tempo, sempre como amador.

TP: Hum-hum. E é uma forma prazerosa de passar o tempo?

AL: É sim, para mim é.

TP: O senhor tem prazer pintando.

AL: Ah, tenho sim.

TP: É, se a gente pensar que o seu dia tem, como o de todos nós, tem 24 horas, o senhor diria que o senhor passa quantas horas dessas 24 mais ou menos, dedicado à sua atividade assim, em média?

AL: Em média, desde as 6h. da manhã, porque logo que clareia o dia eu levanto e começo

já a mexer e fazer alguma coisa até escurecer.

TP: É mesmo?

AL: É sim.

TP: Todo dia é isso.

AL: Quase todo dia.

TP: A não ser quando o senhor tem que dar uma saidinha.

AL: É sim.

TP: Para resolver/

AL: Dar uma saída para resolver alguma coisa. Mas senão é o dia inteiro isso.

TP: E sair para o senhor, para resolver alguma coisa no centro da cidade, é um aborrecimento, ou o senhor de vez em quando deixa sua pintura com um certo prazer para fazer alguma coisa diferente?

AL: Bem,... depende, não é, tem que ir, não é?

TP: Hum-hum.

AL: Se tem que fazer alguma compra de material, tem que descer na cidade, porque aqui, as lojas aqui não têm os materiais que eu uso, não é? Tem que ir na cidade! Então, eu vou na cidade, compro o material e volto. Quando eu tenho que pagar luz e água tem que ir na cidade. Para receber a aposentadoria tem que ir na cidade, recebo em dois bancos.

TP: Dá trabalho!

AL: Dá! Dá! [risos]

WC: E é o senhor mesmo que faz tudo isso/

AL: É, eu sim.

TP: E o senhor nunca pensou em pedir a ninguém para fazer isso para o senhor?

AL: Até agora não.

TP: Nunca precisou?

AL: //Agora que eu estou// com a perna quebrada é que a Glórinha até ela vai para mim, às vezes comprar, aquela menina, comprar pão.

TP: //Hum.//

AL: Mas eu já comecei a sair, já fui na padaria duas vezes.

TP: Ah, é!

AL: Agora, agora já não preciso mais de ajuda não.

TP: //E a perna//, e a perna está resistindo bem?!

AL: Está, está! Está resistindo bem. Não preciso mais de ajuda, não. Agora dou conta de tudo sozinho.

TP: Então, está bom!

AL: //Não é.//

WC: O senhor já nos falou que é o senhor mesmo que compra o tecido e prepara o tecido para poder fazer a tela.../

AL: É sim, sim! É.

WC: Faz tudo sozinho?!

AL: Compro, a tela, o retalho, e preparo.

TP: E como é que é essa preparação da tela? O senhor podia falar um pouquinho para nós disso.

AL: É, a gente prepara uma tinta a óleo, [] com óleo e aguarrás e passa por cima.

WC: Do tecido?

AL: Do tecido. Esse aqui, já está em condições de receber, de receber as cores.

- **INTERRUPÇÃO NA GRAVAÇÃO. FALA PROVAVELMENTE INTERROMPIDA.** -

AL: [] e o desenho para receber a cor.

TP: //Hum.//

AL: Essa aqui, o fundo vai ser colorido. Ainda depende de saber de que jeito vai ser

colorido e a escolha também, e quando acaba fica sendo um trabalho passado.

WC: Então, o senhor desenha sobre a tela, não é?

AL: //É sim.//

WC: Antes de pintar.

PROVÁVEL INTERRUÇÃO NA GRAVAÇÃO. MUITOS RUÍDOS.

AL: Outra esse aqui já é eucatex.

TP: Hum-hum.

AL: Isso é o eucatex. Aí já é outra coisa.

TP: Esse trabalho com eucatex por exemplo, o senhor, quando faz exposições, o senhor tem por exemplo, o senhor combina uma exposição com o marchand e aí ele sugere para o senhor o tipo de trabalho ou ele deixa a seu critério, assim, escolher o que é que o sr. já vai fazer.

AL: Não, o Manoel me dá as telas já preparadas.

TP: Hum-hum.

AL: A gosto dele, não é? Eu pinto, ele escolhe.

TP: Sei! Muito bem! Bom, e agora o senhor podia falar para a gente, nós já sabemos de alguma coisa, mas o que são os planos para o futuro que o senhor tem. Essa exposição na Itália, em Veneza, não é?

AL: //É.// Vicenza.

TP: Vicenza, desculpe; em outubro, e o senhor está se preparando para ela.

AL: Estou preparando, não é?

TP: E depois disso?

AL: Depois não sei. [risos]

TP: Depois, o senhor não tem ainda planos para novas exposições?

AL: //Tenho, tenho planos.// Muitos.

TP: Tem? Mas para outras exposições aqui no Brasil?

AL: //Sim.//

TP: O senhor pretende voltar logo da Europa?

AL: Volto já, tenho depois outra, tem um ecólogo que quer fazer uma exposição minha de ecologia.

TP: Ah, é?!

AL: É. Em Roma.

TP: Em Roma?

AL: É.

TP: Ah, muito bem!

AL: Mas eu não sei o que vai ser depois.

TP: O senhor se prepara para cada evento.../

AL: É sim, é.

TP: Cada coisa a seu tempo.

AL: A seu tempo, é.

TP: Então está bom. Muito bem, seu Lorenzato, eu acho que com isso estamos próximos do fim do nosso trabalho. Mas eu queria que o senhor falasse para a gente um pouquinho, o que foi para o senhor, o que significou para o senhor contar para duas pessoas aqui que vieram ouvir um pouco da sua vida, não como artista especialmente, mas nós viemos com a intenção de saber da sua vida enquanto cidadão, conhecer um pouco a história de Belo Horizonte através da sua história. Como é que foi essa experiência para o senhor?

AL: É, foi formidável!

TP: Foi? Foi bom lembrar disso tudo?

AL: Foi, é. Foi fantástico mesmo. Para mim foi um grande prazer poder ser entrevistado por vocês.

TP: Pois é, para nós muito mais, não é Walkíria? Com certeza.

FIM DA FITA 07 LADO B

A

arte, 9, 18, 28
artista, 1, 3, 4, 7, 13, 14, 19, 21, 23, 25, 28, 33, 37

E

exposição, 10, 11, 16, 18, 21, 22, 23, 25, 27, 28, 30, 36,
37
exposições, 13, 14, 22, 23, 24, 36, 37

F

Fátscia, 7, 8, 20
favelas, 1, 2, 3
Frieiro, 7, 8, 20

G

GTO, 11
guache., 12
guerra, 11

I

Itália, 5, 6, 8, 9, 24, 28, 31, 36

M

marchand, 17, 25, 27, 30
moradia, 1
museu, 8, 9

P

Palácio das Artes, 30
pintura, 4, 5, 10, 11, 15, 16, 17, 31, 33, 34

S

Sérgio Maldonato, 10

T

telas, 11, 12, 20, 28, 30, 36

